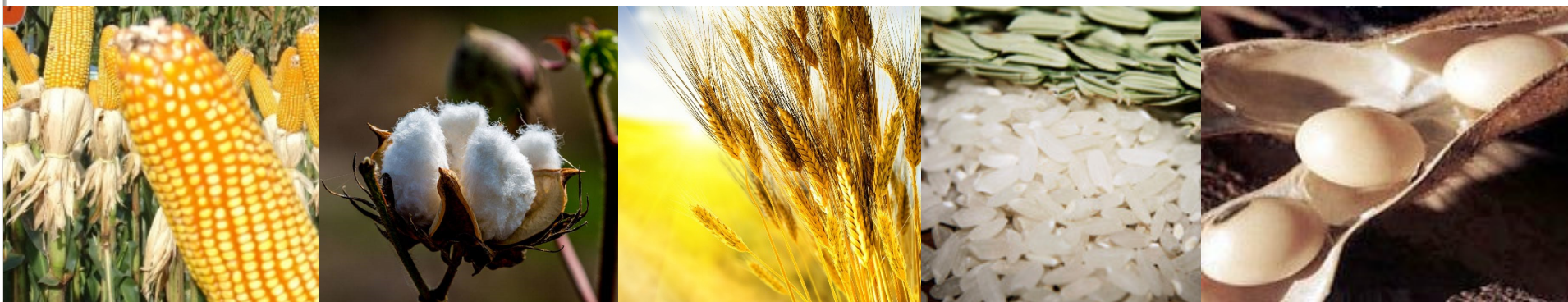


# ***GRÃOS: TENDÊNCIAS DOS MERCADOS PARA 2016/2017***



***Carlos Cogo***

***Junho de 2016***

## ÍNDICE DO RELATÓRIO DE JUNHO/2016

<u>PG</u>	<u>TEMA</u>
03	– O agronegócio global: cenários para 2016/2017
15	– Câmbio: tendências de curto e longo prazo no Brasil
19	– Clima: tendências para 2016/2017
28	– Safra brasileira 2015/2016 e custeio da safra 2016/2017
47	– Soja: tendências de mercado para 2016/2017
84	– Milho: tendências de mercado para 2016/2017
130	– Trigo: tendências de mercado para 2016/2017
161	– Arroz: tendências de mercado para 2016/2017
208	– Feijão: tendências de mercado para 2016/2017
244	– Algodão: tendências de mercado para 2016/2017

# ***O AGRONEGÓCIO GLOBAL***

## ***CENÁRIOS 2016/2017***



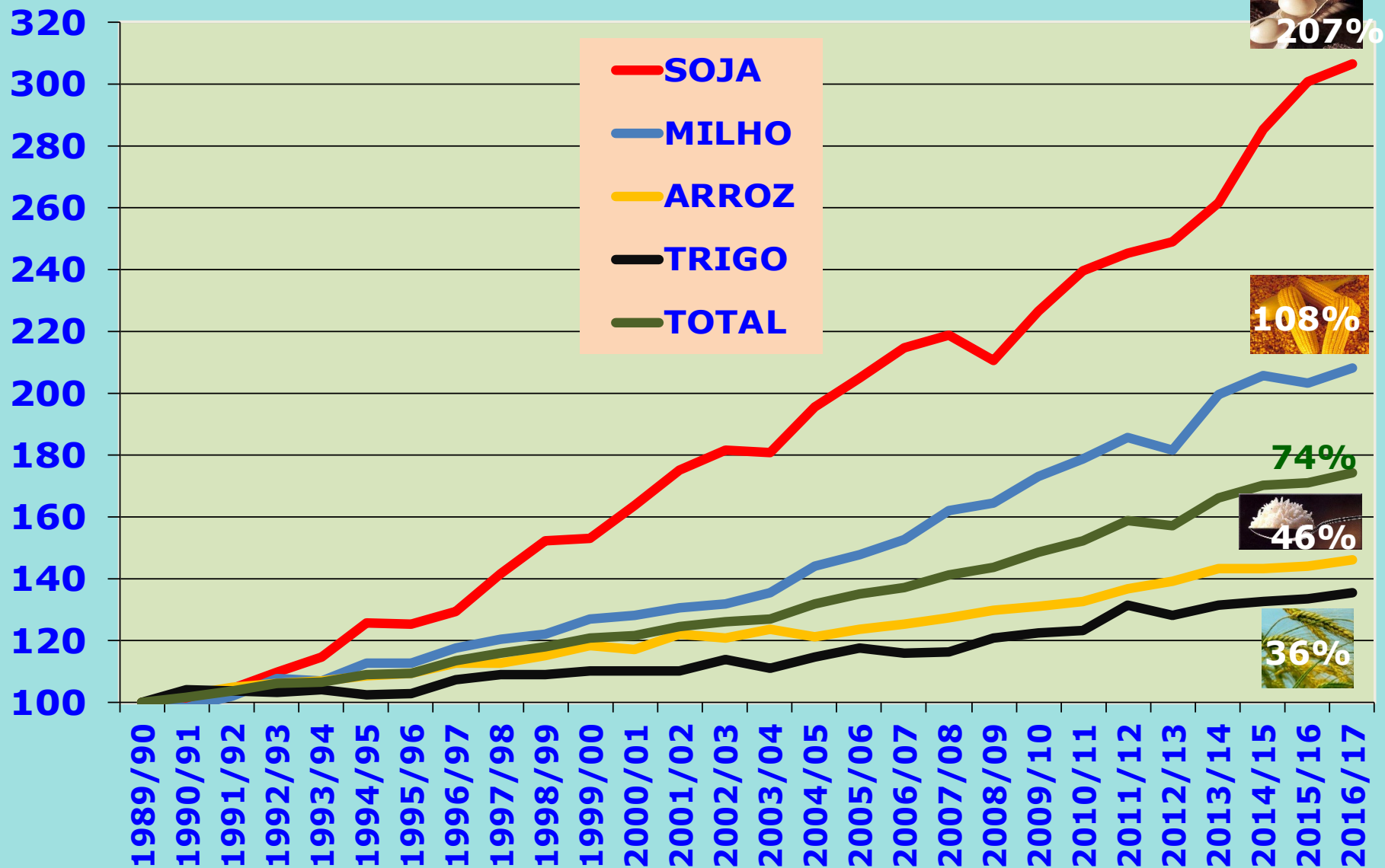
## **CENÁRIO GLOBAL PARA 2016/2017**

- A Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) elevou sua estimativa de produção global de grãos em 2016/2017 para 2,543 bilhões de toneladas, em comparação com 2,521 bilhões de toneladas estimadas anteriormente.
- O número é 0,6% superior à produção em 2015/2016 e apenas 0,7% inferior ao recorde estabelecido em 2014/2015.
- O aumento da projeção reflete a revisão para cima da produção de trigo na Argentina, União Europeia (UE) e Rússia.
- Um avanço na produção de milho na Argentina, Canadá, UE e Estados Unidos também foi considerada.
- A produção global de trigo na safra 2016/2017 teve projeção elevada de 716,9 milhões de toneladas para 724,0 milhões de toneladas.
- Se confirmado, o resultado será 10 milhões de toneladas, ou 1,4%, inferior ao recorde da temporada anterior.
- Quanto aos grãos forrageiros, a estimativa foi elevada para 1,32 bilhão de toneladas, contra o número anterior de 1,31 bilhão de toneladas, ficando 1,6% acima da produção de 2015/2016.

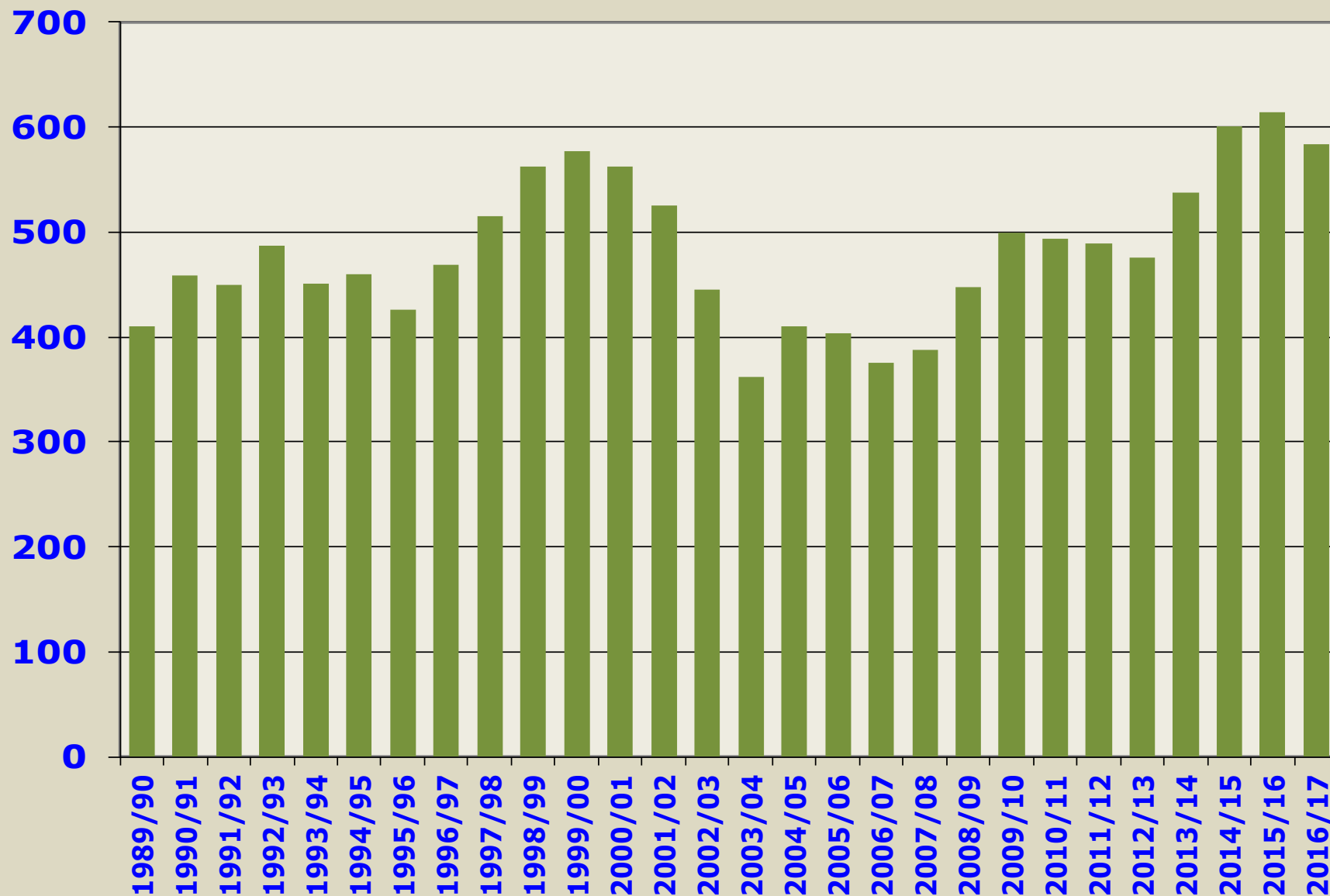
## **CENÁRIO GLOBAL PARA 2016/2017**

- Já o consumo de grãos na temporada 2016/2017 foi projetado em 2,546 bilhões de toneladas, com uma redução de 3,5 milhões de toneladas em relação à previsão anterior.
- O corte foi provocado pela perspectiva de redução no uso de grãos para produção de ração animal – o número é 0,9% superior à estimativa de consumo na safra 2015/2016.
- Em relação aos estoques globais, a FAO elevou em 27 milhões de toneladas a estimativa ao final da temporada 2016/2017, para 642,2 milhões de toneladas.
- O número é praticamente igual às 644 milhões de toneladas projetadas para o fim da safra 2015/2016.
- Relatório Economic Outlook da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) prevê que a economia global deve manter o ritmo de crescimento real de 3% em 2016.
- A fraqueza do comércio global, investimento, renda e a atividade mais lenta nos países emergentes resultarão no crescimento global modesto em 2016.

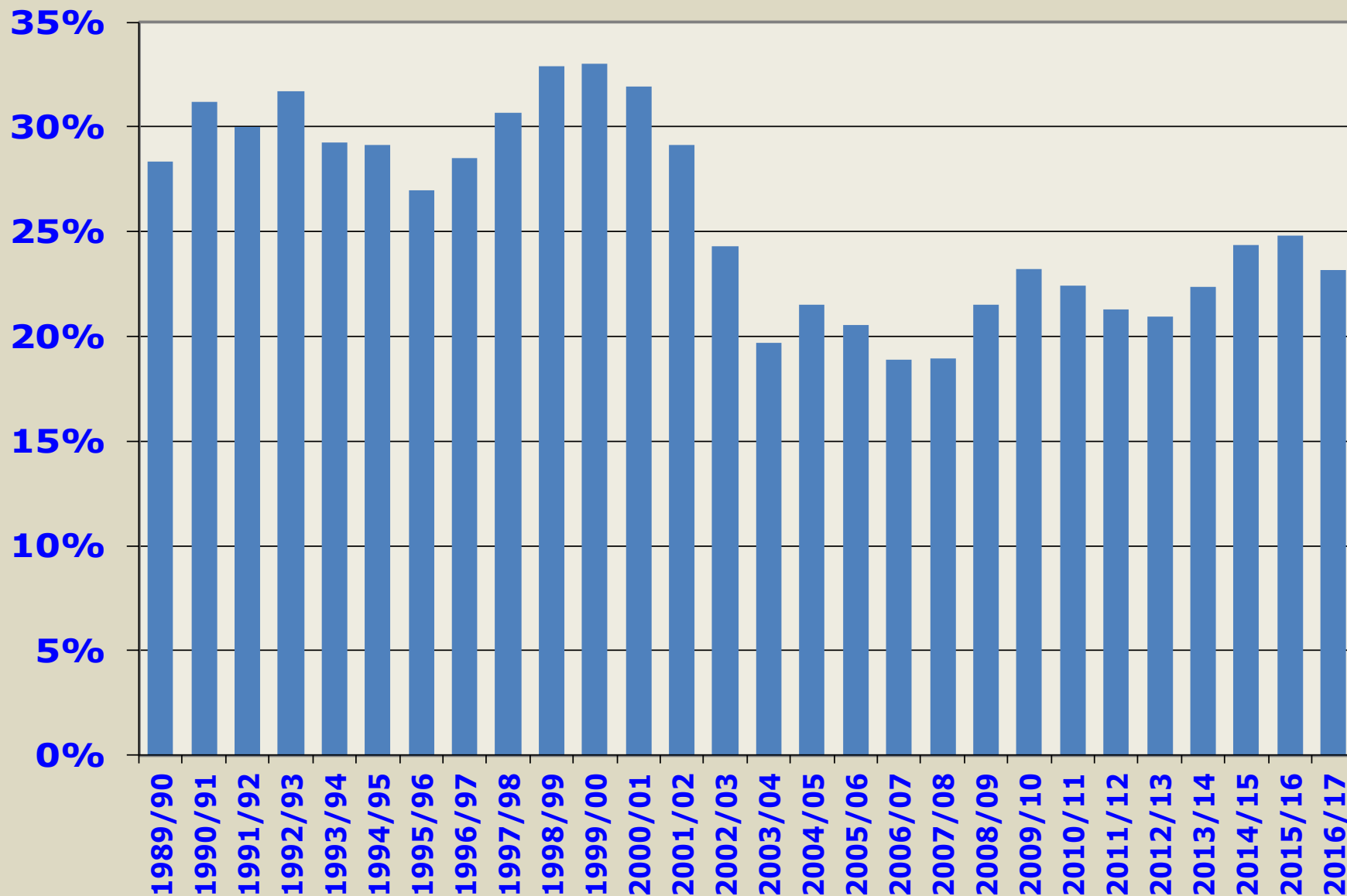
# GRÃOS: ÍNDICES DE EXPANSÃO DA DEMANDA MUNDIAL - 1990=BASE 100



# GRÃOS: ESTOQUES MUNDIAIS MILHÕES DE TONELADAS



## GRÃOS: RELAÇÃO ESTOQUES/DEMANDA MUNDIAL (%)





## **CENÁRIO GLOBAL PARA 2016/2017**

- O Índice de Preços dos Alimentos da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) atingiu 155,8 pontos em maio, com alta de 2,1% ante abril, porém, 7% abaixo do nível verificado no mesmo período do ano passado.
- O avanço representa o quarto mês consecutivo em alta e todos os indicadores subiram, com exceção aos óleos vegetais.
- O índice considera uma média ponderada dos preços internacionais de 5 grupos de commodities: cereais, óleos, laticínios, carne e açúcar.
- Os óleos vegetais foram o ponto fora da curva, registrando queda de 1,8% em maio na comparação com abril, para 163,3 pontos.
- O óleo de palma foi o componente que mais pesou na queda, após registrar os últimos três meses em alta.
- O indicador foi pressionado por uma demanda menor do que o esperado, especialmente pela China, Índia e União Europeia (UE), além da disponibilidade maior de exportação na Malásia.
- Os cereais, por sua vez, avançaram 1,6%, para 152,3 pontos.

## **CENÁRIO GLOBAL PARA 2016/2017**

- Pelo segundo mês consecutivo, os preços do milho foram os que mais avançaram, influenciados pela menor disponibilidade de exportação na América do Norte, que deve se estender até que a colheita seja iniciada a partir de setembro.
- As cotações de arroz se fortaleceram, diante de temores sobre a oferta global em 2016/2017, mas, no trigo, o avanço foi modesto com o cenário de ampla oferta global.
- No segmento de laticínios, houve ligeira alta de 0,4% na mesma base de comparação, para 128,0 pontos.
- Na segunda quinzena de maio, um avanço dos preços internos na UE e um avanço da demanda internacional sustentaram avanços no leite em pó integral e manteiga, com os preços do queijo em alta na Oceania.
- O índice de preços do açúcar ficou em 240,4 pontos, 11,7% superior ao verificado no último mês.
- O avanço foi sustentado pela perspectiva de produção menor na Índia, o segundo maior produtor global, assim como oferta mais apertada na China, que deverá impulsionar as importações.

## **CENÁRIO GLOBAL PARA 2016/2017**

- O Índice de Preços de Carnes ficou 2,0% acima do verificado em abril, atingindo 151,8 pontos, sendo que, nos últimos 13 meses o pico de preços das carnes ocorreu no mês de julho de 2015.
- O Índice de Preços de Carnes correspondia a 172,7 pontos (2002/2004 = 100), resultado que, seis meses depois, apresentou redução de 16%.
- Esse índice de redução corresponde a uma perda mensal média de 3%.
- Já a alta de preços que vem sendo observada e que foi iniciada em janeiro de 2016, corresponde a um índice mensal de 1%.
- De toda forma, o que vem sendo registrado nos últimos meses aponta que, embora lenta, a recuperação ocorre de forma consistente.
- Assim, o Índice de Preços de Carnes alcança agora valor 4,5% superior ao de janeiro deste ano.
- Os níveis de preço das carnes suína e ovina apresentaram alta, enquanto as carnes de frango e bovina tiveram avanço mais modesto.
- A carne suína teve forte alta na UE, com avanço dos preços internos e contínuo avanço da demanda asiática, enquanto o frango registrou crescimento moderado pelo terceiro mês consecutivo.

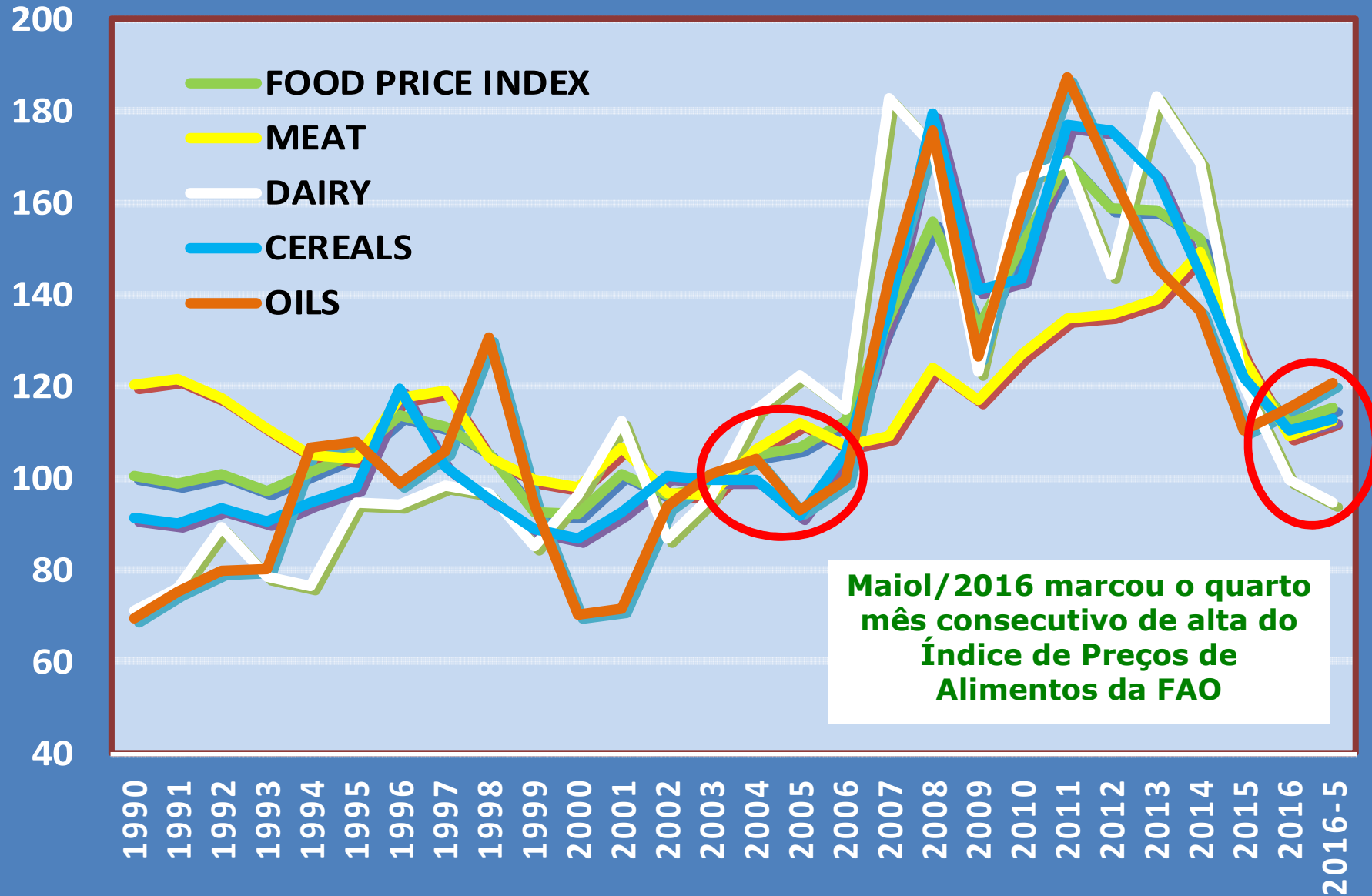
## ANNUAL REAL FOOD PRICE INDICES (2002-2004=100)

Date	Food Price Index	Meat Price Index	Dairy Price Index	Cereals Price Index	Oils Price Index	Sugar Price Index
1990	100,4	120,4	71,1	91,2	69,6	167,0
1991	98,7	121,8	75,9	90,0	75,1	119,6
1992	101,1	117,3	89,4	93,6	79,8	119,0
1993	97,1	110,9	78,8	90,6	80,2	131,0
1994	101,3	105,1	76,5	94,6	106,8	157,8
1995	105,3	104,2	94,6	98,0	108,1	158,4
1996	113,7	117,5	94,3	119,6	98,6	147,1
1997	111,3	119,0	98,3	102,4	106,0	149,3
1998	105,6	104,5	96,7	95,7	130,5	123,2
1999	92,6	99,6	85,3	88,8	94,2	88,5
2000	92,4	97,8	96,6	86,9	70,4	117,6
2001	101,0	106,8	112,6	92,7	71,7	130,9
2002	96,2	96,6	86,9	100,6	93,9	105,0
2003	98,1	96,3	96,0	99,6	101,0	101,0
2004	105,0	106,4	115,1	99,8	104,4	94,8
2005	106,8	112,0	122,5	91,7	92,9	127,1
2006	112,7	107,1	114,9	105,4	99,9	185,7
2007	134,6	109,1	182,7	136,3	143,4	119,3
2008	155,7	124,2	172,5	179,5	175,6	140,4
2009	132,8	117,0	123,1	141,0	126,6	213,1
2010	150,7	126,9	165,6	143,7	158,3	242,1
2011	169,1	134,8	168,7	177,2	187,1	271,3
2012	158,8	135,5	144,2	175,8	166,7	227,6
2013	158,5	139,0	183,4	165,6	145,8	189,6
2014	152,0	149,4	168,8	144,6	136,4	181,7
2015	123,2	126,3	120,4	122,0	110,4	143,3
2016	112,3	109,3	99,6	110,6	115,3	157,1
2016-5	115,3	112,4	94,8	112,7	120,9	178,0
2016/2015	-6%	-11%	-21%	-8%	10%	24%
2016/2011	-32%	-17%	-44%	-36%	-35%	-34%
2016 / 2002-2004=100	15%	12%	-5%	13%	21%	78%

SOURCE: FAO MAY/16

# FOOD PRICE INDEX REAL PRICES

2002-2004 = 100



**BRASIL: POSIÇÃO NOS RANKINGS MUNDIAIS DE PRODUÇÃO E EXPORTAÇÕES E PARTICIPAÇÃO NO COMÉRCIO GLOBAL 2015/2016**

<u>COMMODITY</u>	<u>PRODUÇÃO</u>	<u>EXPORTAÇÃO</u>	<u>% DAS EXPORTAÇÕES</u>
SOJA	2º	1º	40,5%
MILHO	3º	2º	25,2%
CAFÉ	1º	1º	28,2%
AÇÚCAR	1º	1º	47,5%
ETANOL	2º	2º	2,5%
SUCO LARANJA	1º	1º	80,5%
ALGODÃO	5º	3º	11,1%
ARROZ	9º	7º	2,2%
CARNE BOVINA	2º	1º	20,9%
CARNE FRANGO	2º	1º	41,7%
CARNE SUÍNA	4º	4º	8,0%

## **CÂMBIO: PROJEÇÕES PARA 2016/2017**

- Conforme a pesquisa semanal do AE Dados da Agência Estado, divulgada no dia 10/06, as instituições dealers do Banco Central estimam que a taxa de câmbio chegará a 3,6500 R\$/US\$ no fim deste ano, segundo a mediana da pesquisa.
- Esse valor representa uma queda de 2,67% na comparação com o levantamento anterior.
- Já para o fim do terceiro trimestre de 2016, a mediana estimada é de 3,5700 R\$/US\$.
- A previsão mínima para o câmbio do o fim do terceiro trimestre de 2016 é de 3,3000 R\$/US\$ e a projeção máxima, de 3,8000 R\$/US\$.
- A taxa de câmbio pode ultrapassar a marca de 4,000 R\$/US\$ no fim de 2017, se a maior projeção enviada para a pesquisa for confirmada.
- A expectativa mais baixa ficou em 3,4000 R\$/US\$.
- A mediana, por sua vez, chegou a 3,9000 R\$/US\$.
- Participaram da pesquisa as seguintes instituições dealers: Banco Santander, Bradesco, Itaú Unibanco e JPMorgan.

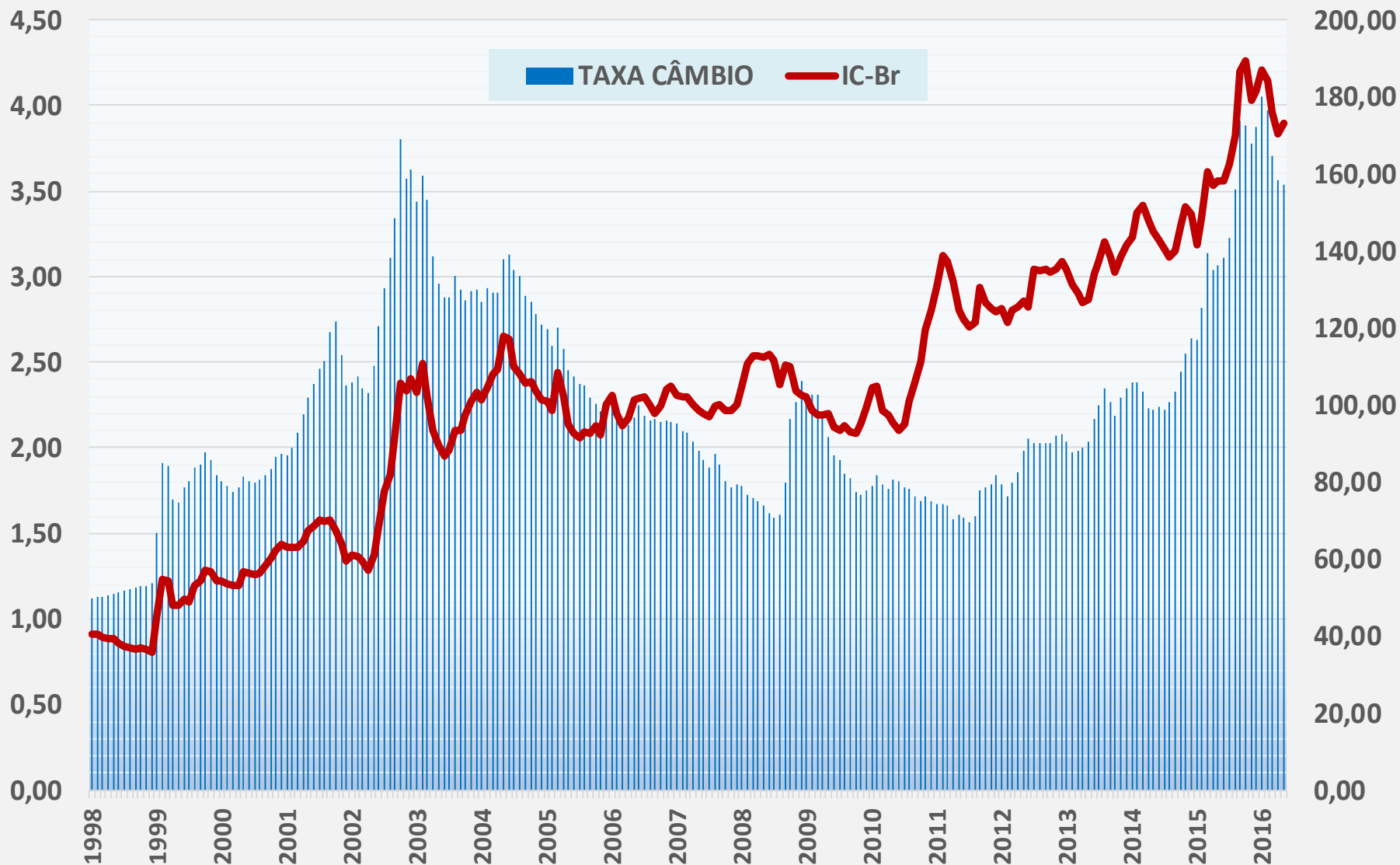
## **CÂMBIO: PROJEÇÕES PARA 2016/2017**

- De acordo com o Relatório de Mercado Focus, divulgado no dia 13/06, pelo Banco Central, a estimativa do mercado financeiro para a taxa de câmbio recuou tanto em relação ao fim deste ano quanto do próximo.
- De acordo com o relatório, a cotação da moeda estará em R\$ 3,65 no encerramento de 2016, e não mais em R\$ 3,68, como constava no levantamento anterior.
- Um mês atrás, a projeção estava em R\$ 3,70.
- Mesmo com esse deslocamento para baixo, o câmbio médio de 2016 continuou em R\$ 3,65, como estava na semana passada
- Um mês antes, a projeção estava em R\$ 3,63.
- Para 2017, a mediana saiu de R\$ 3,85 para R\$ 3,81 de uma divulgação para a outra.
- Há quatro semanas atrás estava em R\$ 3,90.
- Já o câmbio médio do ano que vem recuou de R\$ 3,81, para R\$ 3,79, de um levantamento para o outro.
- Um mês atrás, a projeção estava em R\$ 3,83.

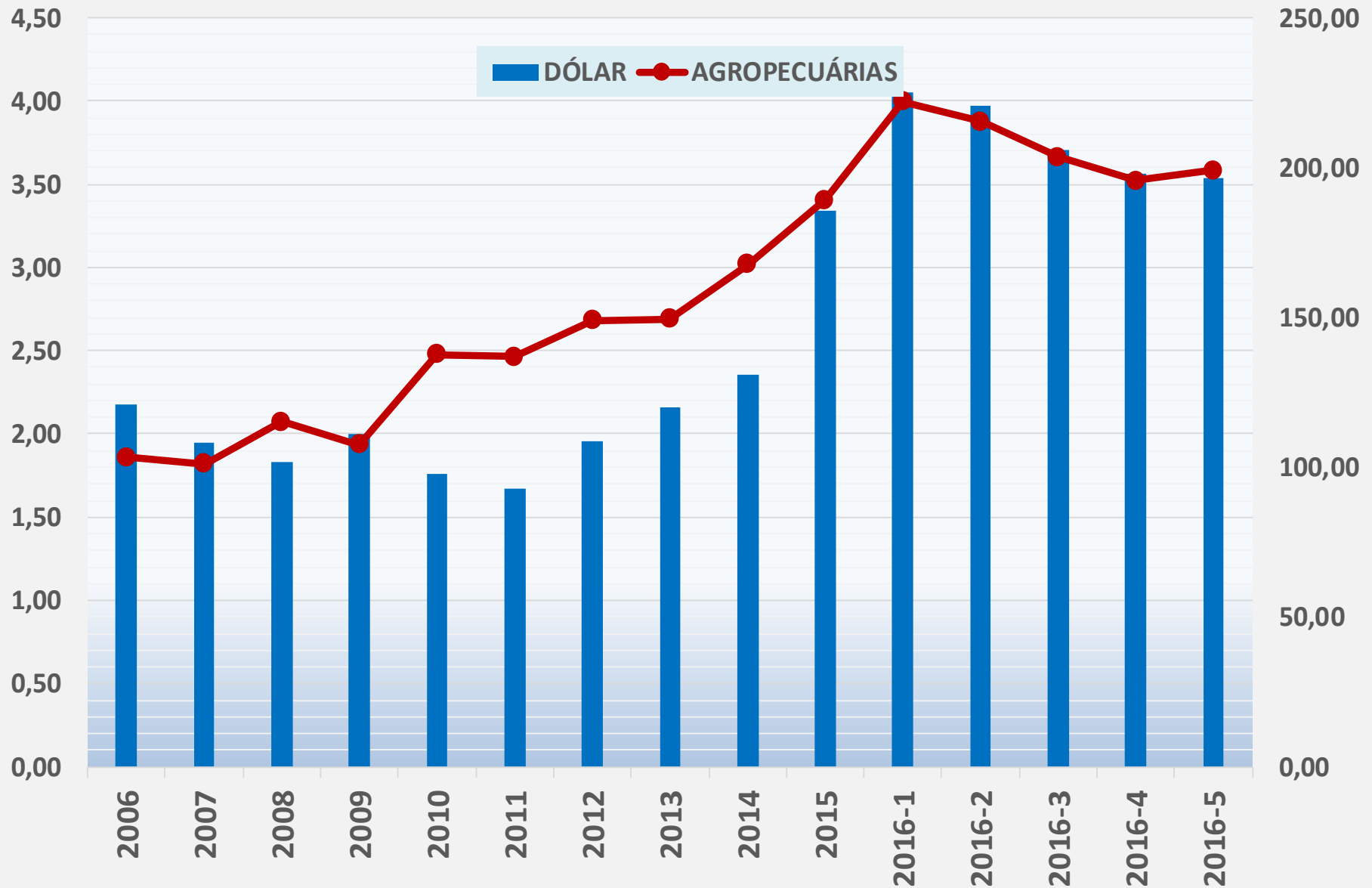


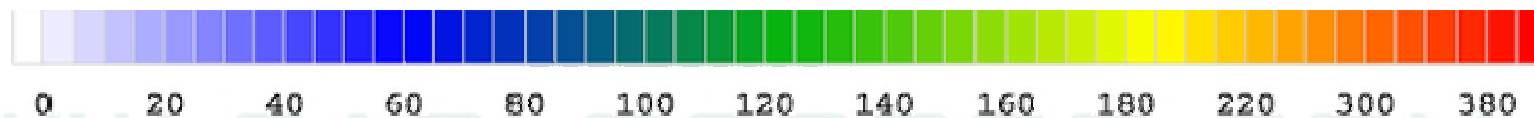
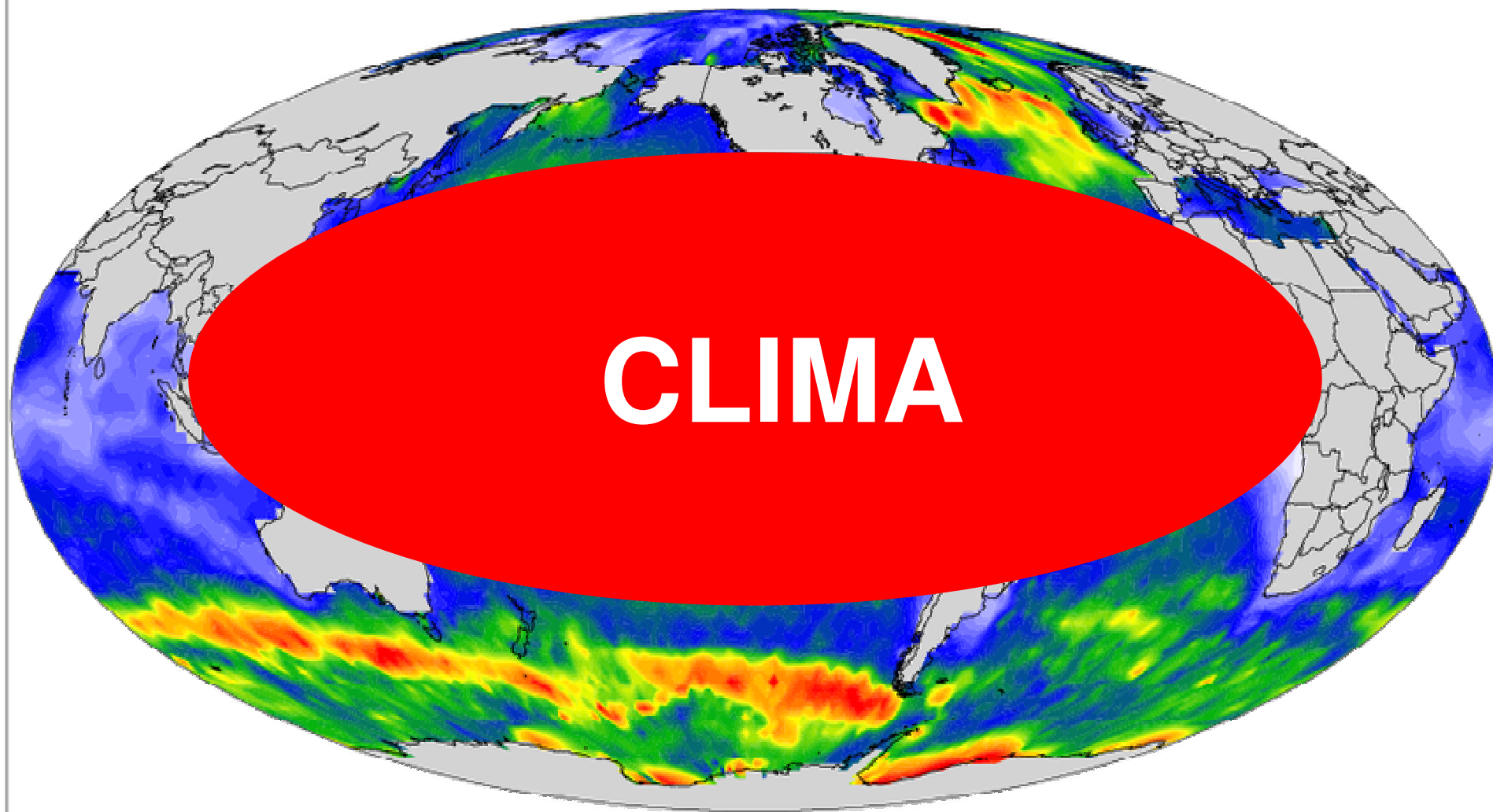
# COMMODITIES x TAXA DE CÂMBIO - BRASIL

## IC-Br DEZ/2005 = 100



# COMMODITIES AGROPECUÁRIAS x TAXA DE CÂMBIO NO BRASIL IC-Br DEZ/2005 = 100





## **CLIMA: TENDÊNCIAS PARA 2016/2017**

- O fenômeno El Niño encontra-se em declínio no Pacífico Equatorial, especialmente na área adjacente à costa da América do Sul (na região conhecida como Niño 1+2), em que ao longo das últimas semanas passou a apresentar uma anomalia de TSM negativa.
- A maioria dos modelos de previsão de TSM, como os do IRI (Research Institute for Climate Society), indicam que condições do El Niño continuarão enfraquecendo durante o resto do outono, com provável término no final do inverno, com chances de haver o desenvolvimento de um La Niña (resfriamento das águas do Pacífico Equatorial).
- Baseado nos impactos conhecidos historicamente do La Niña sobre o Brasil, tem-se chuvas abaixo da média na Região Sul, enquanto que nas regiões Norte e Nordeste são verificados aumentos nas chuvas.
- Os efeitos no regime de chuvas como consequência do La Niña, dependerá do comportamento da temperatura da superfície do mar (TSM), sua intensidade e localização, pois a temperatura do oceano Atlântico também interfere no clima, contribuindo ou não para a atuação dos sistemas meteorológicos locais.

## **CLIMA: TENDÊNCIAS PARA 2016/2017**

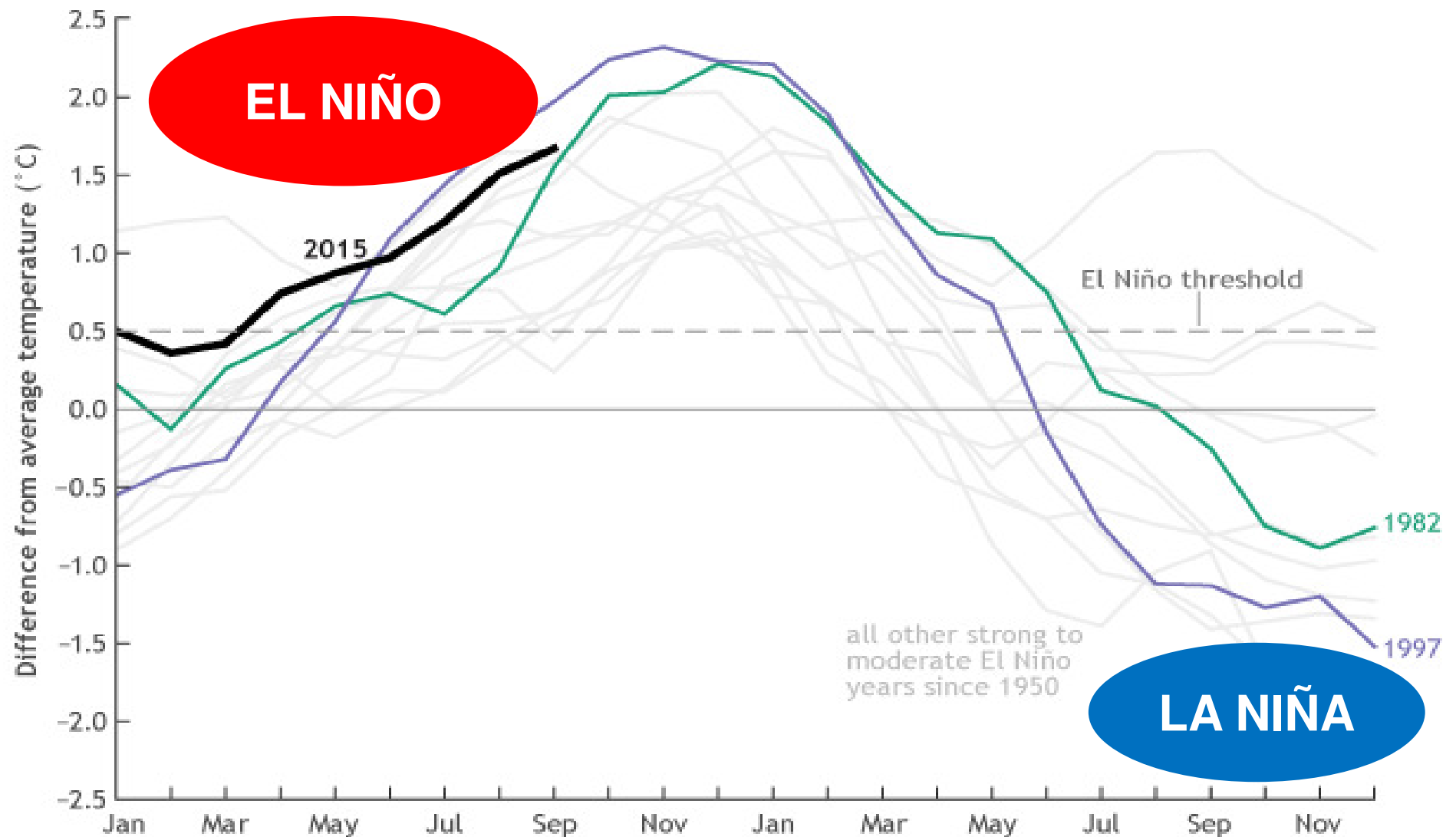
- O La Niña consiste em uma alteração cíclica das temperaturas médias do Oceano Pacífico, sendo observado principalmente nas águas localizadas na porção central e leste desse oceano.
- Essa transformação é capaz de modificar uma série de outros fenômenos, como a distribuição de calor, concentração de chuvas, formação de secas e a pesca.
- O efeito La Niña está ligado ao resfriamento das temperaturas médias das águas do Oceano Pacífico, representando exatamente o oposto do fenômeno El Niño, que produz aquecimento anormal de temperaturas.
- O fenômeno La Niña ocorre nos intervalos entre o El Niño e a situação de normalidade das temperaturas do Oceano Pacífico.
- Ele diminui a quantidade de chuvas do litoral do Chile, Peru e Equador, pois com o aumento da velocidade dos ventos alísios, a formação de nuvens acaba dispersa em direção à Oceania e Indonésia.
- A Austrália, por exemplo, possui um aumento considerável de suas chuvas durante a ocorrência do La Niña.

## **CLIMA: TENDÊNCIAS PARA 2016/2017**

- As projeções realizadas neste período do ano tendem a ser menos precisas do que as medições em outros períodos – um cenário mais claro deve emergir nos próximos meses.
- Somente em setembro será possível falar com maior precisão sobre a intensidade e os efeitos do La Niña no Brasil e no mundo.
- Em termos globais, o La Niña, historicamente, oferece risco à produção de milho, soja, trigo, açúcar, algodão e café e, nos anos em que o El Niño foi sucedido por La Niña, houve alta nos preços agrícolas mundiais.
- O La Niña tende a beneficiar a agricultura na Região Nordeste do país, que já enfrenta cinco ciclos de estiagem.
- O auge desse fenômeno costuma ser no verão, nos meses de dezembro e janeiro, que é o período crítico para a cultura de grãos.
- No Centro-Sul do país, o fenômeno períodos maiores de invernadas costuma causar chuvas irregulares, com (chuvas constantes durante o verão) entre fevereiro e março.
- No caso da produção de cana-de-açúcar, a redução das chuvas no Centro-Sul pode diminuir a safra desse cultivo.

# EL NIÑOS FORTES -> LA NIÑAS

Monthly sea surface temperature Niño 3.4 Index values



## **CLIMA: TENDÊNCIAS PARA 2016/2017**

- O La Niña pode ser ainda mais perigoso para o Brasil do que o El Niño, porque pode trazer condições de seca em alguns pontos do país.
- Estão entre os efeitos do fenômeno estiagem nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e, principalmente, Sul.
- Já na região Amazônia e no Nordeste, poderá ser observada uma intensificação das chuvas.
- Segundo a Somar, a próxima primavera brasileira deverá já ser sob a influência do fenômeno o que poderá, portanto, fazer com que as chuvas cheguem atrasadas nas regiões centrais do Brasil e no Matopiba.
- Na safra 2016/2017, os produtores do bioma Cerrado não devem esperar plantar cedo neste ano.
- Podem ocorrer chuvas localizadas e irregulares em setembro/outubro, mas as chances de perder essas plantas são grandes.
- Porém, mesmo que o regime de chuvas demore a chegar, quando ele chegar será constante, ao se desenvolver sobre a atuação de um La Niña.



## **LA NIÑA: EFEITOS SOBRE OUTRAS REGIÕES**

- **ESTADOS UNIDOS**: o Meio Oeste norte-americano, principal região produtora de grãos dos Estados Unidos pode enfrentar tempo mais quente e seco caso ele aconteça ainda no início do verão. As condições poderiam comprometer a fase de polinização das plantas naquele país.
- **EUROPA**: as perspectivas são de que, entre novembro e dezembro, as temperaturas fiquem mais frias do que o normal. Depois de janeiro, as temperaturas podem voltar à média.
- **ÁSIA**: na Índia, significa boas chuvas. A Índia vem sofrendo com chuvas fracas há quase dois anos. Na Malásia, as condições que o La Niña poderia trazer, ou até mesmo a ocorrência de um período de neutralidade climática, seriam incapazes de desfazer os estragos causados pelo El Niño. A cultura mais afetada no país foi a palma e a produção de seu óleo, o que fez com que seus preços no mercado futuro, em fevereiro, atingissem as máximas em oito anos.
- **OCEANIA**: na Austrália, o maior risco é a possibilidade de tempestades e um número desproporcional de ocorrência de enchentes. Entretanto, em 2011-2012, o La Niña ajudou a obter uma safra recorde de trigo.

## **CLIMA: PROGNÓSTICOS PARA O INVERNO-OUTONO**

- O inverno deste ano deve ser mais frio e menos chuvoso que o do ano passado, que teve a influência direta do El Niño.
- O indicativo é que em 2016 tenhamos uma estação mais próxima do padrão normal, ou seja, com ondas de frio e episódios de chuvas mais intercalados.
- Isso se deve ao enfraquecimento do El Niño e, na sequência, possivelmente, ao início de uma fase de resfriamento das águas do Pacífico a partir da parte leste.
- Esse padrão, mesmo sem garantir condições ideais, deve beneficiar as culturas agrícolas de inverno do sul do Brasil, como trigo, cevada e as frutas de clima temperado.
- Vale lembrar que na safra passada as lavouras de inverno foram fortemente castigadas, ora pelo excesso de chuva, ora pelo calor e frio fora de época, ora por tempestades de vento e granizo.
- Sem dúvida, a estação neste ano deve ser mais fresca que a do ano passado, inclusive com maior número de ondas de frio e episódios de geadas, muito embora sem previsão de inverno rigoroso.

## **CLIMA: PROGNÓSTICOS PARA O INVERNO-OUTONO**

- Em contrapartida, o indicativo de um inverno mais frio e com geadas representa uma condição não muito favorável às pastagens no Sul, podendo afetar a pecuária, beneficiada pelo clima nos últimos invernos.
- Para as regiões Sudeste e Centro-Oeste, tanto o outono como o inverno devem apresentar condições climáticas muito próximas das médias climatológicas, ou seja, sem previsões de extremos, o que, em geral, beneficia as culturas de café, cana-de-açúcar e citros.
- Porém, deve se ressaltar que o fato de vir a ter um inverno mais seco neste ano no Sudeste e Centro-Oeste, diferentemente do ano passado, pode prejudicar o desenvolvimento das pastagens, com riscos para os setores de produção de carne, leite e também para hortifrútiis.
- Para o outono, a principal mudança no comportamento do clima que devemos sentir neste ano se refere à redução da temperatura e da chuva.
- No Sul do Brasil, o outono de 2016 deve ter temperaturas mais baixas que no outono passado, que foi anormalmente quente, por causa do El Niño.

# ***SAFRA 2016/2017***

## ***TENDÊNCIAS DOS MERCADOS E O CUSTEIO DA SAFRA DE GRÃOS***



## BRASIL: ÁREA, PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE POR CULTURA AGRÍCOLA

ANO-SAFRA		06/07	07/08	08/09	09/10	10/11	11/12	12/13	13/14	14/15	15/16	VAR 15-16/14-15 (%)	
ANO DA COLHEITA		2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016*		
TOTAL GRÃOS	ÁREA	mil ha	46.213	47.411	47.674	47.416	49.873	50.520	53.476	56.959	57.855	58.874	1,8%
	PRODUÇÃO	mil t	131.751	144.137	135.135	149.255	162.803	164.778	188.642	193.578	207.542	198.949	-4,1%
	RENDIMENTO	Kg/ha	2,851	3,040	2,835	3,148	3,264	3,262	3,528	3,399	3,587	3,379	-5,8%
ALGODÃO CAROÇO	ÁREA	mil ha	1.097	1.077	843	836	1.400	1.393	894	1.122	976	959	-1,8%
	PRODUÇÃO	mil t	2.384	2.505	1.891	1.843	3.229	3.019	2.019	2.671	2.349	2.120	-9,7%
	RENDIMENTO	Kg/ha	2.173	2.325	2.242	2.205	2.306	2.166	2.257	2.381	2.406	2.212	-8,1%
ARROZ	ÁREA	mil ha	2.967	2.875	2.909	2.765	2.820	2.427	2.400	2.373	2.295	1.961	-14,6%
	PRODUÇÃO	mil t	11.316	12.074	12.603	11.661	13.613	11.599	11.820	12.122	12.436	10.549	-15,2%
	RENDIMENTO	Kg/ha	3.813	4.200	4.332	4.218	4.827	4.779	4.926	5.108	5.419	5.380	-0,7%
FEIJÃO TOTAL 3 SAFRAS	ÁREA	mil ha	4.088	3.993	4.148	3.662	3.990	3.261	3.075	3.366	3.040	2.934	-3,5%
	PRODUÇÃO	mil t	3.340	3.521	3.491	3.323	3.733	2.915	2.806	3.454	3.115	2.926	-6,1%
	RENDIMENTO	Kg/ha	817	882	842	907	936	894	912	1.026	1.025	997	-2,7%
MILHO 1ª SAFRA	ÁREA	mil ha	9.494	9.636	9.271	7.724	7.638	7.560	6.783	6.618	6.142	5.467	-11,0%
	PRODUÇÃO	mil t	36.597	39.964	33.655	34.079	34.947	33.869	34.577	31.653	30.082	26.225	-12,8%
	RENDIMENTO	Kg/ha	3.855	4.148	3.630	4.412	4.576	4.480	5.097	4.783	4.898	4.797	-2,0%
MILHO 2ª SAFRA	ÁREA	mil ha	4.561	5.130	4.901	5.270	6.168	7.620	9.046	9.211	9.551	10.993	15,1%
	PRODUÇÃO	mil t	14.773	18.688	17.349	21.939	22.460	39.113	46.929	48.399	54.591	50.815	-6,9%
	RENDIMENTO	Kg/ha	3.239	3.643	3.540	4.163	3.641	5.133	5.188	5.254	5.716	4.622	-19,1%
MILHO TOTAL	ÁREA	mil ha	14.055	14.766	14.172	12.994	13.806	15.180	15.829	15.829	15.693	16.460	4,9%
	PRODUÇÃO	mil t	51.370	58.652	51.004	56.018	57.407	72.982	81.506	80.052	84.673	77.040	-9,0%
	RENDIMENTO	Kg/ha	3.655	3.972	3.599	4.311	4.158	4.808	5.149	5.057	5.396	4.681	-13,3%
SOJA	ÁREA	mil ha	20.687	21.313	21.743	23.468	24.181	25.042	27.736	30.173	32.093	33.244	3,6%
	PRODUÇÃO	mil t	58.392	60.018	57.166	68.688	75.324	66.383	81.499	86.121	96.228	97.055	0,9%
	RENDIMENTO	Kg/ha	2.823	2.816	2.629	2.927	3.115	2.651	2.938	2.854	2.998	2.919	-2,6%
TRIGO	ÁREA	mil ha	1.758	1.852	2.396	2.428	2.150	2.166	2.210	2.758	2.455	2.121	-13,6%
	PRODUÇÃO	mil t	2.234	4.097	5.884	5.026	5.882	5.789	5.528	5.971	5.462	6.248	14,4%
	RENDIMENTO	Kg/ha	1.271	2.212	2.456	2.070	2.736	2.672	2.502	2.165	2.225	2.946	32,4%
OUTROS GRÃOS	ÁREA	mil ha	1.561	1.535	1.463	1.264	1.525	1.050	1.331	1.339	1.303	1.195	-8,2%
	PRODUÇÃO	mil t	2.716	3.271	3.097	2.696	3.616	2.092	3.465	3.188	3.279	3.012	-8,2%
	RENDIMENTO	Kg/ha	1.740	2.130	2.117	2.134	2.371	1.992	2.603	2.382	2.518	2.520	0,1%

Fontes: CONAB, IBGE e CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

\* 2015/2016: PROJEÇÕES CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

ELABORAÇÃO: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

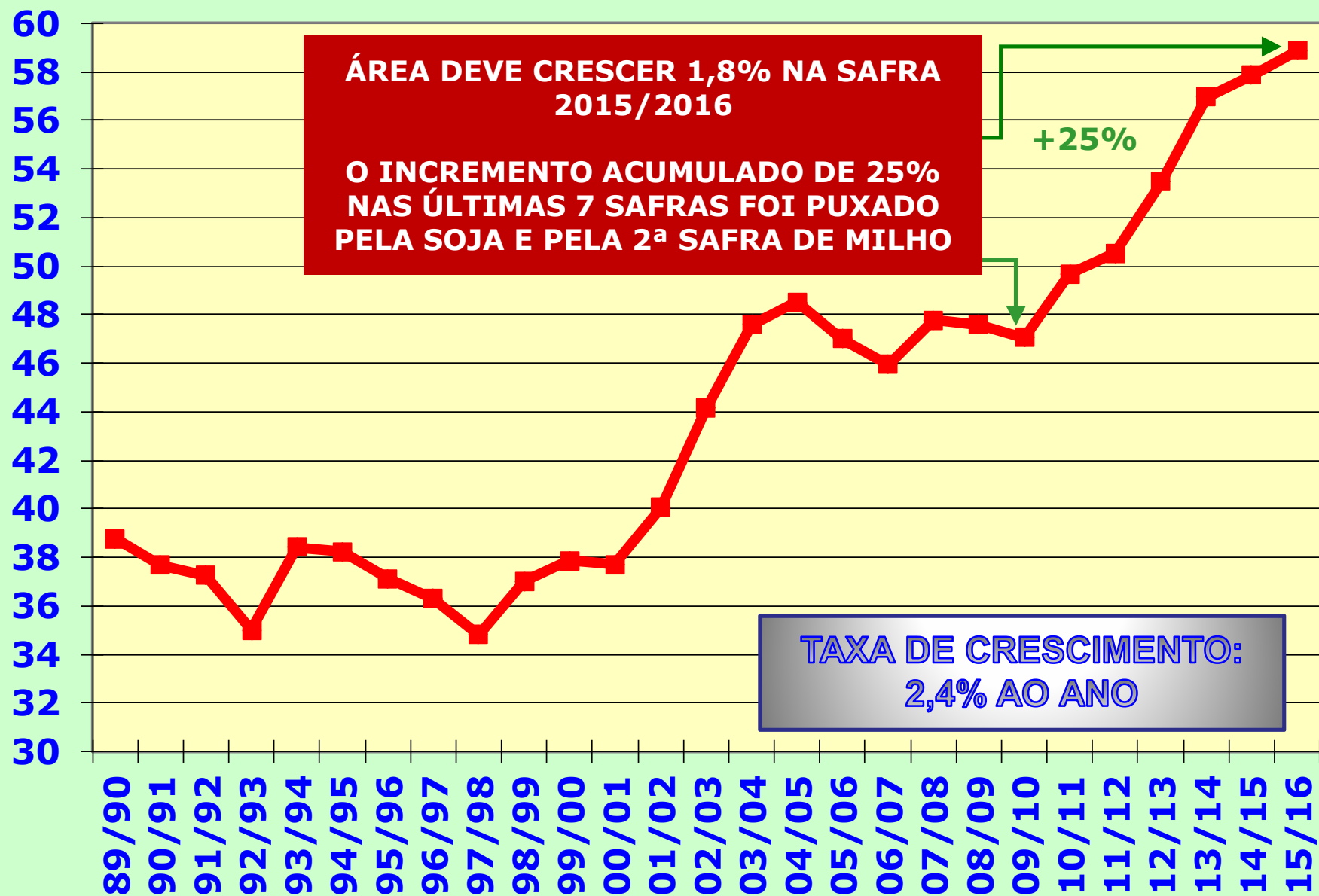
## **BRASIL: PROJEÇÕES PARA A SAFRA 2015/2016**

- Neste 15º levantamento da nossa Consultoria para a safra de grãos 2015/2016, a projeção é de uma produção de 198,9 milhões de toneladas, 4,1% abaixo das 207,5 milhões de toneladas da temporada anterior (2014/2015).
- A redução da projeção de produção decorreu das quebras nas safras de soja, milho 1ª safra, milho 2ª safra, arroz, feijão e algodão.
- As quebras mais acentuadas ocorreram na região do Matopiba e do Centro-Oeste, reduzindo a safra de soja de 97,3 milhões de toneladas previstos em maio, para 97,0 milhões de toneladas em junho.
- Embora tenha ocorrido um expressivo incremento de 15,1% na área da 2ª safra de milho, a forte estiagem no mês de abril provocou uma expressiva redução na projeção de produção, para 50,8 milhões de toneladas em junho, contra 53,3 milhões de toneladas em maio e 58,8 milhões de toneladas previstas em abril.
- Para o arroz, a safra está estimada em 10,5 milhões de toneladas, queda de 15,2% sobre a anterior, com as quebras na Região Sul, especialmente no Rio Grande do Sul, que teve perdas de 14,1%.

## **BRASIL: PROJEÇÕES PARA A SAFRA 2015/2016**

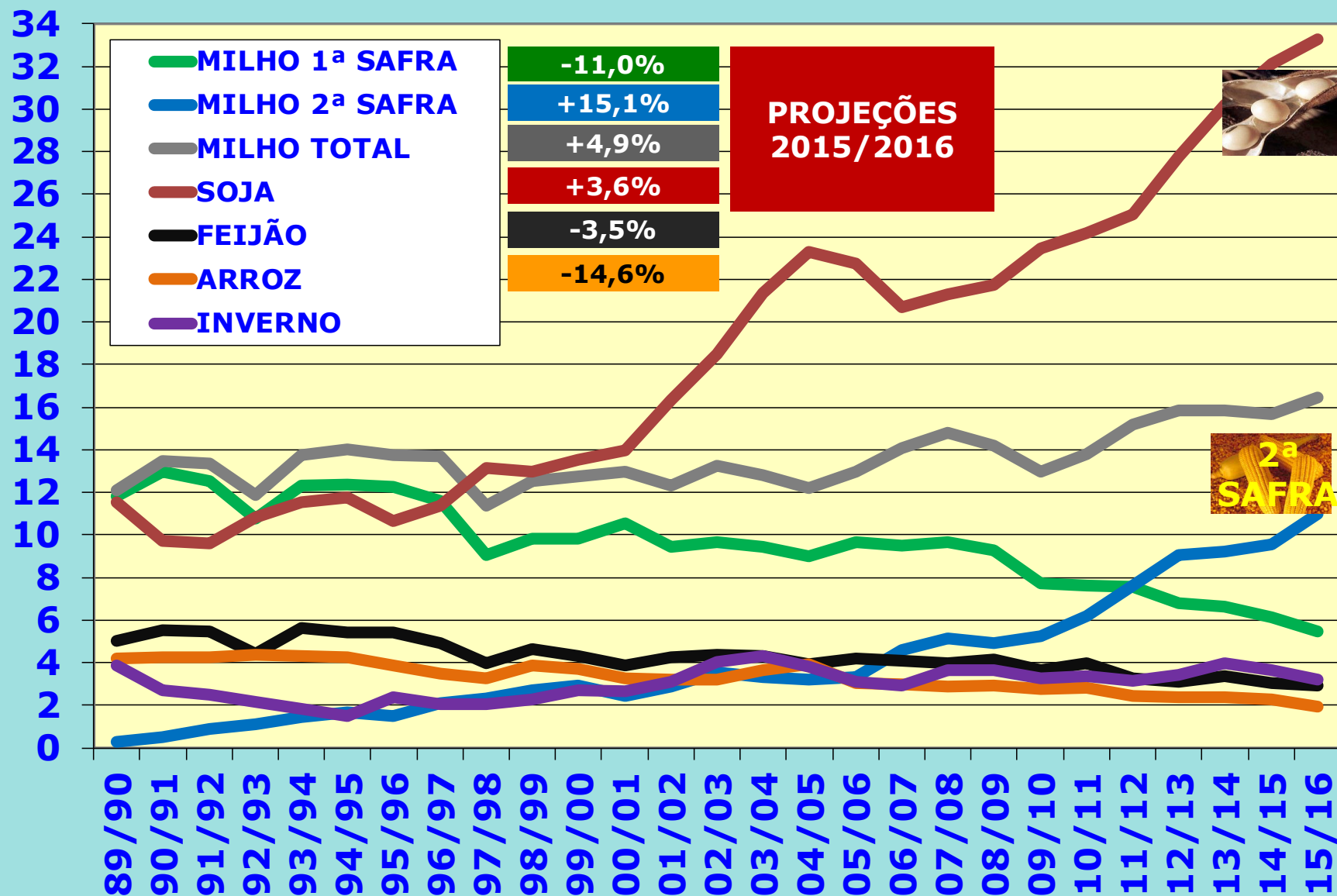
- A área de cultivo de grãos deverá crescer 1,8% em 2015/2016, para 58,8 milhões de hectares, uma expansão de 1 milhão de hectares em relação aos 57,8 milhões de hectares de 2014/2015.
- Ocorreu redução de área em praticamente todos os cultivos de verão (1ª safra), com a expansão concentrada na soja, cuja área cresceu 3,6% em 2015/2016, para 33,2 milhões de hectares (acrécimo de 1,151 milhão de hectares sobre 2014/2015).
- O avanço da área de soja e a forte expansão da área de cultivo de milho na 2ª safra (inverno) compensaram os recuos na 1ª safra (verão) nas culturas de milho, feijão, arroz e algodão, bem como da projeção de retração da área de trigo a ser plantada em 2016.
- A área de cultivo de trigo deve recuar 13,6% em 2016, com quedas previstas em 14,7% no Paraná e 11,2% no Rio Grande do Sul.
- As duas últimas safras de trigo foram afetadas por adversidades climáticas e o retorno da Argentina como grande produtor e exportador global também pesa sobre a decisão dos produtores brasileiros.

# BRASIL: ÁREA DE CULTIVO DE GRÃOS MILHÕES DE HECTARES





# GRÃOS: EVOLUÇÃO DA ÁREA POR CULTURAS - MILHÕES DE HECTARES



# BRASIL: PRODUÇÃO DE GRÃOS

## MILHÕES DE TONELADAS



## **CUSTEIO DA SAFRA DE VERÃO 2016/2107**

- Revendas de insumos e tradings devem elevar sua participação no financiamento da próxima safra 2016/2017.
- Mesmo com produtores mais capitalizados neste ciclo, os que precisam recorrer a financiamento do custeio vão esbarrar em regras mais duras para concessão e a modalidade de barter (operação de troca de insumos por grãos, realizada entre agricultor, revenda e trading) deve crescer.
- O produtor está com problemas nos bancos, recorrendo mais às tradings e aos distribuidores.
- São fechados negócios com muitos grandes produtores que antes compravam insumos à vista porque tinham dinheiro no banco.
- A demanda por crédito será maior em 2016 do que foi em 2015 porque muitos produtores têm registrado perdas em lavouras de milho 2ª safra e, menos capitalizados, precisarão recorrer aos bancos para financiar a próxima produção.
- A demanda será maior, mas o volume a ser liberado pelo plano safra será o mesmo e as revendas terão de financiar parcela maior este ano.

## **CUSTEIO DA SAFRA DE VERÃO 2016/2107**

- Na fatia de negócios custeados pelas próprias revendas estão tanto os travados diretamente com o produtor com prazo safra (a revenda adianta os produtos e recebe o pagamento após a colheita) quanto as vendas por barter – a justificativa é o receio de inadimplência.
- Para vender a prazo tem que ter o perfil bem traçado desse cliente.
- Os produtores menores vão ficar peregrinando em busca de revendas que os financiem e devem encontrar ainda menos opções porque muitas revendas, especialmente as de menor porte, estão bastante endividadas e com baixa capacidade de obtenção de crédito para suas operações.
- Já as operações de barter devem crescer para 2016/2017.
- O barter oferece uma garantia que a venda a prazo não tem, que é o penhor do produto, a Cédula de Produto Rural (CPR).
- Com o resultado de janeiro a maio, as revendas de insumos estimam aumento nas vendas de adubos e defensivos no segundo semestre.
- Há possibilidade de crescimento, com produtores mais interessados em ampliar o investimento, voltando a aplicar a dosagem tradicional de fertilizantes e adquirindo defensivos de alta tecnologia.

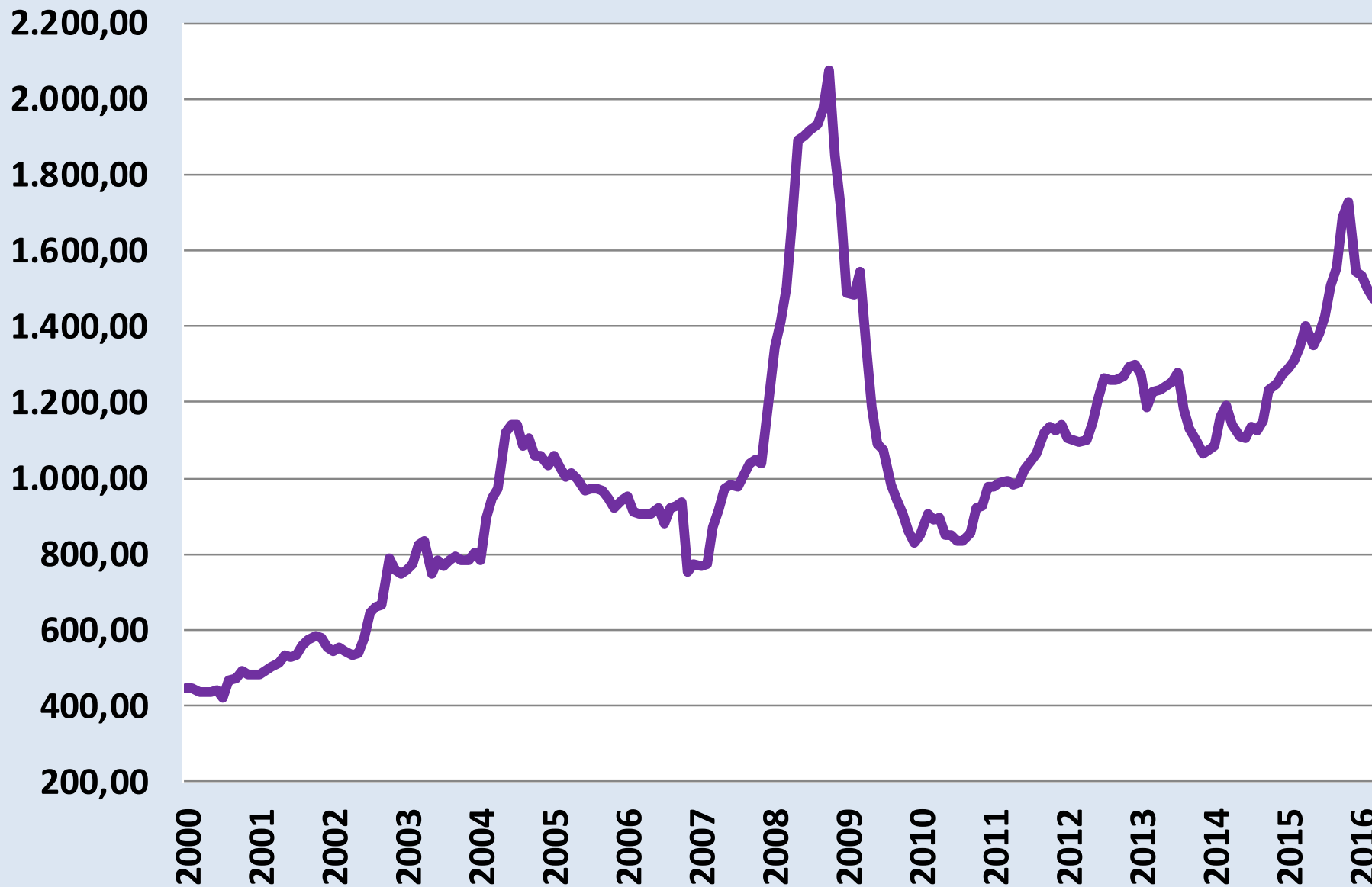
## **CUSTEIO DA SAFRA DE VERÃO 2016/2107**

- Por trás dessa reversão está a remuneração obtida na venda da safra de verão em um período de câmbio bastante favorável e, agora, com oportunidades atraentes para o produtor de milho segunda safra, por causa da demanda aquecida pelo cereal no mercado doméstico.
- Quem colheu bem e tem dinheiro está antecipando as compras.
- Os preços em Reais dos fertilizantes estão de 10% a 15% mais baixos em 2016 que no ano passado e contribuem para o avanço nas vendas.
- Em Mato Grosso, entre 40% e 50% dos negócios envolvendo sementes, fertilizantes e defensivos foram fechados no primeiro quadrimestre.
- Diferentemente de 2015, entretanto, neste ano os produtores voltaram a aplicar a dosagem normal de fertilizantes na terra.
- Em 2015, com a alta dos fertilizantes em Real, resultante da valorização do dólar no mercado interno, produtores decidiram aproveitar as reservas de adubo no solo remanescentes de safras anteriores e diminuíram a dose aplicada.
- Em defensivos, o produtor também vem adquirindo produtos de ponta.

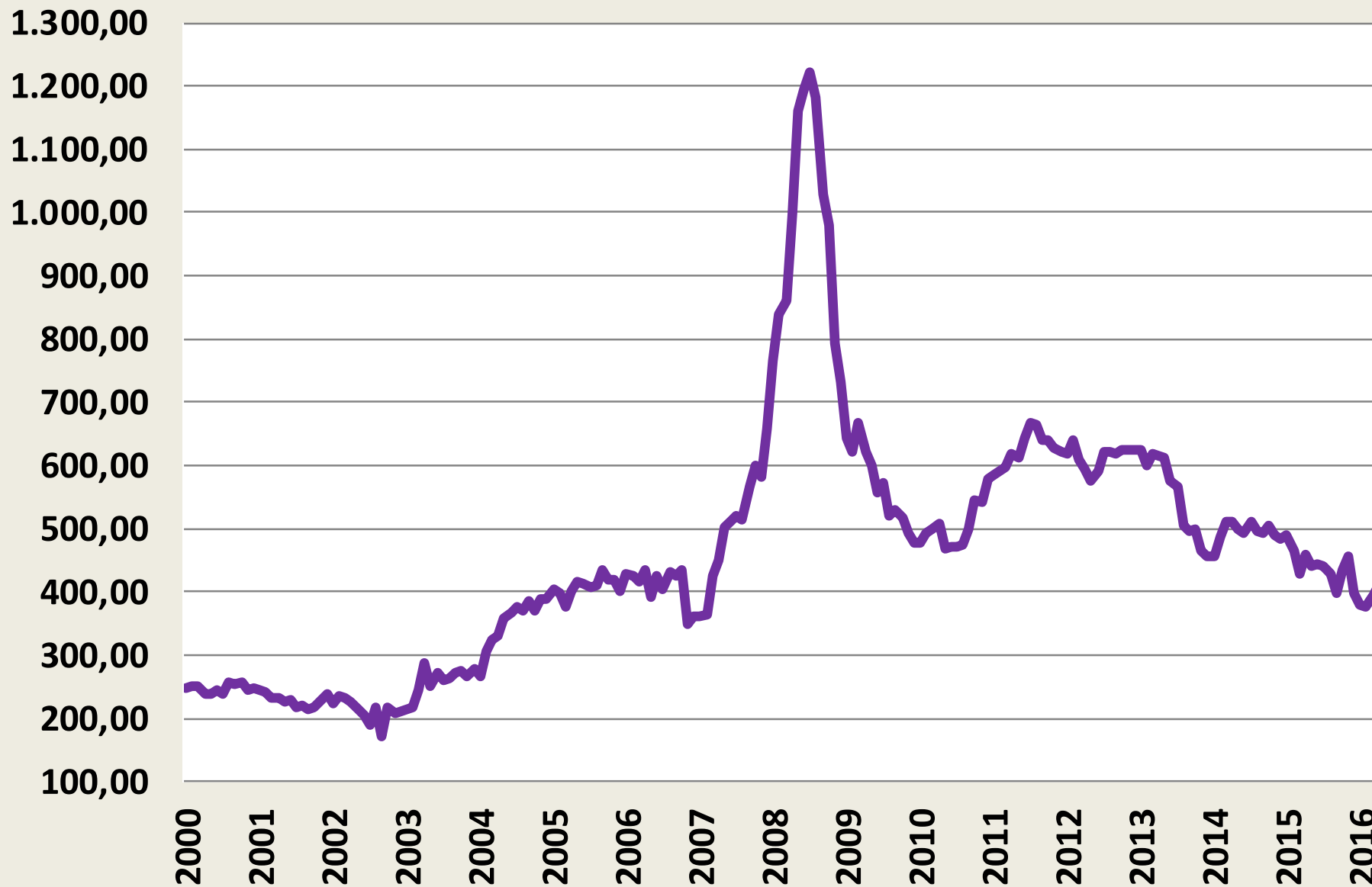
## **CUSTEIO DA SAFRA DE VERÃO 2016/2107**

- Em Mato Grosso, o valor dos fertilizantes em Real também caiu, mas as negociações são travadas majoritariamente em dólar.
- Em Goiás, o ritmo das vendas de fertilizantes para a safra de soja 2016/2017 ficou mais lento nos primeiros quatro meses de 2016.
- Em Mato Grosso, as vendas de fertilizantes devem ser um pouco maiores em 2016 que no ano passado, porque foi uma das regiões em que caiu a adubação.
- O valor das sementes aumentou, tanto em função da alta da soja em grão em Chicago, que afeta diretamente o preço das sementes da oleaginosa, como pelo receio de escassez do produto no mercado.
- É possível que alguns produtores estejam antecipando as aquisições de sementes pela possibilidade de faltar produto no mercado, já que a colheita de sementes de soja no ciclo 2015/2016 não foi a esperada.
- O preço das sementes está 15% mais alto que no ano passado.
- Ainda assim, produtores têm buscado sementes com mais tecnologia, em função da alta dos preços da soja e do milho para 2016/2017.

# ADUBO 4-20-20: EVOLUÇÃO DOS PREÇOS PAGOS PELO PRODUTOR - R\$/TONELADA



# ADUBO 4-20-20: EVOLUÇÃO DOS PREÇOS PAGOS PELO PRODUTOR - US\$/TONELADA





## CLORETO DE POTÁSSIO: EVOLUÇÃO DOS PREÇOS PAGOS PELO PRODUTOR - R\$/TONELADA



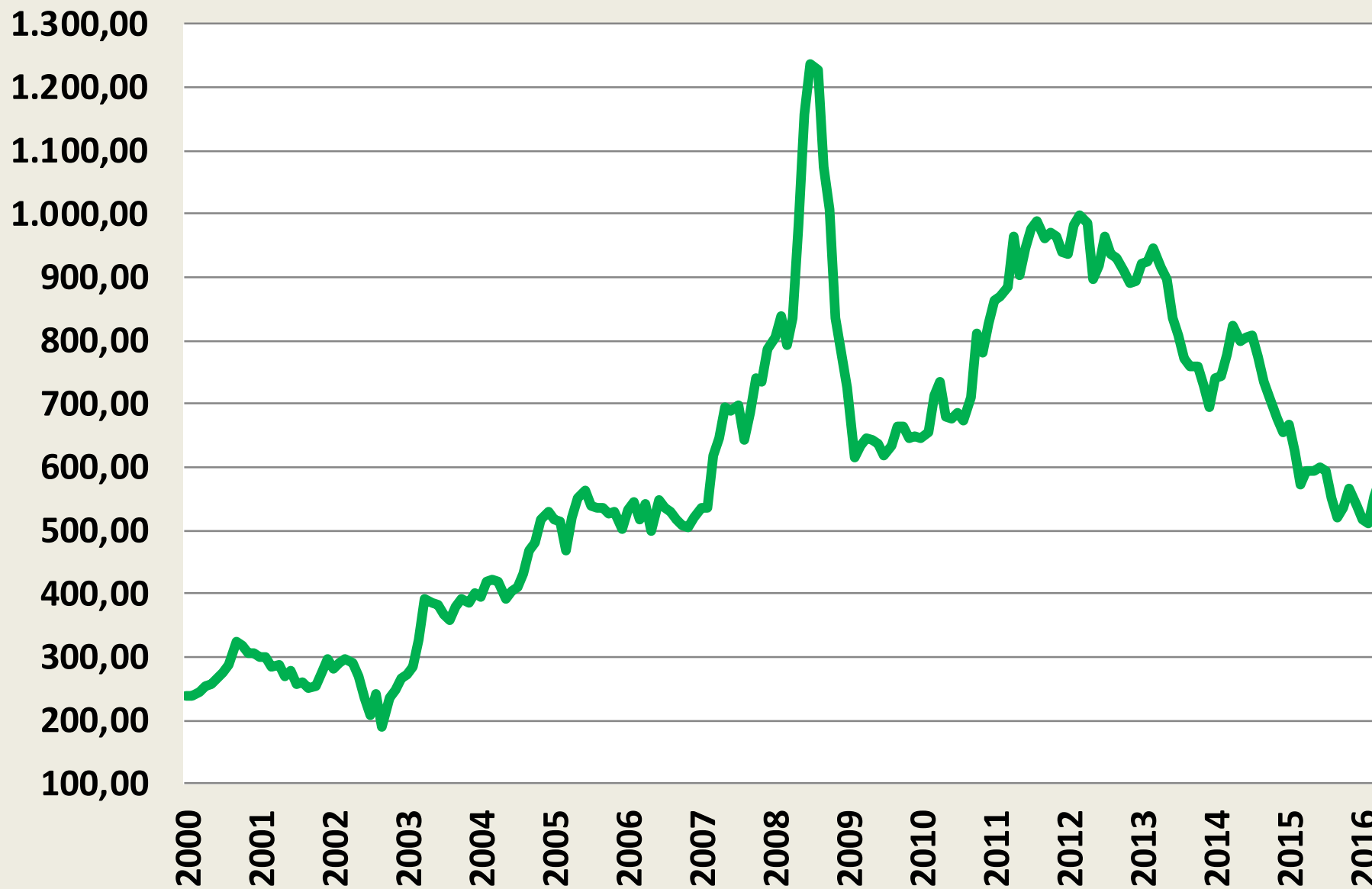
## CLORETO DE POTÁSSIO: EVOLUÇÃO DOS PREÇOS PAGOS PELO PRODUTOR - US\$/TONELADA



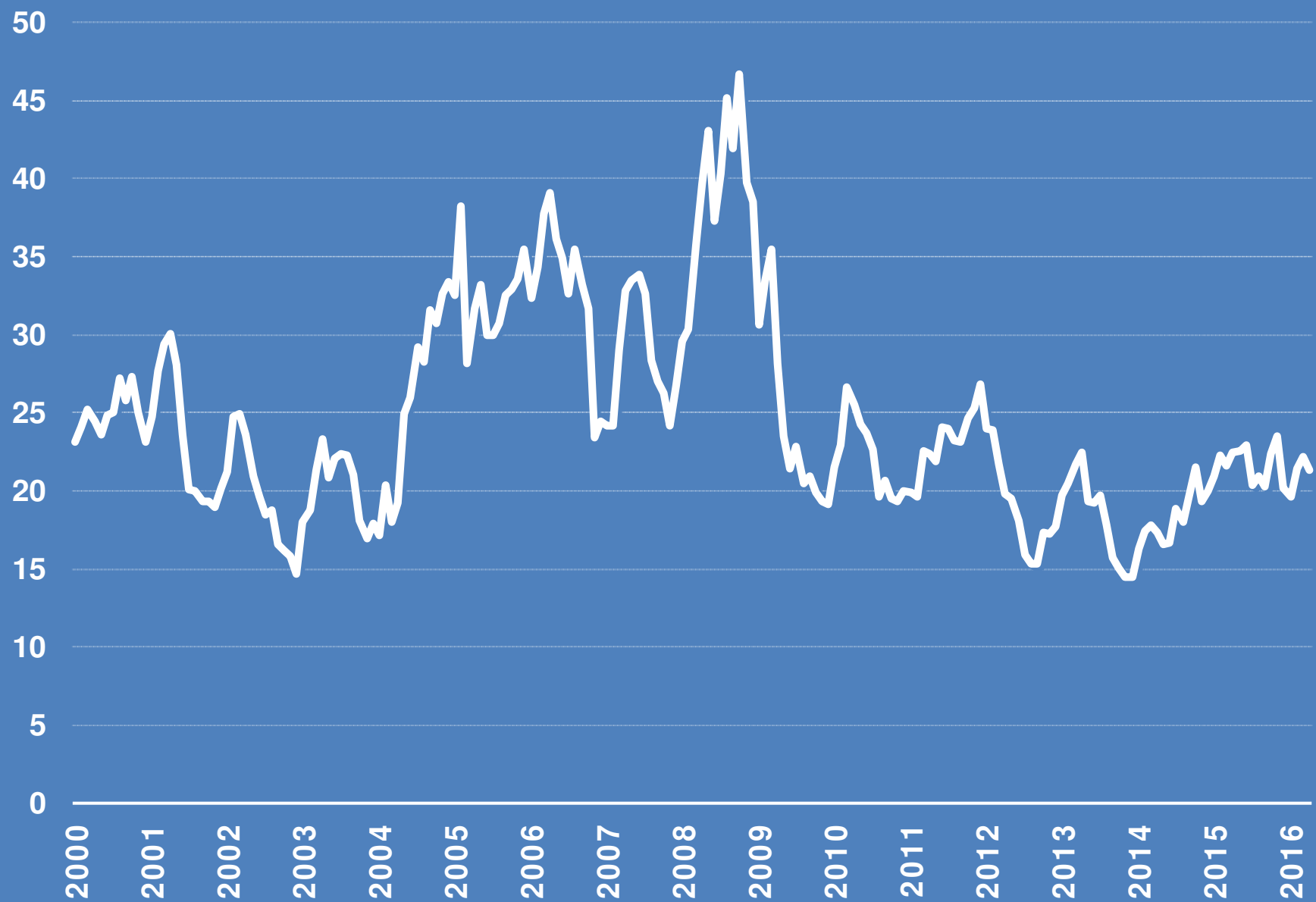
# UREIA: EVOLUÇÃO DOS PREÇOS PAGOS PELO PRODUTOR - R\$/TONELADA



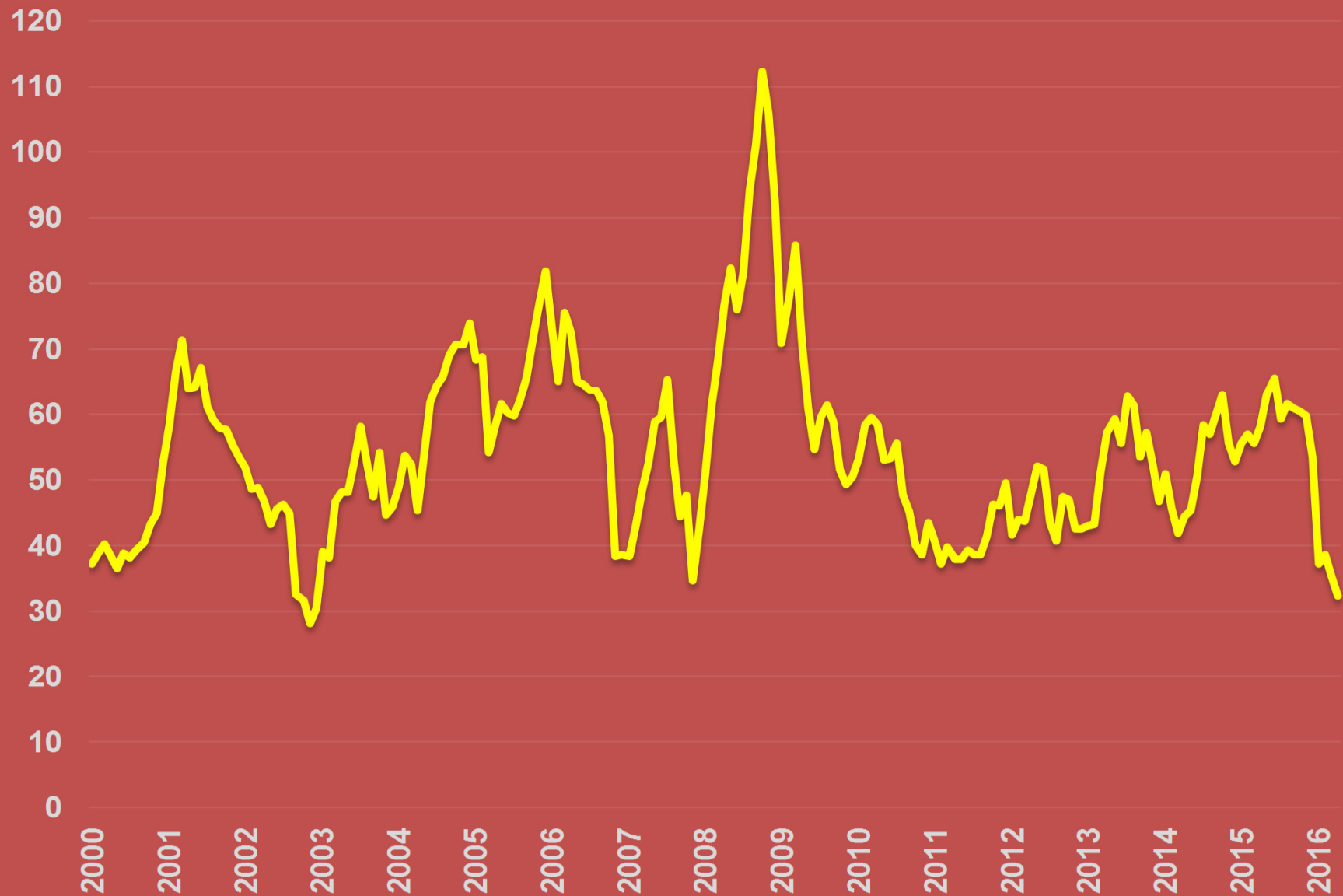
# UREIA: EVOLUÇÃO DOS PREÇOS PAGOS PELO PRODUTOR - US\$/TONELADA



## SACAS DE SOJA PARA ADQUIRIR 1 TONELADA DE FERTILIZANTES - MÉDIA CENTRO-SUL BRASIL



## SACAS DE MILHO PARA ADQUIRIR 1 TONELADA DE FERTILIZANTES - MÉDIA CENTRO-SUL BRASIL





## **SOJA: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- A tendência é altista para os preços da soja no mercado brasileiro, com a alta dos futuros em Chicago, exportações aquecidas, demanda interna firme por farelo e óleo e quebras confirmadas na safra da Argentina, bem como forte alta dos prêmios pagos nos portos brasileiros.
- O contrato julho/2016 em Chicago está mais próximo dos US\$ 12 por bushel, maior nível em 2 anos e alta acumulada de 36% em 2016.
- A projeção de consumo de soja na China em 2016/2017 é de um recorde de 100,8 milhões de toneladas, 5,8% acima das 95,25 milhões de toneladas em 2015/2016.
- A projeção de importações da China em 2016/2017 é de 87,0 milhões de toneladas, 4,8% acima das 83,0 milhões de toneladas em 2015/2016.
- Na Argentina, a avaliação preliminar é que a safra deve cair de 60 milhões de toneladas para 50 milhões a 55 milhões de toneladas.
- Como o país é o maior exportador global de farelo e óleo de soja, deverá haver desvio de demanda para os Estados Unidos, bem como para o Brasil.



## **SOJA: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- Nos Estados Unidos, há a ameaça de estiagem em junho e a possibilidade de o fenômeno La Niña atingir o país.
- No Brasil, as quebras de safra no Matopiba (MA, PI, TO e BA) e algumas áreas do Centro-Oeste reduziram a safra de 102,6 milhões de toneladas previstos em março para 97 milhões de toneladas.
- As perdas mais acentuadas ocorreram no PI, MA, TO, BA e MT.
- Entre janeiro e maio, as exportações brasileiras de soja em grãos atingiram o recorde de 30,804 milhões de toneladas, 37,3% acima do mesmo período do ano passado.
- Com isso, os prêmios nos portos brasileiros subiram para US\$ 1,20 por bushel acima da cotação em Chicago (Chicago US\$ 11,90 + prêmio US\$ 1,20 = US\$ 13,10 por bushel no porto brasileiro).
- A entressafra doméstica será antecipada em 2016.
- Com os contratos futuros em patamares mais altos na Bolsa de Chicago, há antecipação das negociações para a safra 2016/2017 no Brasil, com vendas que atingem 20% da produção esperada, até final de maio.

## **SOJA: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- As demandas externa e interna por soja em grão e farelo continuam firmes e os preços internacionais, em alta.
- Com isso, para atrair vendedores, os prêmios de exportação tiveram uma reação expressiva.
- Esse cenário, por sua vez, elevou os valores da soja no spot nacional, que atingiram os maiores patamares reais desde dezembro/2012.
- Os prêmios de exportação do grão, em Paranaguá (PR), para embarque junho/2016 (primeiro vencimento), estão em +US\$ 1,30 por bushel, o maior patamar desde setembro/2015.
- O valor FOB da soja para o vencimento junho/2016 subiu significativos 6,2% em sete dias, para US\$ 28,79 por saca de 60 Kg.
- Para o óleo de soja, houve avanço de 0,2% para o mesmo vencimento, para US\$ 735,24/tonelada, enquanto o embarque Junho/2016 de farelo de soja teve ligeira baixa de 0,7%, para US\$ 436,62/tonelada.
- A tendência é de novas altas nos preços do grão, já que um grande volume de soja já foi comercializado neste ano.

## **SOJA: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- Muitos compradores já estão preocupados quanto à possível baixa oferta no próximo semestre.
- Mesmo diante dos preços elevados, compradores estão ativos nas aquisições, no intuito de garantir a oleaginosa para o próximo semestre.
- Além da intensa demanda por soja brasileira neste ano, os preços elevados são reflexos das condições climáticas desfavoráveis ao cultivo da oleaginosa no Brasil e na Argentina, que resultaram em menor produção e queda na qualidade do grão na safra 2015/2016.
- Na Argentina, a colheita chegou a 86,7% da área cultivada com soja, com produção estimada entre 50 milhões a 55 milhões de toneladas.
- Para o Brasil, a produção da safra 2015/2016 foi revisada para 97 milhões de toneladas – na região do Matopiba, as quebras na safra atingiram 65% no Piauí, 41% no Maranhão, 37% em Tocantins e 23% na Bahia.
- As exportações estão estimadas em 54,5 milhões de toneladas.
- Neste contexto, o estoque final da soja em dezembro/2016 cairia para apenas 420 mil de toneladas.

## **SOJA: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- Na Bolsa de Chicago, o primeiro vencimento (Julho/2016) da soja subiu 2,8% em sete dias, se aproximando mais dos US\$ 12 por bushel.
- O contrato Julho/2016 de óleo se valorizou 2,4% em sete dias, para US\$ 728,18/tonelada.
- Já para o farelo de soja, houve recuo de 1,1% no primeiro vencimento, para US\$ 455,80/tonelada.
- No mercado interno, o Indicador da soja Paranaguá ESALQ/BM&F, referente ao grão depositado no corredor de exportação e negociado na modalidade spot (pronta entrega), no porto de Paranaguá (PR), teve alta de 1,7% em sete dias, para R\$ 96,30 por saca de 60 Kg.
- A média ponderada no Paraná, refletida no Indicador CEPEA/ESALQ, subiu 0,7% em sete dias, para R\$ 91,59 por saca de 60 Kg.
- No segmento de derivados, nos últimos sete dias, na média das regiões brasileiras, os preços de farelo de soja subiram 1,8%.
- Já para o óleo de soja, houve queda de 4,4%, com a tonelada a R\$ 2.762,18 (posto em São Paulo com 12% de ICMS).

## **SOJA: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- De acordo com dados do relatório mensal de oferta e demanda de Junho/2016, divulgado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), foram reduzidas as previsões de estoques finais de soja tanto para a safra 2015/2016 como 2016/2017.
- O estoque final do país em 2015/2016 deve ser de 10,07 milhões de toneladas, 7,5% abaixo da previsão do mês passado, de 10,89 milhões de toneladas.
- Também foi reduzida a projeção de estoque final norte-americano em 2016/2017 em 14,7%, de 8,30 milhões de toneladas, para 7,08 milhões de toneladas.
- O USDA também elevou as projeções de exportação no atual ciclo, de 47,36 milhões de toneladas, para 47,90 milhões de toneladas.
- Já a estimativa de esmagamento subiu para 51,44 milhões de toneladas, contra 51,17 milhões de toneladas previstos em maio.
- A projeção de produção do país em 2016/2017 ficou estável em 103,43 milhões de toneladas, o que significaria uma safra 3,3% abaixo do recorde obtido no ano anterior (2015/2016).

## **SOJA: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- A previsão das exportações dos Estados Unidos em 2016/2017 foi elevada para 51,72 milhões de toneladas, contra 51,31 milhões de toneladas previstos há um mês.
- De acordo com o relatório mensal de oferta e demanda de Junho/2016, divulgado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), a safra global de soja 2016/2017 está estimada em 323,7 milhões de toneladas, abaixo do consumo mundial, projetado em 328,0 milhões de toneladas.
- Será a segunda temporada consecutiva com produção abaixo da demanda, o que se refletirá em recuo dos estoques globais.
- Os estoques finais mundiais de 2016/2017 devem recuar 8,3%, para 66,3 milhões de toneladas, contra 72,3 milhões de toneladas em 2015/2016.
- Caso se ampliem os temores com o clima sobre a safra 2016/2017 dos Estados Unidos, em função do La Niña, os contratos futuros com vencimento no 2º semestre devem embutir um prêmio de risco, elevando mais as cotações futuras da soja em Chicago.

## SOJA GRÃO: OFERTA E DEMANDA MUNDIAL

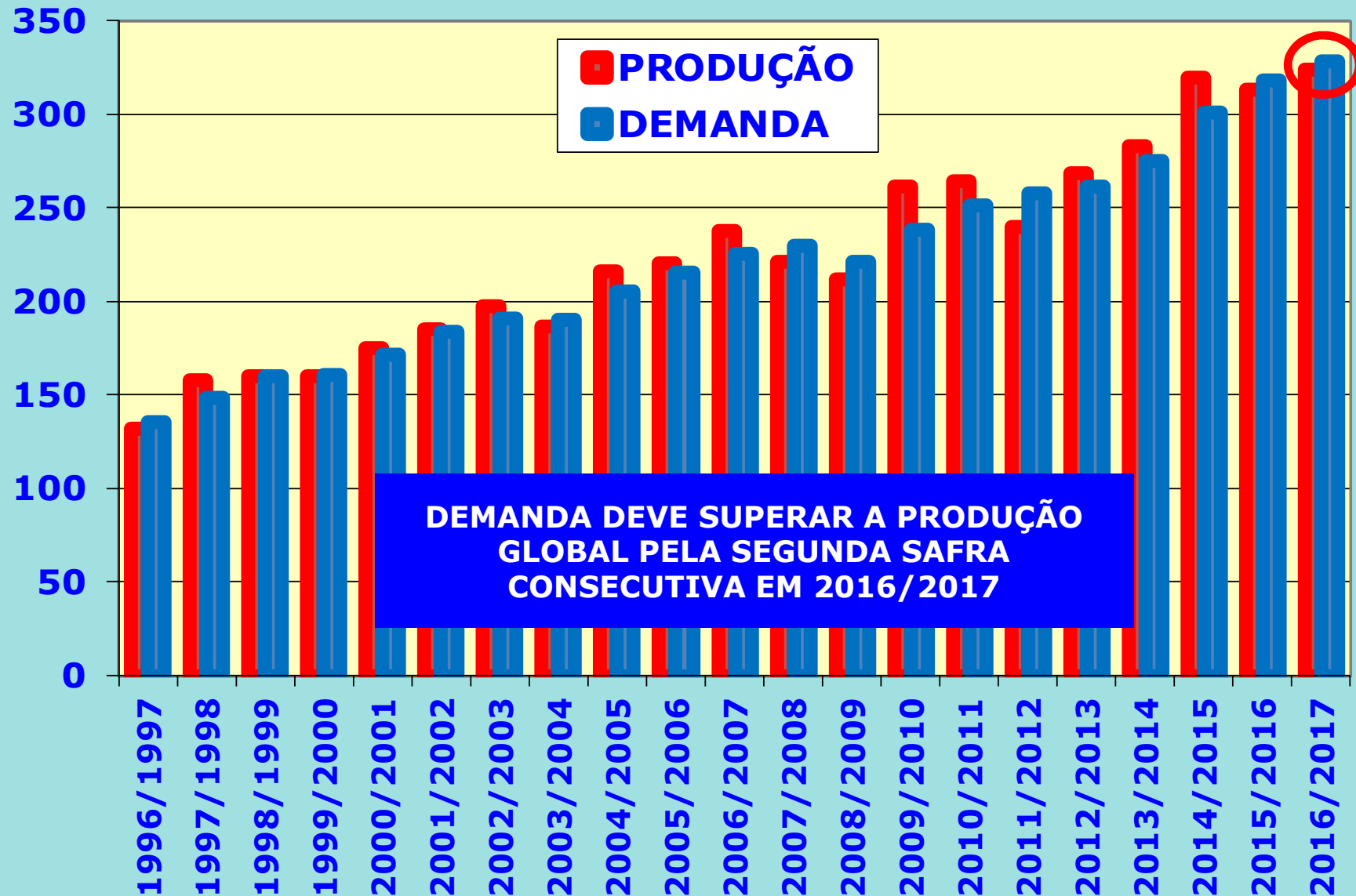
EM MILHÕES DE TONELADAS

ANO SAFRA	PRODUÇÃO MUNDIAL	DEMANDA MUNDIAL	VARIAÇÃO DEMANDA	COMÉRCIO MUNDIAL	ESMAGAMENTO MUNDIAL	ESTOQUES FINAIS	ESTOQUES/ CONSUMO	PREÇO MÉDIO US\$/bushel
1989/1990	95,6	105,0		27,3	81,1	20,2	19,2%	3,97
1990/1991	107,4	103,8	-1,1%	25,4	88,0	20,6	19,8%	5,68
1991/1992	104,1	109,6	5,6%	28,1	87,3	18,4	16,8%	5,67
1992/1993	107,4	115,3	5,2%	29,3	92,3	20,2	17,5%	6,26
1993/1994	117,3	120,6	4,6%	27,7	96,7	17,2	14,3%	6,24
1994/1995	117,5	132,2	9,6%	32,0	102,0	23,7	17,9%	6,12
1995/1996	137,5	131,6	-0,5%	31,6	109,8	17,5	13,3%	7,53
1996/1997	132,2	135,7	3,1%	36,8	112,1	13,5	9,9%	7,52
1997/1998	158,0	148,6	9,5%	39,3	115,5	21,6	14,5%	6,58
1998/1999	159,8	160,0	7,6%	37,9	135,7	26,6	16,7%	6,45
1999/2000	159,9	160,7	0,5%	45,6	136,2	26,9	16,7%	4,63
2000/2001	175,1	171,8	6,9%	53,8	146,8	30,6	17,8%	4,54
2001/2002	184,9	184,0	7,1%	53,0	158,0	32,2	17,5%	4,38
2002/2003	197,0	190,7	3,7%	61,3	165,0	40,8	21,4%	5,53
2003/2004	186,8	190,0	-0,4%	56,0	163,6	37,6	19,8%	7,34
2004/2005	215,8	205,2	8,0%	64,8	175,7	48,5	23,6%	6,40
2005/2006	220,5	215,3	4,9%	63,9	185,1	52,9	24,6%	6,03
2006/2007	237,4	225,5	4,8%	71,1	195,9	62,7	27,8%	7,80
2007/2008	221,2	229,7	1,9%	78,3	201,9	53,0	23,1%	13,50
2008/2009	212,0	221,3	-3,7%	77,2	193,2	42,6	19,2%	10,50
2009/2010	261,1	238,0	7,5%	91,4	209,3	60,0	25,2%	10,10
2010/2011	263,9	251,6	5,7%	91,7	221,4	70,1	27,9%	13,40
2011/2012	239,6	257,7	2,4%	92,2	228,2	53,6	20,8%	15,50
2012/2013	268,8	261,2	1,4%	100,5	230,2	57,4	22,0%	14,50
2013/2014	282,6	275,3	5,4%	112,7	241,3	61,8	22,4%	13,50
2014/2015	319,7	300,8	9,3%	126,2	263,3	78,3	26,0%	9,80
2015/2016	313,3	318,0	5,7%	132,0	279,3	72,3	22,7%	9,50
2016/2017	323,7	328,0	3,1%	137,7	288,4	66,3	20,2%	11,00
VAR 2015- 2016/ 2014- 2015	-2,0%	5,7%		4,7%	6,1%	-7,7%	-12,7%	-3,1%
VAR 2016- 2017/ 2015- 2016	3,3%	3,1%		4,3%	3,3%	-8,3%	-11,1%	15,8%

Fonte: USDA JUNHO/2016

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

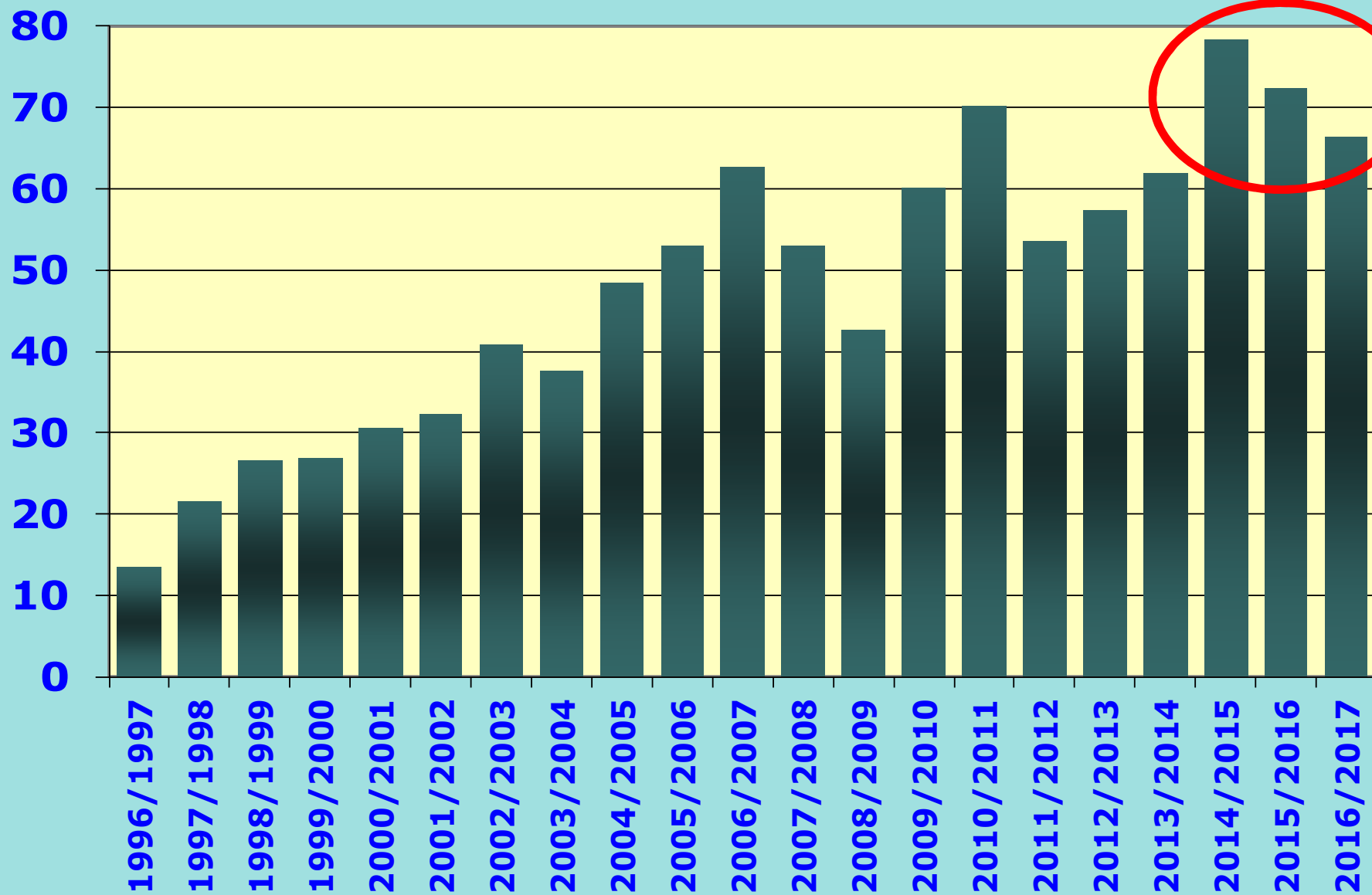
# SOJA: OFERTA x DEMANDA MUNDIAL MILHÕES DE TONELADAS



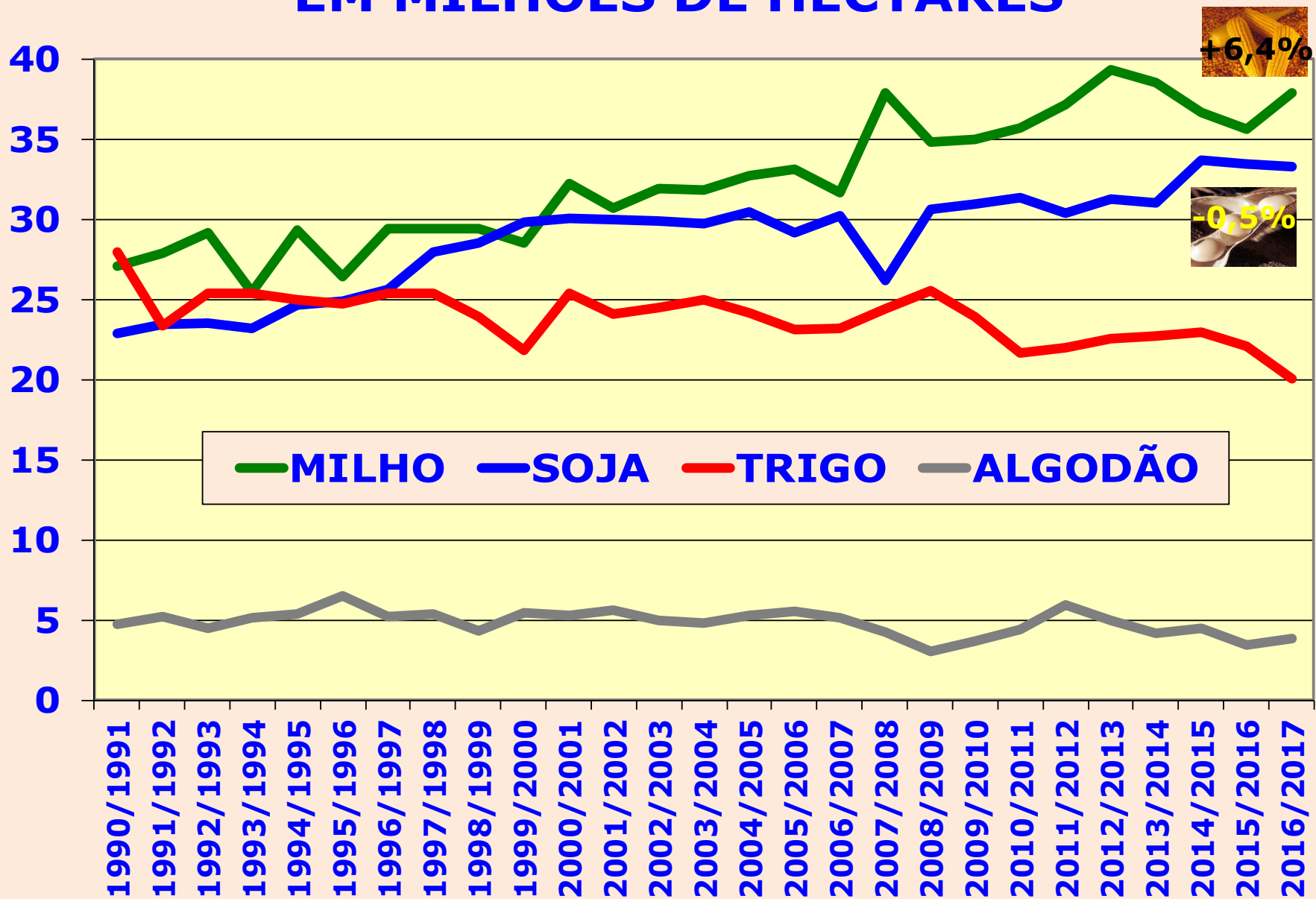
**DEMANDA DEVE SUPERAR A PRODUÇÃO  
GLOBAL PELA SEGUNDA SAFRA  
CONSECUTIVA EM 2016/2017**



# SOJA: ESTOQUES FINAIS MUNDIAIS EM MILHÕES DE TONELADAS



# EUA: EVOLUÇÃO DAS ÁREAS DE GRÃOS EM MILHÕES DE HECTARES



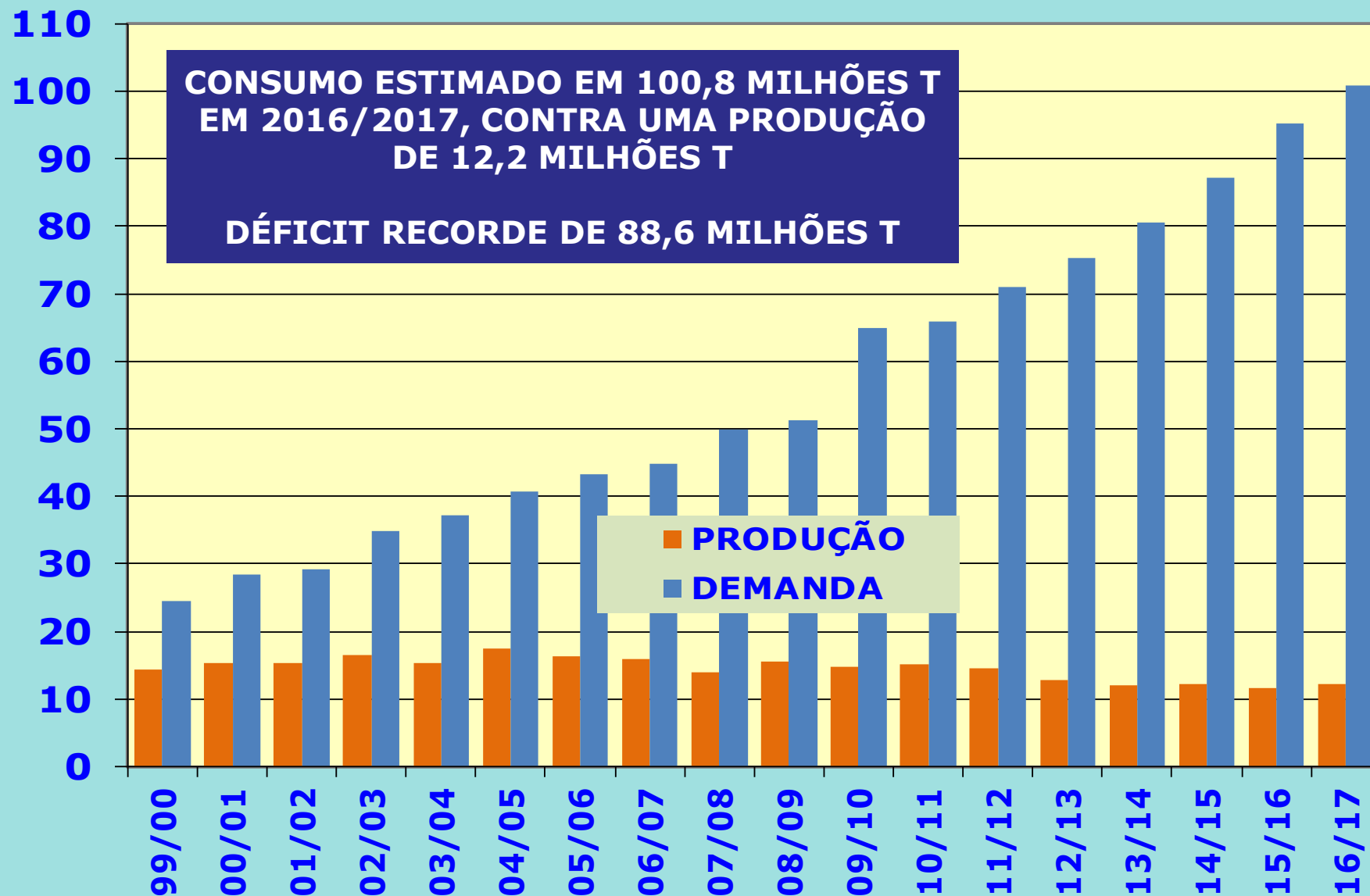
# EUA: PRODUÇÃO DE SOJA MILHÕES DE TONELADAS



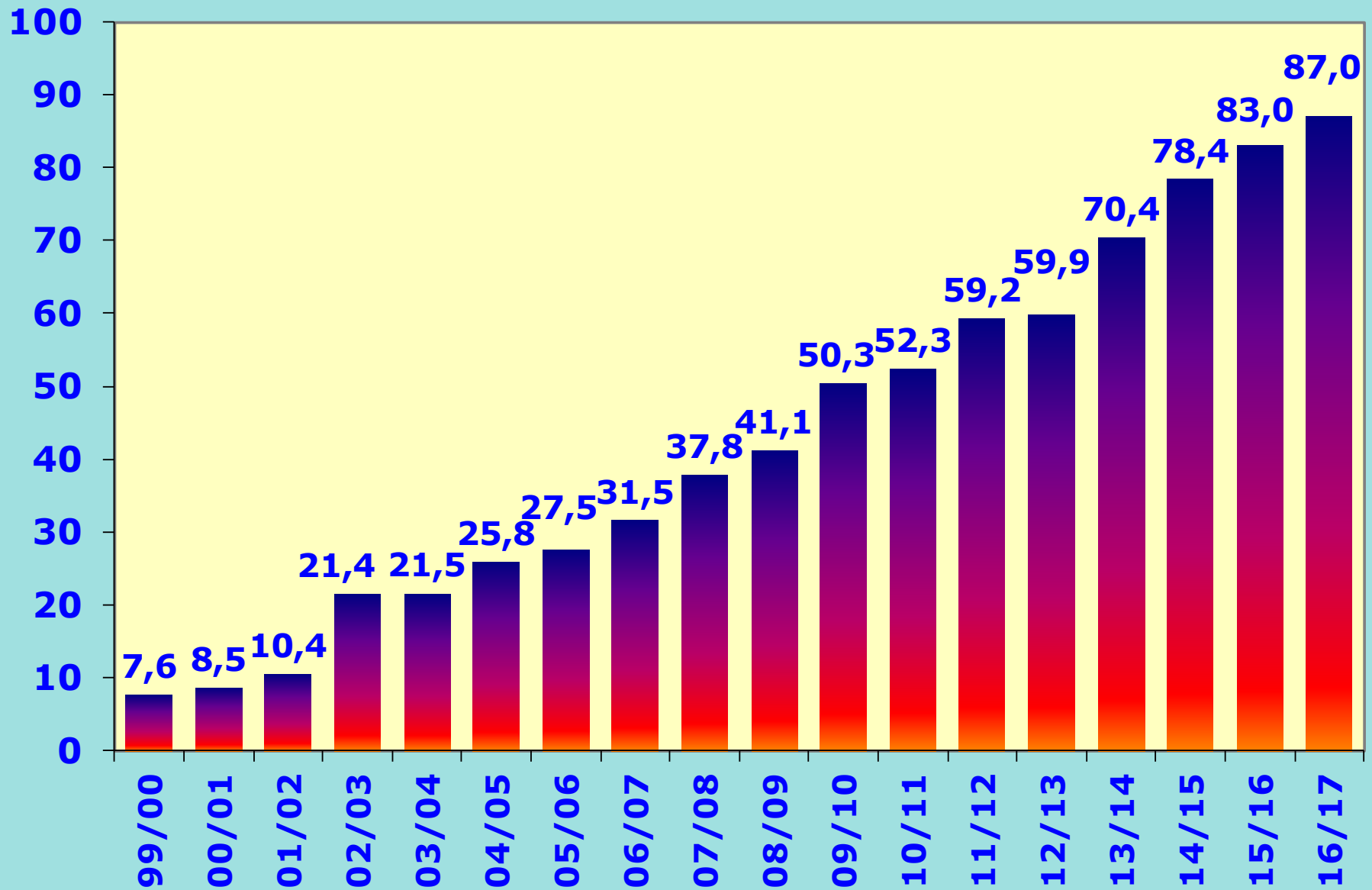
**CHINA: OFERTA E DEMANDA DE SOJA**

<b>SAFRA</b>	<b>PRODUÇÃO</b>	<b>CONSUMO</b>	<b>ESMAGAMENTO</b>	<b>IMPORTAÇÕES</b>
99/00	14,29	24,60	15,07	7,60
00/01	15,40	28,36	18,90	8,50
01/02	15,41	29,19	20,31	10,39
02/03	16,51	34,81	22,95	21,42
03/04	15,39	37,26	25,44	21,50
04/05	17,40	40,78	30,27	25,80
05/06	16,35	43,35	34,50	27,50
06/07	15,97	44,74	35,48	31,50
07/08	14,00	49,82	39,52	37,82
08/09	15,54	51,34	41,04	41,10
09/10	14,70	65,01	48,83	50,34
10/11	15,10	65,95	55,00	52,34
11/12	14,48	71,07	60,97	59,23
12/13	12,80	75,32	64,95	59,87
13/14	11,95	80,60	68,85	70,36
14/15	12,15	87,20	74,50	78,35
15/16	11,60	95,25	81,80	83,00
16/17	12,20	100,80	87,00	87,00
17/16	5,2%	5,8%	6,4%	4,8%
17/00	-15%	310%	477%	1045%

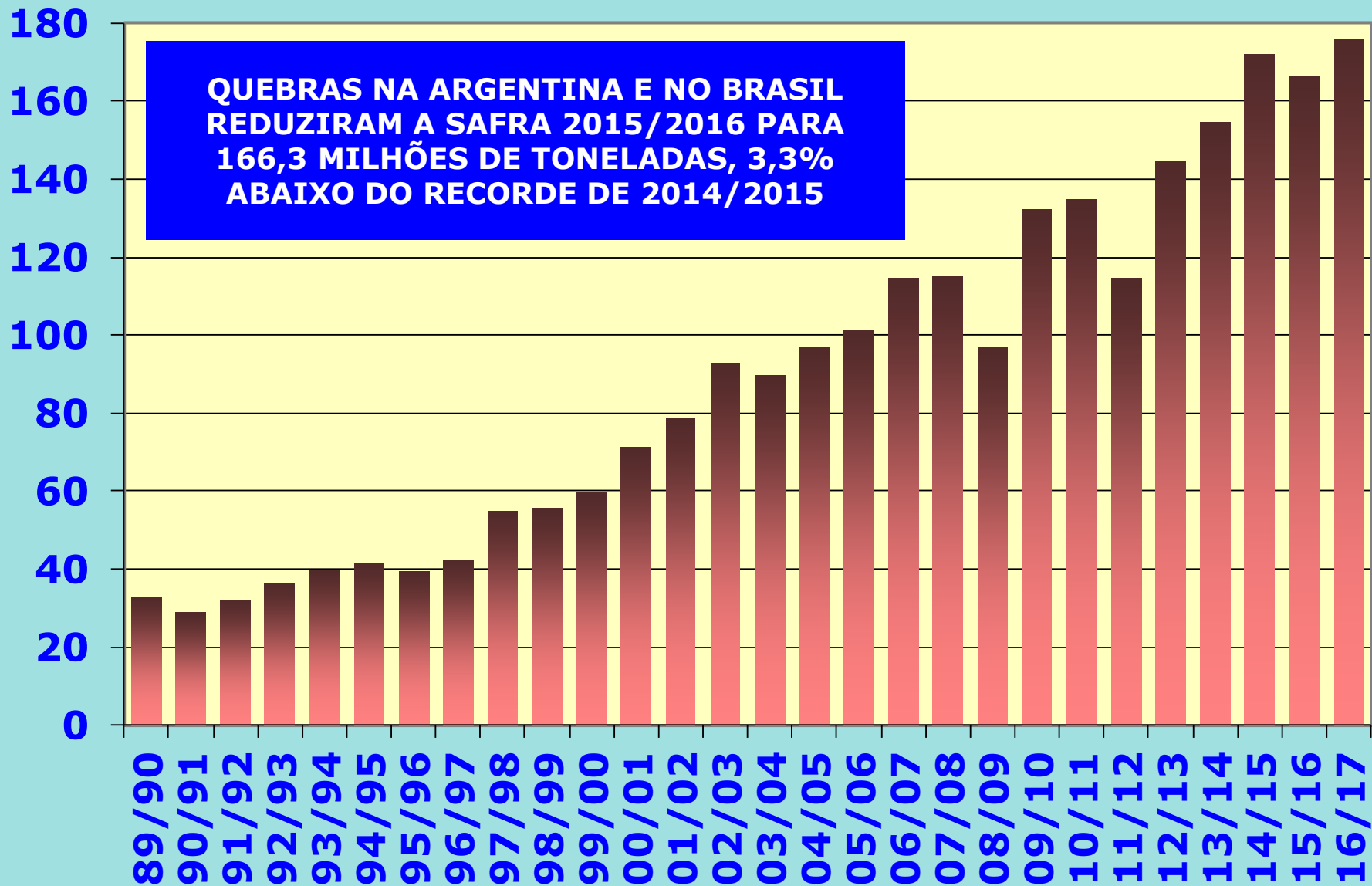
# CHINA: PRODUÇÃO E DEMANDA DE SOJA EM MILHÕES DE TONELADAS



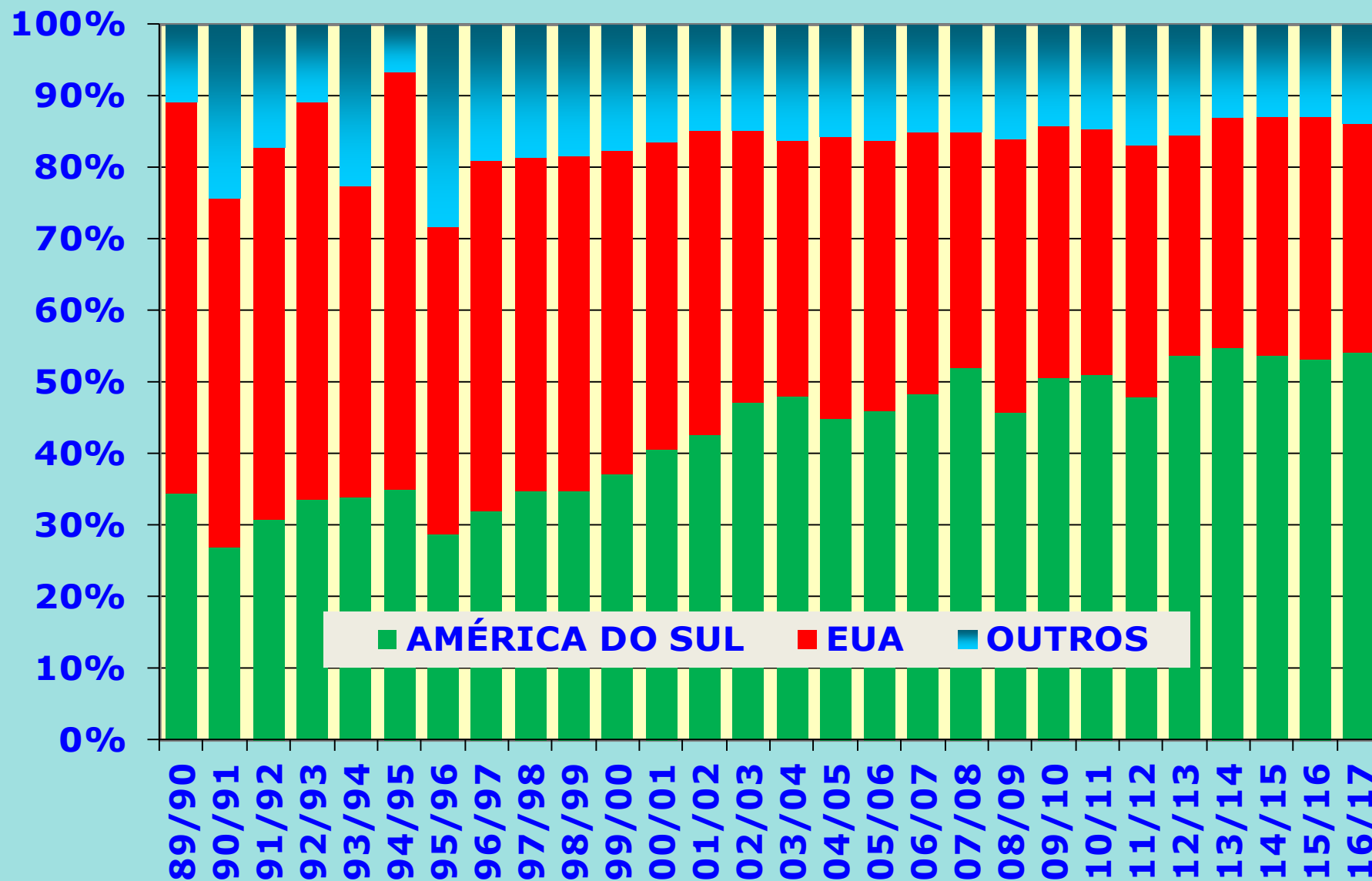
# CHINA: IMPORTAÇÕES DE SOJA EM MILHÕES DE TONELADAS



# AMÉRICA DO SUL: PRODUÇÃO DE SOJA EM MILHÕES DE TONELADAS

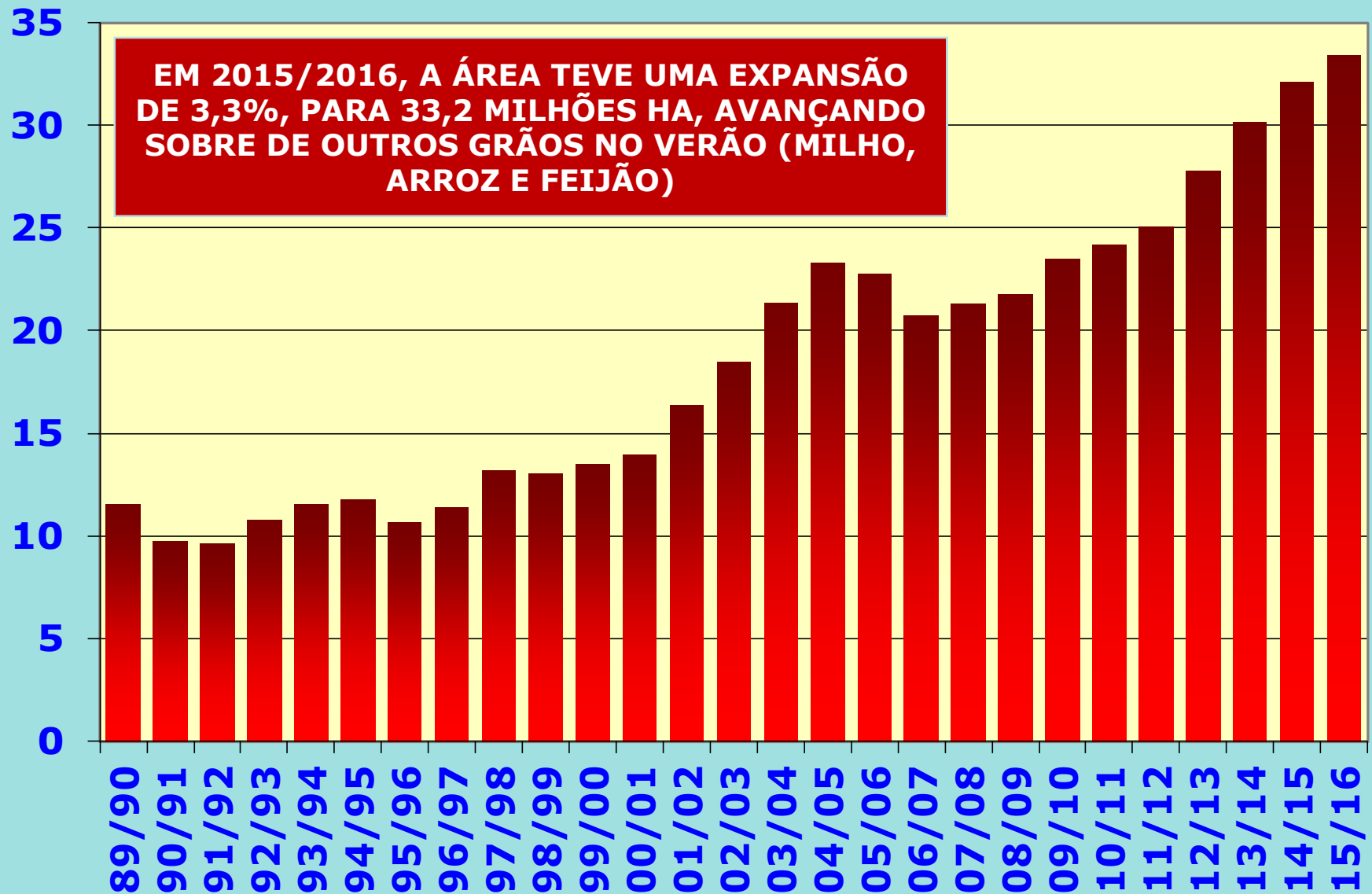


# SOJA: COMPOSIÇÃO DA OFERTA MUNDIAL (%)

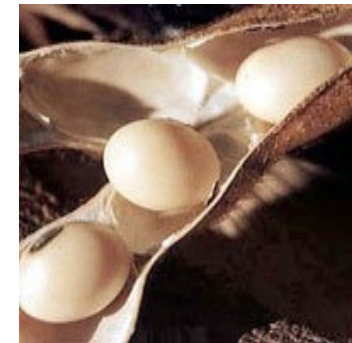
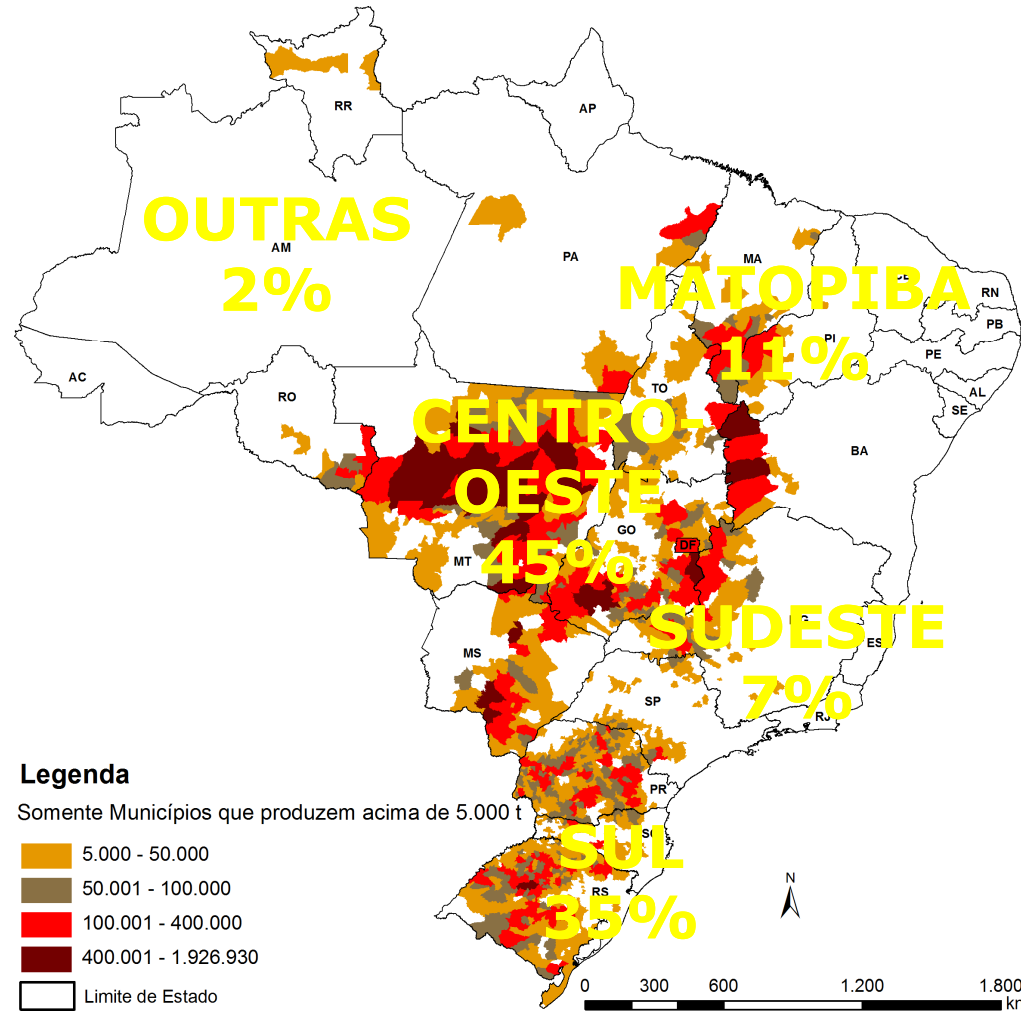




# SOJA: ÁREA DE CULTIVO NO BRASIL EM MILHÕES DE HA



## SOJA: PRODUÇÃO NA SAFRA 2015/2016



## SOJA: CALENDÁRIO DE PLANTIO E COLHEITA

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
RR	C						P	P	P		C	C
RO	P	P	P	C	C	C	C					
PA		P	P	P		C	C	C	C			
TO	P	P	P		C	C	C	C				
<b>Nordeste</b>												
MA	P	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		
PI		P	P	P		C	C	C	C			
BA	P	P	P		C	C	C	C				
<b>Centro-Oeste</b>												
MT	P	P	P	C	C	C	C					P
MS	P	P	P	C	C	C	C					P
GO	P	P	P	C	C	C	C					
DF	P	P	P		C	C	C					
<b>Sudeste</b>												
MG	P	P	P	C	C	C	C	C				
SP	P	P	P		C	C	C	C				P
<b>Sul</b>												
PR	P	P	P	C	C	C	C					P
SC	P	P	P	P	P/C	C	C	C				
RS	P	P	P			C	C	C				

# SOJA: PRODUÇÃO NO BRASIL MILHÕES DE TONELADAS



# CARLOS COGO

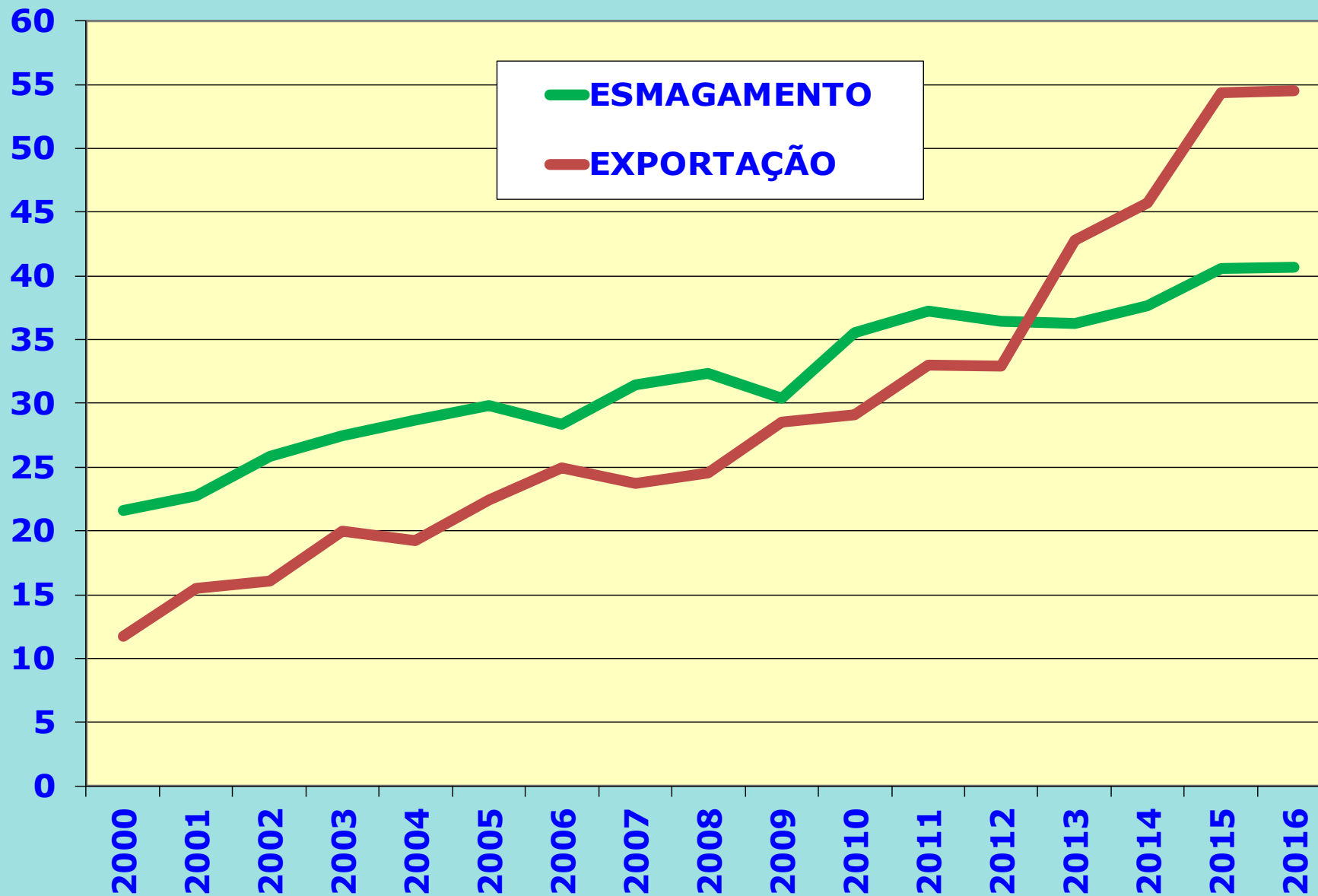
CONSULTORIA EM AGRIBUSINESS

## SOJA GRÃO: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL EM MIL TONELADAS

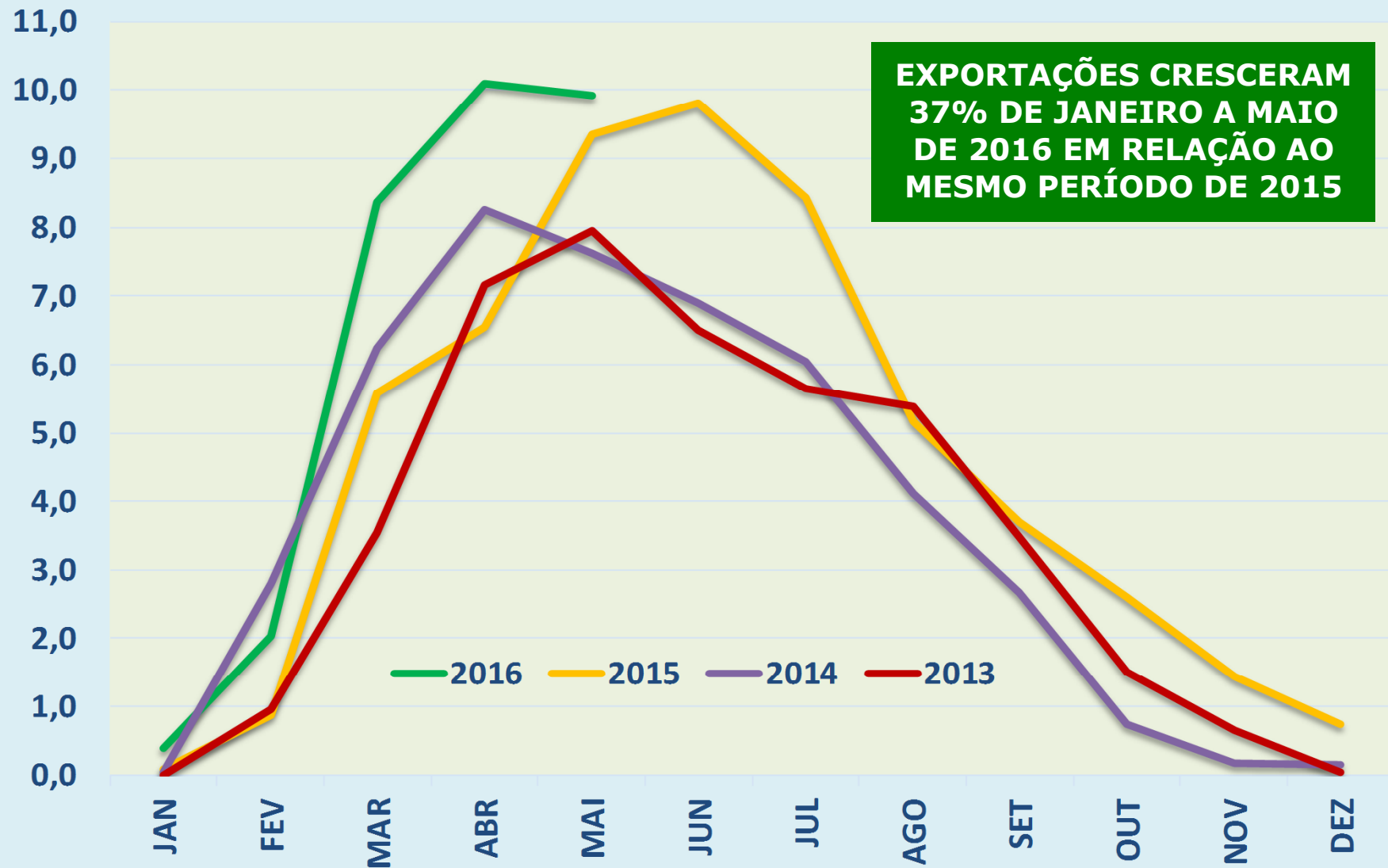
ANO SAFRA	ANO COMERCIAL	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO GRÃOS	IMPORTAÇÕES GRÃOS	CONSUMO ESMAGAMENTO	SEMENTES E OUTROS	EXPORTAÇÕES GRÃOS	ESTOQUE FINAL
80/81	81/82	685,0	15.484,0	932,0	13.796,0	1.100,0	1.450,0	755,0
81/82	82/83	755,0	12.891,0	1.251,0	12.728,0	850,0	496,0	823,0
82/83	83/84	823,0	14.533,0	34,0	12.872,0	931,0	1.115,0	472,0
83/84	84/85	472,0	15.340,0	154,0	12.517,0	1.080,0	1.579,0	790,0
84/85	85/86	790,0	18.211,0	378,0	13.774,0	1.069,6	3.486,4	1.049,0
85/86	86/87	1.049,0	13.997,0	340,0	12.332,0	870,9	1.200,1	983,0
86/87	87/88	983,0	17.072,0	450,0	13.820,0	1.015,4	3.027,6	642,0
87/88	88/89	642,0	18.157,0	62,0	13.676,0	1.881,7	2.598,3	705,0
88/89	89/90	705,0	23.579,0	63,0	16.189,0	2.100,0	4.618,0	1.440,0
89/90	90/91	1.440,0	20.444,0	10,0	15.435,0	1.300,0	4.139,0	1.020,0
90/91	91/92	1.020,0	15.757,0	350,0	13.057,0	1.200,0	1.900,0	970,0
91/92	92/93	970,0	19.456,0	507,0	14.756,0	1.427,0	3.900,0	850,0
92/93	93/94	850,0	22.780,0	10,0	16.771,0	1.700,0	4.159,0	1.010,0
93/94	94/95	1.010,0	24.813,0	890,0	18.736,0	1.700,0	5.367,0	910,0
94/95	95/96	910,0	26.068,0	791,0	21.599,0	1.600,0	3.520,0	1.050,0
95/96	96/97	1.050,0	23.872,0	1.044,0	20.083,0	1.600,0	3.633,0	650,0
96/97	97/98	650,0	27.327,0	1.453,0	18.944,0	1.600,0	8.326,0	560,0
97/98	98/99	560,0	32.665,0	355,0	21.832,0	1.600,0	9.324,0	824,0
98/99	99/00	824,0	31.377,0	615,0	21.645,0	1.600,0	8.912,0	659,0
99/00	00/01	659,0	34.127,0	799,0	21.578,0	1.600,0	11.778,0	629,0
00/01	01/02	629,0	39.058,0	849,0	22.773,0	1.700,0	15.522,0	541,0
01/02	02/03	541,0	42.769,0	1.100,0	25.842,0	2.000,0	16.074,0	494,0
02/03	03/04	2.182,0	51.875,0	1.189,0	27.447,0	2.500,0	19.962,0	5.337,0
03/04	04/05	5.337,0	50.085,0	349,0	28.706,0	2.650,0	19.248,0	5.167,0
04/05	05/06	5.167,0	53.053,0	369,0	29.860,0	2.700,0	22.434,0	3.595,0
05/06	06/07	3.595,0	56.942,0	50,0	28.332,0	2.500,0	24.956,0	4.799,0
06/07	07/08	4.799,0	58.726,0	100,0	31.485,0	2.700,0	23.734,0	5.706,0
07/08	08/09	5.706,0	59.936,0	97,0	32.325,0	2.700,0	24.499,0	6.215,0
08/09	09/10	6.215,0	57.383,0	100,0	30.426,0	2.700,0	28.561,0	2.011,0
09/10	10/11	2.011,0	68.919,0	119,0	35.506,0	2.800,0	29.073,0	3.670,0
10/11	11/12	3.670,0	75.248,0	40,0	37.270,0	2.850,0	32.986,0	5.852,0
11/12	12/13	5.852,0	66.383,0	268,0	36.434,0	2.900,0	32.916,0	1.790,0
12/13	13/14	1.790,0	81.499,4	283,0	36.238,0	2.950,0	42.796,4	1.682,0
13/14	14/15	1.682,0	86.120,8	578,0	37.622,0	2.950,0	45.691,9	2.393,0
14/15	15/16	2.393,0	96.228,0	324,1	40.556,0	3.000,0	54.324,0	1.065,1
15/16	16/17	1.065,1	97.055,0	1.000,0	40.700,0	3.000,0	54.500,0	920,1

Fontes: ABIOVE, CONAB e CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

# SOJA: ESMAGAMENTO E EXPORTAÇÕES NO BRASIL - MILHÕES T



## SOJA EM GRÃOS: EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS MILHÕES DE TONELADAS/MÊS



Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

**SOJA: FLUXO DE SUPRIMENTO NO BRASIL PARA O 2º SEMESTRE DE 2016**

**SOJA EM GRÃOS**

**POSIÇÃO ESTIMADA EM 1º/07/2016**

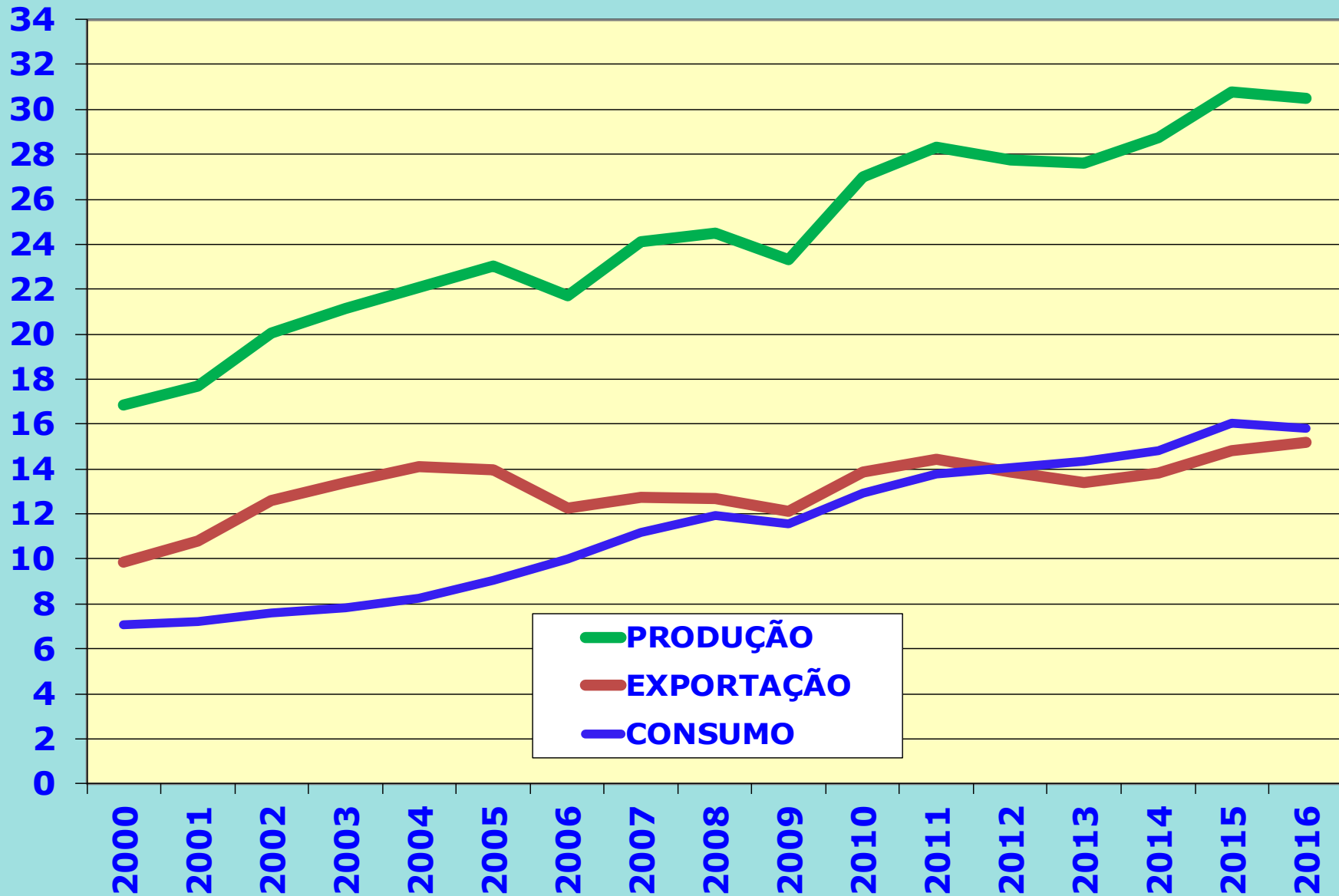
<b>ITEM</b>	<b>MIL T</b>
<b>ESTOQUE INICIAL</b>	<b>1.065</b>
<b>SAFRA 2015/2016</b>	<b>97.055</b>
<b>OFERTA TOTAL (A)</b>	<b>98.120</b>
<b>ESMAGAMENTO 1º SEMESTRE</b>	<b>20.350</b>
<b>RESERVA PARA SEMENTES</b>	<b>3.000</b>
<b>EXPORTAÇÕES 1º SEMESTRE</b>	<b>40.614</b>
<b>DEMANDA TOTAL 1º SEMESTRE (B)</b>	<b>63.964</b>
<b>SALDO 1º/07/2016 (A) - (B) = (C)</b>	<b>34.156</b>
<b>PROJEÇÕES PARA O 2º SEMESTRE</b>	
<b>ESMAGAMENTO 2º SEMESTRE</b>	<b>20.350</b>
<b>EXPORTAÇÕES 2º SEMESTRE</b>	<b>13.886</b>
<b>DEMANDA TOTAL 2º SEMESTRE (D)</b>	<b>34.236</b>
<b>SALDO 31/12/2016 (D) - (C)</b>	<b>-80</b>



**FARELO DE SOJA: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL EM MIL TONELADAS**

ANO SAFRA	ANO COMERCIAL	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO FARELO	IMPORTAÇÕES FARELO	CONSUMO INTERNO	VARIAÇÃO ANUAL (%)	EXPORTAÇÕES FARELO	ESTOQUE FINAL
80/81	81/82	537,1	10.898,8	0,0	2.168,8	-	8.828,0	439,1
81/82	82/83	439,1	10.055,1	0,0	2.329,2	7,4%	7.653,0	512,0
82/83	83/84	512,0	10.168,9	0,0	2.377,8	2,1%	7.994,0	309,1
83/84	84/85	309,1	9.888,4	0,0	2.099,5	-11,7%	7.687,0	411,0
84/85	85/86	411,0	10.881,5	0,0	2.285,4	8,9%	8.523,0	484,1
85/86	86/87	484,1	9.742,3	0,0	2.937,3	28,5%	6.932,0	357,1
86/87	87/88	357,1	10.917,8	0,0	2.922,8	-0,5%	8.056,0	296,1
87/88	88/89	296,1	10.804,0	0,0	2.387,1	-18,3%	8.416,0	297,0
88/89	89/90	297,0	12.666,0	0,0	2.779,0	16,4%	9.748,0	436,0
89/90	90/91	436,0	12.109,0	0,0	2.968,0	6,8%	8.892,0	685,0
90/91	91/92	685,0	10.267,0	0,0	3.276,0	10,4%	7.347,0	329,0
91/92	92/93	329,0	11.581,0	0,0	3.406,0	4,0%	8.178,0	326,0
92/93	93/94	326,0	13.150,0	0,0	3.740,0	9,8%	9.286,0	450,0
93/94	94/95	450,0	14.666,0	0,0	4.293,0	14,8%	10.356,0	467,0
94/95	95/96	467,0	16.946,0	0,0	5.329,0	24,1%	11.538,0	546,0
95/96	96/97	546,0	15.790,0	108,0	5.242,0	-1,6%	10.795,0	407,0
96/97	97/98	407,0	14.786,0	308,0	5.387,0	2,8%	9.754,0	360,0
97/98	98/99	360,0	17.135,0	135,0	6.434,0	19,4%	10.780,0	416,0
98/99	99/00	416,0	16.868,0	75,0	6.945,0	7,9%	9.977,0	437,0
99/00	00/01	437,0	16.831,0	119,0	7.066,0	1,7%	9.861,0	460,0
00/01	01/02	460,0	17.699,0	213,0	7.211,0	2,1%	10.803,0	358,0
01/02	02/03	970,0	20.040,0	372,0	7.569,0	5,0%	12.579,0	1.234,0
02/03	03/04	1.234,0	21.140,0	305,4	7.845,8	3,7%	13.386,6	1.447,1
03/04	04/05	1.183,3	22.065,4	187,8	8.228,0	4,9%	14.112,7	1.095,9
04/05	05/06	1.095,9	23.011,3	188,7	9.031,4	9,8%	13.980,3	1.284,1
05/06	06/07	1.284,1	21.695,9	180,9	9.986,8	10,6%	12.274,8	899,3
06/07	07/08	899,3	24.089,5	114,0	11.176,4	11,9%	12.726,6	1.199,7
07/08	08/09	1.199,7	24.501,7	126,8	11.930,3	6,7%	12.698,9	1.199,2
08/09	09/10	1.199,2	23.286,6	43,4	11.533,3	-3,3%	12.124,5	871,4
09/10	10/11	871,4	26.998,3	39,5	12.944,0	12,2%	13.849,2	1.115,9
10/11	11/12	1.115,9	28.321,9	25,3	13.758,4	6,3%	14.450,8	1.253,8
11/12	12/13	1.253,8	27.766,7	4,7	14.051,1	2,1%	13.884,9	1.089,2
12/13	13/14	1.089,2	27.621,0	4,0	14.350,0	2,1%	13.376,0	988,2
13/14	14/15	988,2	28.752,0	1,0	14.799,0	3,1%	13.817,0	1.125,2
14/15	15/16	1.125,2	30.765,0	1,0	16.017,0	8,2%	14.796,0	1.078,2
15/16	16/17	1.078,2	30.500,0	0,0	15.800,0	-1,4%	15.200,0	578,2

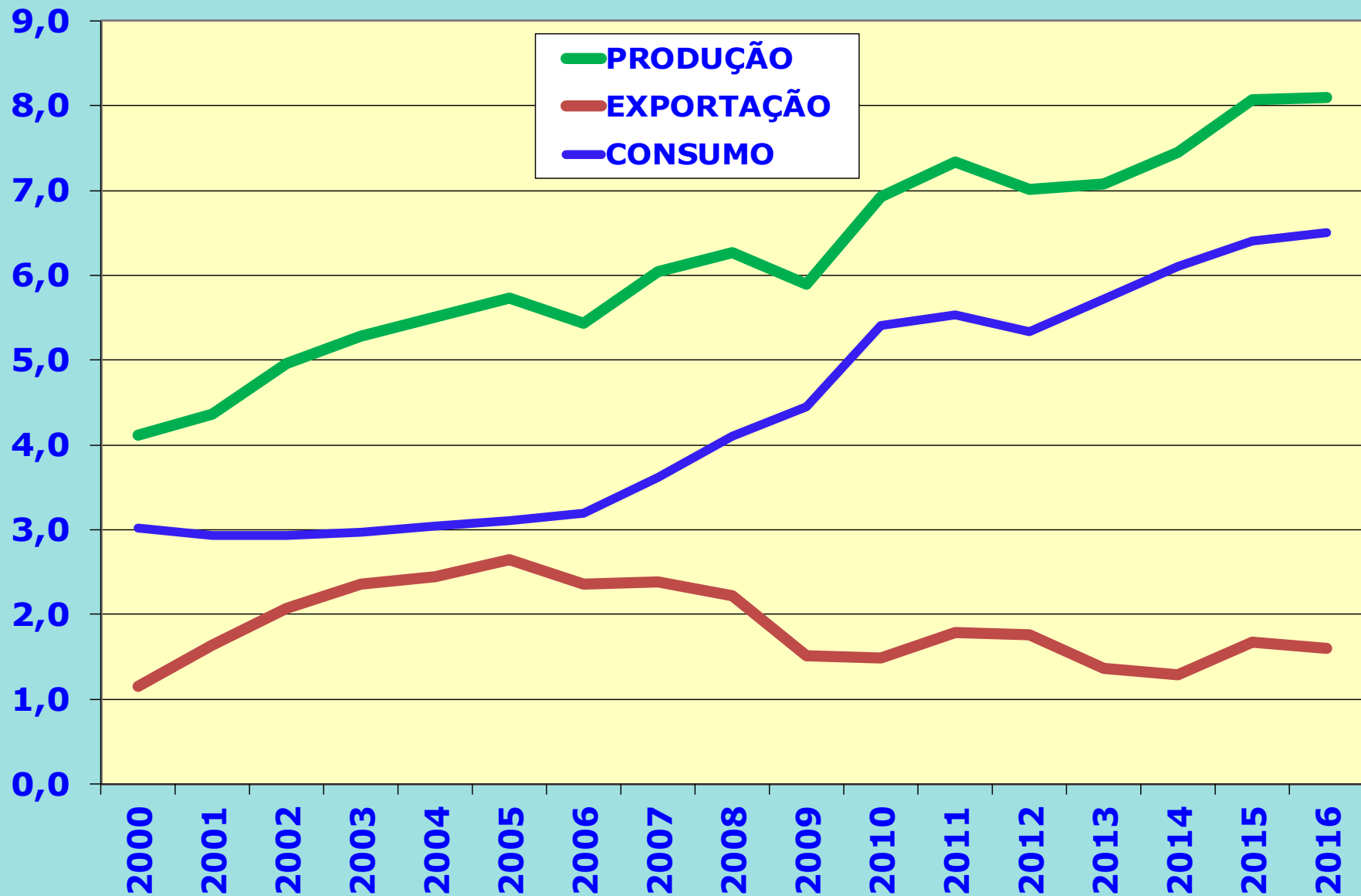
# FARELO DE SOJA: PRODUÇÃO, DEMANDA E EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS - MILHÕES T



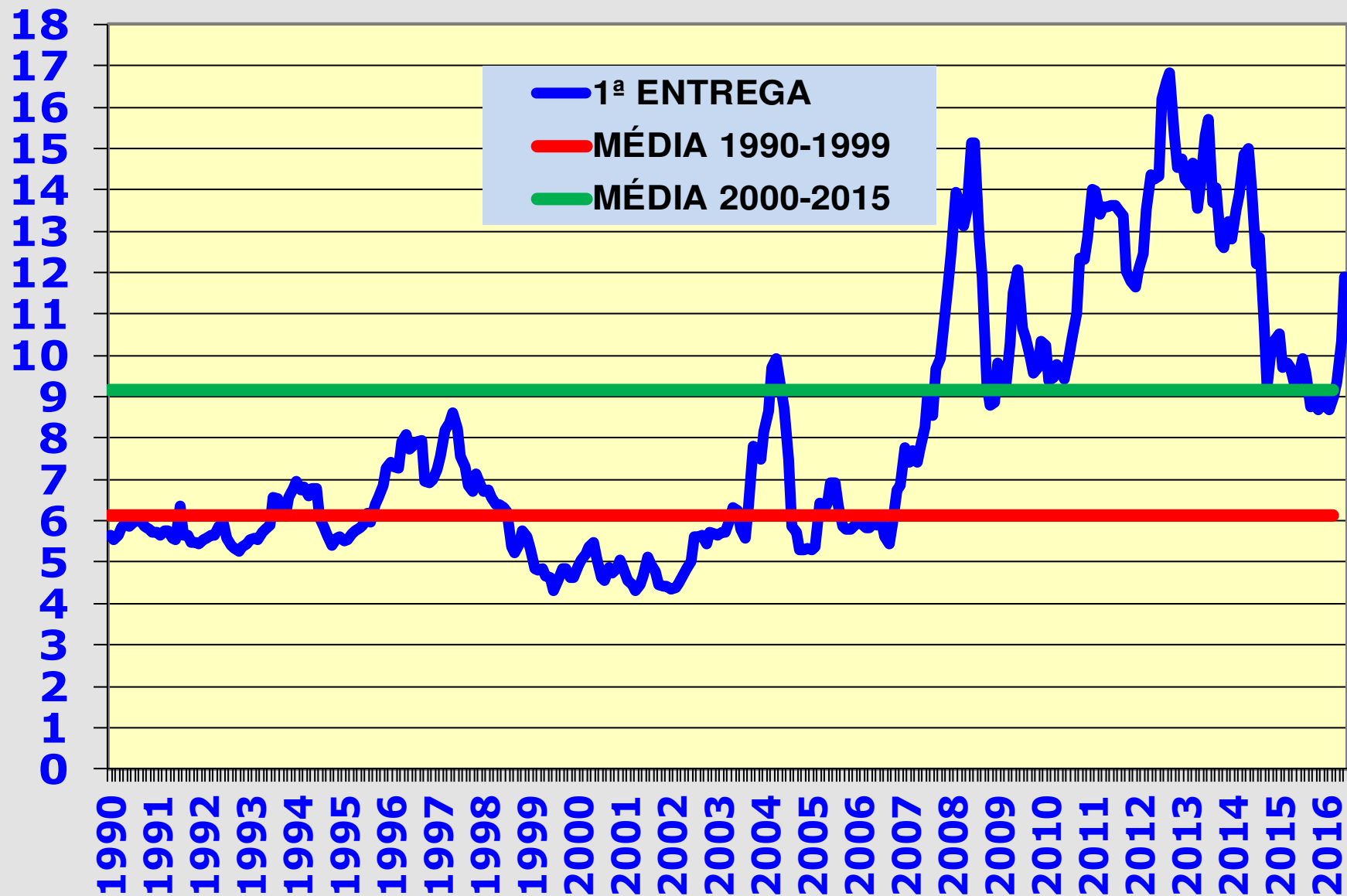
**ÓLEO DE SOJA: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL EM MIL TONELADAS**

ANO SAFRA	ANO COMERCIAL	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO ÓLEO	IMPORTAÇÕES ÓLEO	CONSUMO INTERNO	VARIAÇÃO ANUAL (%)	EXPORTAÇÕES ÓLEO	ESTOQUE FINAL
80/81	81/82	280,1	2.621,2	0,0	1.428,2		1.274,0	199,1
81/82	82/83	199,1	2.418,3	0,0	1.551,4	8,6%	846,0	220,0
82/83	83/84	220,0	2.446,0	34,0	1.579,9	1,8%	960,0	160,1
83/84	84/85	160,1	2.378,2	141,0	1.608,3	1,8%	914,0	157,0
84/85	85/86	157,0	2.617,1	46,0	1.704,0	6,0%	924,0	192,1
85/86	86/87	192,1	2.343,1	156,0	2.022,1	18,7%	439,0	230,1
86/87	87/88	230,1	2.625,8	59,0	1.839,8	-9,0%	986,0	89,1
87/88	88/89	89,1	2.598,4	55,0	1.955,5	6,3%	653,0	134,0
88/89	89/90	134,0	3.028,0	20,0	2.147,0	9,8%	920,0	115,0
89/90	90/91	115,0	2.917,0	9,0	2.021,0	-5,9%	883,0	137,0
90/91	91/92	137,0	2.464,0	46,0	2.102,0	4,0%	403,0	142,0
91/92	92/93	142,0	2.777,0	80,0	2.158,0	2,7%	703,0	138,0
92/93	93/94	138,0	3.174,0	93,0	2.315,0	7,3%	761,0	329,0
93/94	94/95	329,0	3.530,0	270,0	2.425,0	4,8%	1.538,0	166,0
94/95	95/96	166,0	4.074,0	218,0	2.579,0	6,4%	1.684,0	195,0
95/96	96/97	195,0	3.785,0	185,0	2.664,0	3,3%	1.337,0	164,0
96/97	97/98	164,0	3.559,0	154,0	2.682,0	0,7%	1.064,0	131,0
97/98	98/99	131,0	4.157,0	190,0	2.826,0	5,4%	1.444,0	208,0
98/99	99/00	208,0	4.142,0	133,0	2.820,0	-0,2%	1.468,0	195,0
99/00	00/01	195,0	4.111,0	111,0	3.015,0	6,9%	1.148,0	254,0
00/01	01/02	254,0	4.369,0	66,0	2.935,0	-2,7%	1.639,0	115,0
01/02	02/03	115,0	4.959,0	110,0	2.936,0	0,0%	2.076,0	172,0
02/03	03/04	345,0	5.286,0	36,4	2.971,4	1,2%	2.356,6	339,4
03/04	04/05	339,4	5.507,3	27,2	3.043,7	2,4%	2.448,0	382,2
04/05	05/06	382,2	5.735,6	3,2	3.110,6	2,2%	2.645,4	364,9
05/06	06/07	364,9	5.428,7	25,4	3.198,2	2,8%	2.359,8	261,0
06/07	07/08	261,0	6.044,8	83,5	3.617,0	13,1%	2.384,3	388,0
07/08	08/09	388,0	6.267,3	26,7	4.102,2	13,4%	2.221,7	358,1
08/09	09/10	358,1	5.896,0	27,4	4.454,1	8,6%	1.516,6	310,8
09/10	10/11	310,8	6.927,5	16,3	5.403,6	21,3%	1.490,2	360,8
10/11	11/12	360,8	7.340,5	0,0	5.528,0	2,3%	1.782,1	342,0
11/12	12/13	391,2	7.013,1	1,2	5.327,6	-3,6%	1.763,6	314,4
12/13	13/14	314,4	7.075,0	5,0	5.723,0	7,4%	1.362,5	308,9
13/14	14/15	308,9	7.443,0	0,0	6.109,0	6,7%	1.295,0	347,9
14/15	15/16	347,9	8.074,0	25,2	6.400,0	4,8%	1.669,9	377,2
15/16	16/17	377,2	8.100,0	40,0	6.500,0	1,6%	1.600,0	417,2

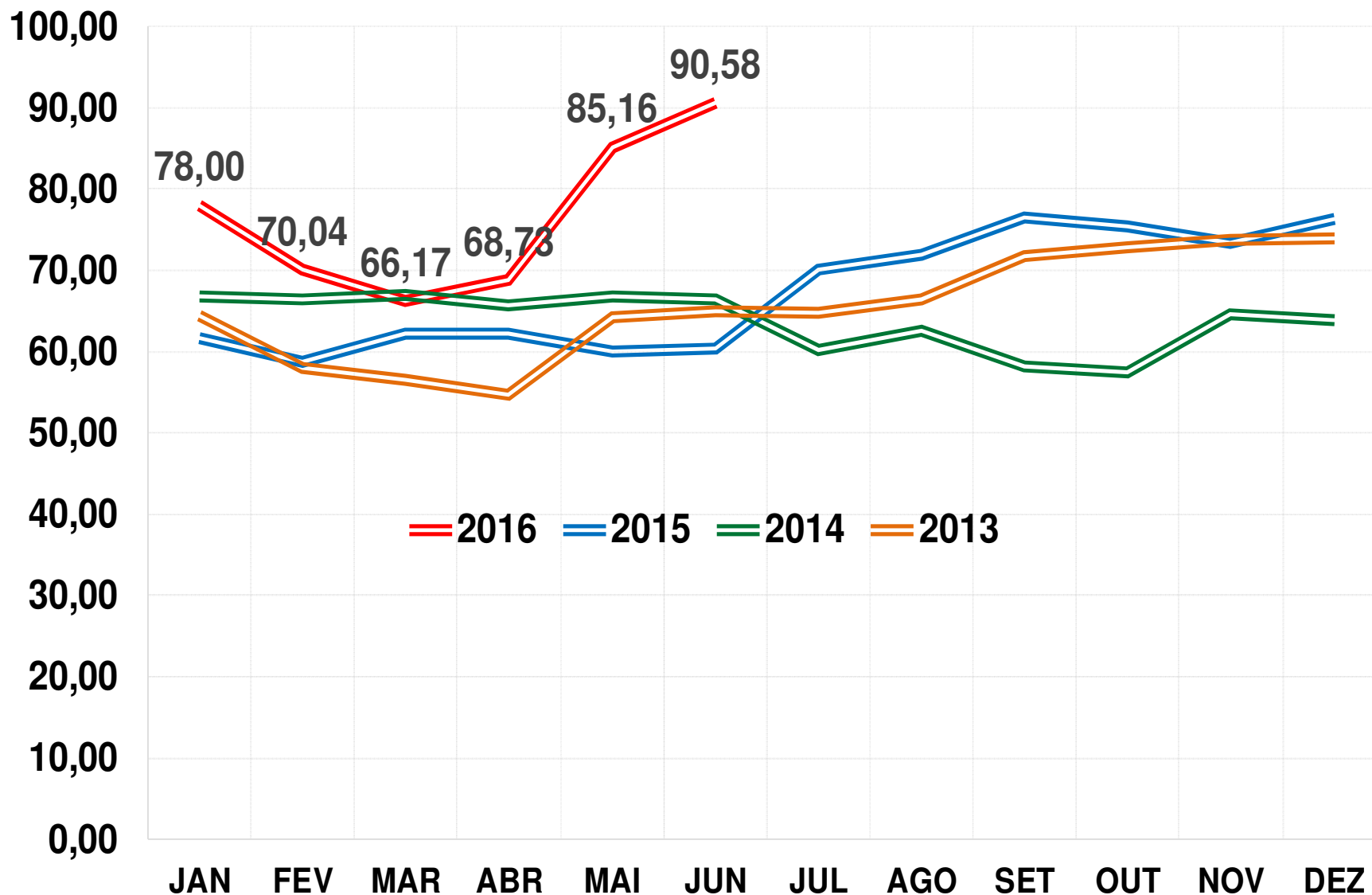
# ÓLEO DE SOJA: PRODUÇÃO, DEMANDA E EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS - MILHÕES T



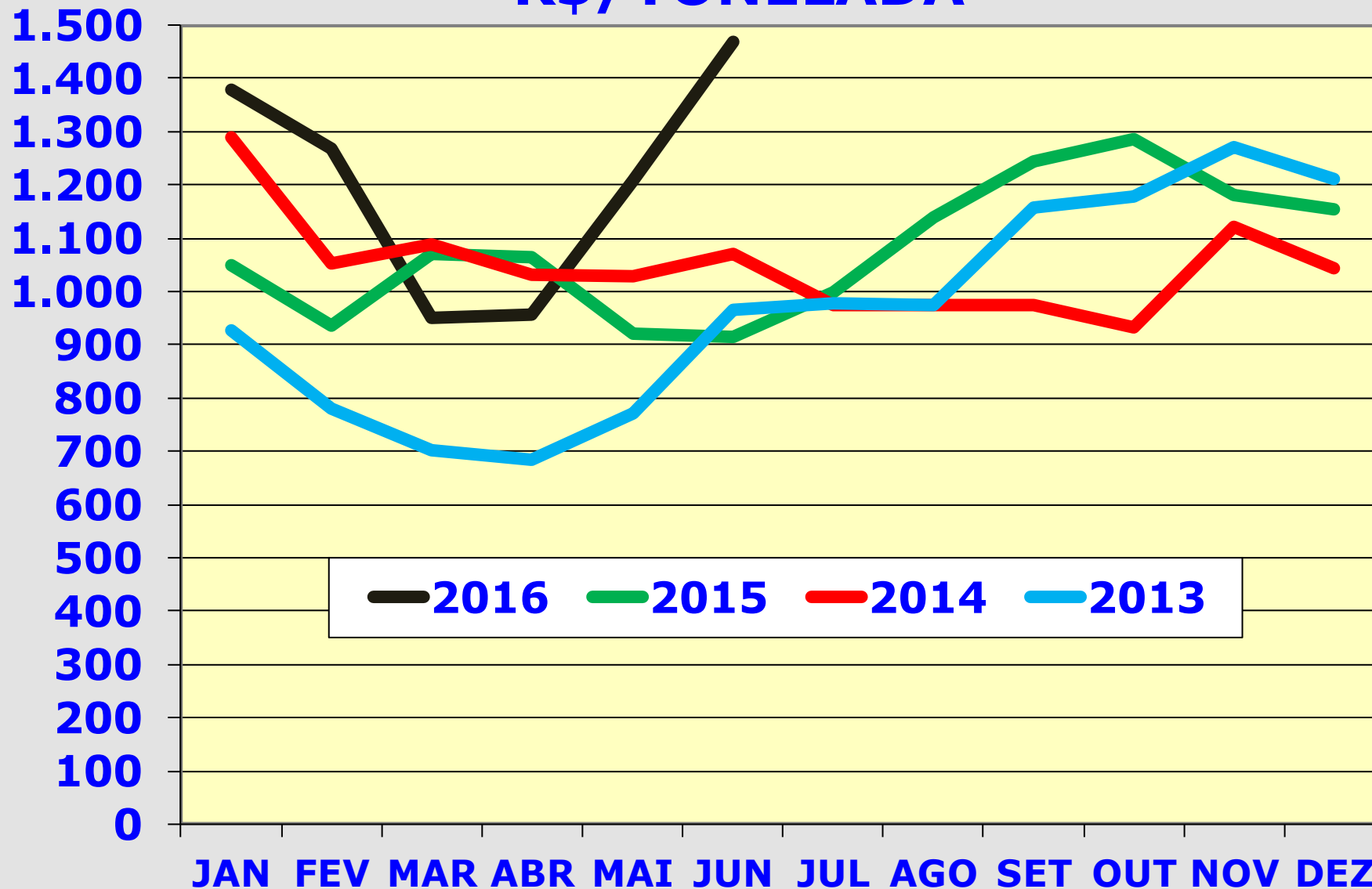
# SOJA GRÃO: COTAÇÕES NA BOLSA DE CHICAGO - 1990 A 2016 - US\$/BUSHEL



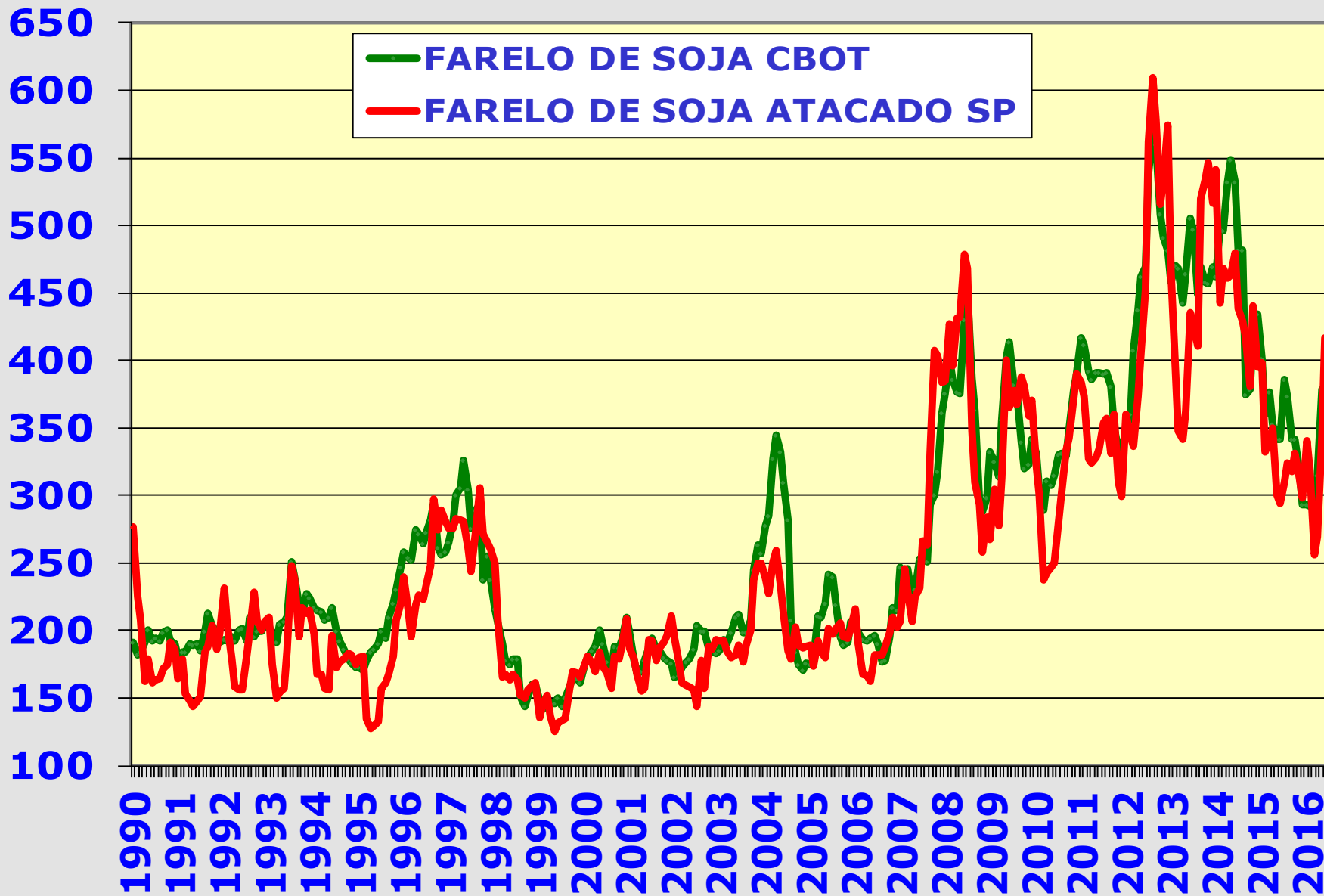
# SOJA GRÃOS: PREÇO AO PRODUTOR FOB PR R\$/SACA 60 KG - MERCADO DE LOTES



# FARELO DE SOJA: PREÇOS CIF SP R\$/TONELADA

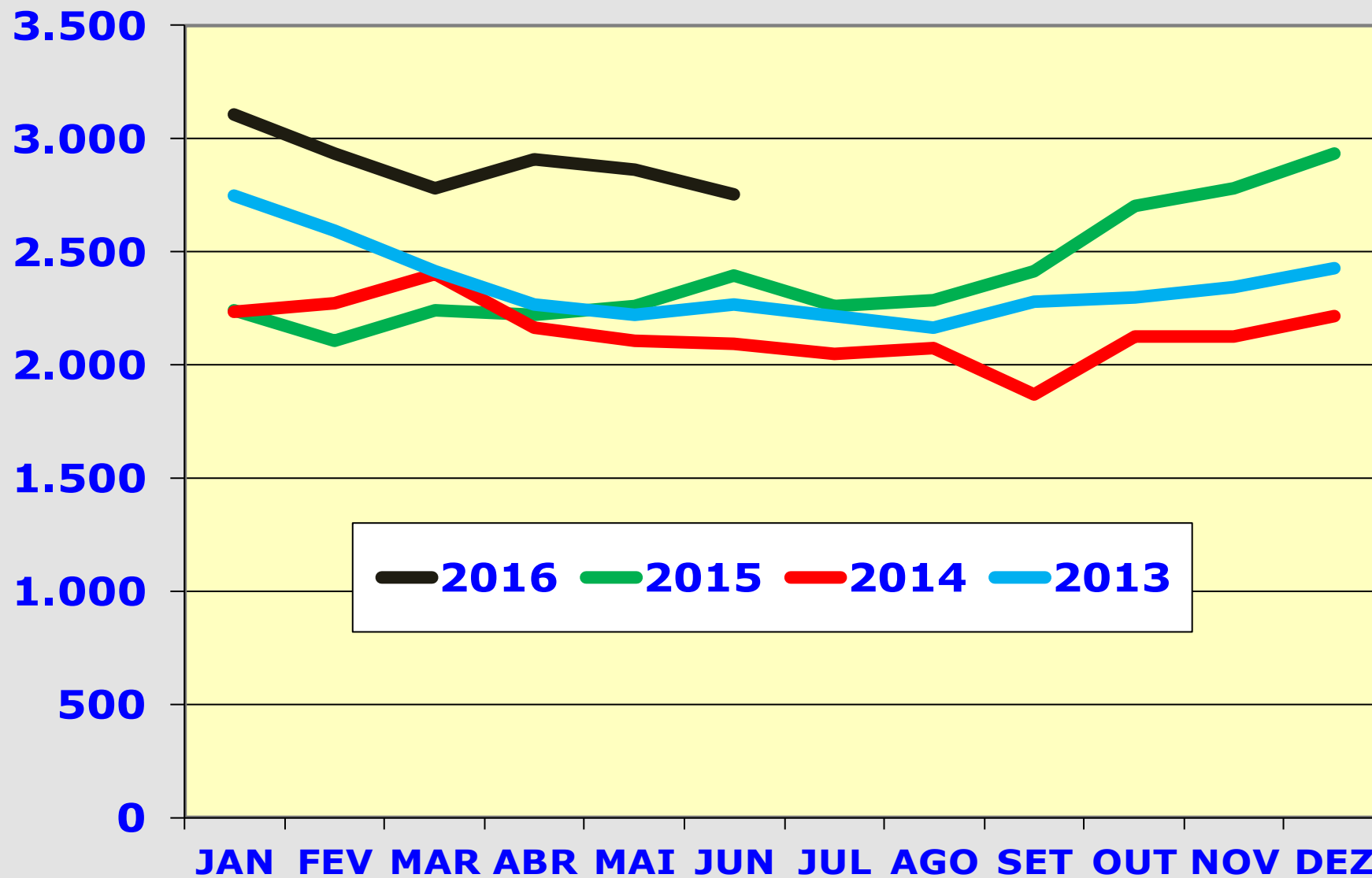


# FARELO DE SOJA CBOT x FARELO DE SOJA ATACADO SP - US\$/TONELADA

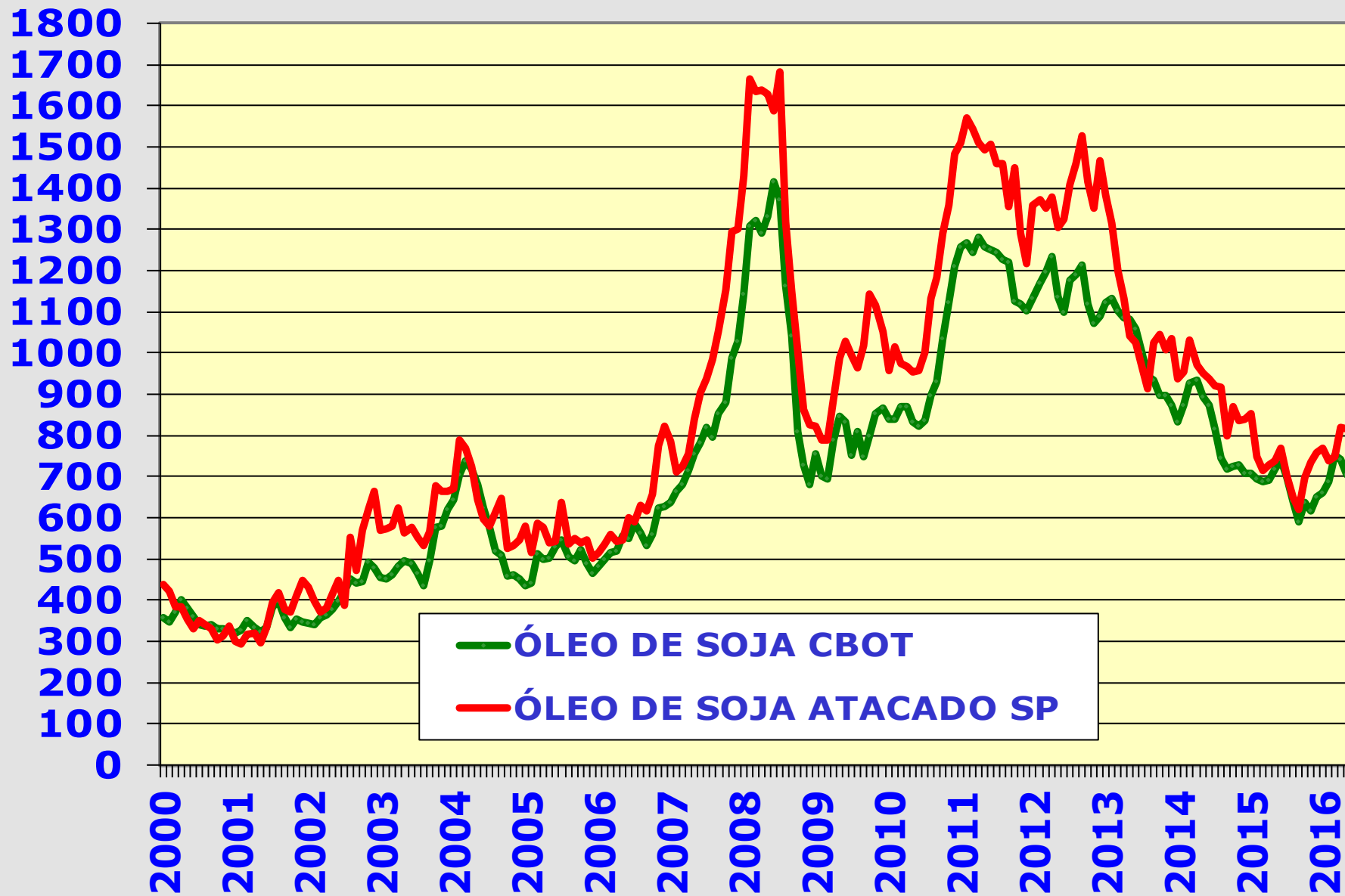




# ÓLEO DE SOJA: PREÇOS CIF SP R\$/TONELADA



# ÓLEO DE SOJA CBOT x ÓLEO DE SOJA ATACADO SP - US\$/TONELADA



## SOJA: CUSTOS DE PRODUÇÃO E MARGENS - SAFRA 2016/2017

ANO-SAFRA		2014/2015		2015/2016		2016/2017	
REGIÃO DE PRODUÇÃO		SU/SE	CERRADOS	SU/SE	CERRADOS	SU/SE	CERRADOS
ITEM	UNIDADE	PR/RS/MG	MT/GO/BA	PR/RS/MG	MT/GO/BA	PR/RS/MG	MT/GO/BA
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA OS CUSTOS	R\$/USD	2,28	2,28	3,22	3,22	3,63	3,63
SEMENTES GM + ROYALTIES	USD/HA	113,44	101,30	107,70	96,17	76,22	59,06
FERTILIZANTES	USD/HA	126,52	282,85	95,19	212,80	80,74	195,99
DEFENSIVOS	USD/HA	123,47	271,90	112,65	248,06	111,76	252,64
OUTROS	USD/HA	153,96	78,73	100,30	33,53	52,75	50,74
<b>CUSTEIO DA LAVOURA</b>	<b>USD/HA</b>	<b>517,39</b>	<b>734,78</b>	<b>415,84</b>	<b>590,56</b>	<b>321,47</b>	<b>558,43</b>
OUTRAS DESPESAS - SEGUROS, FRETES, ETC.	USD/HA	151,30	202,60	136,68	183,97	229,62	162,30
<b>CUSTO VARIÁVEL - DESEMBOLSADO (A)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>668,69</b>	<b>937,38</b>	<b>552,52</b>	<b>774,53</b>	<b>551,09</b>	<b>720,73</b>
<b>CUSTO VARIÁVEL - DESEMBOLSADO (A)</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>1.524,61</b>	<b>2.137,23</b>	<b>1.779,11</b>	<b>2.493,99</b>	<b>2.000,46</b>	<b>2.616,25</b>
OUTROS CUSTOS FIXOS E DEPRECIACÕES	USD/HA	106,96	32,44	88,98	27,56	97,50	22,70
CUSTO OPERACIONAL (B)	USD/HA	775,65	969,82	641,50	802,09	648,59	743,43
RENDIA DE FATORES	USD/HA	103,48	117,56	95,20	109,12	89,56	100,47
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO (C)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>879,13</b>	<b>1.087,38</b>	<b>736,70</b>	<b>911,21</b>	<b>738,15</b>	<b>843,90</b>
PRODUTIVIDADE MÉDIA	SACAS/HA	51,1	52,9	50,8	49,9	52,0	52,0
PRODUTIVIDADE MÉDIA	KG/HA	3.067	3.173	3.050	2.994	3.120	3.120
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO</b>	<b>USD/60 KG</b>	<b>17,20</b>	<b>20,56</b>	<b>14,49</b>	<b>18,26</b>	<b>14,20</b>	<b>16,23</b>
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>2.004,42</b>	<b>2.479,23</b>	<b>2.372,17</b>	<b>2.934,10</b>	<b>2.679,48</b>	<b>3.063,36</b>
PONTO DE EQUILÍBRIO	USD/BUSHEL	7,80	9,33	6,57	8,28	6,44	7,36
PREÇO MÉDIO PRODUTOR	USD/60 KG	22,45	19,33	19,64	16,61	22,30	20,99
MARGEM SOBRE O CUSTO	USD/60 KG	5,25	-1,23	5,15	-1,65	8,10	4,76
PROJEÇÃO PREÇO MÉDIO CBOT	USD/BUSHEL	10,00	10,00	9,00	9,00	11,00	11,00
PROJEÇÃO PREÇO MÉDIO CBOT	USD/60 KG	22,05	22,05	19,84	19,84	24,25	24,25
<b>RECEITA BRUTA (D)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>1.147,57</b>	<b>1.022,36</b>	<b>998,37</b>	<b>828,84</b>	<b>1.159,60</b>	<b>1.091,48</b>
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA COMERCIALIZAÇÃO	R\$/USD	3,00	3,00	3,83	3,83	3,81	3,81
<b>RECEITA BRUTA (D)</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>3.442,71</b>	<b>3.067,09</b>	<b>3.823,74</b>	<b>3.174,45</b>	<b>4.418,08</b>	<b>4.158,54</b>
<b>RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>268,44</b>	<b>-65,02</b>	<b>261,67</b>	<b>-82,37</b>	<b>421,45</b>	<b>247,58</b>
<b>RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>1.438,29</b>	<b>587,86</b>	<b>1.451,57</b>	<b>240,36</b>	<b>1.738,59</b>	<b>1.095,18</b>
MARGEM SOBRE O CUSTO	%	71,8%	23,7%	61,2%	8,2%	64,9%	35,8%
<b>MARGEM SOBRE O CUSTO</b>	<b>SACAS/HA</b>	<b>36,7</b>	<b>12,5</b>	<b>31,1</b>	<b>4,1</b>	<b>33,7</b>	<b>18,6</b>
<b>RECEITA LÍQUIDA S/C. DESEMBOLSADO (D) - (A)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>478,88</b>	<b>84,98</b>	<b>445,95</b>	<b>54,31</b>	<b>699,51</b>	<b>370,75</b>
EBITDA	R\$/HA	1.918,09	929,86	2.044,63	680,47	2.417,62	1.542,29
MARGEM EBITDA	%	55,7%	30,3%	53,5%	21,4%	54,7%	37,1%



**MILHO**

## **MILHO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- A tendência de baixa deve se acentuar sobre os preços do milho no mercado brasileiro, com o avanço da colheita da 2ª safra, aumento da oferta interna para fábricas e granjas, fraco ritmo de exportações nas últimas semanas e retração das indicações dos compradores.
- Os preços do milho registram quedas em muitas regiões, pressionados pela colheita da 2ª safra.
- As novas estimativas indicando menor produção brasileira na 2ª safra, no entanto, limitam as baixas internas.
- Por enquanto, o produtor vem ofertando o cereal, no intuito de aproveitar os elevados patamares, enquanto os compradores resistem em aumentar ainda mais os valores de aquisição.
- No mercado spot, considerando-se o preço médio das regiões, houve queda de 0,6% no mercado de balcão (preço recebido pelo produtor) e de 0,8% no de lotes (negociação entre empresas) nos últimos sete dias.
- O Indicador ESALQ/BM&F, região de Campinas (SP), caiu para R\$ 53,56 por saca de 60 Kg, leve queda de 0,7% em sete dias.

## **MILHO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- Apesar de a colheita da 2ª safra de milho ainda estar no início, as cotações vêm caindo no mercado atacadista de várias regiões.
- As quedas mais intensas foram verificadas no Paraná e em Mato Grosso.
- Caso o clima favoreça, os trabalhos de campo devem ser intensificados.
- Alguns produtores seguem colhendo o milho com umidade acima do ideal, visando aproveitar o atual patamar de preços para comercializar a parcela da produção ainda não vendida antecipadamente.
- O Brasil deve colher 50,8 milhões de toneladas na 2ª safra, 7% abaixo da temporada anterior – a estimativa inicial era de uma produção recorde de 58,8 milhões de toneladas.
- A queda na produção nacional só não é maior porque a oferta do Paraná deve superar em 15,6% a da safra passada.
- Já o Centro-Oeste deve registrar diminuição de 13% na produção, pressionada especialmente por Goiás, onde a queda deve ser de 25%.
- No Sudeste, a diminuição na produção deve ser de 23,8%; no Nordeste, de 15,7%; e, no Norte, de expressivos 35,1%.

## **MILHO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- A safra de verão (1ª safra) está estimada em 26,2 milhões de toneladas, a menor em 18 anos.
- No agregado das duas safras (verão + inverno), a produção nacional será a menor em quatro anos, somando 77 milhões de toneladas.
- Além da queda na produção da 2ª safra, a menor oferta agregada está atrelada à diminuição na área da temporada de verão.
- Diante do elevado patamar de preço interno, o consumo interno deve crescer apenas 0,7%, para 56,5 milhões de toneladas.
- Além disso, como os preços domésticos estão bem mais atrativos para vendedores frente às exportações, a estimativa é de queda dos embarques para o período de fevereiro/2016 a janeiro/2017.
- As exportações devem totalizar, no máximo, 28 milhões de toneladas, abaixo das 30,172 milhões de toneladas da safra passada.
- Para atender a demanda interna, havia expectativa de crescimento das importações, mas, apesar da redução de impostos para compras de fora do Mercosul, o Brasil segue adquirindo apenas pequenas quantidades, especialmente da Argentina e do Paraguai.

## **MILHO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- Segundo a Secex, 134,6 mil toneladas foram importadas em maio, quantidade 27% superior à do mês anterior.
- De qualquer forma, o Brasil importou de janeiro a maio mais milho do que nos 12 meses de 2015, em um total de 378,2 mil toneladas.
- Em todo ao de 2015, o volume havia sido de 369,5 mil toneladas.
- A Argentina é o principal fornecedor do grão neste ano, com 202 mil toneladas, seguida do Paraguai, com 176,2 mil toneladas.
- Os Estados Unidos praticamente não enviaram milho para o Brasil, com apenas toneladas em janeiro.
- De lá para cá nada veio do país, apesar de o governo brasileiro ter isentado, em abril, as compras de milho de fora do Mercosul da Tarifa Externa Comum (TEC) de 8%.
- O valor médio pago pelos brasileiros pela tonelada de milho estrangeiro vem aumentando nos últimos meses.
- Em maio, o cereal chegou ao Brasil ao preço médio de US\$ 166,70 por tonelada, ante US\$ 155,42 em abril e US\$ 152,12 em março.



## **MILHO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- Há dificuldade da Argentina de atender à demanda brasileira no período necessário, pois um contrato de entrega do produto nos portos brasileiros tem um prazo mínimo de dois meses, o que não resolve o problema de abastecimento, mesmo que a paridade de importação dê suporte a esta operação.
- Na BM&F, o contrato Julho/2016 se valorizou 0,8% em sete dias, para R\$ 46,92 por saca de 60 Kg.
- Entre os demais contratos do segundo semestre, Setembro/2016 e Novembro/2016 estão cotados a R\$ 43,25 e R\$ 44,40 por saca de 60 Kg, respectivamente, com valorizações de 1,1% e 0,3%, respectivamente, no mesmo período.
- Na Bolsa de Chicago, os contratos de milho seguem em alta, influenciados pela expectativa de clima adverso na região do Meio Oeste dos Estados Unidos, o que poderia reduzir a produção do cereal norte americano.
- O contrato Julho/2016 teve valorização de 2,7% em sete dias, para US\$ 4,34/bushel, com alta acumulada de 22,9% em 2016.

## **MILHO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- Com o consumo interno enfraquecido pela forte alta dos preços neste primeiro semestre de 2016, a projeção é de uma expansão de apenas 0,7% na demanda doméstica, para 56,524 milhões de toneladas.
- Com as quebras acentuadas na 2ª safra e a redução do ritmo de embarques esperada para os próximos meses, as exportações brasileiras devem recuar em 2015/2016.
- A estimativa da nossa Consultoria é de exportações de 28,0 milhões de toneladas, 7,2% abaixo do recorde de 30,172 milhões de toneladas embarcadas na safra passada.
- Os estoques iniciais de 10,506 milhões de toneladas somados à produção estimada em 77,040 milhões de toneladas, mais importações de 1,5 milhão de toneladas, somariam uma oferta total de 89,047 milhões de toneladas, 8% abaixo da safra passada.
- Portanto, se as exportações brasileiras atingirem o volume estimado pela nossa Consultoria, os estoques finais no Brasil em 2015/2016 cairiam para 4,522 milhões de toneladas, o menor volume dos últimos cinco anos, sendo equivalente a 29 dias de consumo doméstico.

## **MILHO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- O volume de importações poderá crescer no final do segundo semestre deste ano, especialmente de produto oriundo da Argentina, que lidera as vendas ao Brasil entre janeiro e maio deste ano.
- O Conselho Interministerial de Estoques Públicos de Alimentos (Ciep) autorizou a venda de 500 mil toneladas de milho, com o objetivo de abastecer agroindústrias de suínos e aves e produtores de leite.
- O grão está armazenado principalmente em Mato Grosso, e deve ser enviado para regiões que registram escassez, no Sul e Nordeste.
- No início do ano, o Ciep havia autorizado a venda de 500 mil toneladas do cereal, que foram vendidas pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) em leilões realizados desde fevereiro.
- Os estoques de milho atualmente somam 895,5 mil toneladas.
- De janeiro e maio, as exportações atingiram 12,251 milhões de toneladas, com incremento de 137% sobre o mesmo período de 2015.
- Considerando o ano-safra 2015/2016 (fevereiro/16 a janeiro/17), as exportações atingiram 7,792 milhões de toneladas de fevereiro a maio, com incremento de 234% sobre o mesmo período de 2015.

## **MILHO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- De acordo com dados do relatório mensal de oferta e demanda de Junho/2016, divulgado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), foi reduzida a estimativa de estoque final da safra de milho 2016/2017 dos Estados Unidos para 51,0 milhões de toneladas, 6,7% abaixo do volume projetado no mês anterior.
- O USDA elevou a projeção de exportações em 2016/2017 para 49,53 milhões de toneladas, contra 48,26 milhões de toneladas em maio.
- A projeção de safra 2016/2017, em fase de plantio foi mantida em um recorde de 366,5 milhões de toneladas.
- O USDA manteve a previsão de uso de milho para etanol em 2015/2016 em 133,35 milhões de toneladas e estima demanda de 134,62 milhões de toneladas em 2016/2017.
- De acordo com o relatório, a safra global de milho 2016/2017 está estimada em 1,011 bilhão de toneladas, abaixo do consumo mundial, projetado em 1,013 bilhão de toneladas.
- Os estoques finais mundiais de 2016/2017 devem recuar 0,6%, para 205,1 milhões de toneladas, contra 206,4 milhões em 2015/2016.

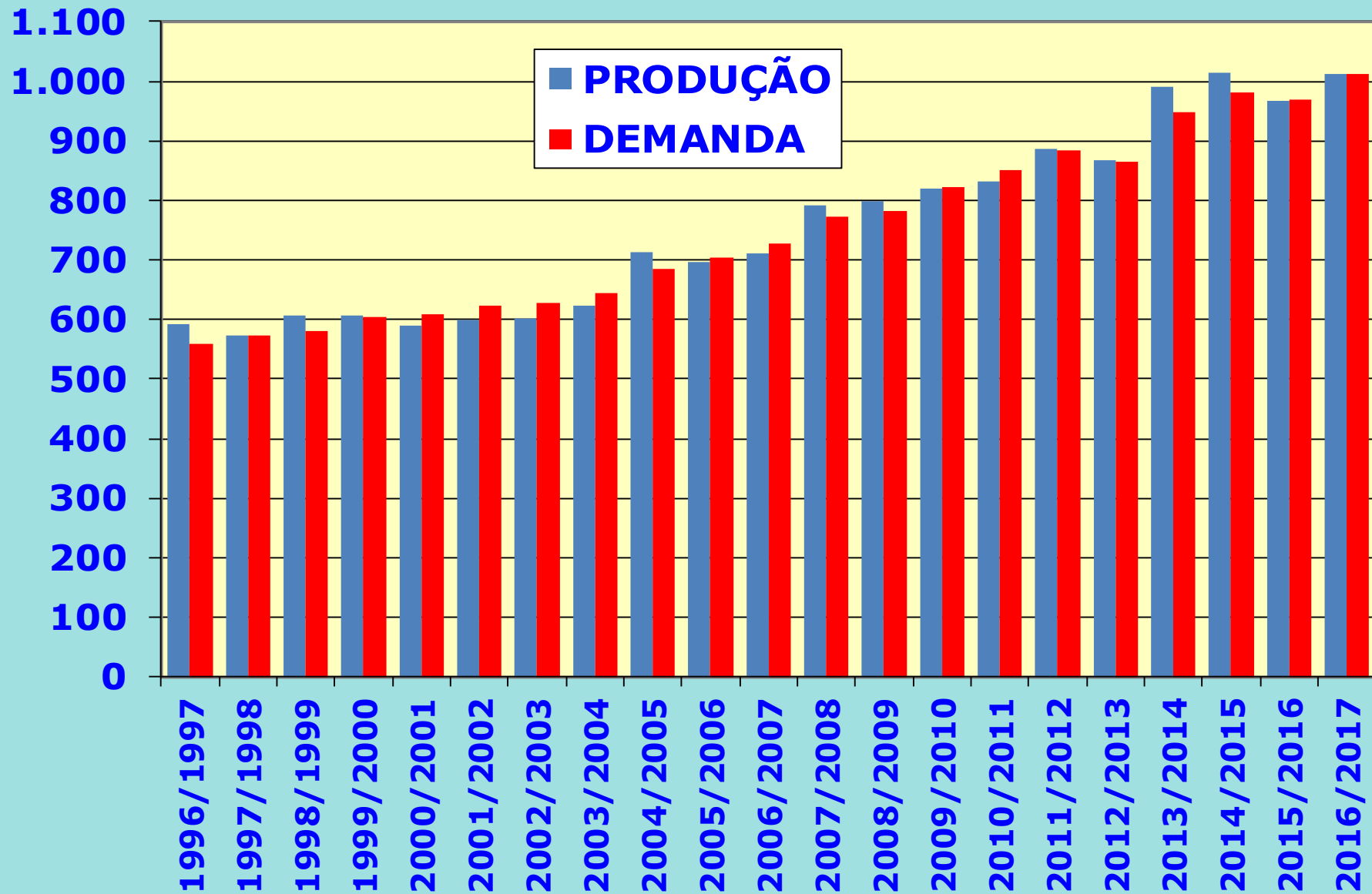
## MILHO: OFERTA E DEMANDA MUNDIAL - EM MILHÕES DE TONELADAS

ANO-SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO MUNDIAL	COMÉRCIO MUNDIAL	OFERTA TOTAL	DEMANDA MUNDIAL	ESTOQUE FINAL	ESTOQUE/ CONSUMO
1989/1990	151,5	459,1	74,4	610,6	475,8	134,8	28,3%
1990/1991	134,8	476,4	58,8	611,2	468,7	142,5	30,4%
1991/1992	142,5	487,5	63,5	630,0	486,5	143,5	29,5%
1992/1993	143,5	538,8	62,2	682,3	513,1	169,2	33,0%
1993/1994	169,2	476,1	58,8	645,3	509,6	135,7	26,6%
1994/1995	135,7	559,0	66,1	694,7	535,5	159,2	29,7%
1995/1996	159,2	515,9	70,3	675,0	536,3	138,7	25,9%
1996/1997	138,7	592,7	65,5	731,4	560,1	171,3	30,6%
1997/1998	171,3	574,1	63,3	745,4	573,7	171,7	29,9%
1998/1999	171,7	605,4	66,9	777,1	581,5	195,7	33,6%
1999/2000	195,7	606,8	76,9	802,5	604,6	197,9	32,7%
2000/2001	197,9	589,5	77,2	787,4	609,3	178,1	29,2%
2001/2002	178,1	598,9	76,3	777,0	622,4	154,6	24,8%
2002/2003	154,6	601,9	78,2	756,5	627,4	129,1	20,6%
2003/2004	129,1	623,0	77,3	752,2	645,0	107,2	16,6%
2004/2005	107,2	712,2	78,2	819,4	685,1	134,3	19,6%
2005/2006	134,3	696,9	80,9	831,2	703,9	127,3	18,1%
2006/2007	127,3	711,1	93,8	838,3	727,0	111,4	15,3%
2007/2008	111,4	792,4	98,6	903,8	772,0	131,9	17,1%
2008/2009	131,9	798,8	84,5	930,7	782,0	148,6	19,0%
2009/2010	148,6	819,4	96,8	968,0	822,8	145,2	17,6%
2010/2011	145,2	832,5	91,5	977,7	850,3	127,4	15,0%
2011/2012	127,4	886,6	117,0	1.014,0	883,2	130,8	14,8%
2012/2013	130,8	868,0	95,2	998,8	864,7	134,1	15,5%
2013/2014	134,1	990,5	131,1	1.124,5	948,9	175,7	18,5%
2014/2015	175,7	1.013,5	141,7	1.189,1	980,8	208,4	21,2%
2015/2016	208,4	966,4	120,6	1.174,7	968,3	206,4	21,3%
2016/2017	206,4	1.011,8	133,1	1.218,2	1.013,1	205,1	20,2%
VAR. 2015-2016/2014-2015	18,6%	-4,6%	-14,9%	-1,2%	-1,3%	-0,9%	
VAR. 2016-2017/2015-2016	-0,9%	4,7%	10,4%	3,7%	4,6%	-0,6%	

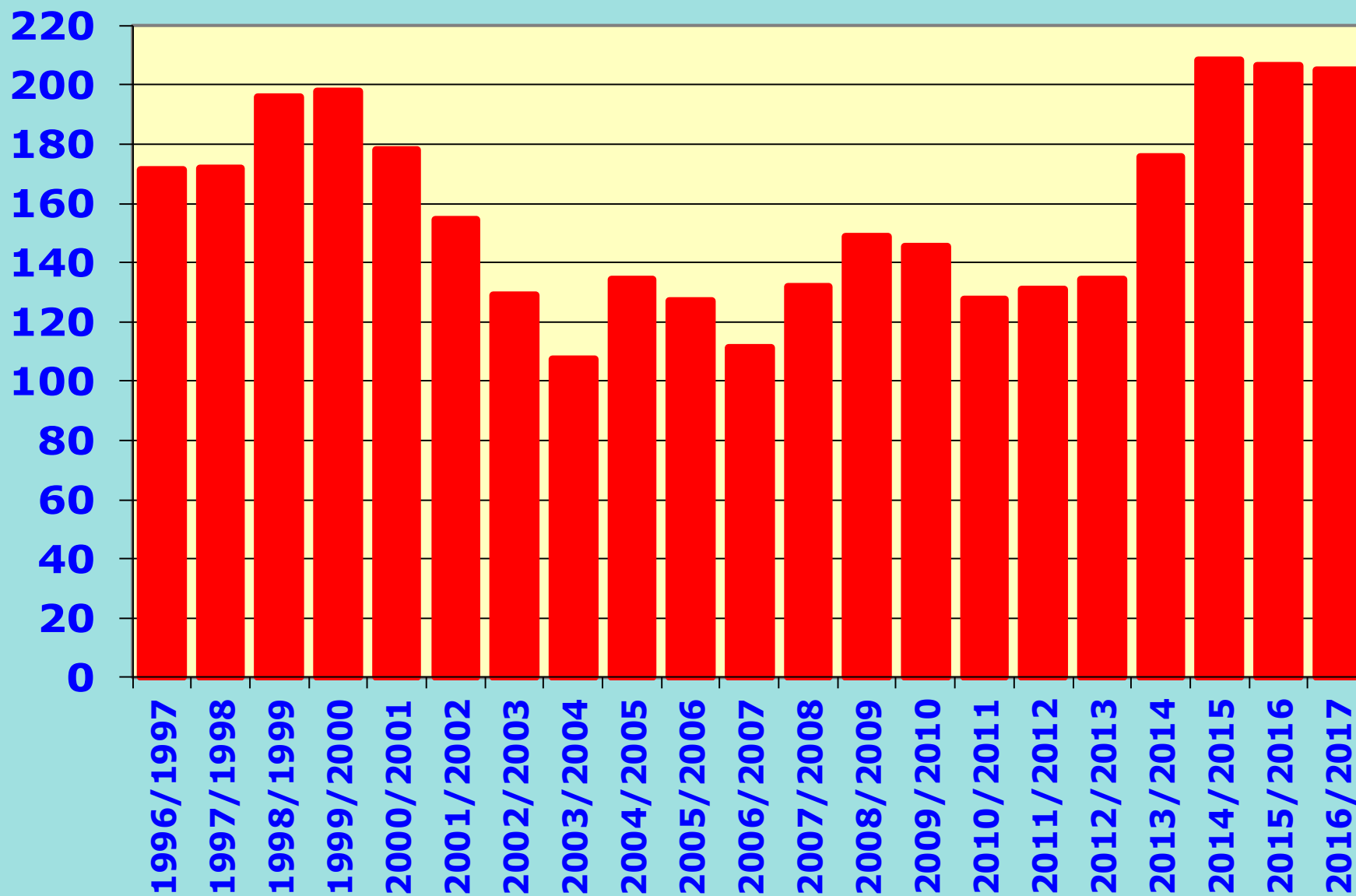
Fonte: USDA JUNHO/2016

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

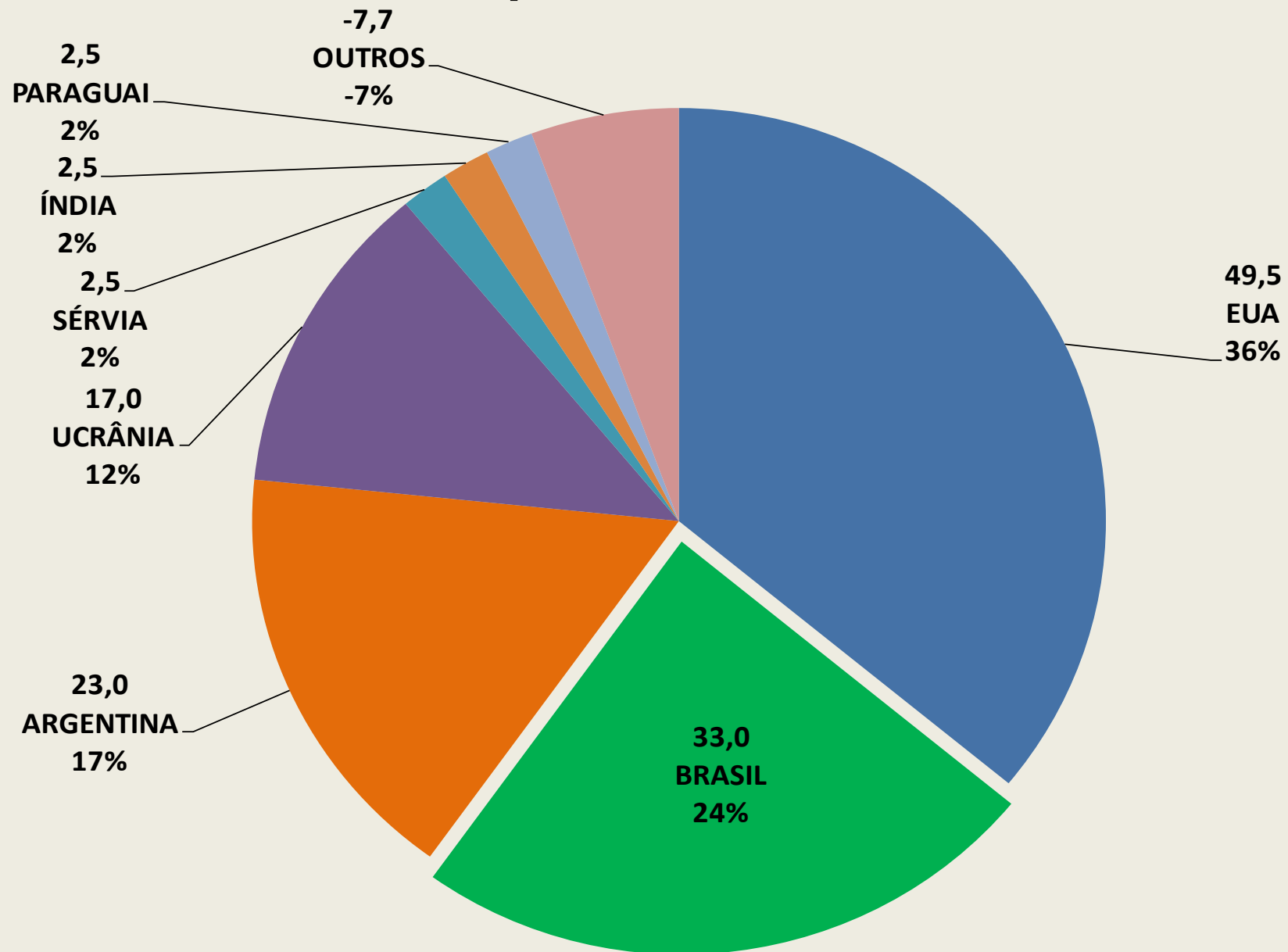
# MILHO: PRODUÇÃO E DEMANDA MUNDIAL EM MILHÕES DE TONELADAS



## MILHO: ESTOQUES DE PASSAGEM MUNDIAIS EM MILHÕES DE TONELADAS

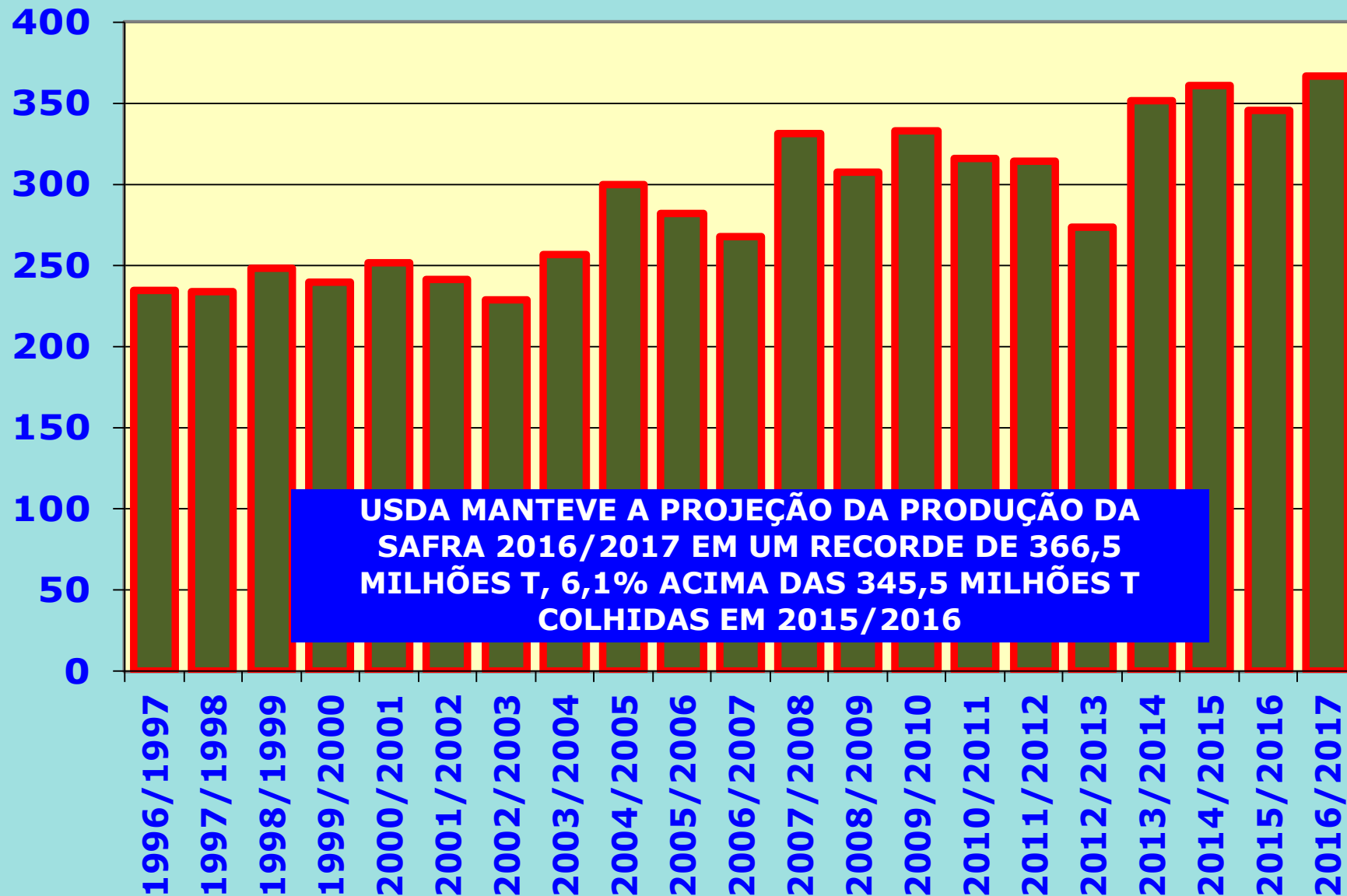


# MILHO: PRINCIPAIS EXPORTADORES MUNDIAIS 2016/2017 - MILHÕES T E %



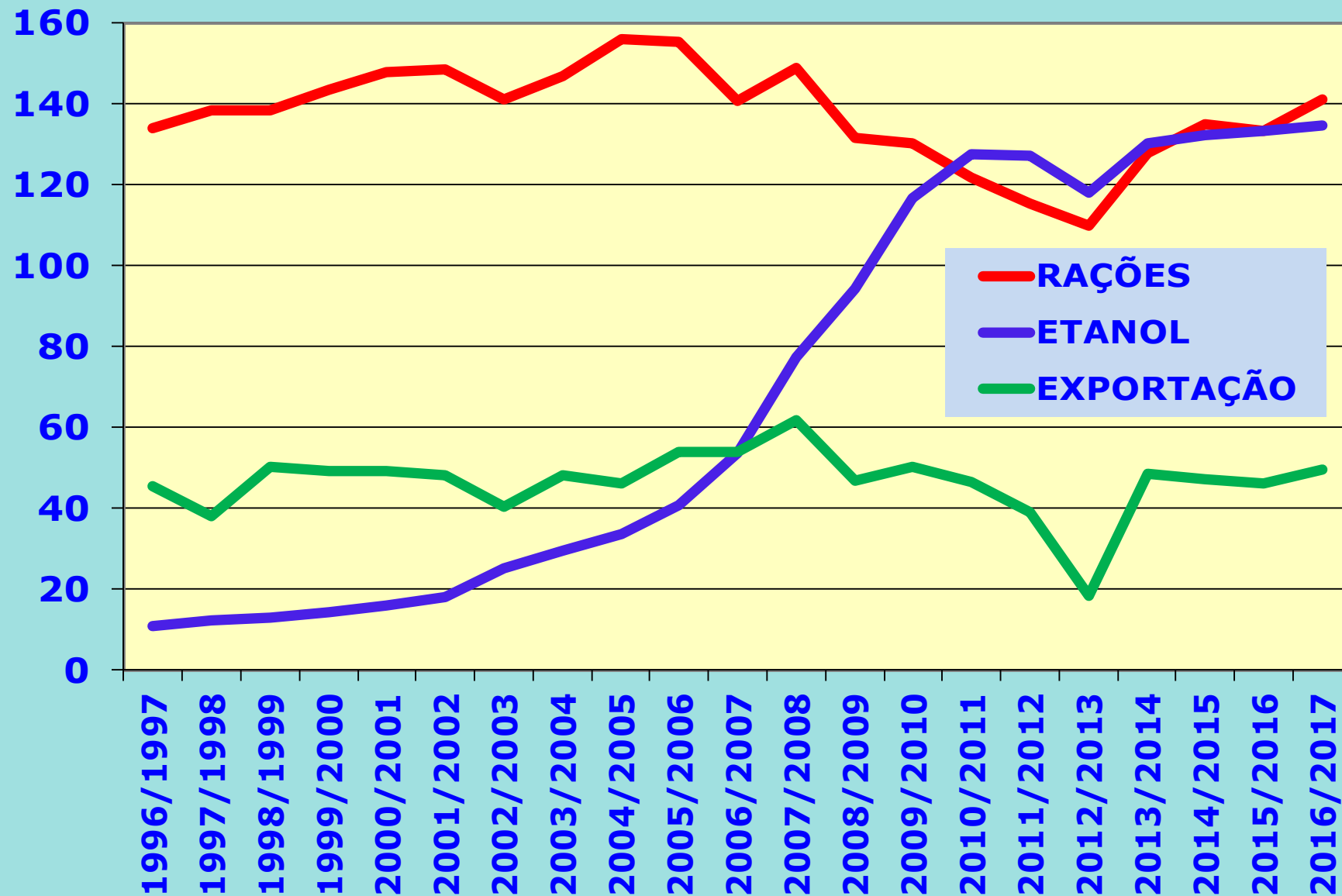


# EUA: PRODUÇÃO DE MILHO EM MILHÕES DE TONELADAS

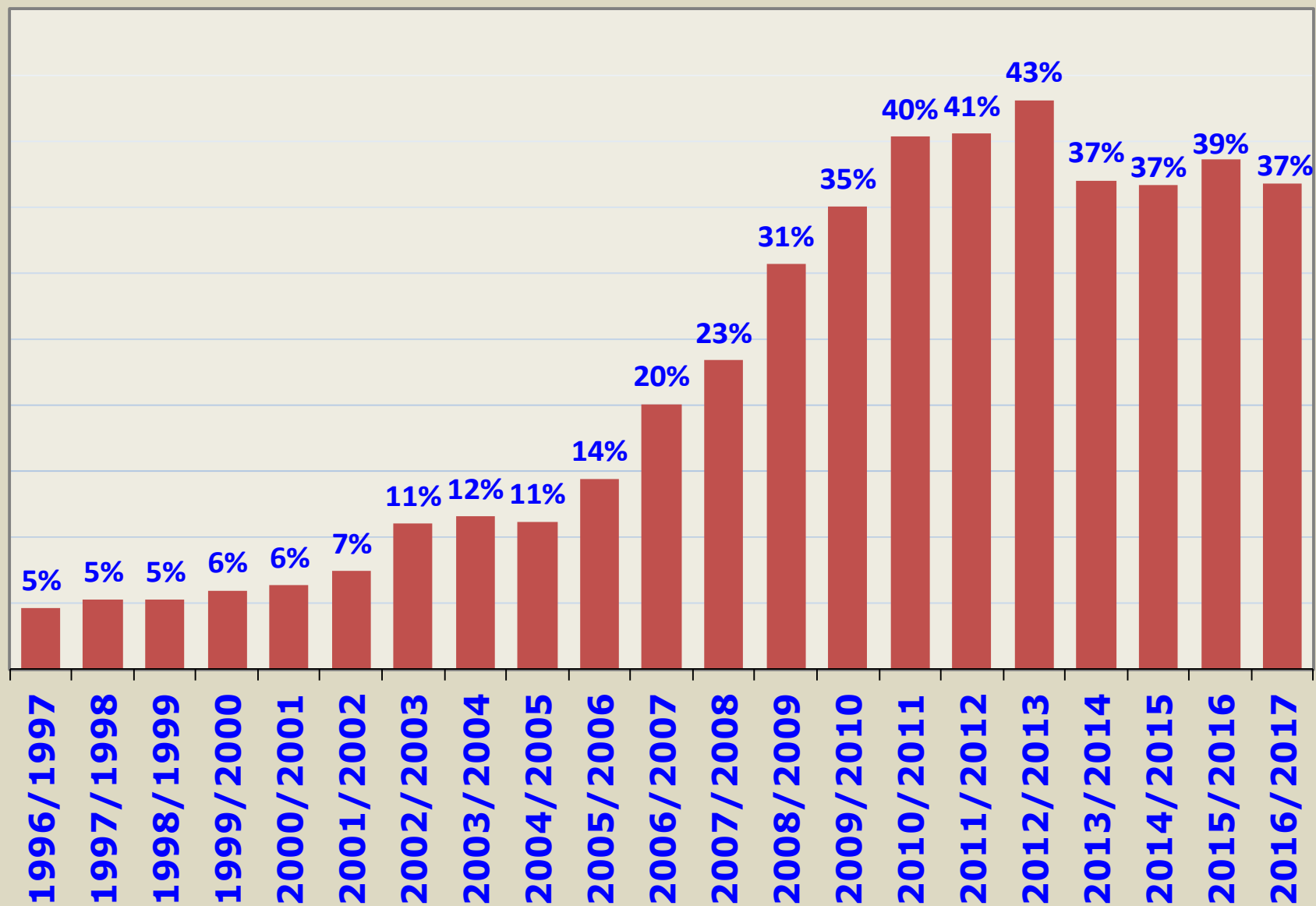


**USDA MANTEVE A PROJEÇÃO DA PRODUÇÃO DA SAFRA 2016/2017 EM UM RECORDE DE 366,5 MILHÕES T, 6,1% ACIMA DAS 345,5 MILHÕES T COLHIDAS EM 2015/2016**

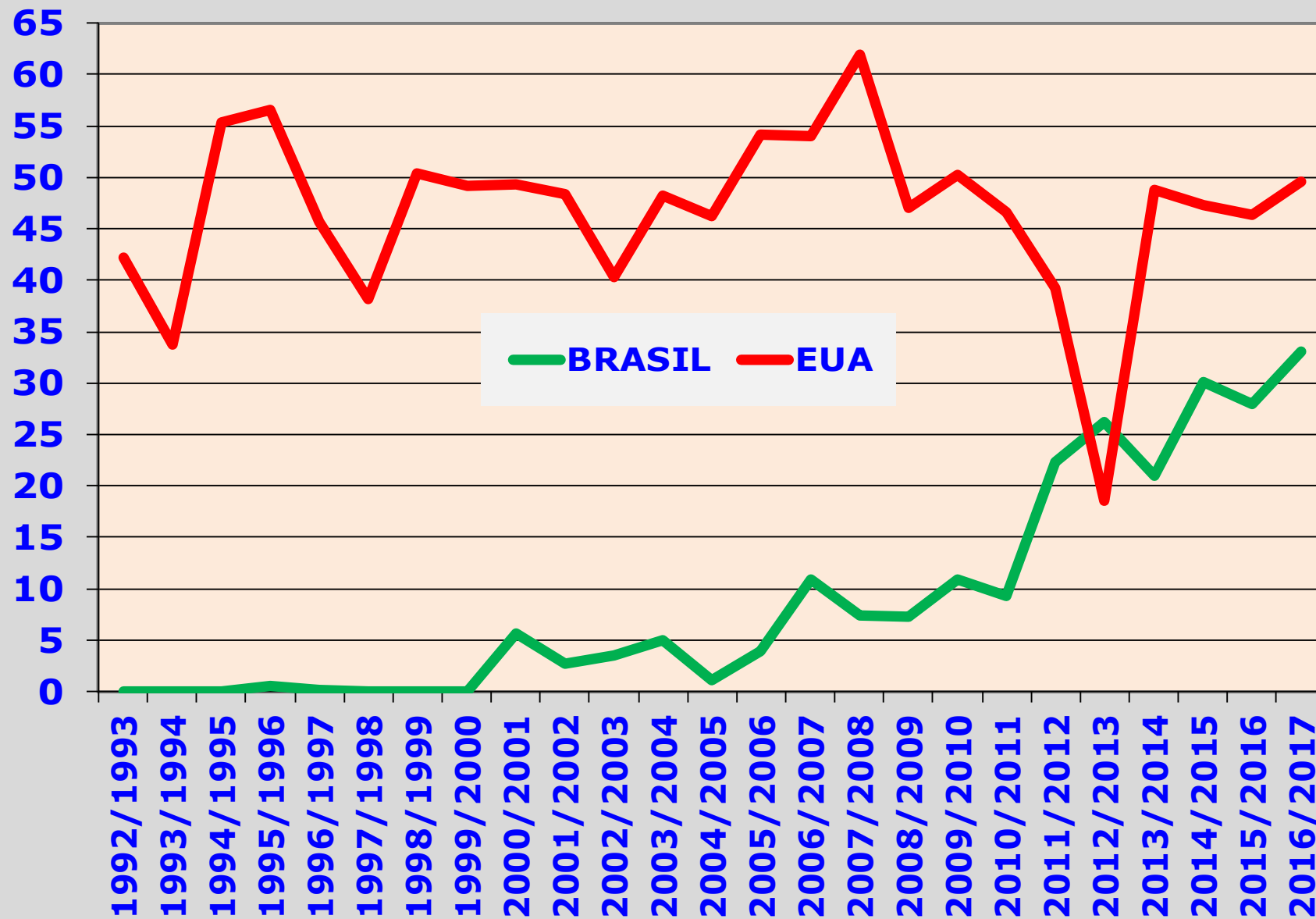
# EUA: DESTINAÇÃO DA PRODUÇÃO DE MILHO - MILHÕES DE TONELADAS



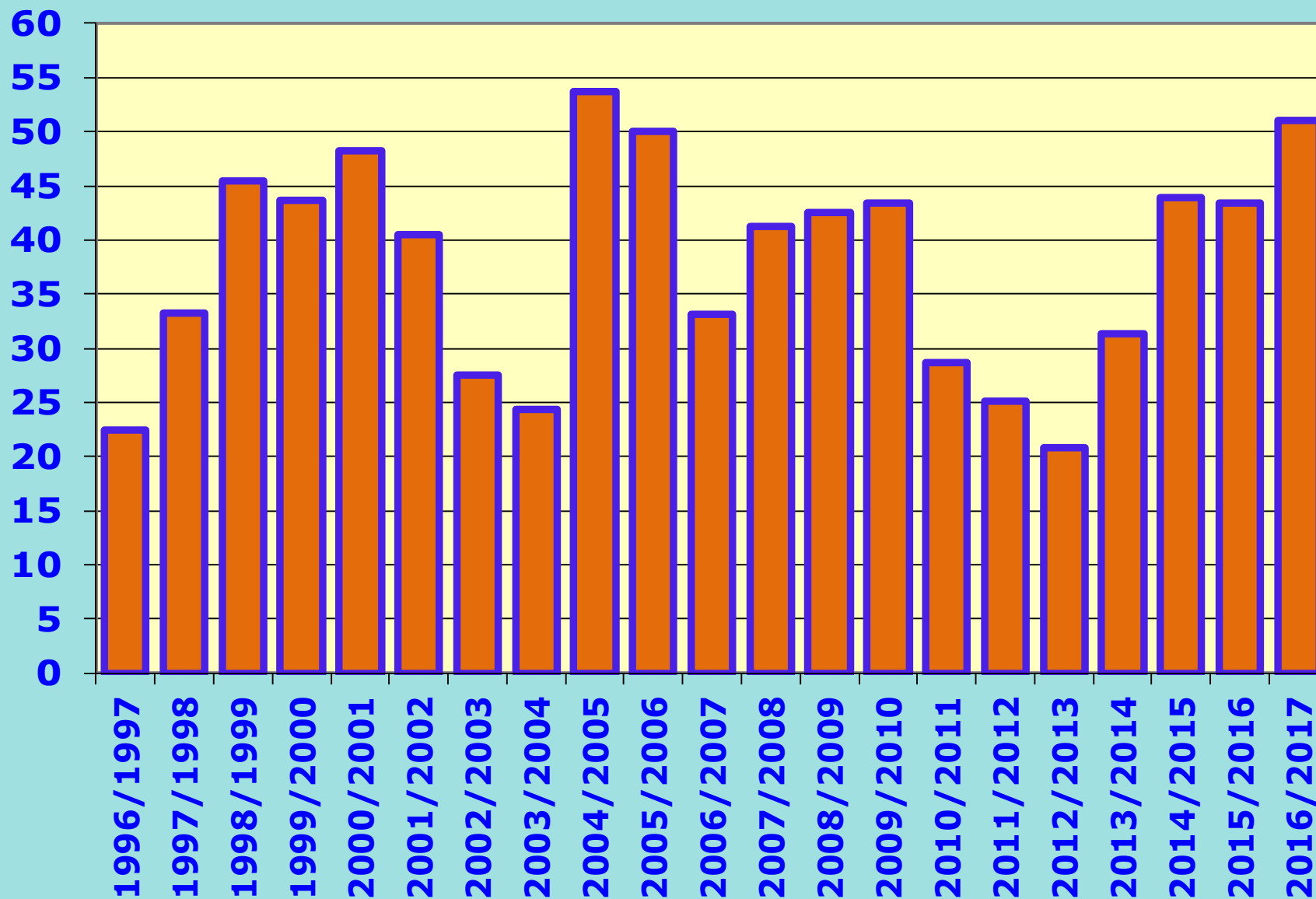
## EUA: PARTICIPAÇÃO DA DEMANDA DE ETANOL NA PRODUÇÃO DE MILHO (%)



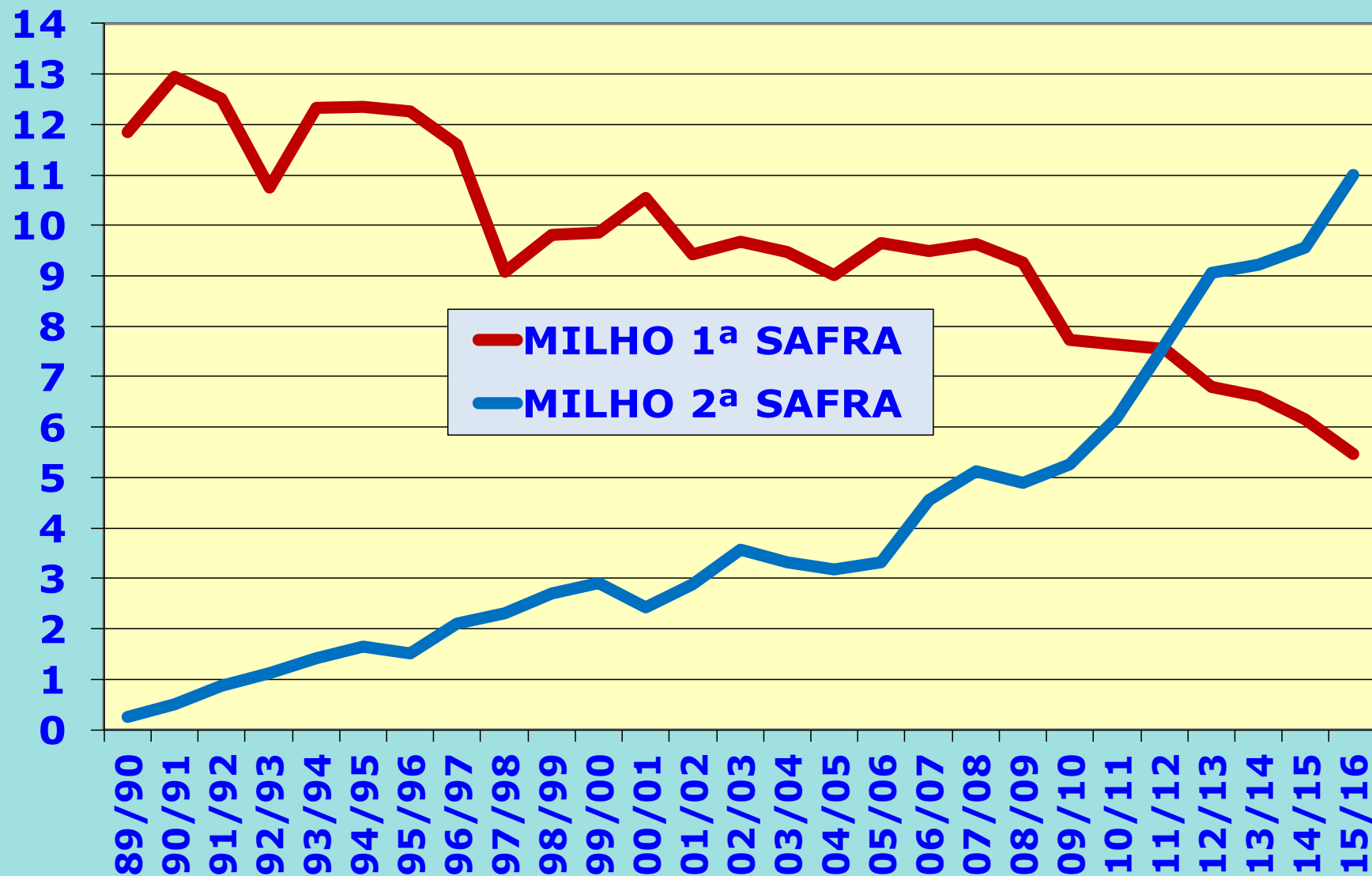
# EXPORTAÇÕES DE MILHO EUA x BRASIL - MILHÕES DE TONELADAS



## EUA: ESTOQUES FINAIS DE MILHO MILHÕES DE DE TONELADAS

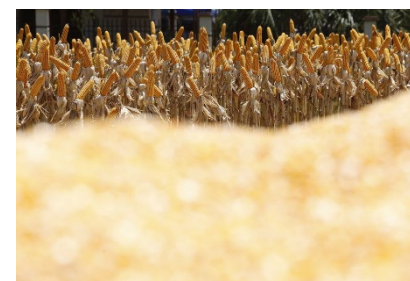


# MILHO: ÁREA DE CULTIVO NO BRASIL NA 1ª SAFRA (VERÃO) x 2ª SAFRA (INVERNO) - MILHÕES DE HA



# MILHO 1ª SAFRA CALENDÁRIO DE PLANTIO E COLHEITA

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Norte</b>												
RR	C	C	C				P	P	P		C	C
RO	P	P	P		C	C	C	C				
AC	P	P	P		C	C	C	C				
AM	P	P	P		C	C	C	C	C			
AP			P	P	P	P	C	C	C	C	C	
PA	P	P	P		C	C	C	C	C			
TO		P	P	P	C	C	C	C	C			
<b>Nordeste</b>												
MA	P	P	P	P	P		C	C	C	C	C	C
PI		P	P	P	P		C	C	C	C	C	
CE	C			P	P	P	P	C	C	C	C	C
RN						P	P	P	P/C	C	C	C
PB	C	C		P	P	P	P	P	P	P/C	C	C
PE				P	P	P	P/C	PC	C	C	C	
BA	P	P	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C	
<b>Centro-Oeste</b>												
MT	P	P	P		C	C	C	C	C			
MS	P	P	P		C	C	C					P
GO	P	P	P			C	C	C	C			
DF		P	P		C	C	C					
<b>Sudeste</b>												
MG	P	P	P		C	C	C	C	C			
ES	P	P	P		C	C	C	C				
RJ	P	P	P		C	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C	C				P
<b>Sul</b>												
PR	P	P		C	C	C	C	C			P	P
SC	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		P	P
RS	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		P	P

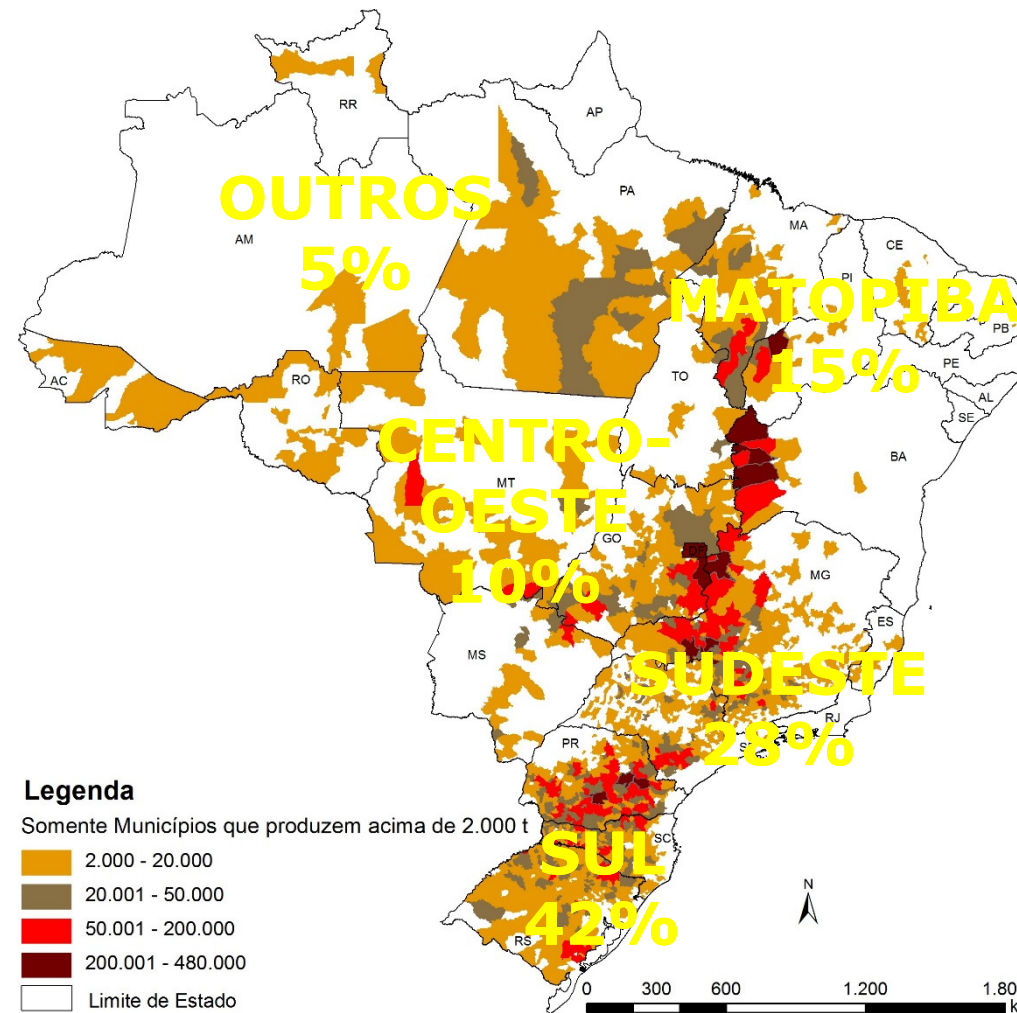


**P = PLANTIO**

**C = COLHEITA**

**P/C = PLANTIO E COLHEITA**

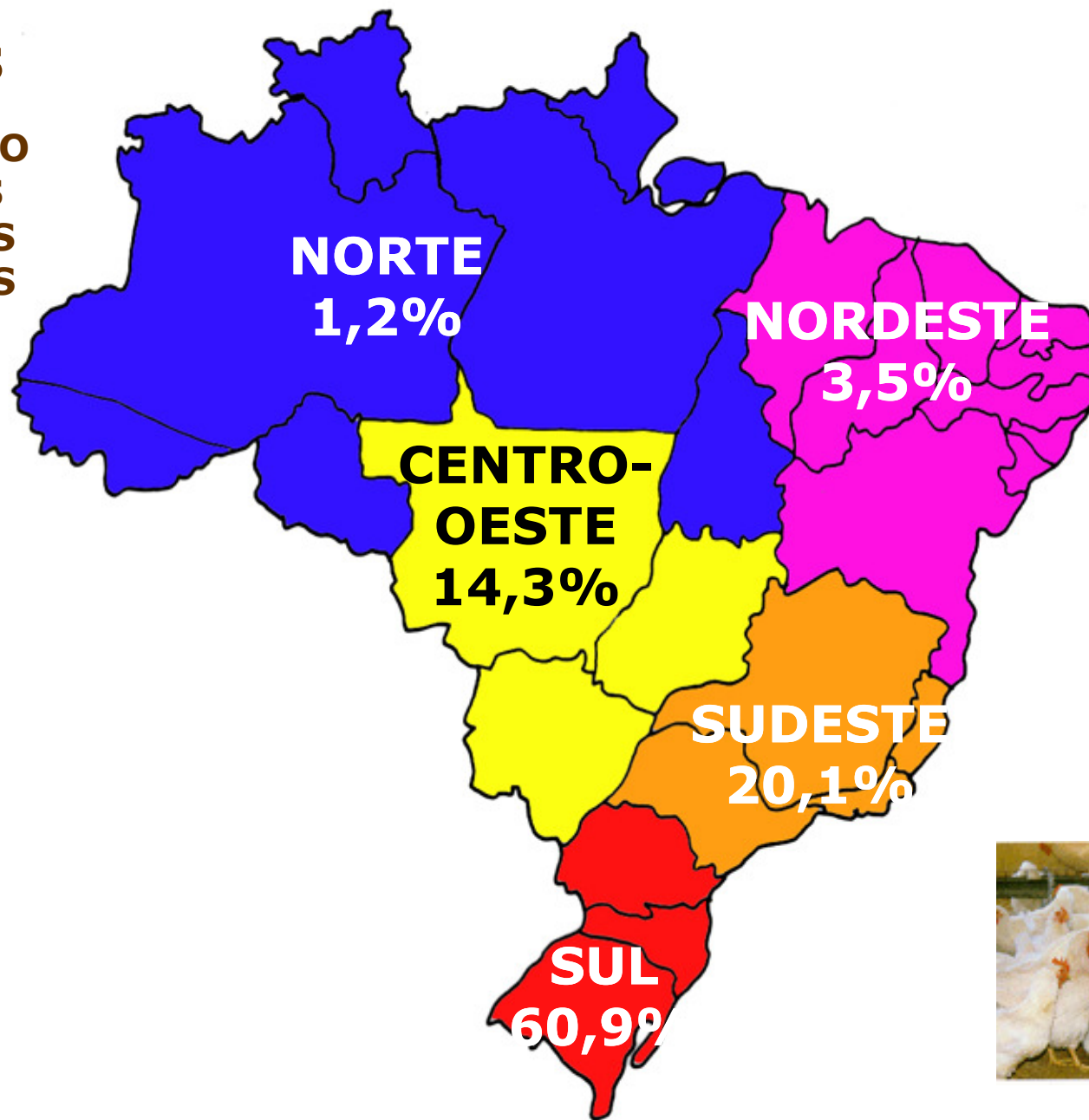
## MILHO: PRODUÇÃO 1ª SAFRA 2015/2016



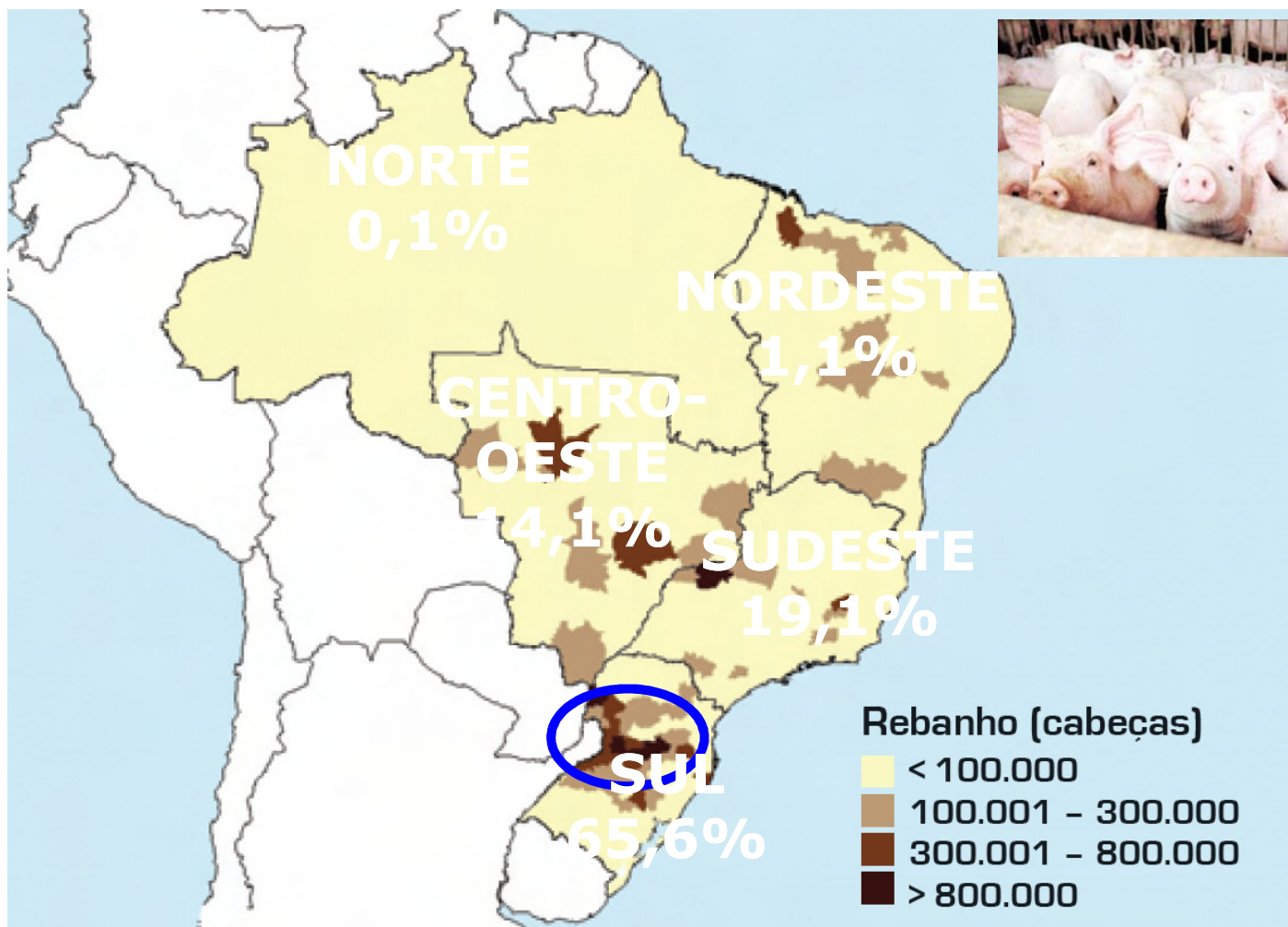


# FRANGOS

DISTRIBUIÇÃO  
DOS ABATES  
POR REGIÕES  
PRODUTORAS  
(%)

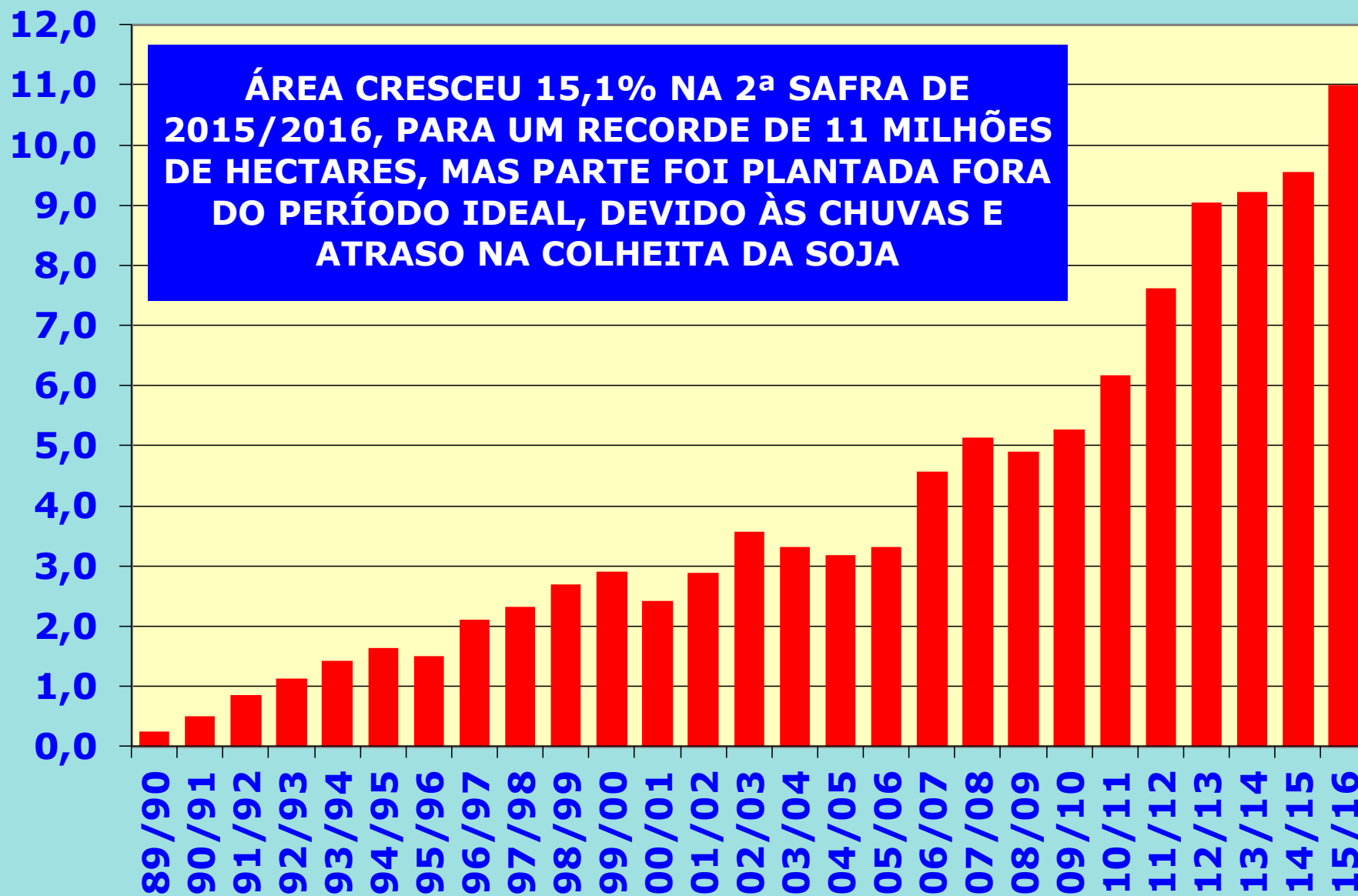


## DISTRIBUIÇÃO DO REBANHO DE SUÍNOS NO BRASIL



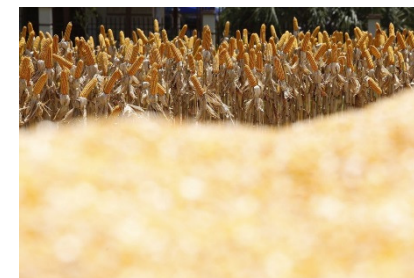
# MILHO 2ª SAFRA

## ÁREA DE CULTIVO - MILHÕES HA



# MILHO 2ª SAFRA CALENDÁRIO DE PLANTIO E COLHEITA

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Norte</b>												
RO					P	P	P	P	C	C	C	
TO					P	P	P	P	C	C	C	
<b>Nordeste</b>												
MA					P	P	P		C	C		
PI	C					P	P	P	P/C	C	C	C
AL	C	C	C				P	P	P	P	C	C
SE	C	C	C	C				P	P			C
BA	C	C	C				C	P	P			C
<b>Centro-Oeste</b>												
MT				P	P	P		C	C	C	C	
MS				P	P	P			C	C	C	C
GO				P	P	P			C	C	C	
DF				P	P	P			C	C	C	
<b>Sudeste</b>												
MG	C			P	P	P	P	P	C	C	C	C
SP					P	P	P	P	C	C	C	C
<b>Sul</b>												
PR				P	P	P		C	C	C	C	C

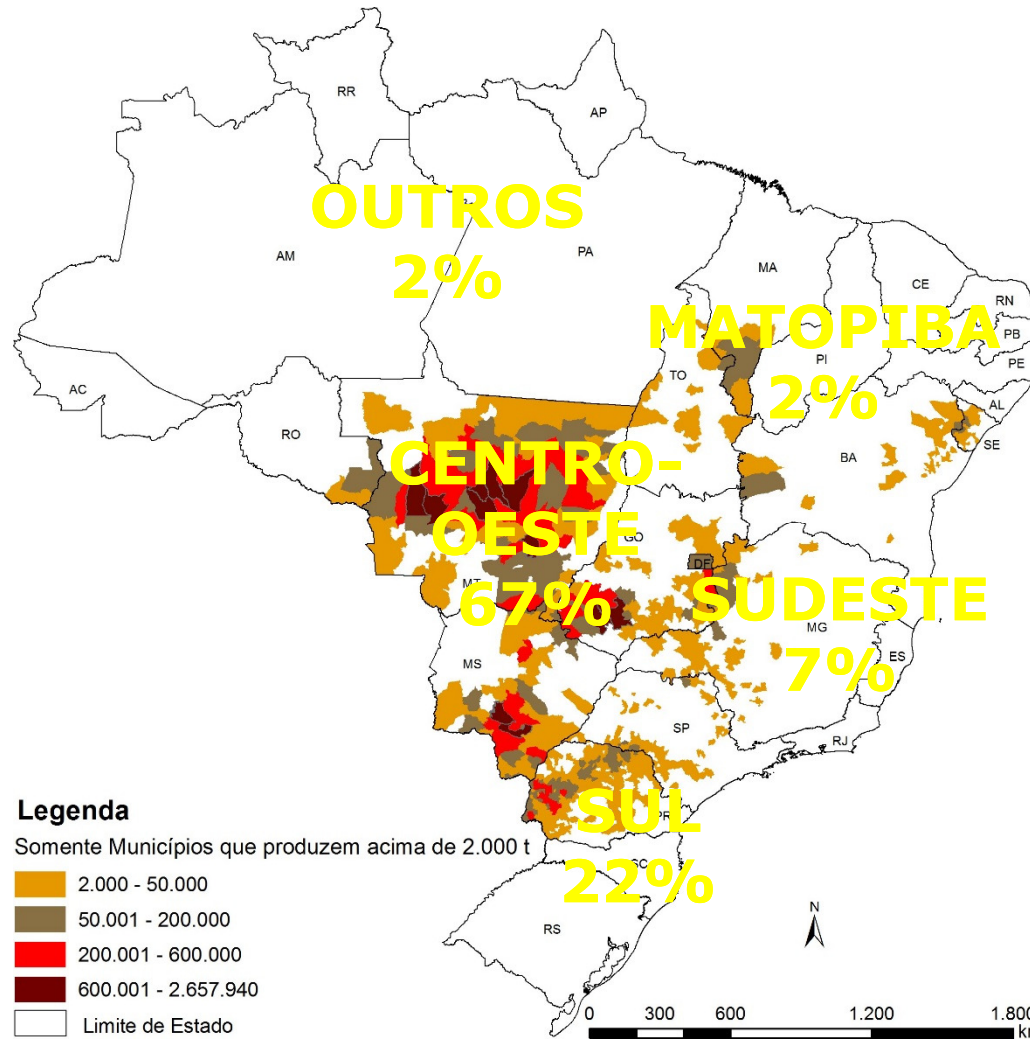


**P = PLANTIO**

**C = COLHEITA**

**P/C = PLANTIO E  
COLHEITA**

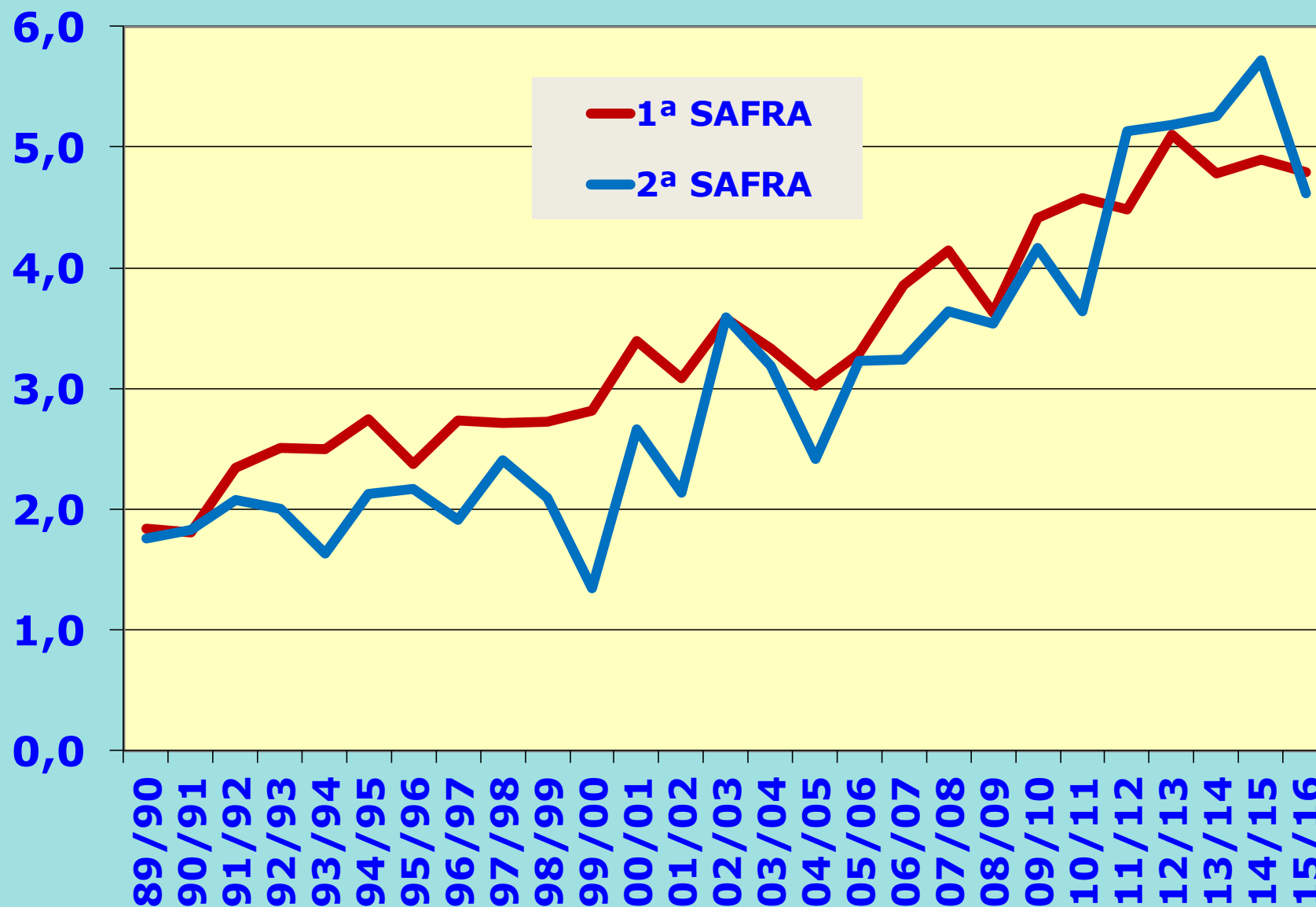
## MILHO: PRODUÇÃO 2ª SAFRA 2015/2016



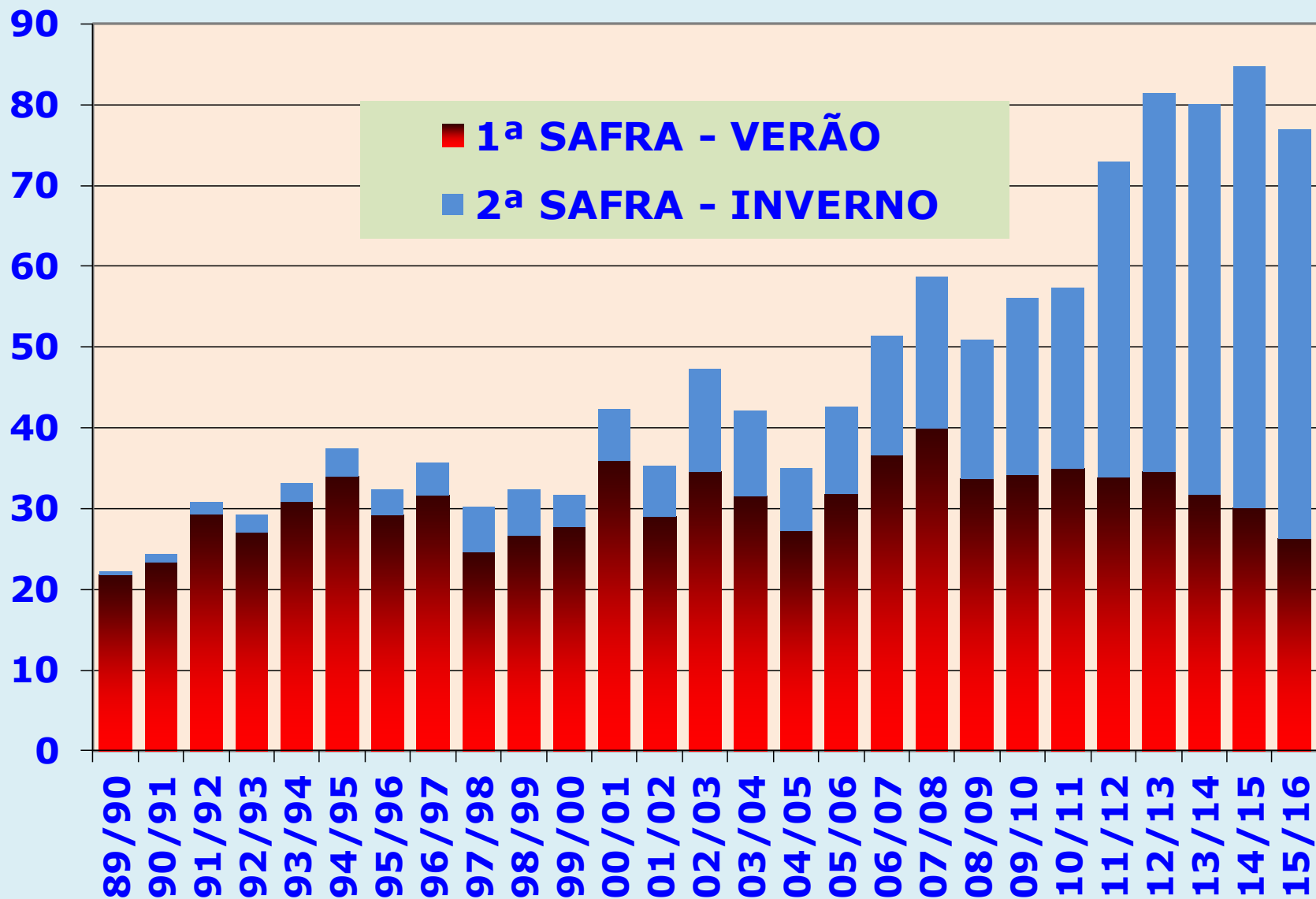
# MILHO 2ª SAFRA: PRODUÇÃO BRASIL MILHÕES DE TONELADAS



# MILHO: PRODUTIVIDADE MÉDIA NA 1ª E NA 2ª SAFRA - BRASIL - T/HA



# MILHO: EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO NO BRASIL - MILHÕES DE TONELADAS





**MILHO: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL**

**SAFRAS 2009/2010 A 2015/2016**

EM MIL TONELADAS

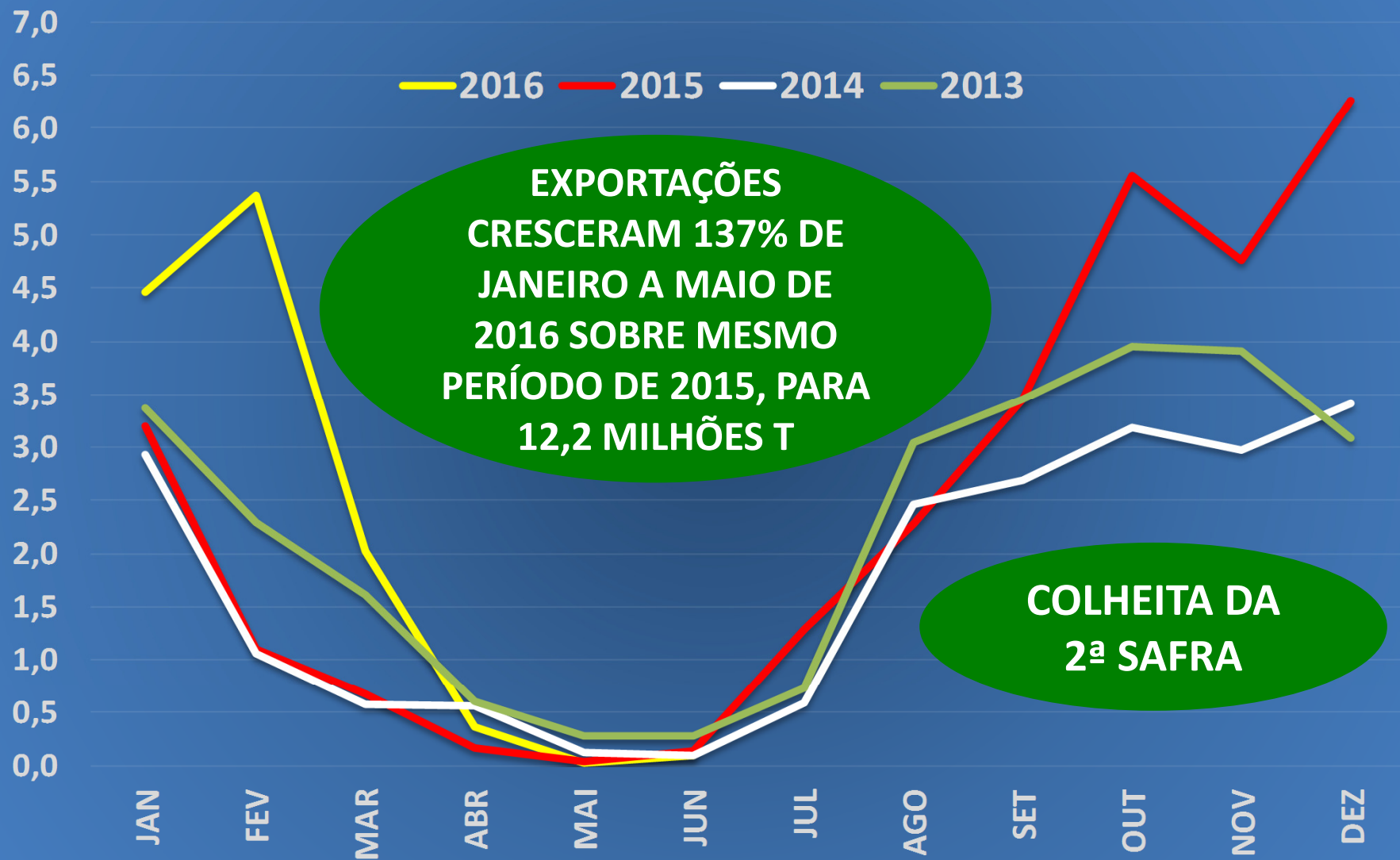
ANO-SAFRA (FEVEREIRO-JANEIRO)

ITEM	2009/2010	2010/2011	2011/2012	2012/2013	2013/2014	2014/2015	2015/2016*	VAR. 2015-2016/ 2014-2015 (%)
ESTOQUE INICIAL	7.112,7	5.589,0	5.419,2	4.433,8	6.563,0	11.835,5	10.506,8	-11,2%
PRODUÇÃO	56.018,1	57.407,0	72.979,5	81.505,7	80.051,7	84.672,5	77.040,2	-9,0%
PRIMEIRA SAFRA	34.079,3	34.946,7	33.867,1	34.576,8	31.652,6	30.082,0	26.224,9	-12,8%
SEGUNDA SAFRA	21.938,8	22.460,3	39.112,4	46.928,9	48.399,1	54.590,5	50.815,3	-6,9%
IMPORTAÇÕES	391,9	764,4	774,0	911,4	790,7	316,1	1.500,0	374,5%
OFERTA TOTAL	63.522,7	63.760,4	79.172,7	86.850,9	87.405,4	96.824,1	89.047,0	-8,0%
EXPORTAÇÕES	10.966,1	9.311,9	22.313,7	26.174,1	20.924,8	30.172,3	28.000,0	-7,2%
CONSUMO INTERNO	46.967,6	49.029,3	52.425,2	54.113,8	54.645,1	56.145,0	56.524,2	0,7%
DEMANDA TOTAL	57.933,7	58.341,2	74.738,9	80.287,9	75.569,9	86.317,3	84.524,2	-2,1%
ESTOQUE FINAL	5.589,0	5.419,2	4.433,8	6.563,0	11.835,5	10.506,8	4.522,8	-57,0%
DIAS DE CONSUMO	43	40	31	44	79	68	29	

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA \*Projeções

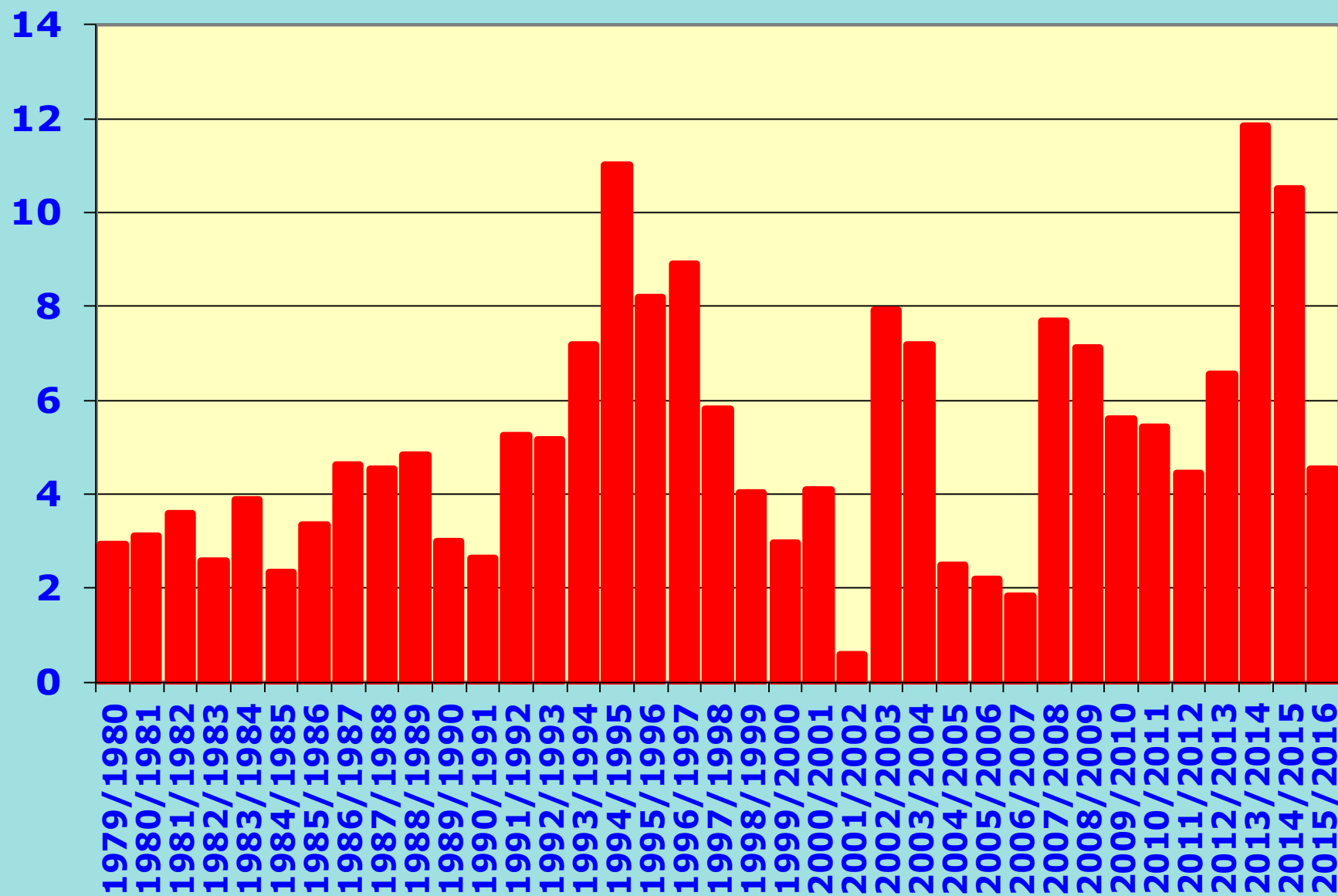
# MILHO: EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS - 2013 A 2016

## MILHÕES T/MÊS

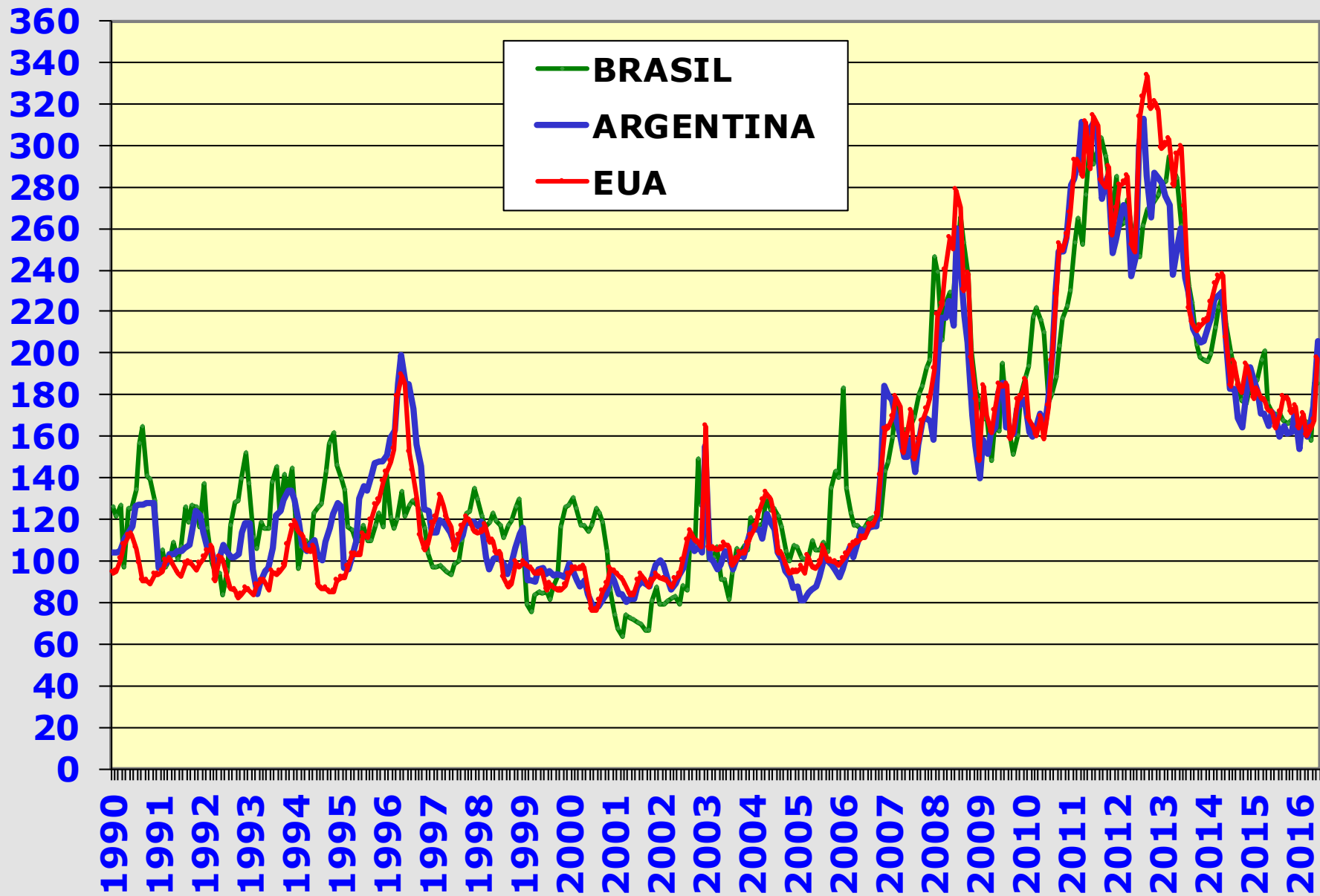


ELABORAÇÃO: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

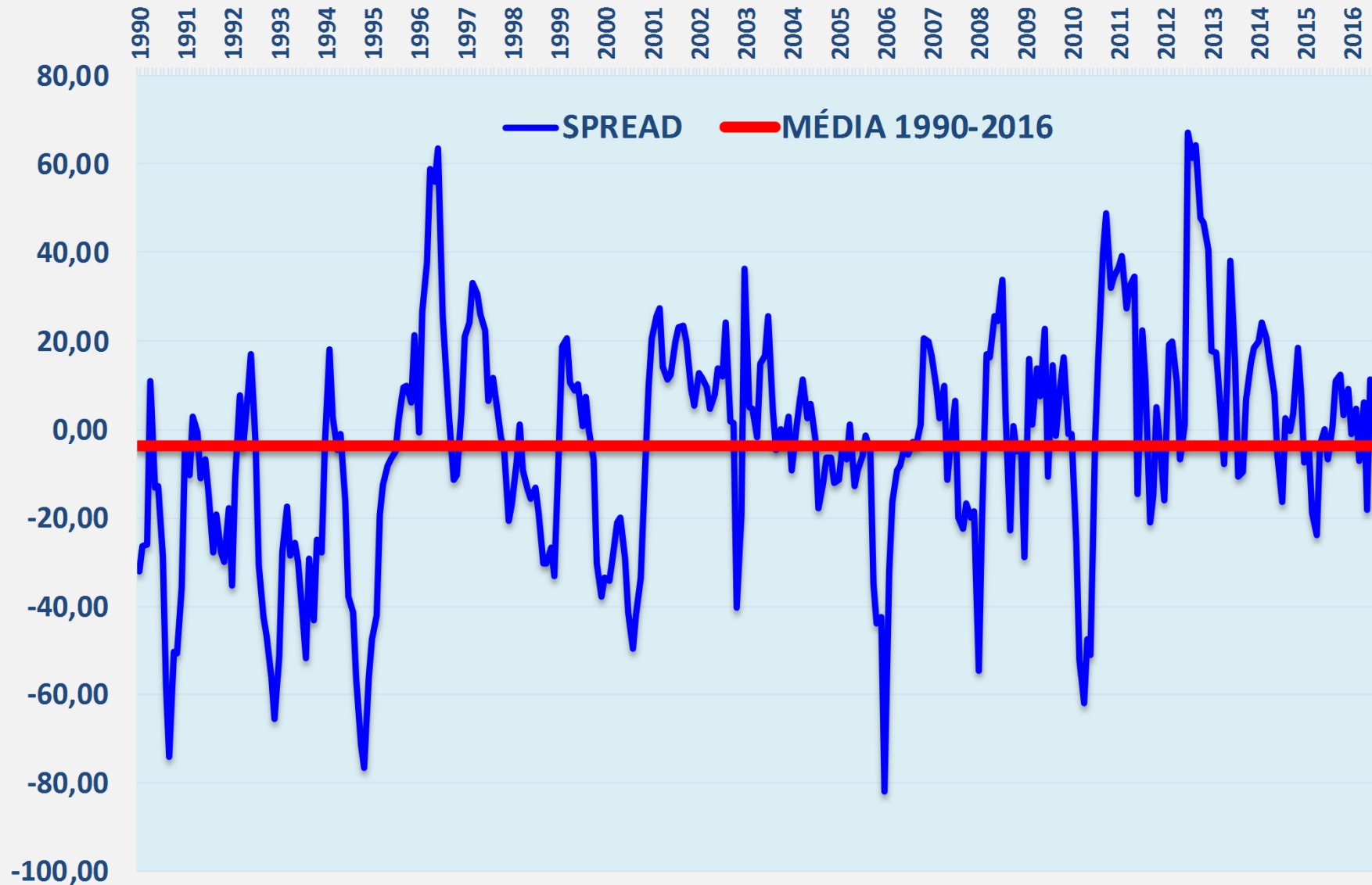
# MILHO: ESTOQUES FINAIS NO BRASIL MILHÕES DE TONELADAS



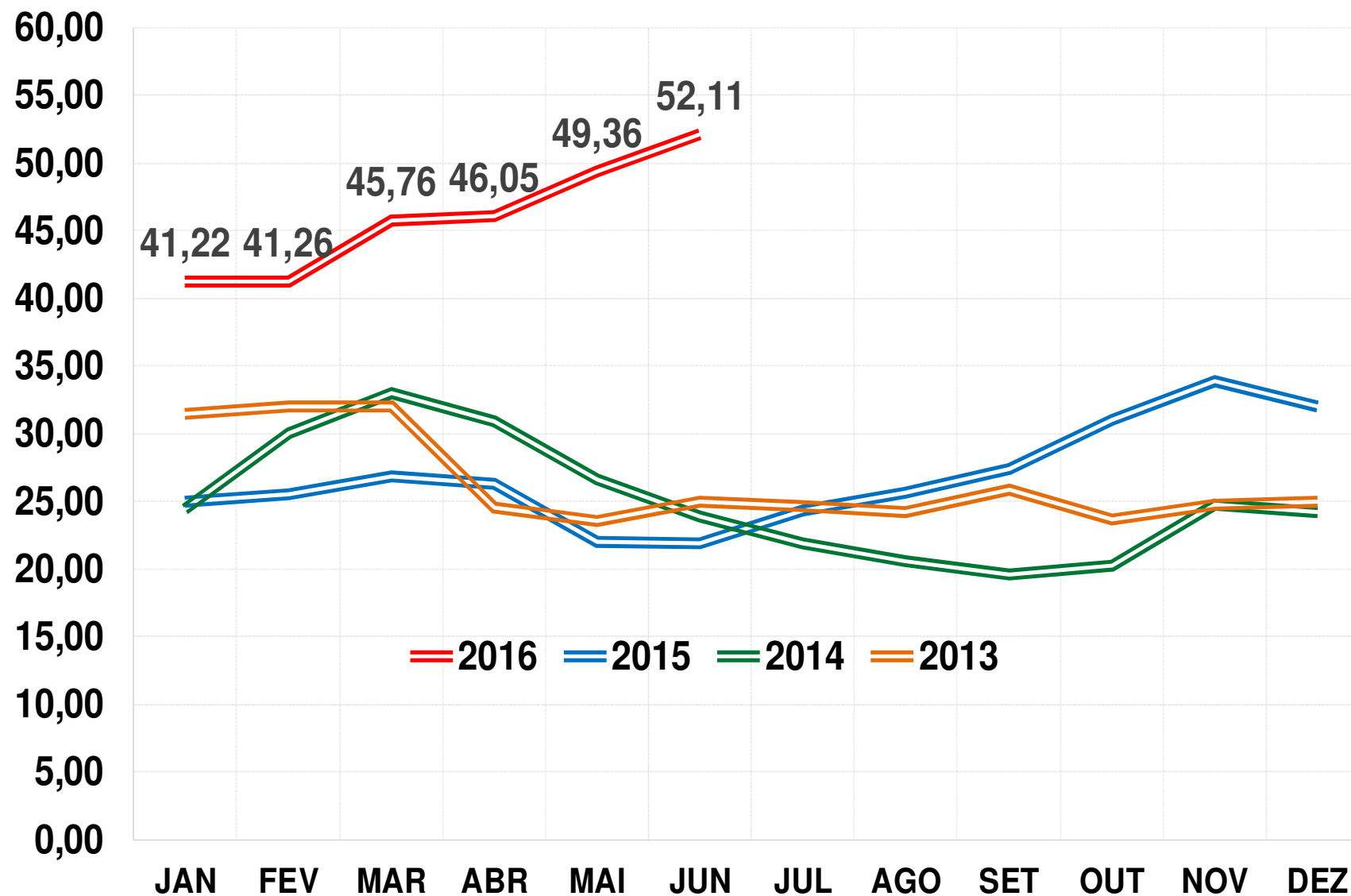
# MILHO: COMPARATIVO DE PREÇOS FOB PORTOS BRASIL x ARGENTINA x EUA - US\$/T FOB



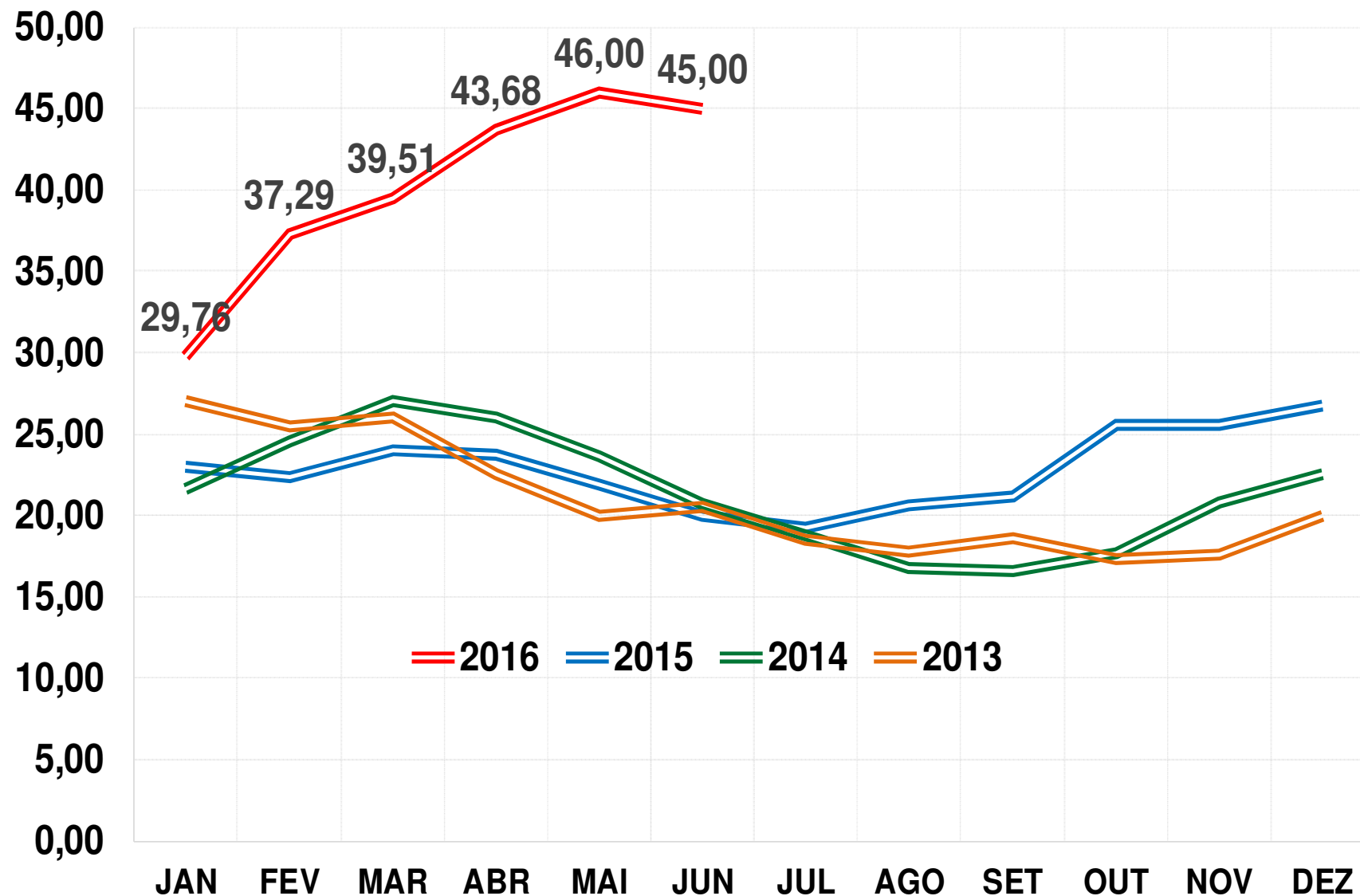
# MILHO: SPREAD EXPORTAÇÃO FOB GOLFO (EUA)/ (PARANAGUÁ)/BRASIL - US\$/TONELADA



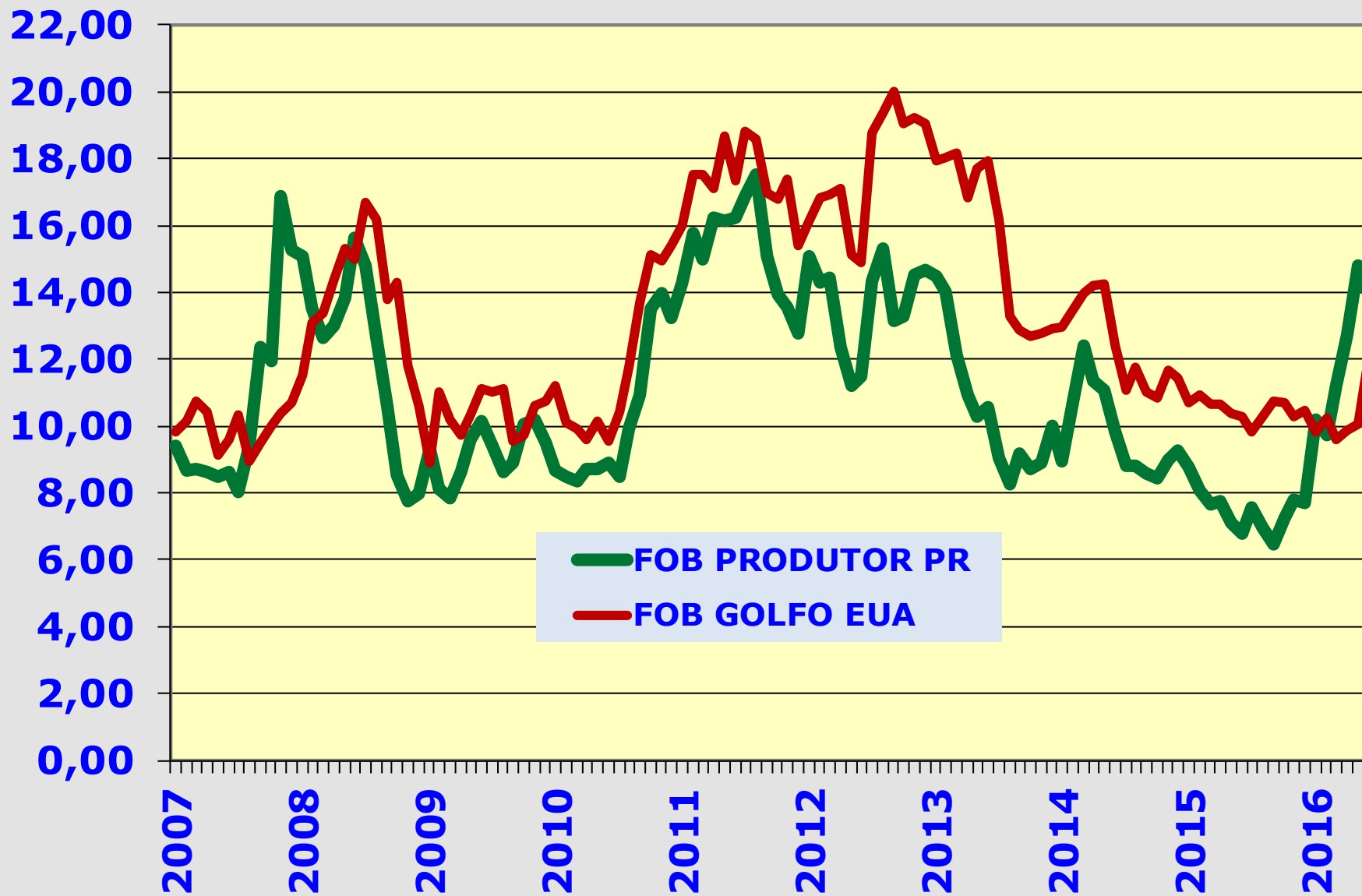
# MILHO GRÃOS: PREÇO AO PRODUTOR FOB SP R\$/SACA 60 KG - MERCADO DE LOTES



# MILHO GRÃOS: PREÇO AO PRODUTOR FOB GO R\$/SACA 60 KG - MERCADO DE LOTES

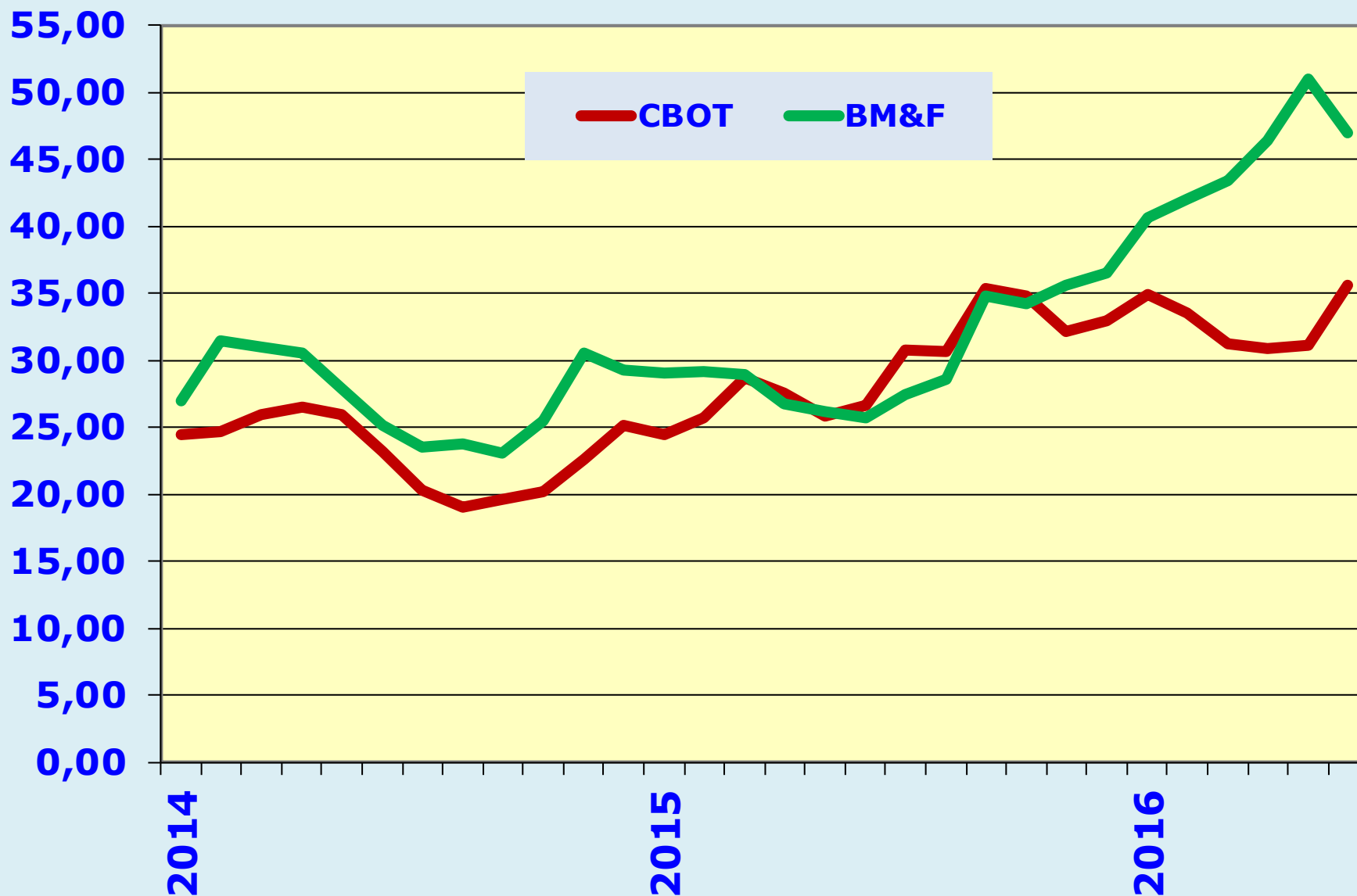


# MILHO: COMPARATIVO DE PREÇOS PRODUTOR PR x FOB GOLFO EUA US\$/60 KG - 2007 A 2016



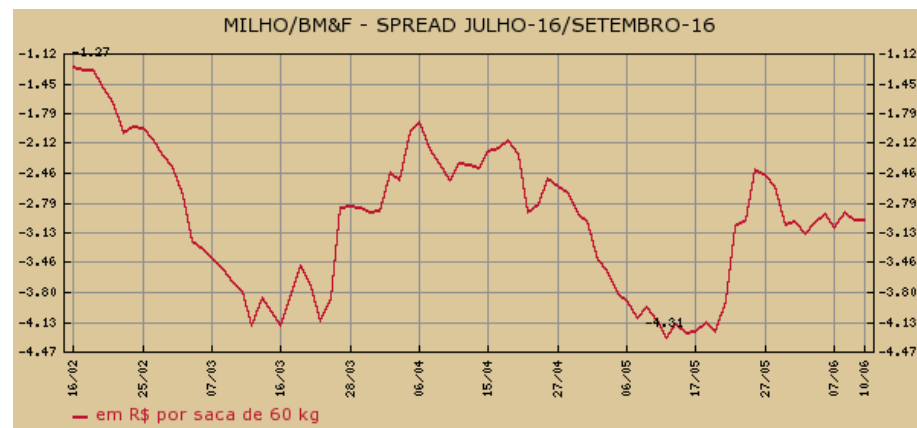
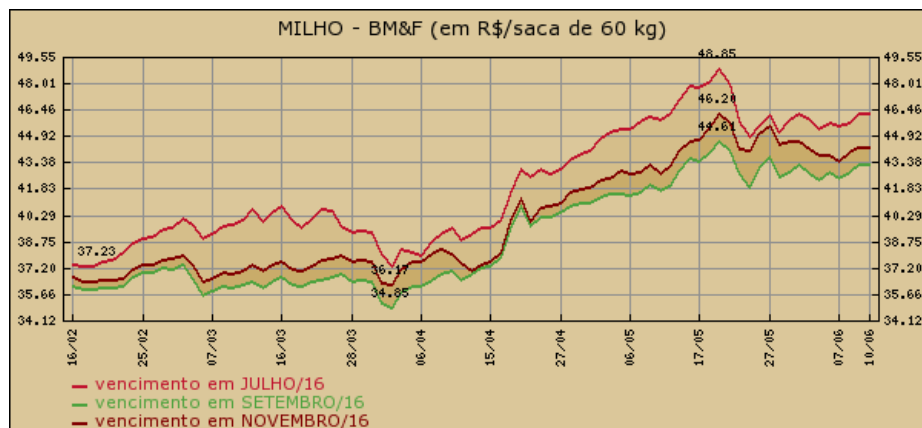


# MILHO: COMPARATIVO DE PREÇOS CBOT x BM&F - 1ª ENTREGA - R\$/60 KG



# MILHO: COTAÇÕES NA BM&F

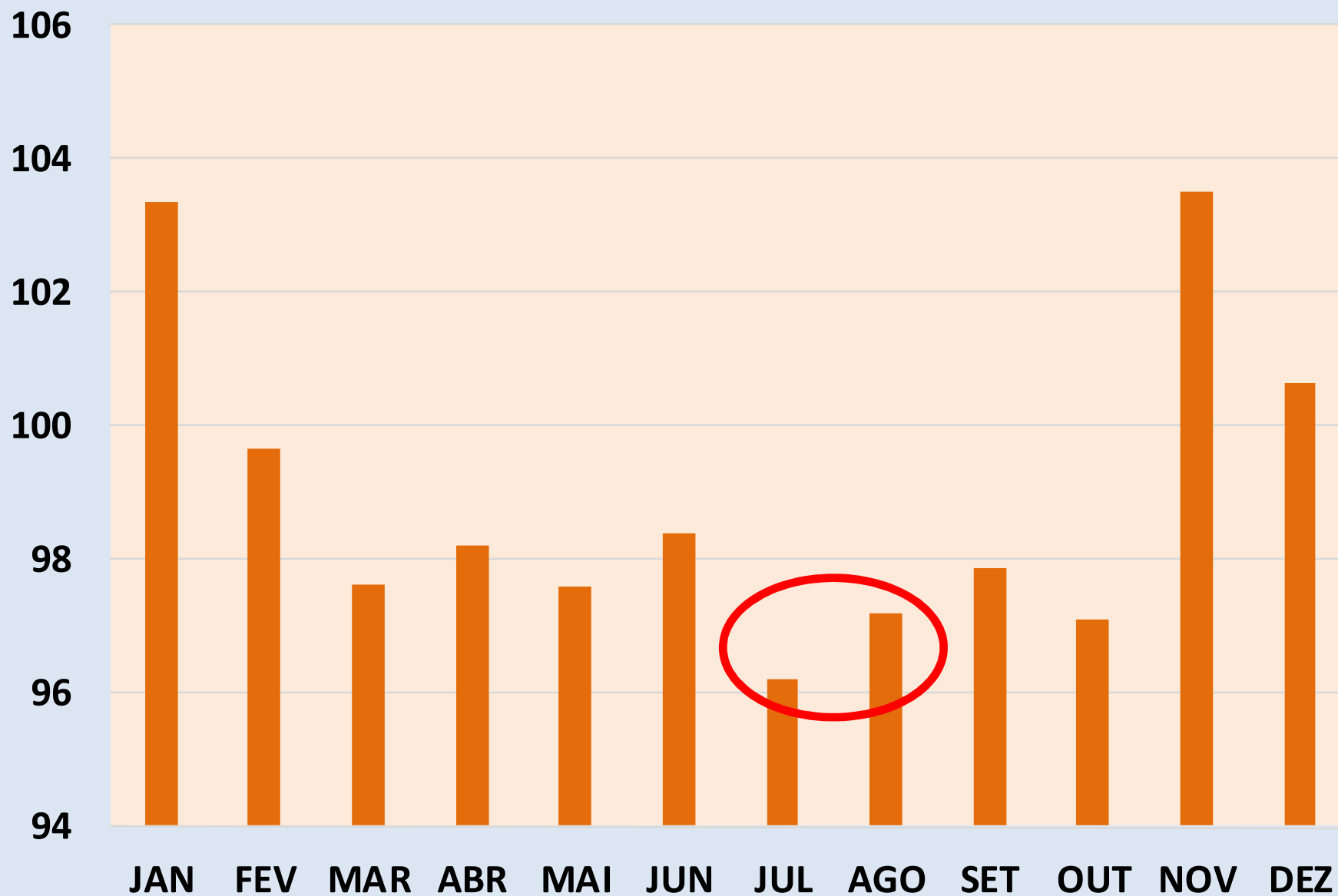
MILHO - BM&F (em R\$/saca de 60 kg)							
Data: 10/06/2016 <b>JUL_16 SET_16 NOV_16 JAN_17 MAR_17 MAI_17 SET_17</b>							
<b>Ajuste</b>	46,92	43,25	44,40	45,34	44,80	42,81	39,40
<b>Máxima</b>	47,66	43,77	44,70	45,60	45,00	43,00	-
<b>Mínima</b>	46,27	43,12	44,40	45,34	44,50	42,81	-
<b>Contr Abertos</b>	3.339	25.102	600	1.556	1.069	960	128
<b>Contr Negociados</b>	736	4.185	267	322	31	54	0
<b>Fec Anterior</b>	46,21	43,21	44,25	45,40	44,50	42,60	39,20
<b>Variação</b>	0,71	0,04	0,15	-0,06	0,30	0,21	0,20
<b>Var. Semana</b>	1,57	0,93	0,60	0,54	0,10	0,13	0,01



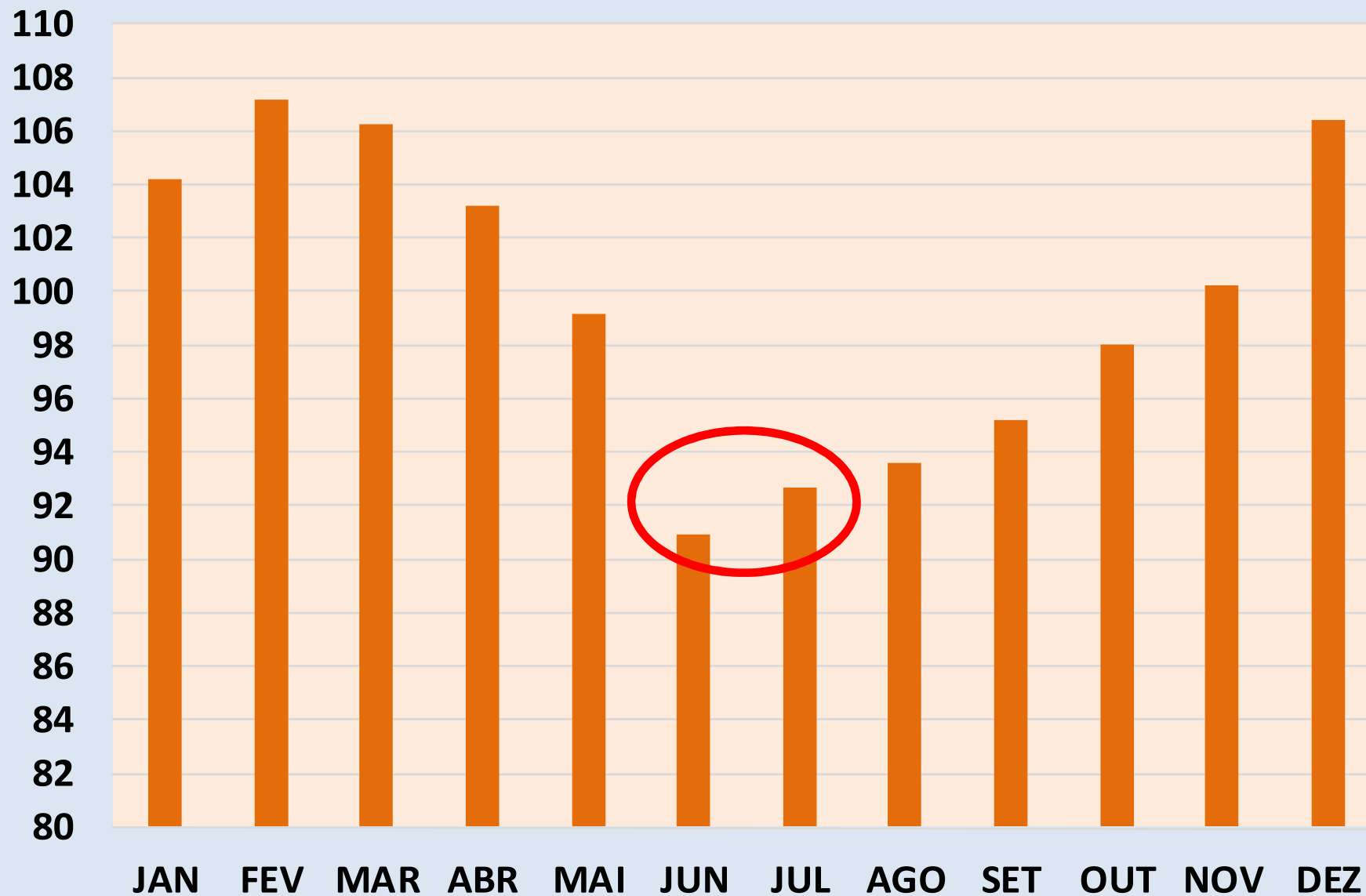
**MILHO: PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES  
PARANÁ - MERCADO DE LOTES  
PERÍODO ANALISADO: 2006 A 2015  
PREÇOS EM REAIS POR SACCA DE 60 KG  
DEFLACIONADOS PELO IGP-DI DEZEMBRO/2015  
**ANÁLISE DE SAZONALIDADE****

	<b>MÉDIAS ÍNDICES ESTACIONAIS</b>	<b>MÉDIAS DOS ÍNDICES SAZONAIS</b>
<b>JAN</b>	103,34	104,45
<b>FEV</b>	99,65	100,72
<b>MAR</b>	97,60	98,65
<b>ABR</b>	98,19	99,25
<b>MAI</b>	97,59	98,63
<b>JUN</b>	98,38	99,44
<b>JUL</b>	96,19	97,23
<b>AGO</b>	97,20	98,24
<b>SET</b>	97,87	98,92
<b>OUT</b>	97,10	98,14
<b>NOV</b>	103,51	104,62
<b>DEZ</b>	100,64	101,72
<b>MÉDIA</b>	98,94	100,00

# MILHO: MÉDIAS DOS ÍNDICES ESTACIONAIS NO PARANÁ - 2006 A 2015



## MILHO: MÉDIAS DOS ÍNDICES ESTACIONAIS EM MATO GROSSO - 2006 A 2015



# MILHO: PARIDADE DE IMPORTAÇÃO COM ISENÇÃO DA TEC DE 8%

## MILHO: CUSTO DE IMPORTAÇÃO E PARIDADE DE PREÇOS NO BRASIL

ORIGEM	ARGENTINA	PARAGUAI	EUA
ESPECIFICAÇÃO	FOB B. AIRES	FOB FOZ IGUAÇU	FOB GOLFO
VIA	MARÍTIMA	TERRESTRE	MARÍTIMA
DESTINO	SUL/SUDESTE	SUL/SUDESTE	NORDESTE
	US\$/T	US\$/T	US\$/T
01. COTAÇÃO FOB	206,00	138,00	197,30
02. FRETE ORIGEM-PORTO BRASILEIRO	16,00	60,00	14,00
03. CUSTO E FRETE PORTO BRASIL	222,00	198,00	211,30
04. SEGURO INTERNACIONAL (0,6% S/ITEM 03)	1,33	1,19	1,27
05. CUSTO CIF	223,33	199,19	212,57
06. IMPOSTO DE IMPORTAÇÃO (TEC DE 8%) ← - - - - -	0,00	0,00	0,00
07. DESPACHANTE	2,00	2,00	2,00
08. ICMS NO INGRESSO	0,00	0,00	0,00
09. TAXA DECEX (180 UFIR S/GUIA 15 MIL T)	0,02	0,02	0,02
10. CORRETAGEM CÂMBIO (0,1875% S/ITEM 05)	0,42	0,37	0,40
11. CARTA DE CRÉDITO (1,5% S/ITEM 03)	3,33	2,97	3,17
12. AFRMM (25% S/ITEM 02)	4,00	0,00	3,50
13. DESPESAS PORTUÁRIAS TOTAIS	6,96	6,96	6,96
14. SUB-TOTAL EM US\$/t	240,06	211,51	228,62
15. TAXA CAMBIAL	3,48	3,48	3,48
16. SUB-TOTAL R\$/TONELADA	835,41	736,06	795,58
17. ICMS	0,00	0,00	0,00
18. PIS/COFINS (9,25%)	77,28	68,09	73,59
19. SUB-TOTAL R\$/T COM TRIBUTOS	912,69	804,15	869,17
20. FRETE PORTO-INTERIOR SP	23,50	0,00	25,00
21. CUSTO R\$/TONELADA CIF INDÚSTRIA	936,19	804,15	894,17
22. CUSTO DE IMPORTAÇÃO R\$/60 KG CIF INDÚSTRIA SP/NE	56,17	48,25	53,65
23. PREÇO MÉDIO MERCADO INTERNO R\$/60 KG CIF SP/NE	52,00	52,00	58,00
24. PARIDADE IMPORTADO/NACIONAL EM R\$/60 KG	4,17	-3,75	-4,35

Fonte: [www.carlocogo.com.br](http://www.carlocogo.com.br)

# MILHO: PARIDADE DE IMPORTAÇÃO COM ISENÇÃO DA TEC DE 8% E DO PIS/COFINS DE 9,25%

## MILHO: CUSTO DE IMPORTAÇÃO E PARIDADE DE PREÇOS NO BRASIL

ORIGEM	ARGENTINA	PARAGUAI	EUA
ESPECIFICAÇÃO	FOB B. AIRES	FOB FOZ IGUAÇU	FOB GOLFO
VIA	MARÍTIMA	TERRESTRE	MARÍTIMA
DESTINO	SUL/SUDESTE	SUL/SUDESTE	NORDESTE
	US\$/T	US\$/T	US\$/T
01. COTAÇÃO FOB	206,00	138,00	197,30
02. FRETE ORIGEM-PORTO BRASILEIRO	16,00	60,00	14,00
03. CUSTO E FRETE PORTO BRASIL	222,00	198,00	211,30
04. SEGURO INTERNACIONAL (0,6% S/ITEM 03)	1,33	1,19	1,27
05. CUSTO CIF	223,33	199,19	212,57
06. IMPOSTO DE IMPORTAÇÃO (TEC DE 8%) ←	0,00	0,00	0,00
07. DESPACHANTE	2,00	2,00	2,00
08. ICMS NO INGRESSO	0,00	0,00	0,00
09. TAXA DECEX (180 UFIR S/GUIA 15 MIL T)	0,02	0,02	0,02
10. CORRETAGEM CÂMBIO (0,1875% S/ITEM 05)	0,42	0,37	0,40
11. CARTA DE CRÉDITO (1,5% S/ITEM 03)	3,33	2,97	3,17
12. AFRMM (25% S/ITEM 02)	4,00	0,00	3,50
13. DESPESAS PORTUÁRIAS TOTAIS	6,96	6,96	6,96
14. SUB-TOTAL EM US\$/t	240,06	211,51	228,62
15. TAXA CAMBIAL	3,48	3,48	3,48
16. SUB-TOTAL R\$/TONELADA	835,41	736,06	795,58
17. ICMS	0,00	0,00	0,00
18. PIS/COFINS (9,25%) ←	0,00	0,00	0,00
19. SUB-TOTAL R\$/T COM TRIBUTOS	835,41	736,06	795,58
20. FRETE PORTO-INTERIOR SP	23,50	0,00	25,00
21. CUSTO R\$/TONELADA CIF INDÚSTRIA	858,91	736,06	820,58
22. CUSTO DE IMPORTAÇÃO R\$/60 KG CIF INDÚSTRIA SP/NE	51,53	44,16	49,23
23. PREÇO MÉDIO MERCADO INTERNO R\$/60 KG CIF SP/NE	52,00	52,00	58,00
24. PARIDADE IMPORTADO/NACIONAL EM R\$/60 KG	-0,47	-7,84	-8,77

Fonte: [www.carlocogo.com.br](http://www.carlocogo.com.br)

**MILHO EM GRÃO**  
**Importações Brasileiras por Países de Origem**

Países de Origem	2013			2014			2015			Jan-Mai/2016		
	Toneladas	Valor FOB US\$ 1000	US\$/t	Toneladas	Valor FOB US\$ 1000	US\$/t	Toneladas	Valor FOB US\$ 1000	US\$/t	Toneladas	Valor FOB US\$ 1000	US\$/t
Argentina	56.026	34.480	615,44	2.828	1.215	429,62	1.976	442	223,85	202.005	33.748	167,07
Estados Unidos				305	124	406,26	245	191	776,98	20	7	360,56
Paraguai	827.298	113.436	137,12	768.142	102.436	133,36				176.244	24.258	137,64
Uruguai	27.499	7.743	281,59				367.316	40.679	110,75			
Outros												
<b>TOTAL</b>	<b>910.823</b>	<b>155.660</b>	<b>170,90</b>	<b>771.276</b>	<b>103.775</b>	<b>134,55</b>	<b>369.538</b>	<b>41.312</b>	<b>111,79</b>	<b>378.268</b>	<b>58.013</b>	<b>153,36</b>

Fonte: SECEX



## MILHO: CUSTOS DE PRODUÇÃO E MARGENS - SAFRA 2016/2017

ANO-SAFRA		2014/2015		2015/2016		2016/2017	
REGIÃO DE PRODUÇÃO		SUL/SUDESTE	CERRADO	SUL/SUDESTE	CERRADO	SUL/SUDESTE	CERRADO
ESTADOS		PR/RS/SP/MG	MT/MS/GO/BA	PR/RS/SP/MG	MT/MS/GO/BA	PR/RS/SP/MG	MT/MS/GO/BA
ITEM	UNIDADE	1ª SAFRA	2ª SAFRA	1ª SAFRA	2ª SAFRA	1ª SAFRA	2ª SAFRA
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA OS CUSTOS	R\$/USD	2,28	2,28	3,22	3,22	3,63	3,63
SEMENTES	USD/HA	165,11	118,06	130,31	117,93	128,96	101,27
FERTILIZANTES	USD/HA	316,30	192,65	225,95	188,24	215,84	159,23
DEFENSIVOS	USD/HA	104,13	123,57	94,19	107,45	109,83	95,13
OUTROS	USD/HA	237,50	56,26	197,22	47,87	81,98	41,03
<b>CUSTEIO DA LAVOURA</b>	<b>USD/HA</b>	<b>823,04</b>	<b>490,54</b>	<b>647,67</b>	<b>461,49</b>	<b>536,61</b>	<b>396,66</b>
OUTRAS DESPESAS - SEGUROS, FRETES, ETC.	USD/HA	201,31	195,04	182,46	238,82	166,12	205,13
<b>CUSTO VARIÁVEL - DESEMBOLSADO (A)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>1.024,35</b>	<b>685,58</b>	<b>830,13</b>	<b>700,31</b>	<b>702,73</b>	<b>601,79</b>
<b>CUSTO VARIÁVEL - DESEMBOLSADO (A)</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>2.335,52</b>	<b>1.563,12</b>	<b>2.673,02</b>	<b>2.255,00</b>	<b>2.550,91</b>	<b>2.184,50</b>
OUTROS CUSTOS FIXOS E DEPRECIACÕES	USD/HA	113,05	24,78	94,27	23,60	40,98	20,00
<b>CUSTO OPERACIONAL (B)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>1.137,40</b>	<b>710,36</b>	<b>924,40</b>	<b>723,91</b>	<b>743,71</b>	<b>621,79</b>
RENDIA DE FATORES	USD/HA	129,99	71,17	118,61	68,94	204,65	64,36
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO (C)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>1.267,39</b>	<b>781,53</b>	<b>1.043,01</b>	<b>792,85</b>	<b>948,36</b>	<b>686,15</b>
PRODUTIVIDADE MÉDIA	SACAS/HA	144,1	108,6	134,2	90,7	143,3	107,0
PRODUTIVIDADE MÉDIA	KG/HA	8.645	6.516	8.050	5.442	8.600	6.420
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO</b>	<b>USD/60 KG</b>	<b>8,80</b>	<b>7,20</b>	<b>7,77</b>	<b>8,74</b>	<b>6,62</b>	<b>6,41</b>
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>2.889,65</b>	<b>1.781,89</b>	<b>3.358,49</b>	<b>2.552,98</b>	<b>3.442,55</b>	<b>2.490,72</b>
PREÇO MÉDIO PRODUTOR	USD/60 KG	9,19	6,61	9,92	7,83	11,02	9,08
MARGEM SOBRE O CUSTO	USD/60 KG	0,39	-0,59	2,15	-0,91	4,40	2,67
PREÇO MÉDIO CBOT	USD/BUSHEL	3,65	3,65	3,60	3,60	4,10	4,10
PREÇO MÉDIO CBOT	USD/60 KG	8,62	8,62	8,50	8,50	9,68	9,68
<b>RECEITA BRUTA (D)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>1.324,13</b>	<b>717,85</b>	<b>1.330,93</b>	<b>710,18</b>	<b>1.579,53</b>	<b>971,56</b>
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA COMERCIALIZAÇÃO	R\$/USD	3,00	3,00	3,83	3,83	3,81	3,81
<b>RECEITA BRUTA (D)</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>3.972,38</b>	<b>2.153,54</b>	<b>5.097,47</b>	<b>2.719,99</b>	<b>6.018,02</b>	<b>3.701,64</b>
<b>RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>1.194,14</b>	<b>646,68</b>	<b>1.212,32</b>	<b>641,24</b>	<b>1.374,88</b>	<b>907,20</b>
<b>RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>1.082,73</b>	<b>371,65</b>	<b>1.738,98</b>	<b>167,02</b>	<b>2.575,48</b>	<b>1.210,92</b>
MARGEM SOBRE O CUSTO	%	37,5%	20,9%	51,8%	6,5%	74,8%	48,6%
<b>MARGEM SOBRE O CUSTO</b>	<b>SACAS/HA</b>	<b>54,0</b>	<b>22,7</b>	<b>69,5</b>	<b>5,9</b>	<b>107,2</b>	<b>52,0</b>
<b>RECEITA LÍQUIDA S/C. DESEMBOLSADO (D) - (A)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>299,78</b>	<b>32,27</b>	<b>500,80</b>	<b>9,87</b>	<b>876,80</b>	<b>269,77</b>
EBITDA	R\$/HA	1.636,86	590,42	2.424,46	465,00	3.467,11	1.517,15
MARGEM EBITDA	%	41,2%	27,4%	47,6%	17,1%	57,6%	41,0%

**CARLOS COGO**  
CONSULTORIA EM AGRIBUSINESS



**TRIGO**

[WWW.CARLOSCOGO.COM.BR](http://WWW.CARLOSCOGO.COM.BR)

## **TRIGO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- Os preços internos do trigo são sustentados pela demanda da indústria de carnes e de ração e continuarão atrelados ao milho no 2º semestre.
- As cotações tendem a se manter em patamar acima do ano passado se a oferta de milho 2ª safra, em fase de colheita, for menor do que a esperada, e podem ceder caso o volume do principal insumo da ração animal for suficiente para atender a indústria.
- O produtor paranaense recebe, em média, R\$ 45,51 por saca de 60 Kg do tipo pão com PH 78, cotação 9% mais que em maio e 18% acima do obtido em maio do ano passado.
- Já o milho é negociado no mercado de balcão do Estado a R\$ 41,95 por saca de 60 Kg, em média, 5% acima da média de maio e 116% mais que em maio do ano passado.
- O cenário de curto prazo mais remunerador para o trigo tem estimulado alguns produtores a rever a área a ser plantada no Rio Grande do Sul, mas a disponibilidade de sementes limita aumento significativo de área.
- No Paraná, o tamanho da lavoura já está definido no norte e no oeste, mas até pode crescer no centro-sul.

## **TRIGO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- Os produtores sabem que as condições favoráveis de comercialização podem não se sustentar na entrada da safra, a partir de setembro.
- As cotações internas do trigo vão depender do câmbio, dos preços internacionais e da disponibilidade exportadora da Argentina.
- Quando o plantio foi iniciado no Brasil, os preços eram 25% superiores aos do ano anterior, acompanhando o custo de produção, e mesmo assim a lavoura não foi ampliada.
- A área de cultivo de trigo deve recuar 13,6% em 2016, com quedas previstas em 14,7% no Paraná e 11,2% no Rio Grande do Sul.
- A área de cultivo de trigo no Brasil em 2016 está estimada em 2,120 milhões de hectares, contra 2,455 milhões de hectares em 2015.
- As duas últimas safras de trigo foram afetadas por adversidades climáticas e o retorno da Argentina como grande produtor e exportador global também pesa sobre a decisão dos produtores brasileiros.
- Entretanto, com projeção de clima mais favorável em 2016, a projeção é de que a produção brasileira atinja 6,248 milhões de toneladas, 14,4% acima de 2015, que foi de 5,461 milhões de toneladas.

## **TRIGO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- O preço médio do trigo no mercado de balcão do Paraná, no mês de maio/2016, apresentou valorização de 1,1% sobre o mês de abril e 10,7% em relação a janeiro/2016.
- No Rio Grande do Sul, a variação no mês de abril foi de 8,2% e de 10,6% desde janeiro/2016.
- A forte demanda por trigo ração no Rio Grande do Sul explica a significativa diferença entre os meses de abril e maio.
- O preço no mercado de lotes no Paraná está entre R\$ 880,00 e R\$ 900,00 a tonelada, enquanto no Rio Grande do Sul gira entre R\$ 790,00 e R\$ 810,00 a tonelada
- A redução na demanda de farinhas industriais e a forte procura por trigo para ração retraíram as vendas aos moinhos.
- Praticamente não há mais lotes significativos de trigo nacional à disposição dos moageiros no Brasil, devendo, daqui para a frente, devendo ocorrer aumento considerável de importações.
- As cotações FOB Golfo do México caíram de US\$ 356 a tonelada em junho/2014 para US\$ 197 a tonelada em maio/2016 – recuo de 44,6%.

## **TRIGO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- O nível de preços globais atual é o mais baixo desde 2006.
- Em junho, os preços FOB Golfo estão em US\$ 212,80 a tonelada e o preço de referência na Argentina é de US\$ 210,00 a tonelada.
- Os preços atuais na Argentina e Estados Unidos se mantêm em patamares próximos dos constatados em 2006, 2007 e 2009, sinalizando para uma maior competitividade do produto norte-americano em relação a alguns concorrentes internacionais.
- Não há vendedores de trigo de boa qualidade na Argentina atualmente, por falta de produto.
- O trigo do Paraguai no mercado doméstico é de US\$ 230 a tonelada e de US\$ 240 a tonelada posto em Cascavel (PR).
- As estimativas de preços de exportação dos Estados Unidos, para o mês de novembro de 2016, são de US\$ 223 e US\$ 231 a tonelada para os trigos com 11,0% e 12,5% de proteína, respectivamente.
- Assim, há sinais de mercado com preços globais mais sustentados para o trigo no final de 2016, ante a escassez mundial de milho.

## **TRIGO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- De acordo com o relatório mensal de oferta e demanda de Junho/2016, divulgado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), foi elevada a projeção para a produção mundial de trigo na safra 2016/2017, para 730,8 milhões de toneladas, ante 727,0 milhões de toneladas previstas em maio.
- A previsão de estoques mundiais de trigo no ciclo 2016/2017 foi elevada para 257,8 milhões de toneladas, acima das 257,3 milhões de toneladas no mês passado.
- O USDA também aumentou ligeiramente a expectativa para estoques globais de trigo em 2015/2016, de 242,9 milhões de toneladas, para 243,0 milhões de toneladas.
- A projeção para a safra norte-americana 2016/2017 de trigo também foi elevada, de 54,38 milhões de toneladas estimados em maio, para 56,532 milhões de toneladas, um aumento de 4%.
- Com isto, a estimativa para os estoques finais dos Estados Unidos em 2016/2017 também foi elevada, de 28,01 milhões de toneladas, para 28,58 milhões de toneladas.

## **TRIGO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- A produção brasileira de trigo na safra 2016 – ano comercial entre agosto de 2015 e julho de 2016 - atingiu 5,53 milhões de toneladas, todavia, tendo sido previstas, inicialmente, 7,0 milhões de toneladas.
- Para complementar o abastecimento nacional, foram importadas 4,37 milhões de toneladas entre agosto/2015 e maio/2016.
- No mesmo período, as exportações atingiram 1,05 milhão de toneladas.
- Apesar da oferta de trigo também limitada nesta entressafra, os números de importação em maio ainda não são expressivos.
- Em maio, a importação atingiu 383 mil toneladas de trigo, volume 11% menor que as 431 mil toneladas trazidas em maio de 2015.
- No acumulado dos cinco meses, porém, as compras são superiores em 8,4%, somando 2,226 milhões de toneladas, contra 2,054 milhões de toneladas de janeiro a maio do ano passado.
- A indústria está pagando menos pelo trigo importado.
- O preço médio da tonelada desembarcada em maio foi de US\$ 193,00, 21,2% abaixo dos US\$ 245,00 a tonelada, em média, desembolsados no mesmo mês de 2015 – o recuo reflete a maior oferta global.



## **TRIGO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- No mercado de derivados, nos últimos sete dias, nas regiões acompanhadas – PR, RS, SP, SC –, os preços das farinhas subiram.
- Os moinhos relatam que os aumentos mais significativos ocorrem nas vendas às indústrias alimentícias.
- A farinha para bolacha doce se valorizou 1,99%; a para panificação, 1,46%; a para massas em geral, 1,15%; a para bolacha salgada, 0,61% e para massas frescas e pré-mistura (sacas de 25 kg), 0,25%.
- No segmento do farelo, os valores são impulsionados pela maior demanda por parte das indústrias de ração.
- Essa valorização tende a continuar enquanto não houver quantidade de milho suficiente para atender indústrias de ração.
- Nos últimos sete dias, nas regiões acompanhadas – PR, RS, SP, SC –, o preço do farelo a granel teve alta de 5,26% e o ensacado, de 4,61%.
- Em maio, o volume de farinha importada praticamente manteve-se estável em comparação com o mês anterior, somando 27 mil toneladas.
- A maior parte das farinhas (25,2 mil toneladas) continua vindo da Argentina.

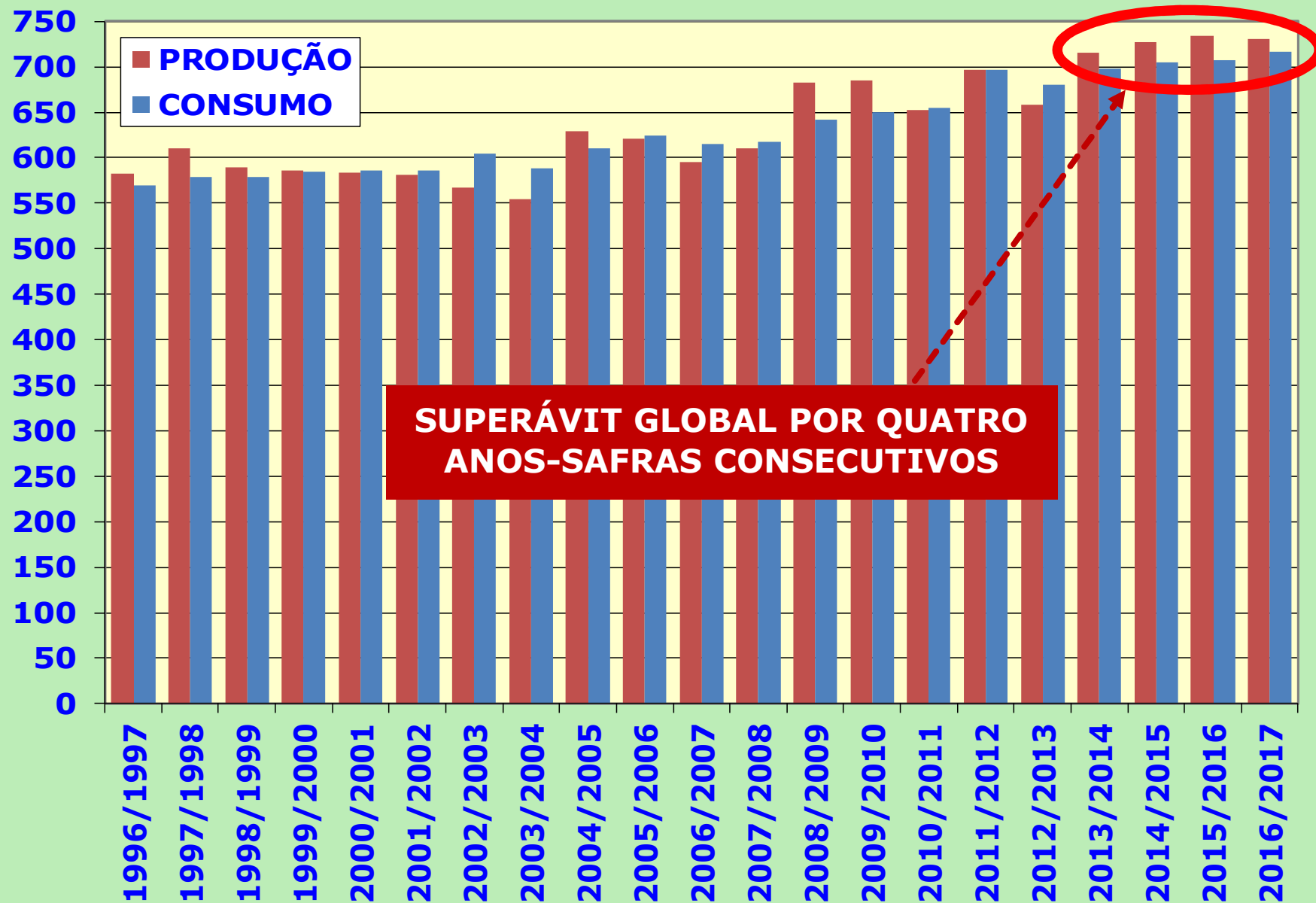
## TRIGO: OFERTA E DEMANDA MUNDIAL

SAFRA	ÁREA DE CULTIVO milhões ha	PRODUTIVIDADE MÉDIA Kg/hectare	PRODUÇÃO MUNDIAL milhões t	COMÉRCIO GLOBAL milhões t	CONSUMO RAÇÕES milhões t	CONSUMO TOTAL milhões t	ESTOQUES FINAIS milhões t	ESTOQUES/ CONSUMO %
1980/1981	237,1	1.840	436,3	93,2	91,2	444,1	113,8	25,6%
1981/1982	239,0	1.862	445,1	100,5	90,6	445,1	113,7	25,5%
1982/1983	237,7	1.989	472,8	97,7	92,8	455,6	131,1	28,8%
1983/1984	229,3	2.113	484,4	101,2	95,6	469,0	146,4	31,2%
1984/1985	231,7	2.196	509,0	104,7	99,9	486,3	169,1	34,8%
1985/1986	229,9	2.153	494,9	83,6	97,2	485,0	179,0	36,9%
1986/1987	227,9	2.299	524,1	89,7	113,2	511,4	191,7	37,5%
1987/1988	219,7	2.257	496,0	114,1	113,6	530,1	157,6	29,7%
1988/1989	217,4	2.277	495,0	104,3	104,0	518,6	134,0	25,8%
1989/1990	225,8	2.361	533,2	103,8	103,7	531,0	136,1	25,6%
1990/1991	231,4	2.542	588,1	101,1	130,1	553,7	170,5	30,8%
1991/1992	222,5	2.440	542,9	111,2	113,8	550,9	162,5	29,5%
1992/1993	222,9	2.522	562,1	113,1	110,9	549,2	175,6	32,0%
1993/1994	221,9	2.517	558,6	101,7	108,3	553,8	180,5	32,6%
1994/1995	214,5	2.443	524,0	101,5	99,6	544,3	160,2	29,4%
1995/1996	218,7	2.462	538,4	99,1	90,7	545,5	153,0	28,1%
1996/1997	230,0	2.530	582,0	100,2	97,7	570,2	164,8	28,9%
1997/1998	228,1	2.675	610,1	104,3	101,8	579,4	195,5	33,7%
1998/1999	225,2	2.618	589,7	102,0	103,5	579,1	206,1	35,6%
1999/2000	216,6	2.706	586,0	112,8	99,3	585,2	207,0	35,4%
2000/2001	219,4	2.660	583,7	102,8	106,4	585,7	205,0	35,0%
2001/2002	215,6	2.697	581,6	108,1	107,9	586,3	201,0	34,3%
2002/2003	213,7	2.656	567,7	110,1	112,6	604,1	166,1	27,5%
2003/2004	210,6	2.633	554,6	104,5	96,7	588,8	132,7	22,5%
2004/2005	218,9	2.872	628,6	111,1	106,6	610,0	151,2	24,8%
2005/2006	218,8	2.840	621,5	116,2	111,3	624,4	147,7	23,6%
2006/2007	215,3	2.767	595,6	111,6	106,2	615,2	128,2	20,8%
2007/2008	217,2	2.810	610,4	117,2	96,3	616,9	123,3	20,0%
2008/2009	225,6	3.024	682,2	143,7	117,9	641,5	166,7	26,0%
2009/2010	225,6	3,039	685,6	135,8	117,7	650,2	200,8	30,9%
2010/2011	218,3	3,192	652,2	132,9	116,1	654,7	198,9	28,5%
2011/2012	221,7	2,942	697,0	157,8	146,9	697,1	198,9	30,4%
2012/2013	221,3	2,977	658,7	137,4	137,0	680,0	175,6	25,8%
2013/2014	219,6	3,255	714,9	165,9	126,5	697,9	193,9	27,8%
2014/2015	220,5	3,297	726,9	164,1	130,8	704,6	216,5	30,7%
2015/2016	223,8	3,281	734,2	168,3	134,1	707,8	243,0	34,3%
2016/2017	222,5	3,285	730,8	165,6	133,5	716,0	257,8	36,0%
% 16/15	1,5%	-0,5%	1,0%	2,5%	2,5%	0,5%	12,2%	11,7%
% 17/16	-0,6%	0,1%	-0,5%	-1,6%	-0,5%	1,2%	6,1%	4,9%

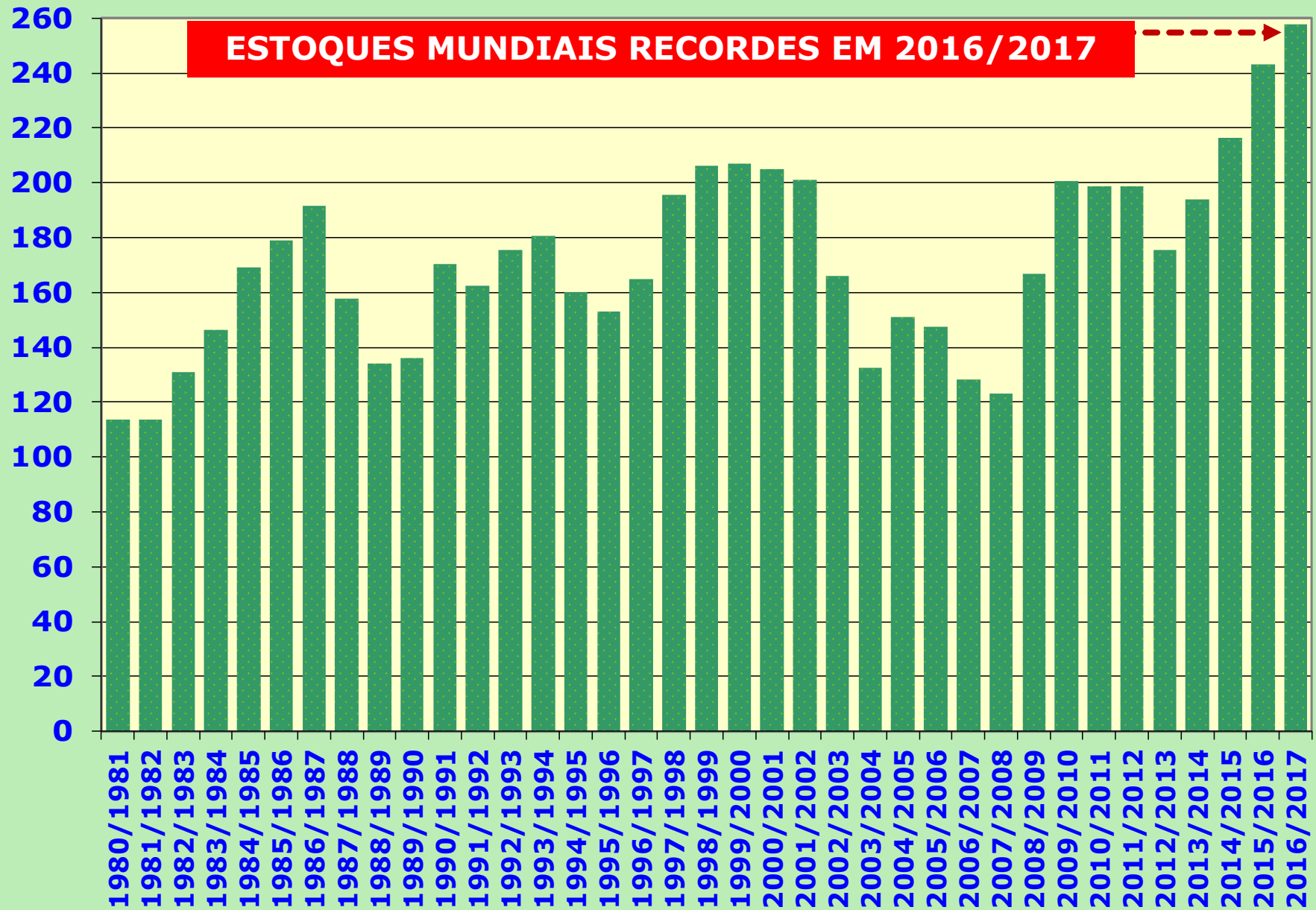
Fonte: USDA JUNHO/2016

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

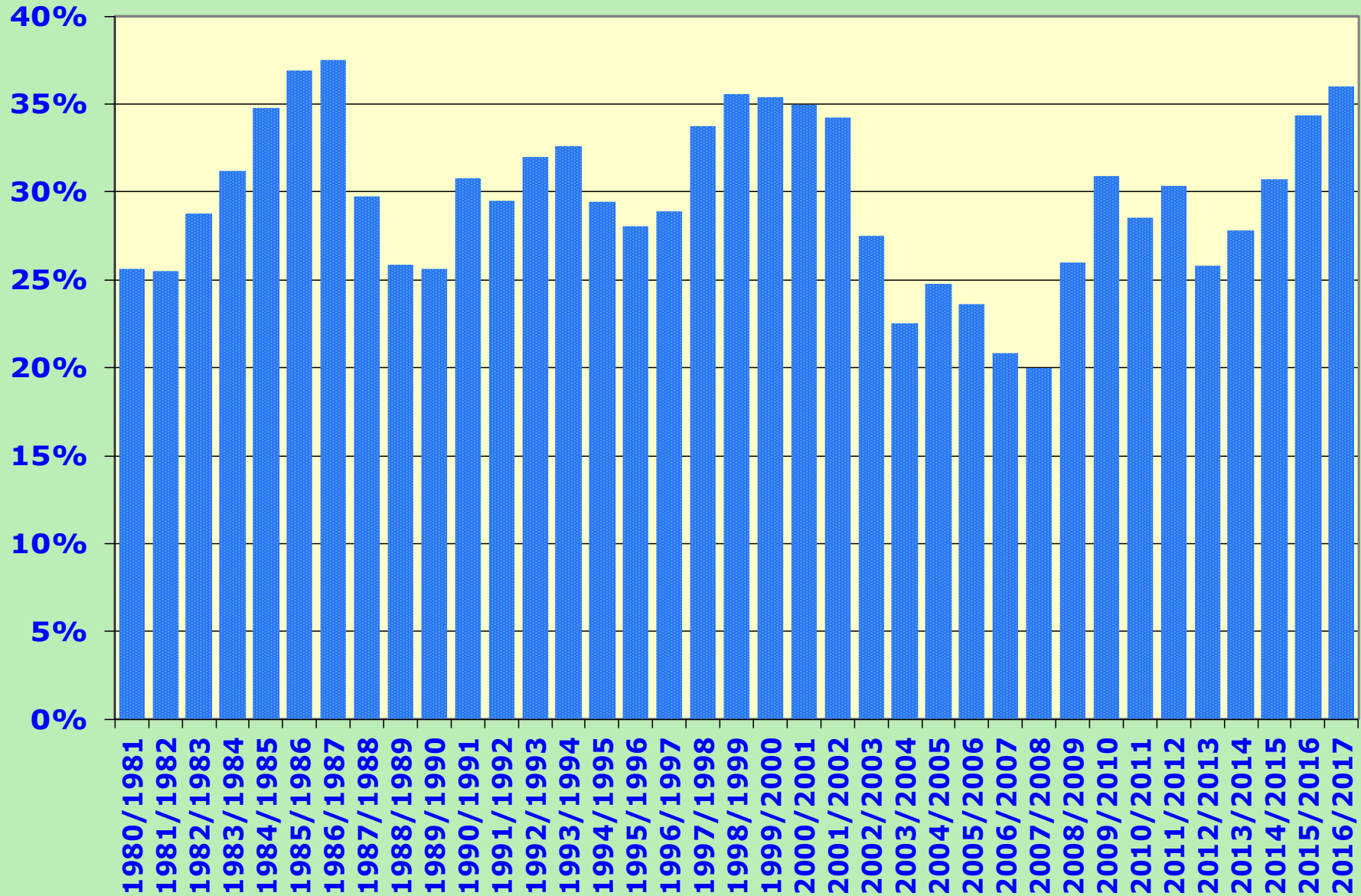
## TRIGO: PRODUÇÃO x CONSUMO MUNDIAL MILHÕES DE TONELADAS



# TRIGO: ESTOQUES FINAIS MUNDIAIS EM MILHÕES DE TONELADAS



## TRIGO: RELAÇÃO ENTRE ESTOQUES FINAIS E DEMANDA MUNDIAL (%)



# ARGENTINA: OFERTA E DEMANDA DE TRIGO

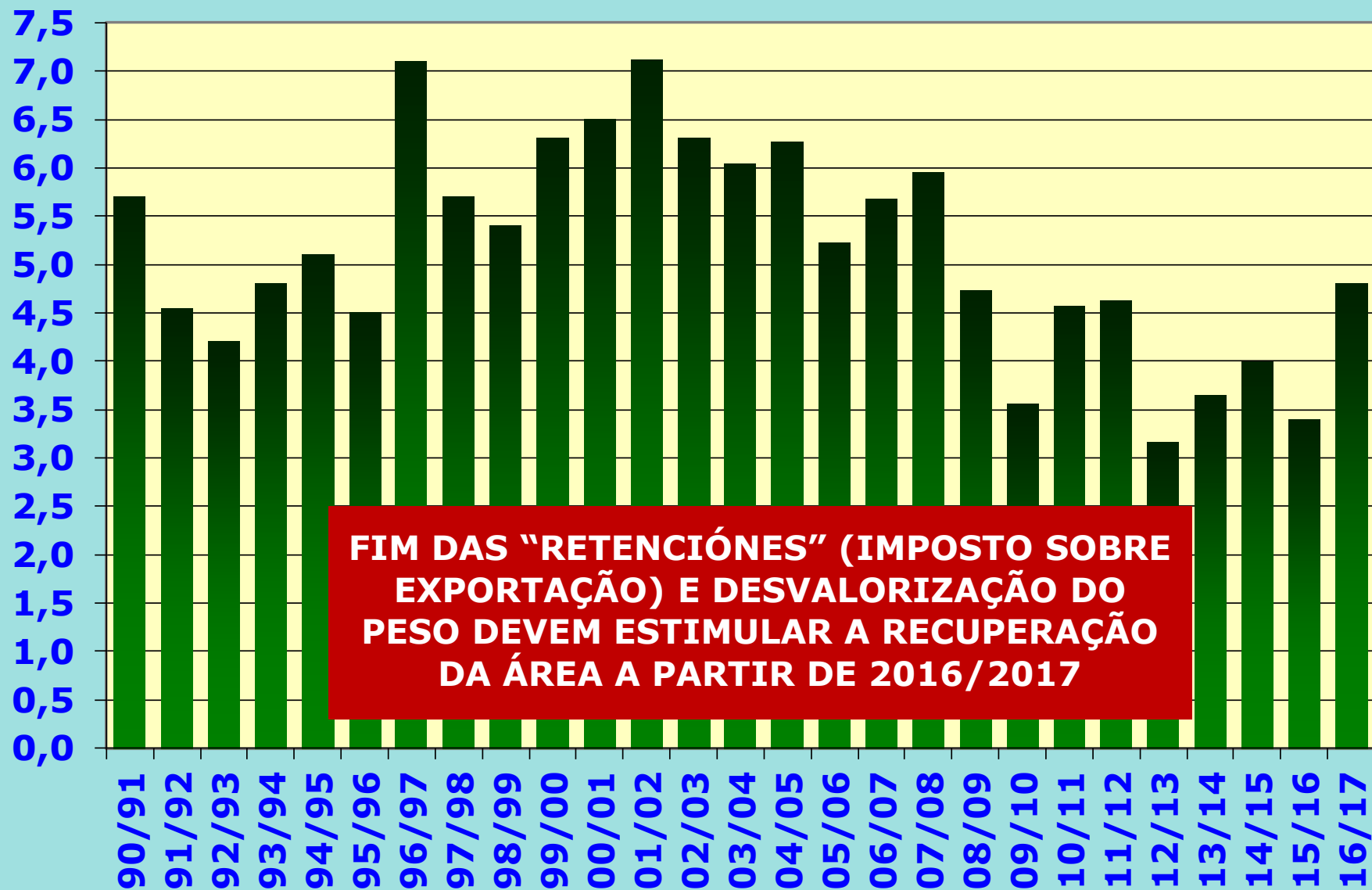
## DEZEMBRO A NOVEMBRO

ANO SAFRA	ESTOQUES INICIAIS MILHÕES T	ÁREA DE CULTIVO MILHÕES HA	RENDIMENTO MÉDIO EM KG/HA	PRODUÇÃO EM MILHÕES T	OFERTA TOTAL MILHÕES T	DEMANDA EM MILHÕES T			EXPORTAÇÕES EM MILHÕES T	ESTOQUES FINAIS MILHÕES T
						SEMENTES/RAÇÕES	MOAGEM	TOTAL		
90/91	4,63	5,700	2.000	11,40	16,03	0,20	4,30	5,00	5,60	5,43
91/92	5,43	4,550	2.154	9,80	15,23	0,10	4,00	4,50	5,80	4,93
92/93	4,93	4,200	2.405	10,10	15,03	0,10	4,00	4,60	5,90	4,53
93/94	4,53	4,800	2.167	10,40	14,93	0,30	4,20	5,00	5,00	4,93
94/95	4,93	5,100	2.216	11,30	16,23	0,15	4,30	4,31	7,32	4,60
95/96	4,60	4,500	1.911	8,60	13,20	0,15	4,50	4,17	4,48	4,55
96/97	4,55	7,100	2.239	15,90	20,45	0,01	4,40	4,90	10,20	5,36
97/98	5,36	5,702	2.760	15,74	21,10	0,01	4,70	4,80	11,15	5,15
98/99	5,15	5,399	2.463	13,30	18,45	0,02	4,60	4,87	8,56	5,03
99/00	5,03	6,300	2.603	16,40	21,43	0,08	4,50	4,93	11,59	4,91
00/01	4,91	6,497	2.457	15,96	20,87	0,08	4,50	4,99	11,27	4,61
01/02	4,61	7,109	2.152	15,30	19,91	0,05	4,50	4,75	10,80	4,36
02/03	4,36	6,300	1.953	12,30	16,66	0,05	4,60	5,16	6,76	4,74
03/04	4,74	6,040	2.411	14,56	19,30	0,05	4,80	5,23	9,41	4,67
04/05	4,67	6,260	2.549	15,96	20,62	0,08	4,93	5,01	11,83	3,78
05/06	3,78	5,222	2.408	12,57	16,36	0,08	4,80	5,00	8,50	2,86
06/07	2,86	5,676	2.572	14,60	17,46	0,08	4,80	4,90	9,51	3,05
07/08	3,05	5,948	2.749	16,35	19,40	0,08	5,05	5,13	8,91	5,36
08/09	5,36	4,732	1.769	8,37	13,73	0,08	5,00	5,08	3,10	5,55
09/10	5,55	3,552	2.534	9,00	14,55	0,53	6,28	6,81	3,73	4,01
10/11	4,01	4,577	3.474	15,90	19,91	0,46	6,60	7,06	7,75	5,10
11/12	5,10	4,628	3.133	14,50	19,60	0,40	6,30	6,70	11,40	1,50
12/13	1,50	3,160	2.532	8,00	9,50	0,40	5,50	5,90	3,10	0,50
13/14	0,50	3,650	2.603	9,50	10,00	0,40	6,00	6,40	1,75	1,85
14/15	1,85	4,000	3.000	12,00	13,85	0,40	5,81	6,21	4,71	2,93
15/16	2,93	3,400	3.324	11,30	14,23	0,50	5,52	6,02	7,50	0,71
16/17	0,71	4,800	3.229	15,50	16,21	0,55	5,85	6,40	8,50	1,31
VAR. 16/15	58%	-15%	11%	-6%	3%	25%	-5%	-3%	59%	-76%
VAR. 17/16	-76%	41%	-3%	37%	14%	10%	6%	6%	13%	84%

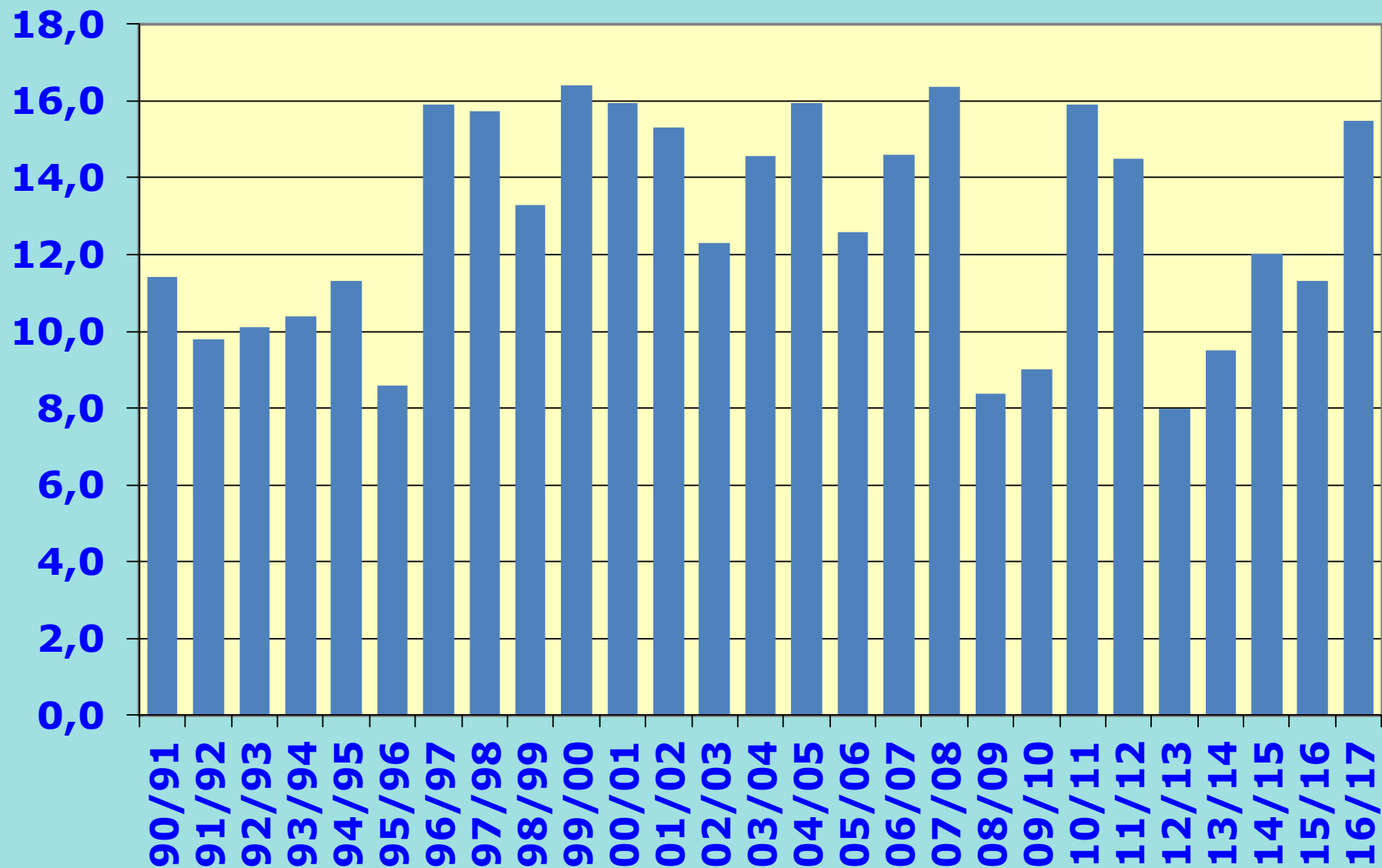
Fontes: Consultoria Agritrend e Bolsa Cereais de Buenos Aires

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA [www.carloscogo.com.br](http://www.carloscogo.com.br)

## TRIGO: ÁREA DE CULTIVO NA ARGENTINA EM MILHÕES DE HECTARES

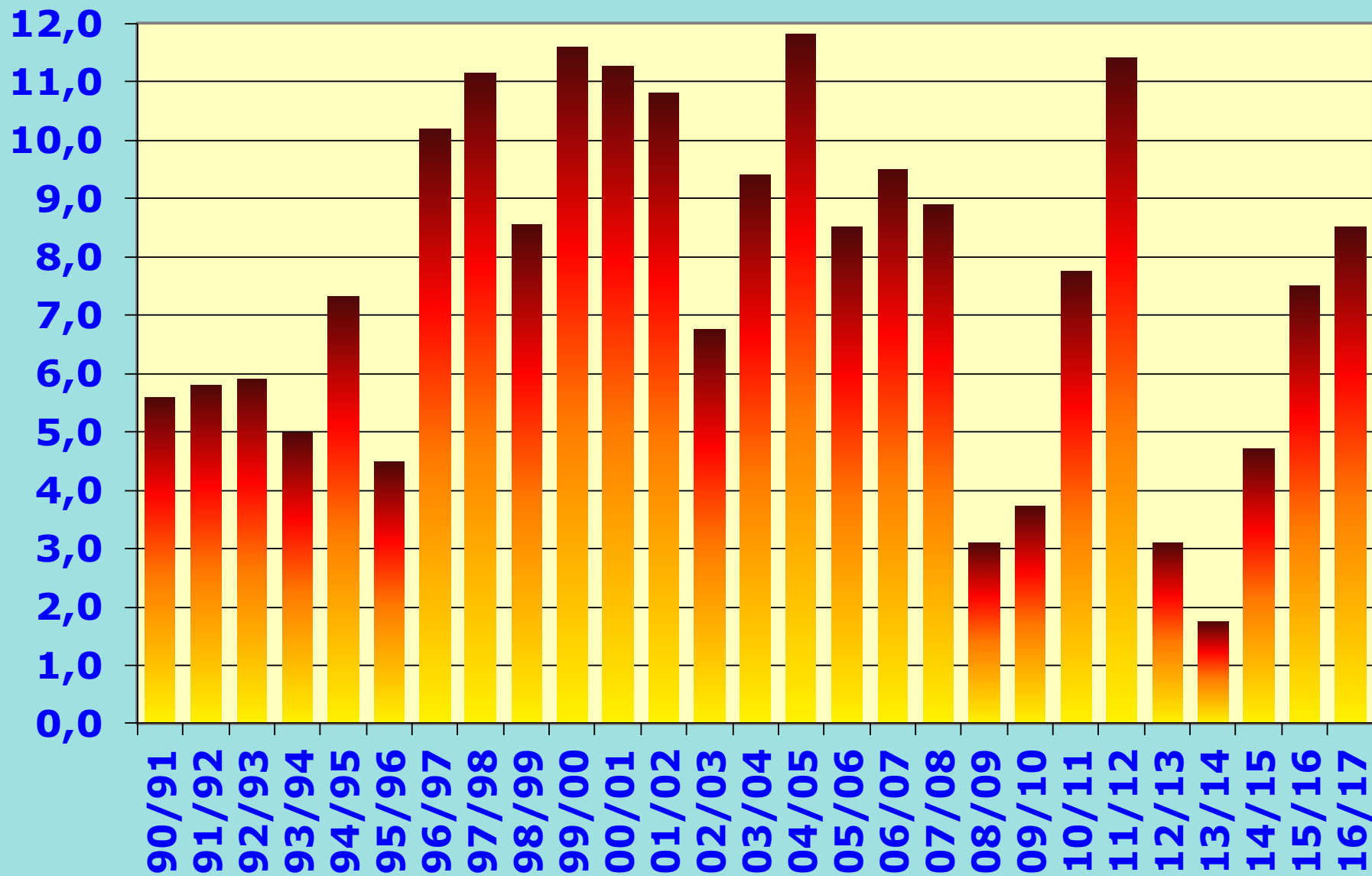


## ARGENTINA: PRODUÇÃO DE TRIGO MILHÕES DE TONELADAS

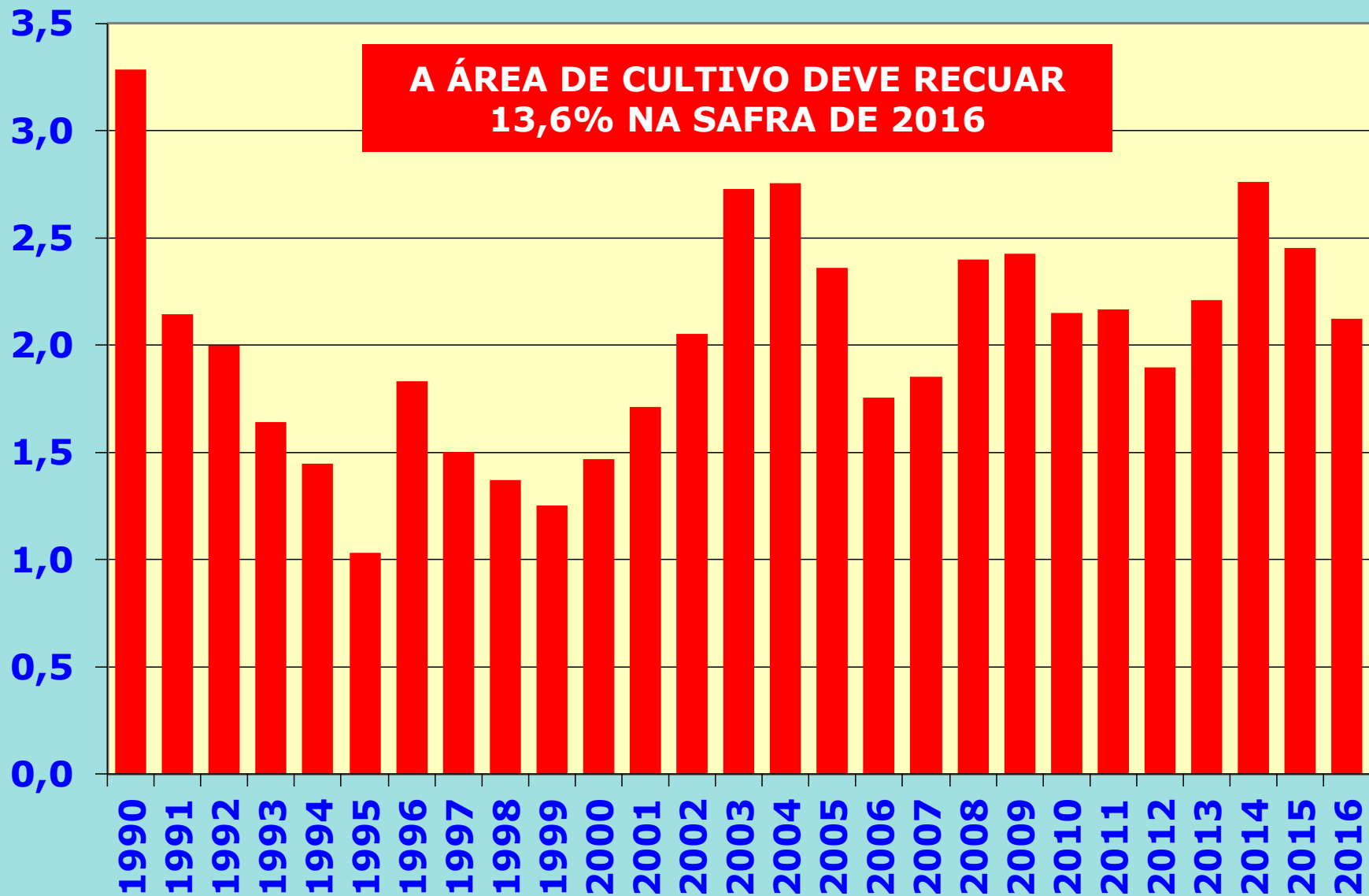




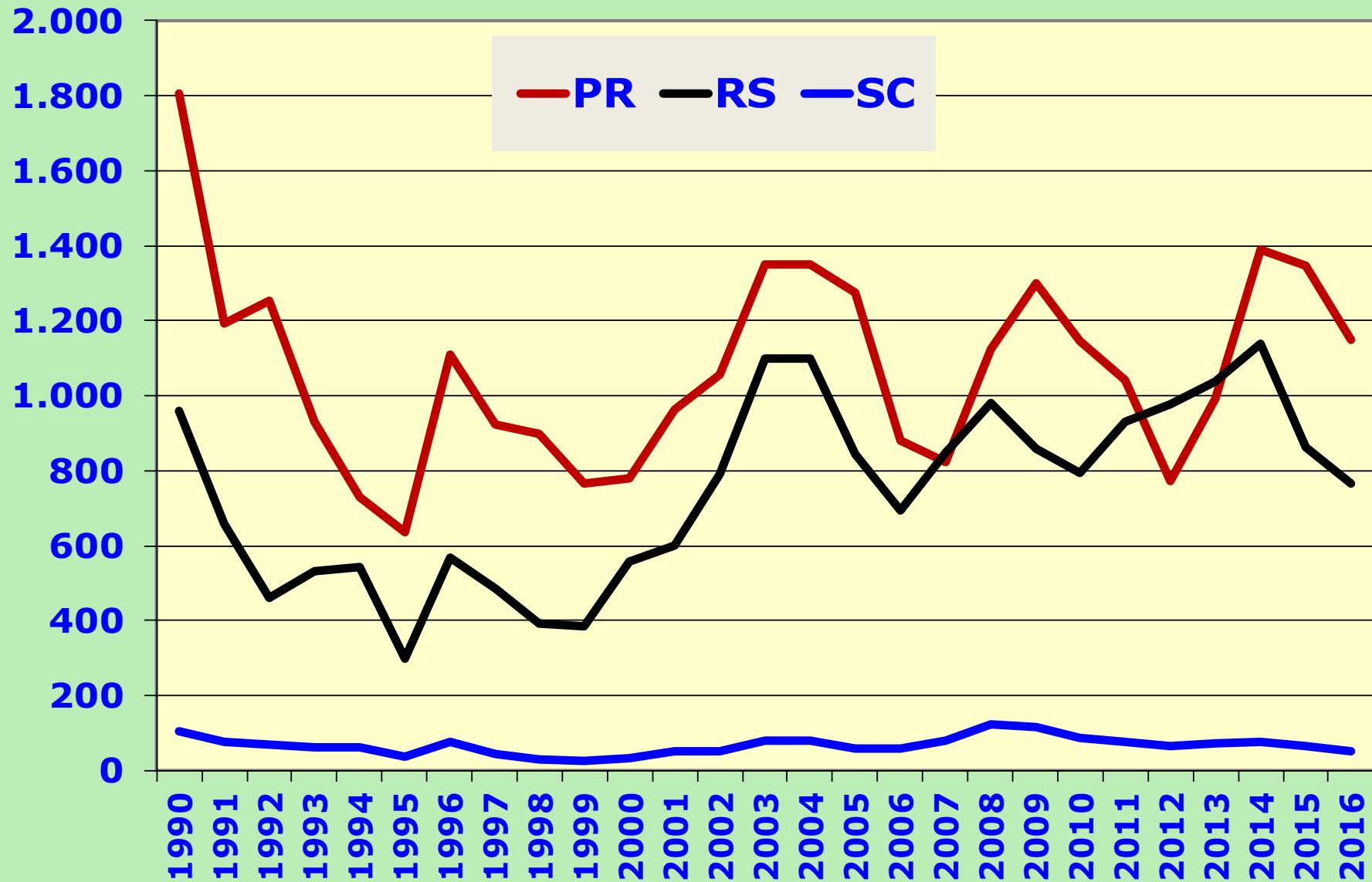
## ARGENTINA: EXPORTAÇÕES DE TRIGO MILHÕES DE TONELADAS



## TRIGO: ÁREA DE CULTIVO NO BRASIL EM MILHÕES DE HECTARES



# TRIGO: ÁREA DE CULTIVO NOS ESTADOS DA REGIÃO SUL - MIL HA

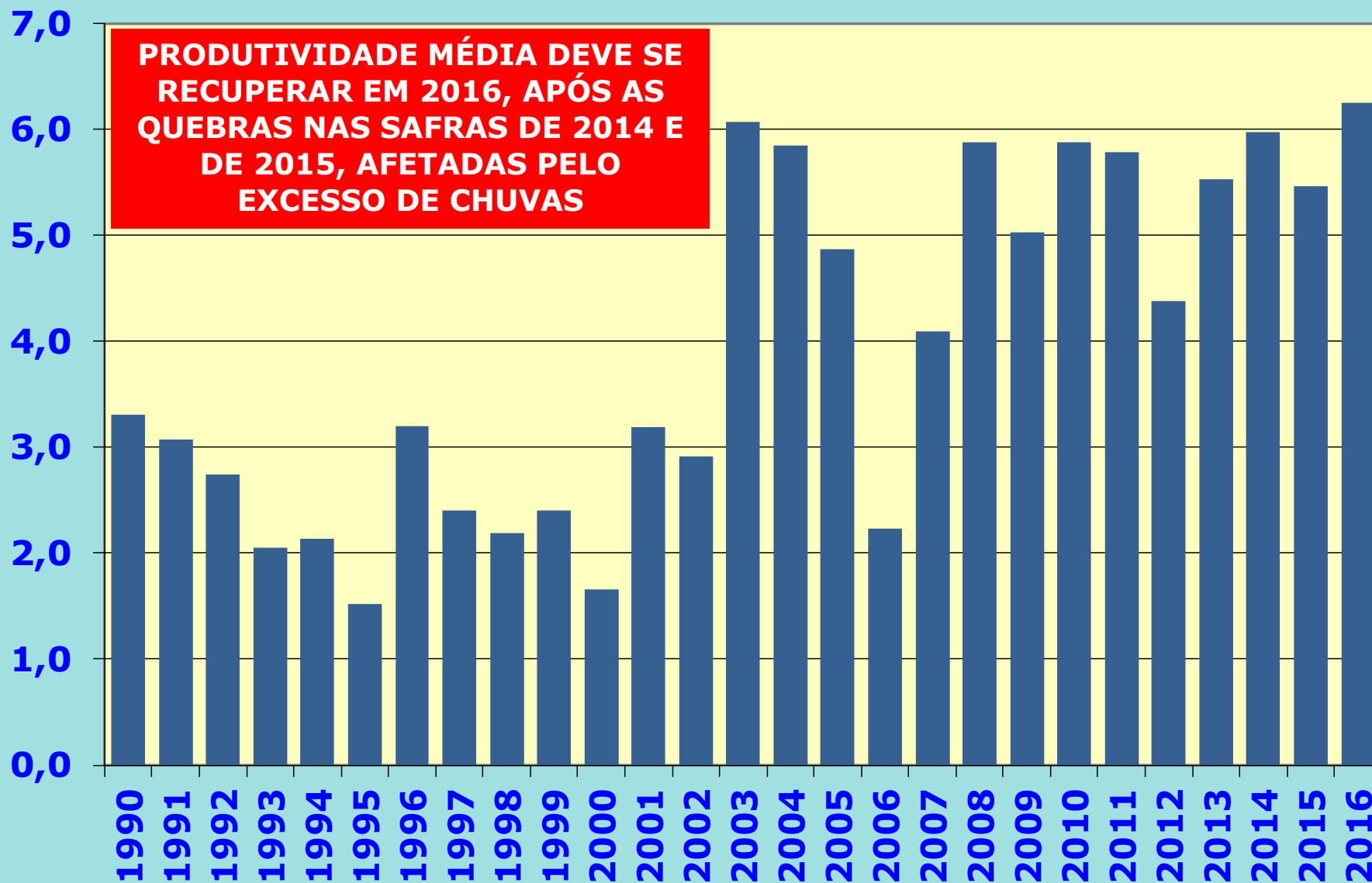


## TRIGO: CALENDÁRIO DE PLANTIO E COLHEITA

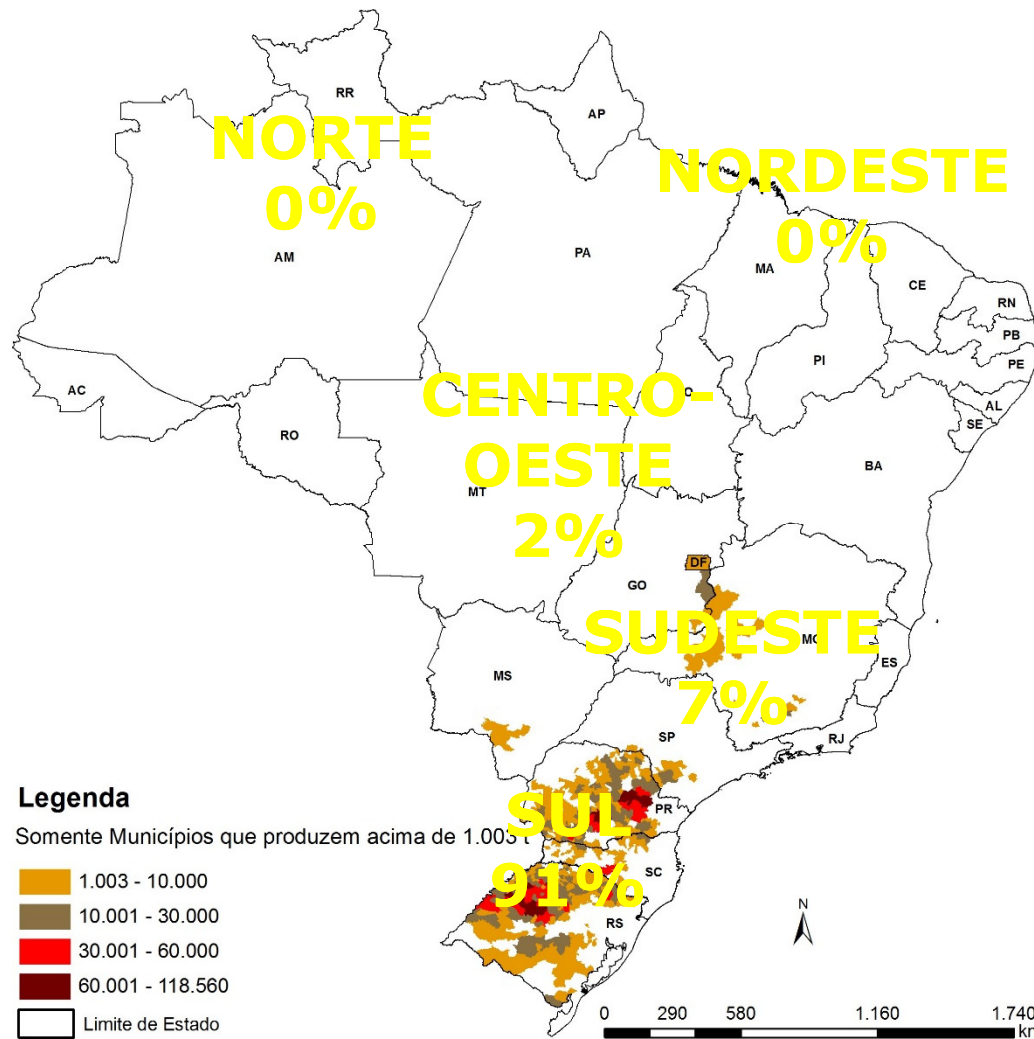
UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Centro-Oeste</b>												
MS							P	P			C	C
GO	C						P	P	P		C	C
DF	C						P	P	P			
<b>Sudeste</b>												
MG	C				P	P	P	P	P	C	C	C
SP	C						P	P	P		C	C
<b>Sul</b>												
PR	C	C	C				P	P	P	P	C	C
SC	C	C	C						P	P		
RS	C	C	C					P	P	P		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e Colheita

# TRIGO: PRODUÇÃO BRASILEIRA EM MILHÕES DE TONELADAS



## TRIGO: PRODUÇÃO BRASILEIRA NA SAFRA 2016



# TRIGO: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL

## EM MIL TONELADAS ANO COMERCIAL AGOSTO-JULHO

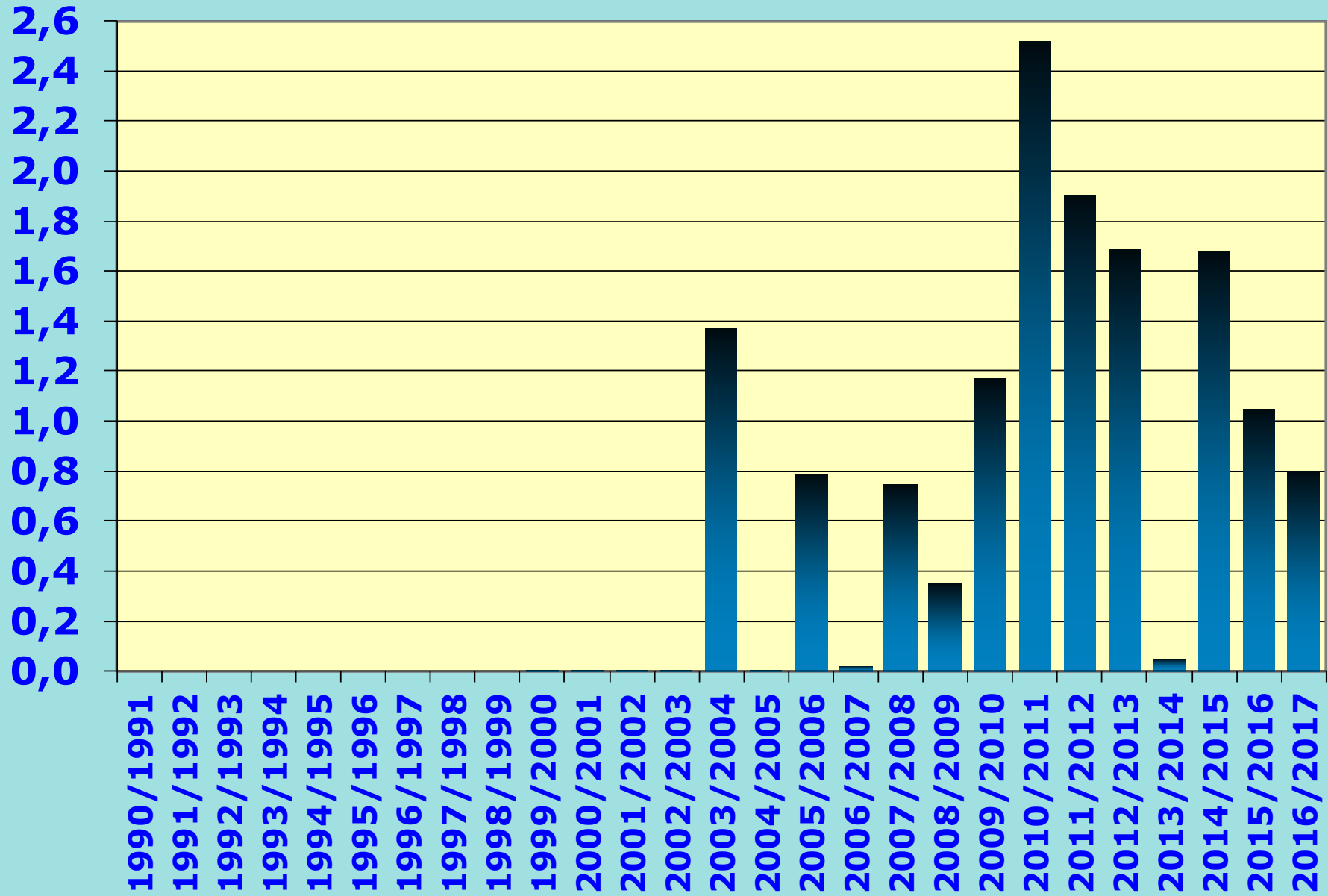
ANO PLANTIO	ANO COMERCIAL	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÕES	OFERTA TOTAL	EXPORTAÇÕES	DEMANDA INTERNA	ESTOQUES FINAIS
1990	1990/1991	1.444,8	3.304,0	2.522,0	7.270,8	0,0	6.660,0	610,8
1991	1991/1992	610,8	3.077,8	3.549,0	7.237,6	0,0	6.765,0	472,6
1992	1992/1993	472,6	2.739,2	4.000,0	7.211,8	0,0	7.017,0	194,8
1993	1993/1994	194,8	2.051,8	5.300,0	7.546,6	0,0	7.432,0	114,6
1994	1994/1995	114,6	2.137,8	6.512,0	8.764,4	0,0	7.848,0	916,4
1995	1995/1996	916,4	1.524,3	5.700,0	8.140,7	0,0	8.000,0	140,7
1996	1996/1997	140,7	3.197,5	5.542,0	8.880,2	0,0	8.205,0	675,2
1997	1997/1998	675,2	2.406,9	6.190,3	9.272,4	0,0	8.821,5	450,9
1998	1998/1999	450,9	2.187,7	7.139,3	9.777,9	0,0	9.340,0	437,9
1999	1999/2000	437,9	2.402,8	7.718,1	10.558,8	2,3	9.988,8	567,7
2000	2000/2001	567,7	1.658,4	7.632,4	9.858,5	1,3	9.338,7	518,5
2001	2001/2002	518,5	3.194,2	7.055,4	10.768,1	4,7	10.059,2	704,2
2002	2002/2003	704,2	2.913,9	6.853,2	10.471,3	5,0	9.851,5	614,8
2003	2003/2004	614,8	6.073,5	5.373,8	12.062,1	1.373,3	9.642,0	1.046,8
2004	2004/2005	1.046,8	5.845,9	4.971,2	11.863,9	3,5	9.803,0	2.057,4
2005	2005/2006	2.057,4	4.873,1	5.844,2	12.774,7	784,9	10.231,0	1.758,8
2006	2006/2007	1.758,8	2.233,7	7.164,1	11.156,6	19,7	9.600,0	1.536,9
2007	2007/2008	1.536,9	4.097,1	5.926,4	11.560,4	746,7	9.618,0	1.195,7
2008	2008/2009	1.195,7	5.884,0	5.676,4	12.756,1	351,4	9.398,0	3.006,7
2009	2009/2010	3.006,7	5.026,2	5.922,2	13.955,1	1.170,4	9.614,2	3.170,5
2010	2010/2011	2.879,7	5.881,6	5.798,4	14.559,7	2.515,9	9.842,4	2.201,4
2011	2011/2012	2.201,4	5.788,6	6.011,8	14.001,8	1.901,0	10.144,9	1.955,9
2012	2012/2013	1.955,9	4.379,5	7.010,2	13.345,6	1.683,8	10.134,3	1.527,5
2013	2013/2014	1.527,5	5.527,9	6.642,4	13.697,8	47,4	11.381,5	2.268,9
2014	2014/2015	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	1.680,5	10.713,7	1.174,6
2015	2015/2016	1.174,6	5.461,8	5.450,0	12.086,4	1.050,0	10.267,3	769,1
2016	2016/2017	769,1	6.248,0	5.200,0	12.217,1	800,0	10.318,6	1.098,5
VAR. 2015/2014		-48,2%	-8,5%	2,3%	-10,9%	-37,5%	-4,2%	-34,5%
VAR. 2016/2015		-34,5%	14,4%	-4,6%	1,1%	-23,8%	0,5%	42,8%

\* ANO COMERCIAL 2015/2016: AGOSTO DE 2015 A JULHO DE 2016

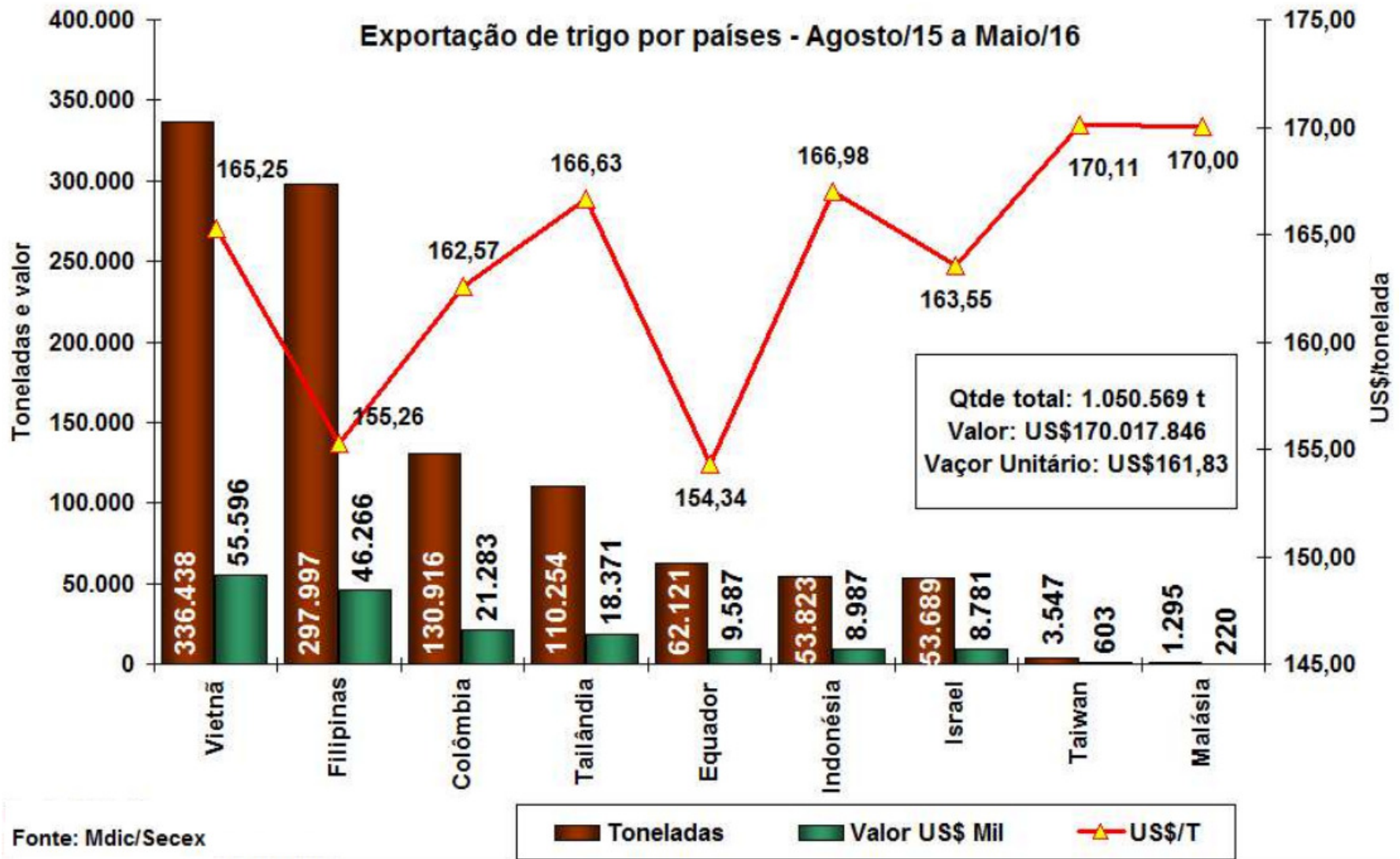
Fontes: Conab, Ibge, Abitrigo, Secex e Carlos Cogo Consultoria Agroeconômica

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

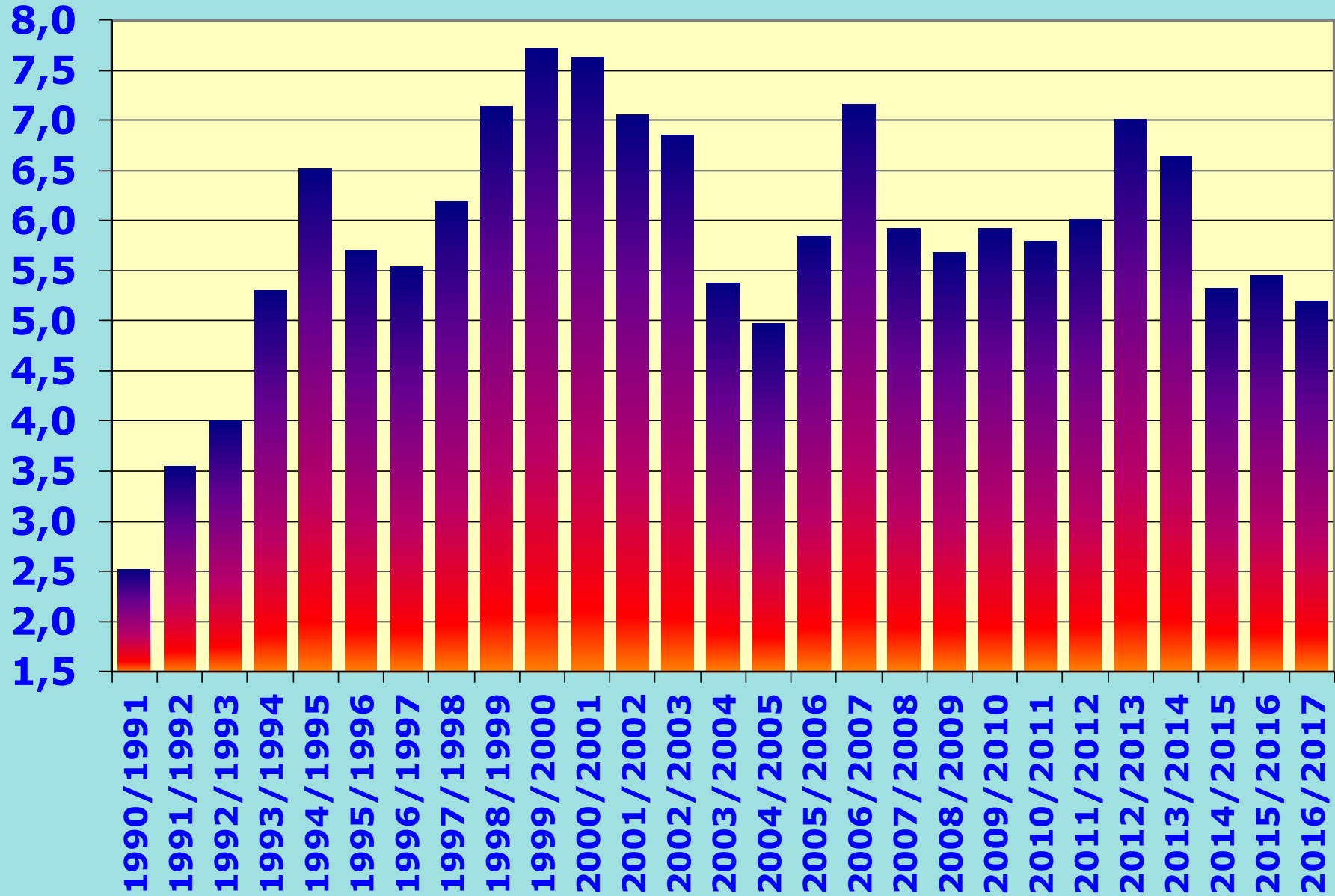
## TRIGO: EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS MILHÕES DE TONELADAS



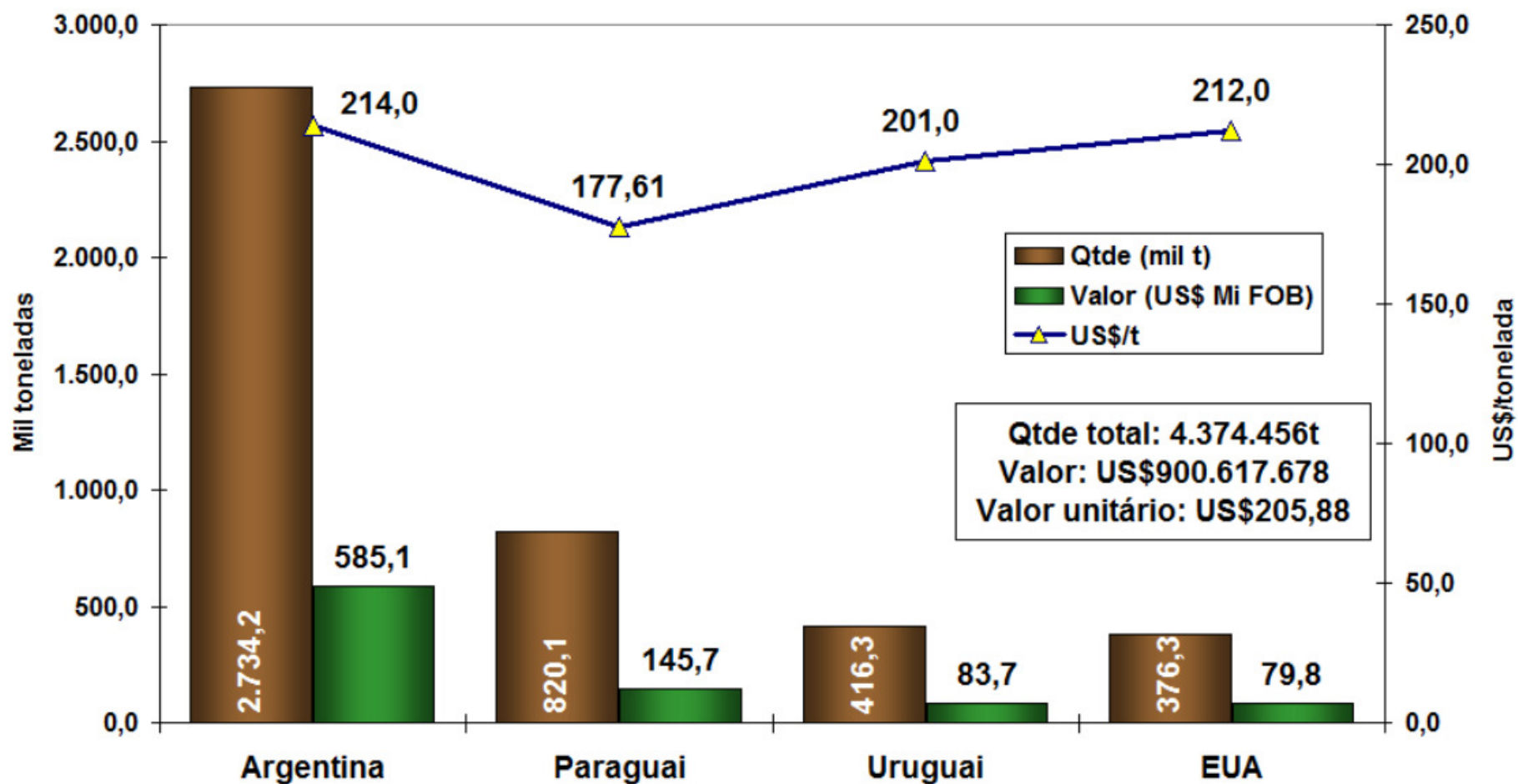




## TRIGO: IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS MILHÕES DE TONELADAS

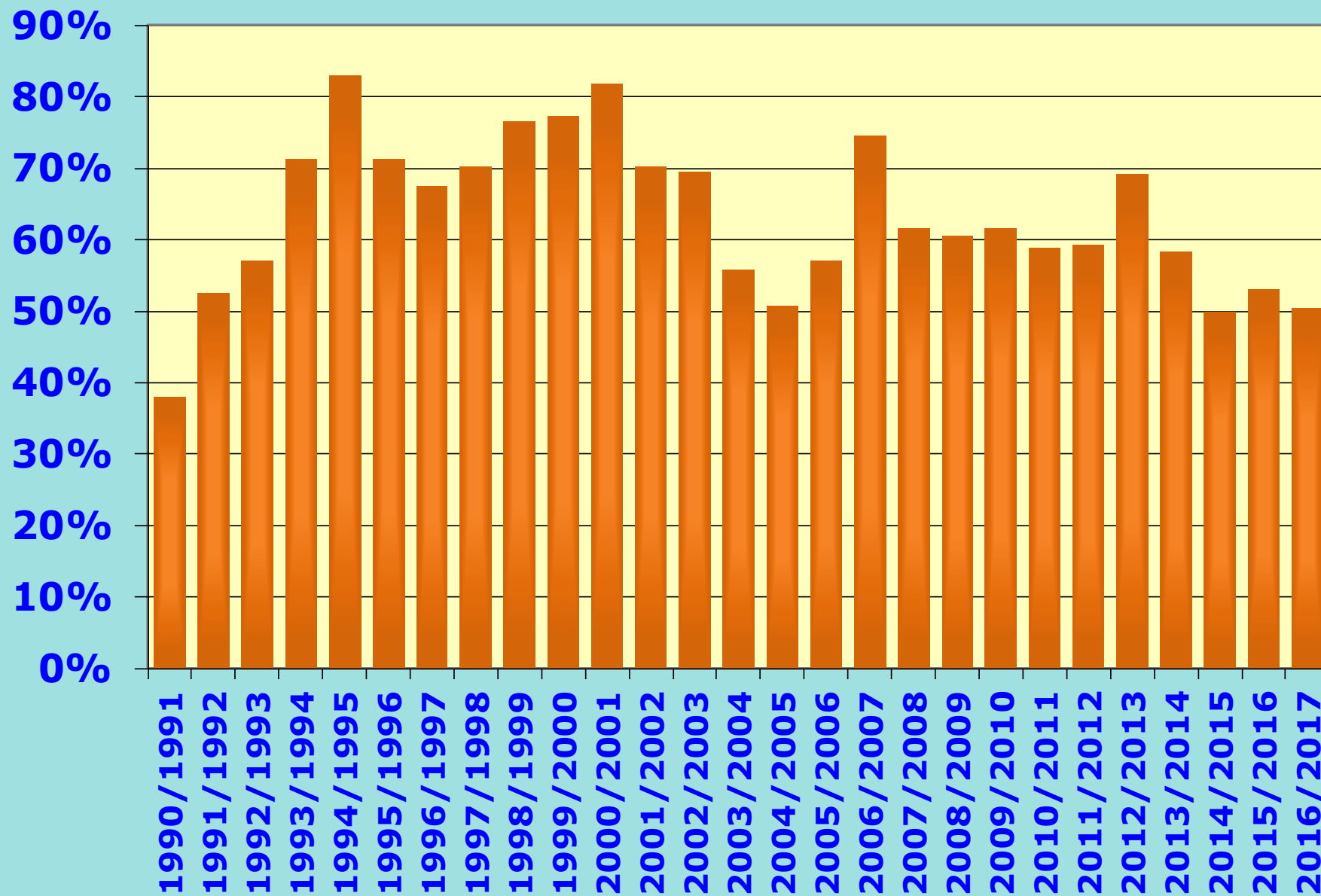


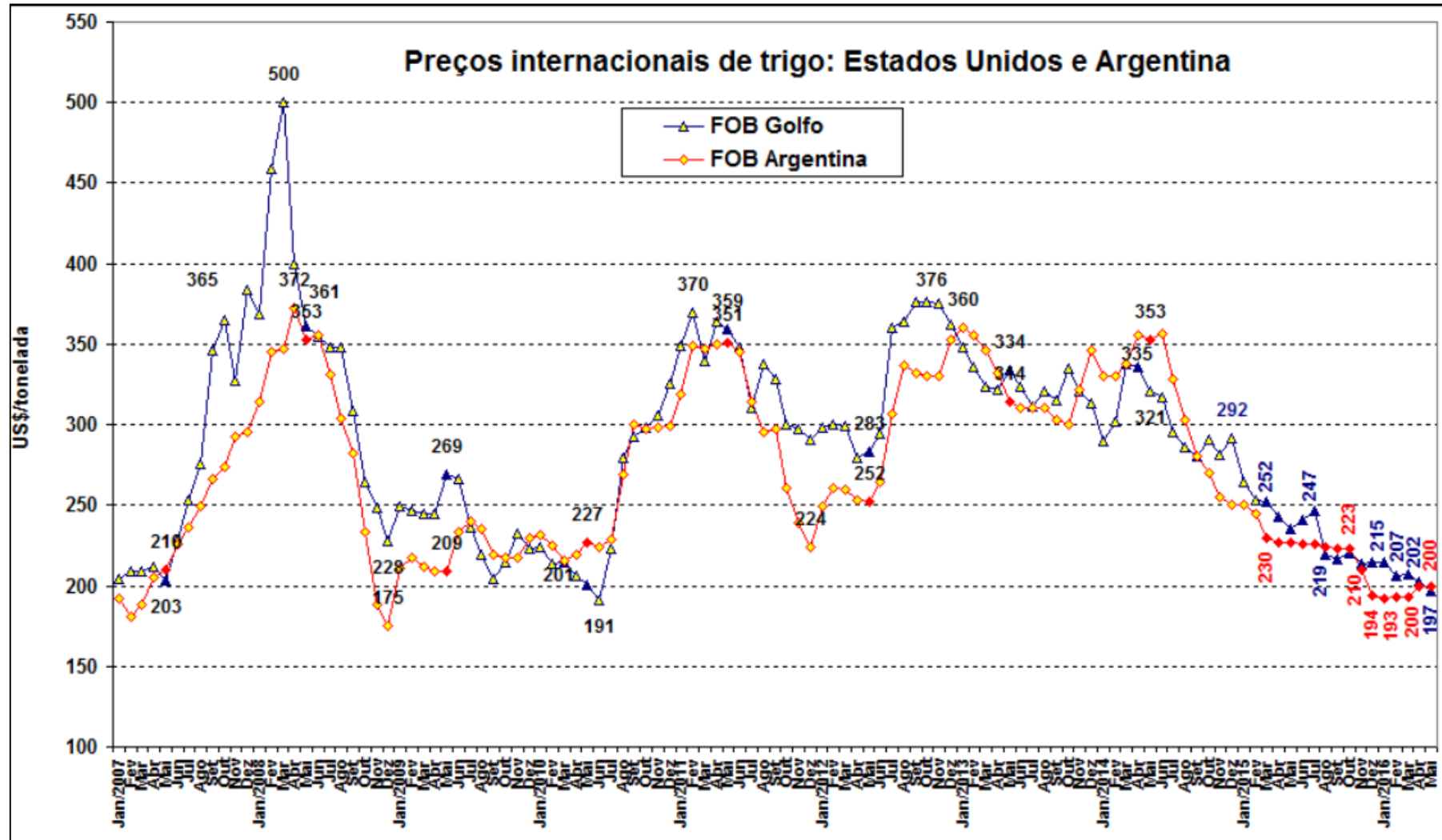
Importações de trigo por países - Agosto/15 a Maio/16



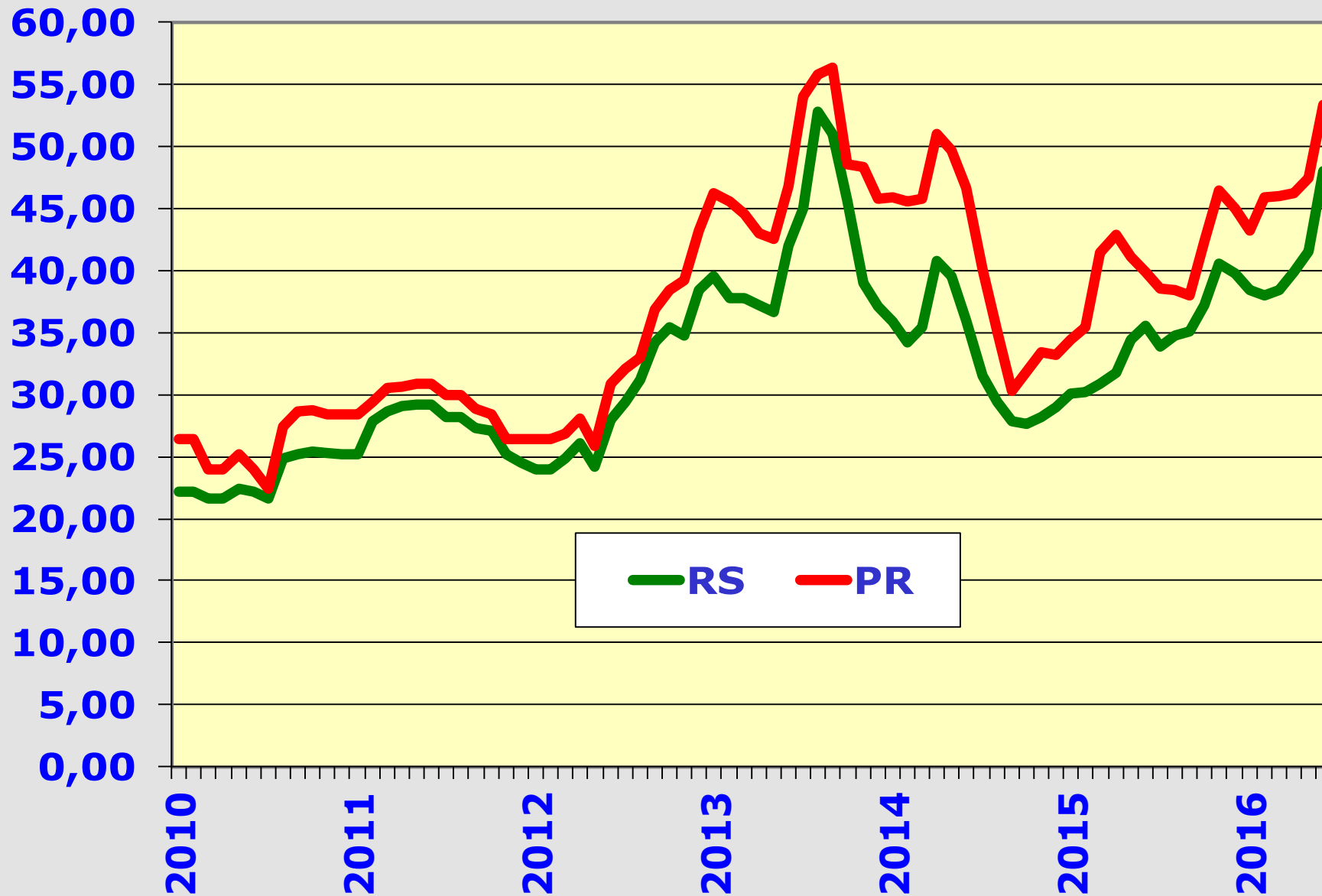
Fonte: Mdic/Secex

## TRIGO: PARTICIPAÇÃO DAS IMPORTAÇÕES NA DEMANDA BRASILEIRA (%)

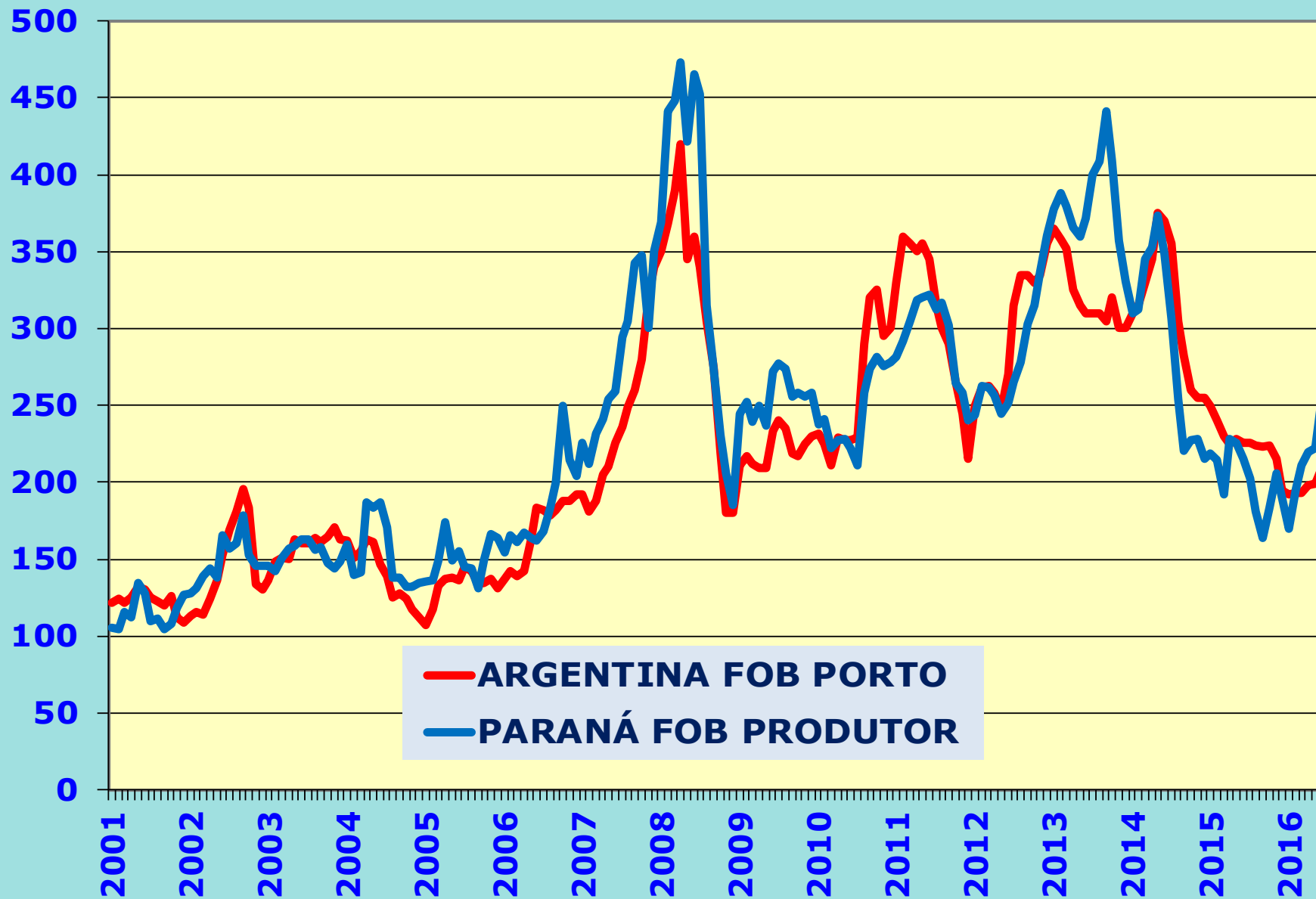




# TRIGO GRÃO: PREÇOS PRODUTOR (LOTES) PR x RS - R\$/SACA 60 Kg



## TRIGO PANIFICAÇÃO: COMPARATIVO ENTRE OS PREÇOS FOB ARGENTINA E PARANÁ



## TRIGO: CUSTOS DE PRODUÇÃO E MARGENS - SAFRA 2016

ANO-SAFRA		2014		2015		2016	
ANO COMERCIAL		2014/2015		2015/2016		2016/2017	
REGIÃO DE PRODUÇÃO		RS	PR	RS	PR	RS	PR
ITEM	UNIDADE	ALTA TECNOLOGIA	ALTA TECNOLOGIA	ALTA TECNOLOGIA	ALTA TECNOLOGIA	ALTA TECNOLOGIA	ALTA TECNOLOGIA
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA OS CUSTOS	R\$/USD	2,28	2,28	3,22	3,22	3,63	3,63
SEMENTES	USD/HA	111,36	121,50	88,86	96,96	57,38	69,95
FERTILIZANTES	USD/HA	252,67	213,39	192,03	162,18	163,25	173,33
DEFENSIVOS	USD/HA	75,61	73,58	77,12	75,05	106,19	69,41
OUTROS	USD/HA	144,89	131,96	179,75	163,01	98,86	94,96
<b>CUSTEIO DA LAVOURA</b>	<b>USD/HA</b>	<b>584,52</b>	<b>540,43</b>	<b>537,76</b>	<b>497,20</b>	<b>425,68</b>	<b>407,65</b>
OUTRAS DESPESAS - SEGUROS, FRETES, ETC.	USD/HA	58,75	114,18	54,05	105,05	86,07	108,74
<b>CUSTO VARIÁVEL DESEMBOLSADO (A)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>643,27</b>	<b>654,61</b>	<b>591,81</b>	<b>602,24</b>	<b>511,75</b>	<b>516,39</b>
<b>CUSTO VARIÁVEL - DESEMBOLSADO (A)</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>1.466,66</b>	<b>1.219,05</b>	<b>1.905,63</b>	<b>1.219,05</b>	<b>1.857,65</b>	<b>1.382,86</b>
OUTROS CUSTOS FIXOS E DEPRECIAÇÕES	USD/HA	83,21	88,25	76,55	81,19	102,18	112,03
<b>CUSTO OPERACIONAL (B)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>726,48</b>	<b>742,86</b>	<b>668,37</b>	<b>683,43</b>	<b>613,93</b>	<b>628,42</b>
RENTA DE FATORES	USD/HA	200,43	55,22	184,40	50,80	161,75	70,48
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO (C)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>926,91</b>	<b>798,08</b>	<b>852,76</b>	<b>734,23</b>	<b>775,68</b>	<b>698,90</b>
PRODUTIVIDADE MÉDIA	SC 60 KG/HA	22,2	45,6	28,3	40,6	45,0	50,3
PRODUTIVIDADE MÉDIA	KG/HA	1.330	2.737	1.700	2.436	2.700	3.017
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO</b>	<b>USD/60 KG</b>	<b>41,82</b>	<b>17,50</b>	<b>30,10</b>	<b>18,08</b>	<b>17,24</b>	<b>13,90</b>
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>2.113,36</b>	<b>1.819,61</b>	<b>2.745,89</b>	<b>2.364,22</b>	<b>2.815,72</b>	<b>2.537,01</b>
PREÇO MÉDIO PRODUTOR	USD/60 KG	9,97	14,95	10,13	11,61	10,50	12,50
MARGEM SOBRE O CUSTO	USD/60 KG	<b>-31,85</b>	<b>-2,55</b>	<b>-19,97</b>	<b>-6,47</b>	<b>-6,74</b>	<b>-1,40</b>
PREÇO MÉDIO ANUAL FOB ARGENTINA	USD/T	246,00	246,00	205,10	205,10	219,00	219,00
<b>RECEITA BRUTA (D)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>221,00</b>	<b>681,97</b>	<b>287,02</b>	<b>471,37</b>	<b>472,50</b>	<b>628,54</b>
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA COMERCIALIZAÇ	R\$/USD	3,00	3,00	3,83	3,83	3,81	3,81
<b>RECEITA BRUTA (D)</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>663,01</b>	<b>2.045,91</b>	<b>1.099,27</b>	<b>1.805,33</b>	<b>1.800,23</b>	<b>2.394,74</b>
<b>RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>-705,91</b>	<b>-116,11</b>	<b>-565,74</b>	<b>-262,86</b>	<b>-303,18</b>	<b>-70,36</b>
<b>RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>-1.450,36</b>	<b>226,29</b>	<b>-1.646,61</b>	<b>-558,89</b>	<b>-1.015,49</b>	<b>-142,26</b>
MARGEM SOBRE O CUSTO	%	<b>-68,6%</b>	12,4%	<b>-60,0%</b>	<b>-23,6%</b>	<b>-36,1%</b>	<b>-5,6%</b>
<b>MARGEM SOBRE O CUSTO</b>	<b>SACAS/HA</b>	<b>-15,2</b>	<b>5,7</b>	<b>-17,0</b>	<b>-9,6</b>	<b>-16,2</b>	<b>-2,8</b>
<b>RECEITA LÍQUIDA S/C. VARIÁVEL (D) - (A)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>-422,27</b>	<b>27,36</b>	<b>-304,79</b>	<b>-130,88</b>	<b>-39,25</b>	<b>112,15</b>
EBITDA	R\$/HA	<b>-803,66</b>	826,86	<b>-806,36</b>	586,28	<b>-57,43</b>	1.011,89
MARGEM EBITDA	%	<b>-121,2%</b>	40,4%	<b>-73,4%</b>	32,5%	<b>-3,2%</b>	42,3%

OBS.: PARA A SAFRA DE INVERNO, CONSIDERAR RENTABILIDADE A PARTIR DA RECEITA LÍQUIDA S/C. DESEMBOLSADO (D) - (A)



**CARLOS COGO**  
CONSULTORIA EM AGRIBUSINESS

**ARROZ**



## **ARROZ: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- A tendência é de alta dos preços do arroz nos próximos meses, até o final da entressafra de 2015/2016.
- Com o final da colheita de arroz da safra 2015/2016 no Rio Grande do Sul, os preços do arroz em casca aos produtores estão em alta, posicionando-se em níveis bem mais elevados do que os registrados no mesmo período do ano passado.
- No Rio Grande do Sul, o preço médio ponderado do arroz em casca ao produtor é de R\$ 45,29 por saco de 50 Kg, com alta acumulada de 2,3% em sete dias e de 8,5% nos últimos 30 dias.
- A média atual está nominalmente 34,4% acima da registrada na mesma semana do ano anterior, que foi de R\$ 33,71 por saco de 50 Kg.
- A alta nominal acumulada em 12 meses já supera R\$ 11,50/saco 50 Kg.
- No ano-safra anterior, não foram verificados valores próximos à média atual (R\$ 45,29 por saco de 50 Kg), nem no final da entressafra.
- O maior valor da safra passada ocorreu em fevereiro/2016, com média de R\$ 42,41 por saco de 50 Kg na primeira semana do mês.

## **ARROZ: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- Dessa forma, vai se confirmando a tendência altista para os preços do arroz em 2016, com a reação do mercado neste período pós-colheita, de maneira mais acentuada do que a verificada em anos anteriores.
- A área plantada com arroz no Brasil em 2015/2016 caiu 14,6%, para 1,960 milhão de hectares, contra 2,295 milhões de hectares na anterior.
- Essa é a menor área plantada no Brasil desde o início da série histórica, iniciada em 1976/1977.
- Em relação à temporada 2004/2005, quando foram cultivados 3,937 milhões de hectares, a queda acumulada da área de cultivo de arroz no Brasil é de 50,2%.
- A produção brasileira de arroz deve recuar 15,2% nesta safra 2015/2016, em virtude da forte queda da área de plantio e das adversidades climáticas sobre o Sul, em especial no Rio Grande do Sul.
- A produção brasileira de arroz está estimada pela nossa Consultoria em 10,548 milhões de toneladas, contra 12,436 milhões de toneladas em 2014/2015.

## **ARROZ: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- O quadro de oferta e demanda de arroz no Brasil está bem ajustado nesta temporada 2015/2016, com baixos estoques de passagem e produção interna abaixo da demanda doméstica.
- Os estoques iniciais desta safra 2015/2016, em 1º de março de 2016, estão estimados pela nossa Consultoria em apenas 950,6 mil toneladas (base casca).
- Os estoques iniciais, somados à produção, estimada em 10,548 milhões de toneladas, formam uma oferta de apenas 11,499 milhões de toneladas, com consumo interno de 11,5 milhões de toneladas.
- Portanto, se as exportações brasileiras caírem para 1,250 milhão de toneladas (base casca), 8,2% abaixo do volume registrado em 2014/2015 (que foi de 1,362 milhão de toneladas), serão necessárias importações de 1,7 milhão de toneladas (base casca), 238% acima das 503,3 mil toneladas importadas na safra passada.
- Esse seria o volume mínimo a ser importado para que o País finalize o ano com estoques de passagem equivalentes a duas semanas de consumo (449 mil toneladas).

## **ARROZ: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- Quanto maior for o volume de exportações, maior será a necessidade de importações, já que os estoques existentes no país são muito baixos.
- Diante da maior necessidade de importações em 2015/2016, o câmbio será fator importante na formação dos preços internos, uma vez que o Brasil assumiu uma posição de exportador líquido nos últimos cinco anos, ao exportar volumes acima dos que importa.
- As exportações brasileiras de arroz (base casca) em maio/2016 – o terceiro mês do ano-safra 2015/2016, que iniciou em 1º de março de 2016 e se encerra em 28 de fevereiro de 2017 – atingiram 110.138 toneladas (base casca), 35,8% abaixo do mesmo mês do ano passado (maio/2015), quando foram embarcadas 171.567 toneladas.
- Por outro lado, as importações brasileiras de arroz (base casca) atingiram 70.652 toneladas (base casca) e registraram aumento de 24,2% em relação ao mesmo mês do ano-safra anterior (maio/2015), quando foram importadas 56.864 toneladas pelo Brasil.
- Em relação ao mês anterior (abril/2016), as importações de arroz tiveram incremento de 7,3%.

## **ARROZ: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- De acordo com o relatório mensal de oferta e demanda de Junho/2016, divulgado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), a safra global de arroz 2016/2017 está estimada em 480,7 milhões de toneladas (beneficiadas), ajustada ao consumo mundial, projetado em 480,4 milhões de toneladas.
- Os estoques finais mundiais de 2016/2017 estão estimados em 107,0 milhões de toneladas, apenas 0,3% acima das 106,6 milhões de toneladas em 2015/2016.
- Em maio, os preços mundiais deram um salto marcando a mais forte alta desde julho de 2014 e a tendência altista é influenciada mais uma vez pelos preços da Tailândia e Paquistão, que subiram de 7% a 10%.
- As disponibilidades de exportação devem continuar elevadas e a demanda de importação deve ser mais estável para o resto do ano.
- A produção mundial deve melhorar, graças ao recuo do fenômeno climático El Niño, principalmente nas regiões do Sudeste Asiático.
- Dessa forma, será necessário recorrer novamente às reservas mundiais para cobrir o consumo global.

## **ARROZ: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- Na Tailândia, os preços do arroz aumentaram significativamente 8% em um mês e essa é a mais forte alta desde julho de 2014.
- As disponibilidades exportáveis tendem a cair após uma contração na produção de 15% em 2015 e uma estagnação em 2016.
- Em maio, as vendas externas diminuíram, atingindo 660.000 toneladas, contra 700.000 toneladas em abril.
- O governo anunciou que poderia ainda oferecer 10 milhões de toneladas de seus antigos estoques públicos.
- No início de junho, as exportações registraram um avanço de 10% em relação ao mesmo período do ano passado.
- Em maio, o Thai 100% B foi cotado a US\$ 423 a tonelada FOB contra US\$ 395 a tonelada em abril.
- O Thai parboilizado subiu para US\$ 421 a tonelada contra US\$ 389 a tonelada em abril.
- No Vietnã, os preços externos mantiveram-se estáveis novamente, mesmo diante da redução da demanda chinesa e do Sudeste Asiático.

## **ARROZ: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- As exportações do Vietnã registram um avanço de apenas 2% em relação ao mesmo período do ano passado.
- As disponibilidades de exportação devem começar a cair por causa da seca que tem afetado as principais culturas e a produção de arroz poderá cair 3% em relação a 2015.
- Em maio, o Viet 5% permaneceu estável em US\$ 377 a tonelada.
- Neste início de junho, os preços permanecem estáveis.
- Na Índia, os preços de exportação aumentaram novamente.
- O governo central procura reativar as exportações no Sudeste da Ásia, especialmente para a Indonésia, através de contratos governamentais.
- As exportações não progridem muito devido à diminuição da demanda dos países vizinhos (Bangladesh) e africanos.
- Em 2016, as exportações indianas podem cair 15% em relação a 2015.
- Em maio, o arroz indiano 5% registrou US\$ 383 a tonelada contra US\$ 379 a tonelada em abril.
- No Paquistão, os preços do arroz subiram 10% em um mês.



## **ARROZ: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- As disponibilidades de exportação do Paquistão começam a cair e as vendas externas avançam pouco.
- Os exportadores solicitaram, mas sem resultado, subsídios do governo para impulsionar as exportações.
- Em maio, o Pak 5% foi cotado a US\$ 402 a tonelada contra US\$ 359 a tonelada em abril e, neste início de junho, os preços estão estáveis.
- Nos Estados Unidos, os preços de exportação começaram a se estabilizar após oito meses de declínio constante.
- Os preços dos Estados Unidos estão agora mais perto dos asiáticos.
- Em maio, as exportações caíram novamente, para 260.000 toneladas, contra 290.000 toneladas em abril.
- As vendas externas registram um recuo de 10% em relação ao mesmo período do ano passado e devem atingir 3,3 milhões de toneladas em 2016, contra 3,5 milhões de toneladas em 2015.
- O preço do arroz Long Grain 2/4 foi de US\$ 443 a tonelada em maio, contra US\$ 441 a tonelada em abril.

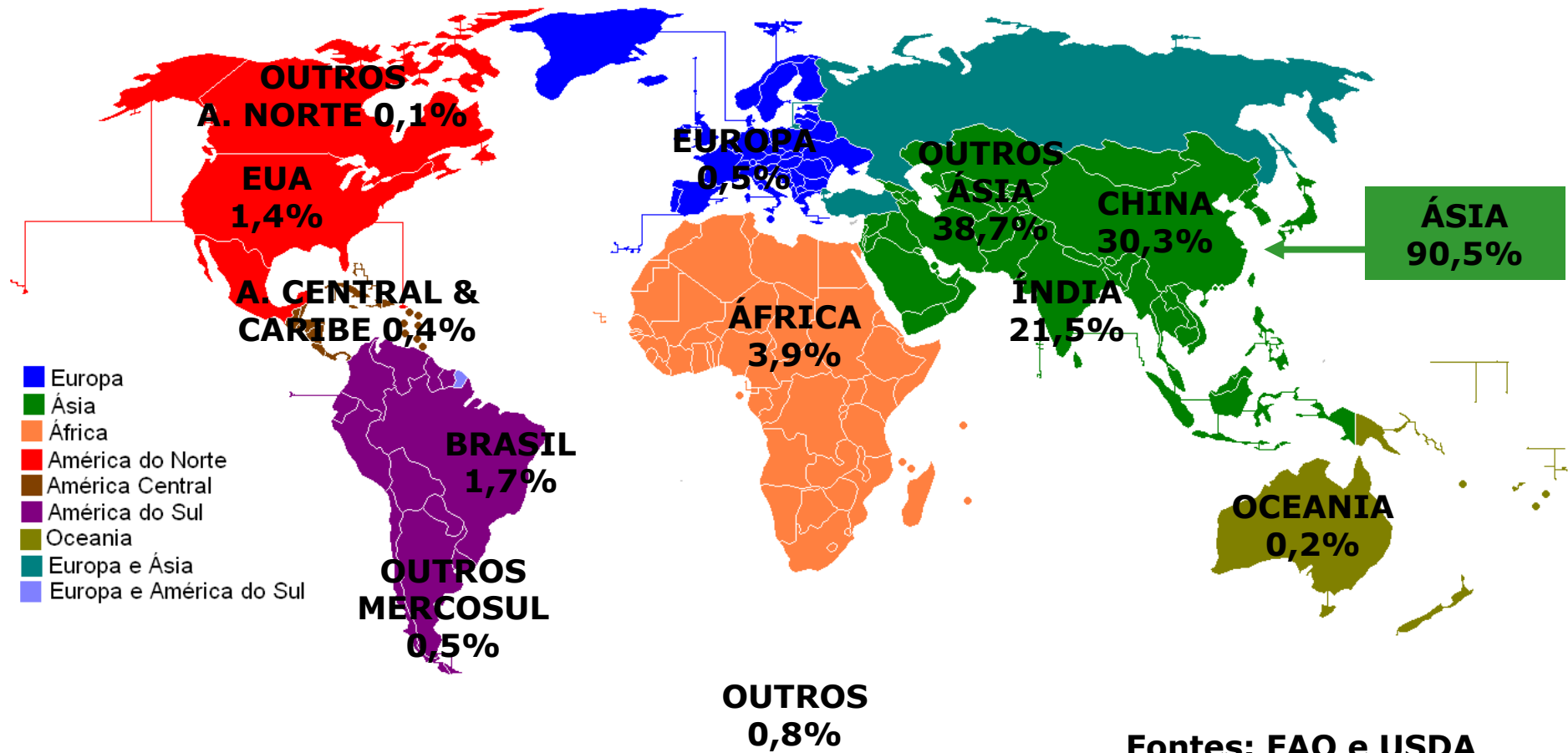
## ARROZ: OFERTA E DEMANDA MUNDIAL BASE BENEFICIADO

SAFRA	ÁREA DE CULTIVO milhões ha	PRODUTIVIDADE MÉDIA t/ha	PRODUÇÃO BASE CASCA milhões t	PRODUÇÃO BENEFICIADO milhões t	COMÉRCIO BENEFICIADO milhões t	CONSUMO BENEFICIADO milhões t	ESTOQUES FINAIS milhões t	ESTOQUES/ CONSUMO %
1980/1981	144,4	2.770	399,9	269,9	11,9	271,3	52,6	19,4%
1981/1982	144,4	2.852	411,7	277,9	11,3	279,9	50,5	18,0%
1982/1983	140,5	3.005	422,3	285,0	11,2	278,7	56,8	20,4%
1983/1984	144,6	3.144	454,7	306,9	11,9	294,4	69,3	23,5%
1984/1985	144,2	3.255	469,3	316,8	11,0	298,4	87,7	29,4%
1985/1986	144,8	3.253	471,1	318,0	11,8	307,9	97,7	31,7%
1986/1987	144,8	3.233	468,2	316,0	12,9	310,4	103,3	33,3%
1987/1988	141,7	3.295	466,8	315,1	11,4	313,3	105,3	33,6%
1988/1989	146,5	3.359	492,0	332,1	14,0	325,8	111,7	34,3%
1989/1990	147,6	3.464	511,4	345,2	11,7	336,4	120,6	35,9%
1990/1991	146,7	3.548	520,6	351,4	12,3	345,0	126,7	36,7%
1991/1992	147,5	3.549	523,4	353,3	14,4	353,1	126,8	35,9%
1992/1993	146,5	3.579	524,4	354,0	14,9	357,5	123,3	34,5%
1993/1994	145,4	3.615	525,5	354,7	16,5	359,3	119,2	33,2%
1994/1995	147,5	3.657	539,5	364,2	20,7	365,5	117,8	32,2%
1995/1996	148,2	3.687	546,4	368,8	19,7	368,2	118,4	32,1%
1996/1997	150,0	3.768	565,2	381,5	18,9	378,7	120,6	31,8%
1997/1998	151,3	3.792	573,8	387,3	27,6	379,4	128,0	33,7%
1998/1999	152,7	3.831	585,0	394,9	24,8	387,6	135,0	34,8%
1999/2000	155,3	3.906	606,4	409,3	22,8	397,6	146,2	36,8%
2000/2001	151,8	3.899	591,9	399,5	24,4	394,6	150,3	38,1%
2001/2002	150,9	3.929	592,9	400,2	27,8	410,1	139,3	34,0%
2002/2003	146,4	3.834	561,3	378,9	27,6	406,5	110,2	27,1%
2003/2004	148,9	3.905	581,5	392,5	27,4	415,6	86,1	20,7%
2004/2005	151,3	3.933	595,1	401,7	28,4	407,7	78,2	19,2%
2005/2006	153,4	4.041	619,9	418,4	30,2	416,0	76,5	18,4%
2006/2007	154,2	4.041	623,2	420,7	31,3	421,4	74,9	17,8%
2007/2008	155,1	4.145	643,0	434,0	31,3	428,1	81,0	18,9%
2008/2009	155,5	4.269	663,8	448,1	28,9	436,9	91,5	20,9%
2009/2010	156,0	4.204	655,8	442,7	31,4	440,1	94,3	21,4%
2010/2011	157,7	4.218	665,3	449,1	34,9	445,6	98,7	22,1%
2011/2012	159,5	4.338	691,7	466,9	39,8	459,8	106,8	23,2%
2012/2013	158,2	4.420	699,2	471,9	39,3	468,5	113,8	24,3%
2013/2014	161,6	4.387	708,8	478,4	42,2	481,6	114,3	23,7%
2014/2015	160,7	4.414	709,2	478,7	44,0	478,7	114,4	23,9%
2015/2016	157,8	4.424	697,9	470,9	41,3	478,7	106,6	22,3%
2016/2017	160,6	4.434	712,2	480,7	40,5	480,4	107,0	22,3%
% 16/15	-1,8%	0,2%	-1,6%	-1,6%	-6,2%	0,0%	-6,8%	
% 17/16	1,8%	0,2%	2,0%	2,1%	-1,7%	0,4%	0,3%	

Fonte: USDA JUNHO/2016

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

# ARROZ: DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO MUNDIAL NA SAFRA 2015/2016



**ARROZ BENEFICIADO**  
**RANKING DA PRODUÇÃO MUNDIAL EM 2016/2017**

<u>PAÍS</u>	<u>POSIÇÃO NO RANKING</u>	<u>PRODUÇÃO (MILHÕES T)</u>
CHINA	1º	146,5
ÍNDIA	2º	105,0
INDONÉSIA	3º	36,6
VIETNÃ	4º	28,5
TAILÂNDIA	5º	17,0
BURMA	6º	12,5
FILIPINAS	7º	12,0
BRASIL	8º	8,5
JAPÃO	9º	7,7
EUA	10º	7,3
PAQUISTÃO	11º	6,9



**AMÉRICA LATINA**

**PRODUÇÃO DE 18,2  
MILHÕES DE  
TONELADAS DE ARROZ  
BENEFICIADO EM 2016**

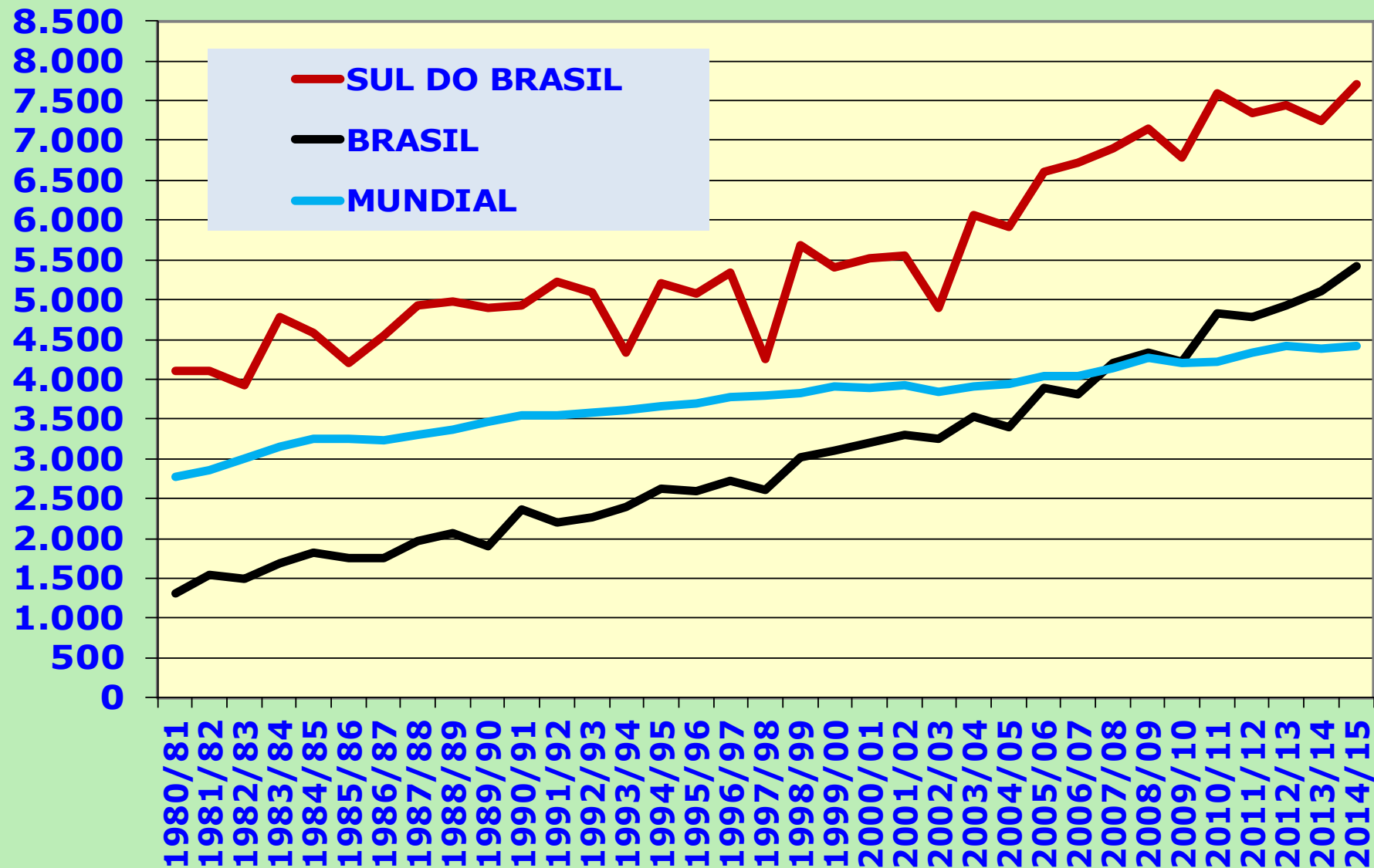
**BRASIL RESPONDE  
POR 42% DA  
PRODUÇÃO DE ARROZ  
DA AMÉRICA LATINA**

AMÉRICA LATINA

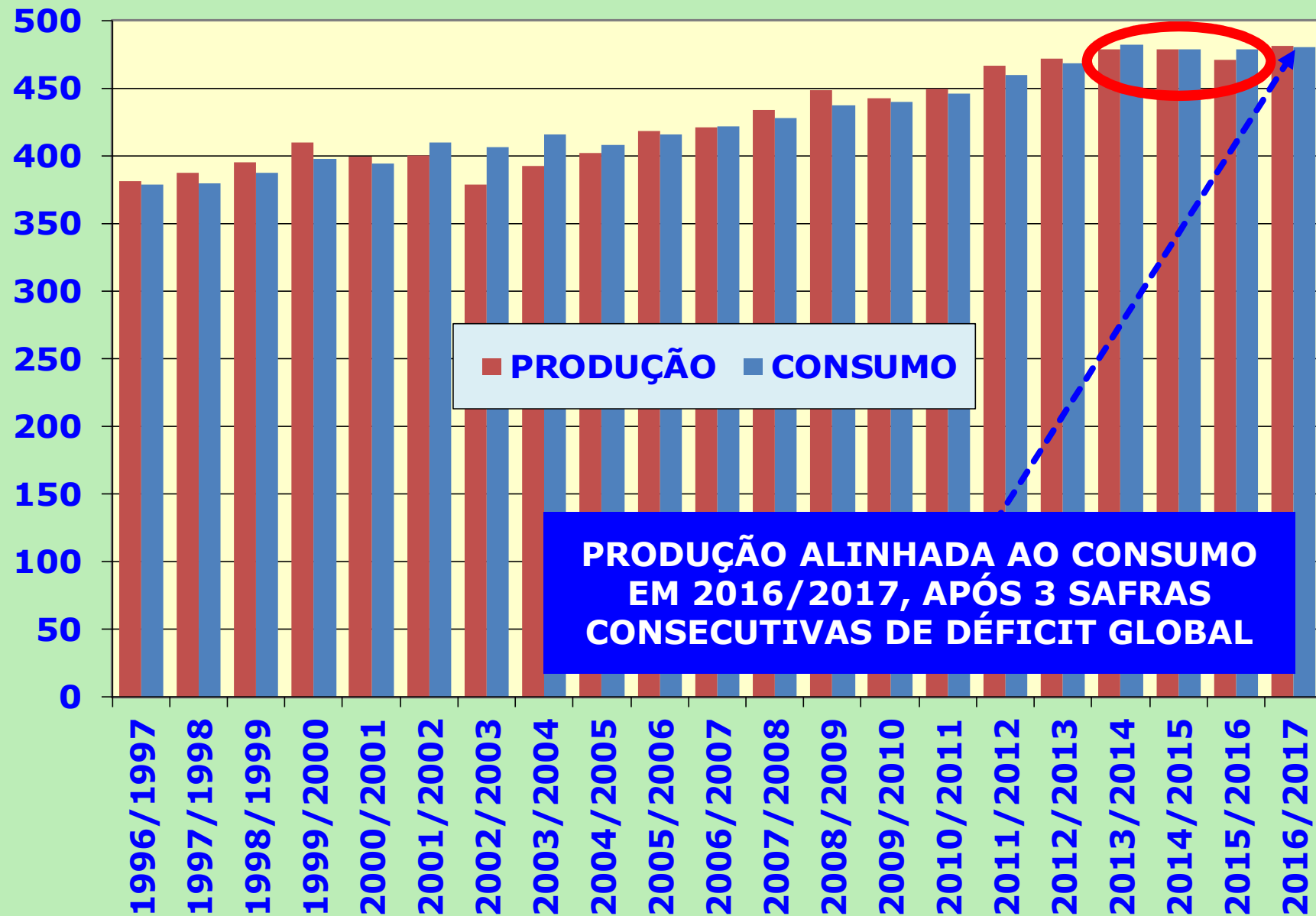
**ARROZ BENEFICIADO**  
**RANKING DA PRODUÇÃO NA AMÉRICA LATINA EM 2016**

<b><u>PAÍS</u></b>	<b><u>POSIÇÃO NO RANKING</u></b>	<b><u>PRODUÇÃO (MILHÕES T)</u></b>
<b>BRASIL</b>	<b>1º</b>	<b>7,7</b>
<b>PERU</b>	<b>2º</b>	<b>2,0</b>
<b>COLÔMBIA</b>	<b>3º</b>	<b>1,2</b>
<b>ARGENTINA</b>	<b>4º</b>	<b>1,1</b>
<b>EQUADOR</b>	<b>5º</b>	<b>1,0</b>
<b>URUGUAI</b>	<b>6º</b>	<b>0,9</b>
<b>VENEZUELA</b>	<b>7º</b>	<b>0,8</b>
<b>GUIANA</b>	<b>8º</b>	<b>0,7</b>
<b>PARAGUAI</b>	<b>9º</b>	<b>0,6</b>
<b>REP. DOMINICANA</b>	<b>10º</b>	<b>0,5</b>
<b>DEMAIS</b>		<b>1,9</b>

# ARROZ: EVOLUÇÃO DA PRODUTIVIDADE MÉDIA - KG/HA

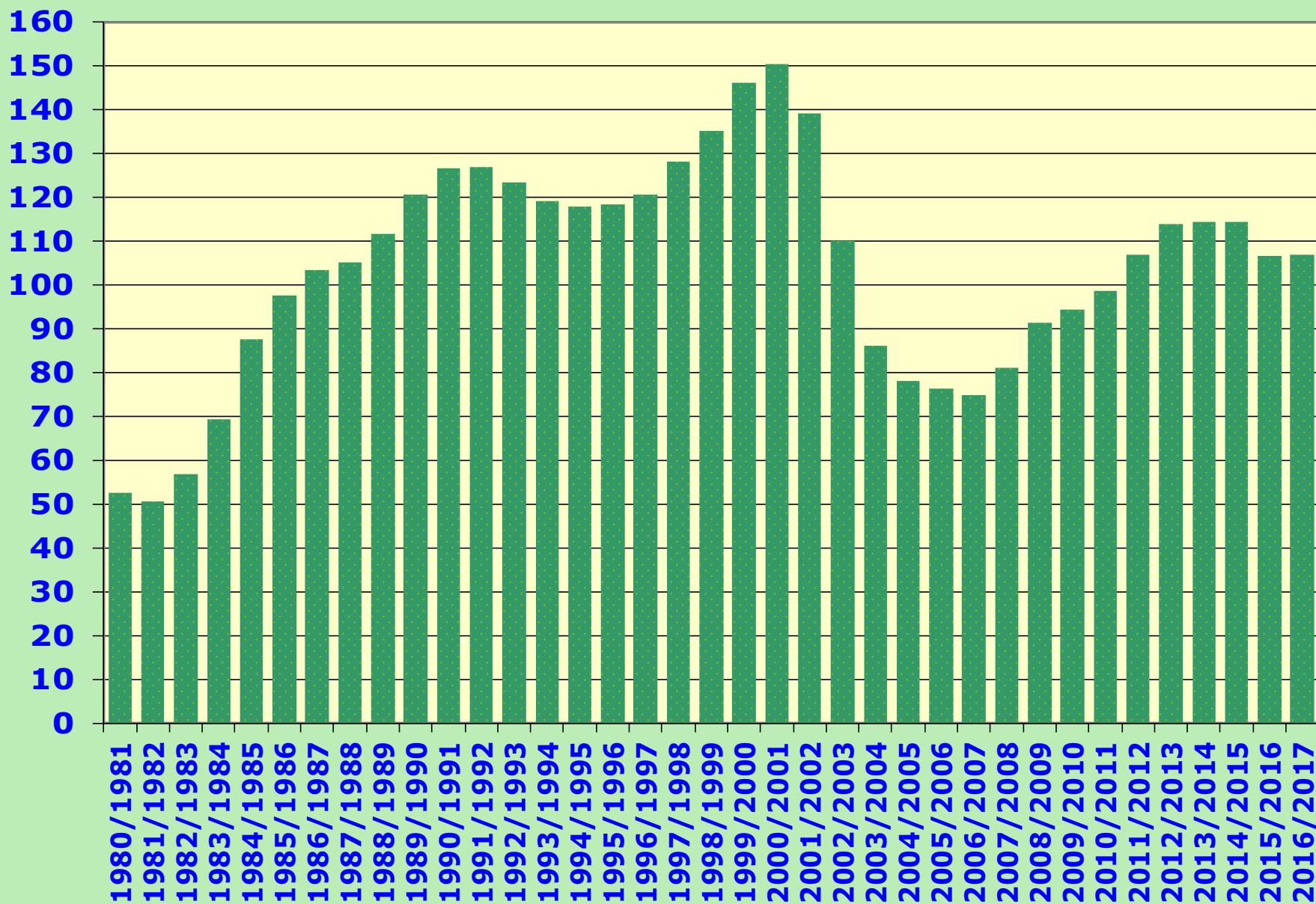


## ARROZ: PRODUÇÃO x CONSUMO MUNDIAL EM MILHÕES T BENEFICIADAS

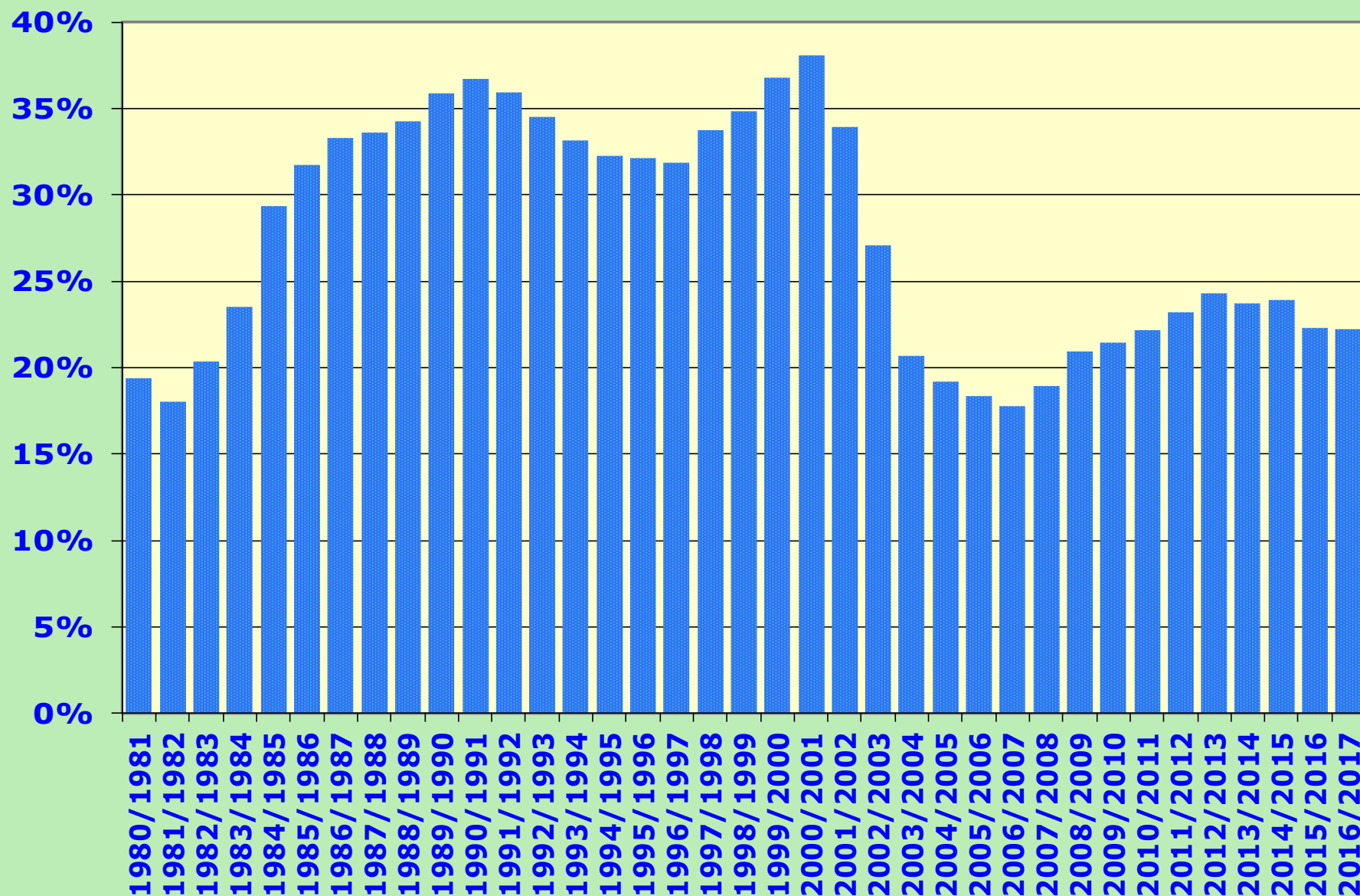




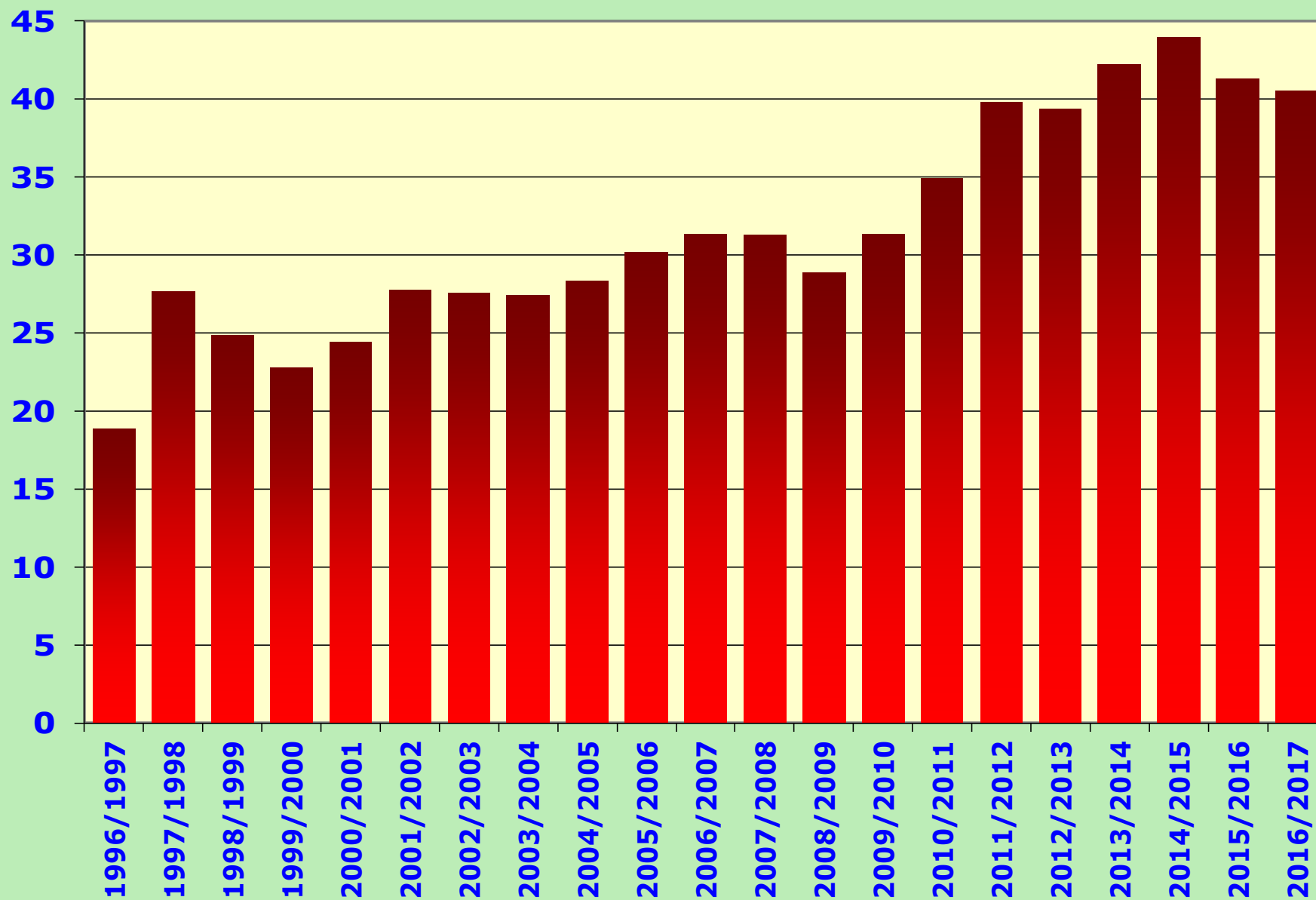
## ARROZ: ESTOQUES FINAIS MUNDIAIS EM MILHÕES DE TONELADAS BENEFICIADAS



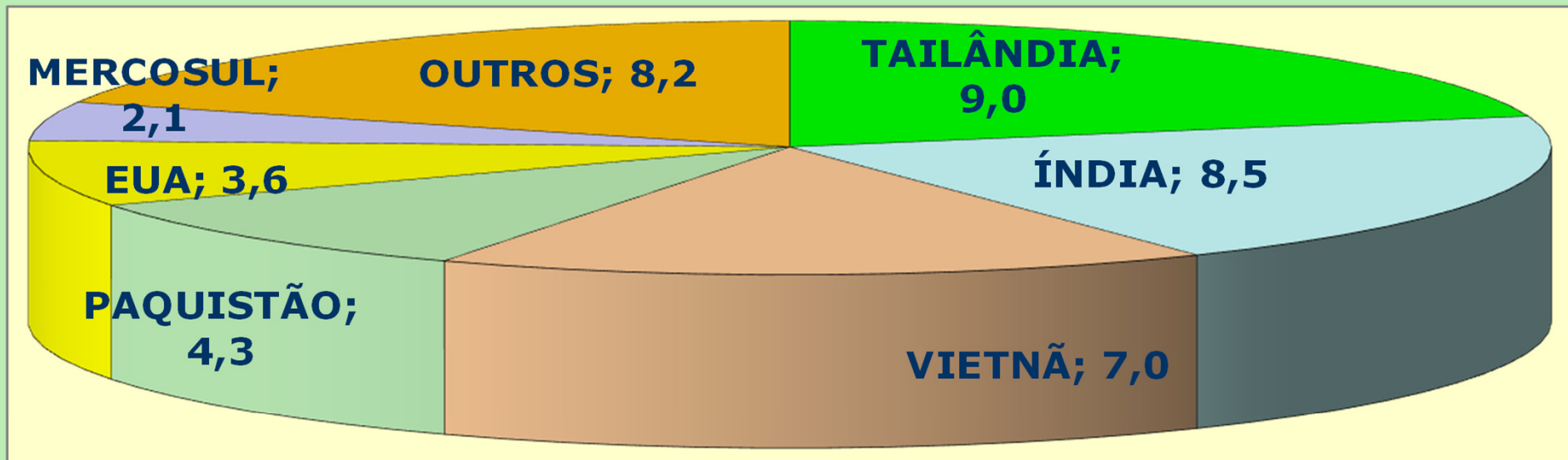
## ARROZ BENEFICIADO: RELAÇÃO ENTRE ESTOQUES FINAIS E DEMANDA MUNDIAL



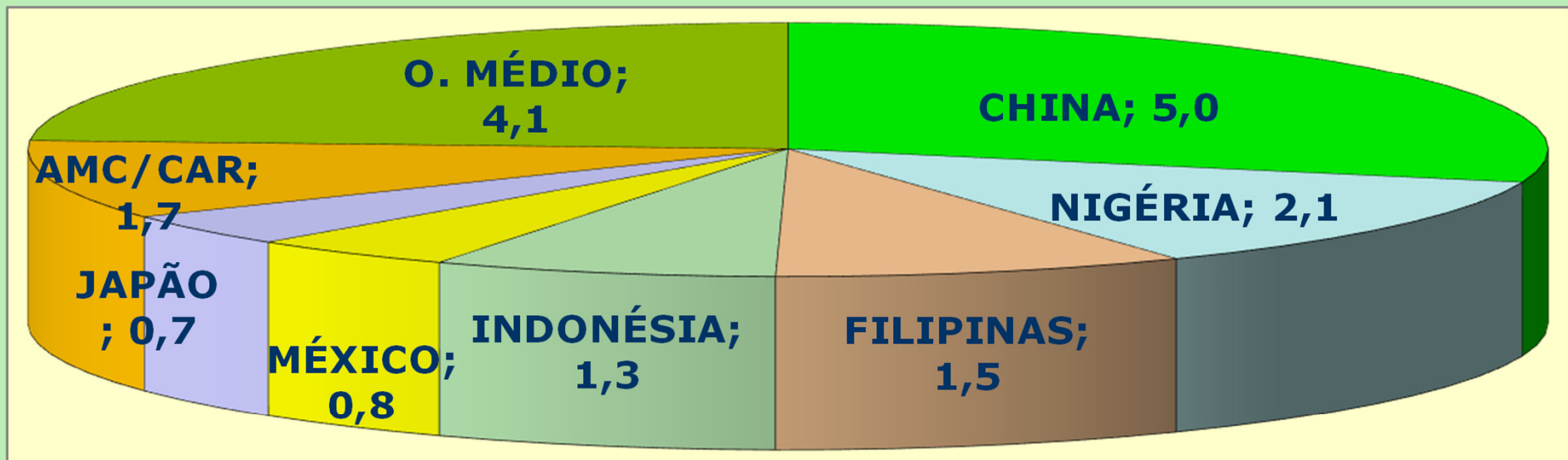
## ARROZ: COMÉRCIO MUNDIAL EM MILHÕES DE TONELADAS BENEFICIADAS



## ARROZ BENEFICIADO: EXPORTAÇÕES POR PÁIS EM 2016/2017 - MILHÕES T



**ARROZ: PRINCIPAIS IMPORTADORES EM  
2016/2017 - MILHÕES T**

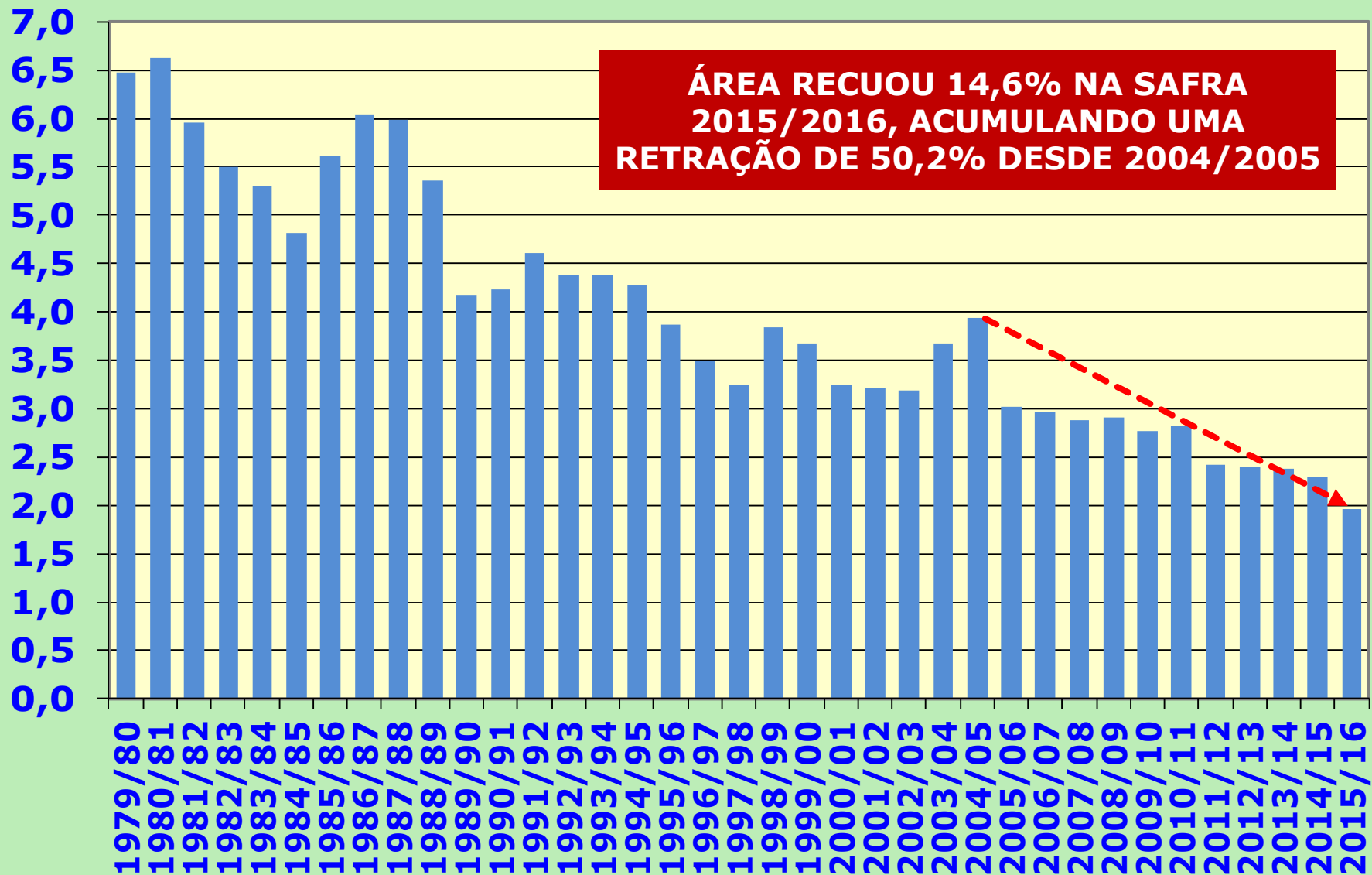


# ARROZ BENEFICIADO: PREÇOS FOB TAILÂNDIA - US\$/T - THAI 100%B

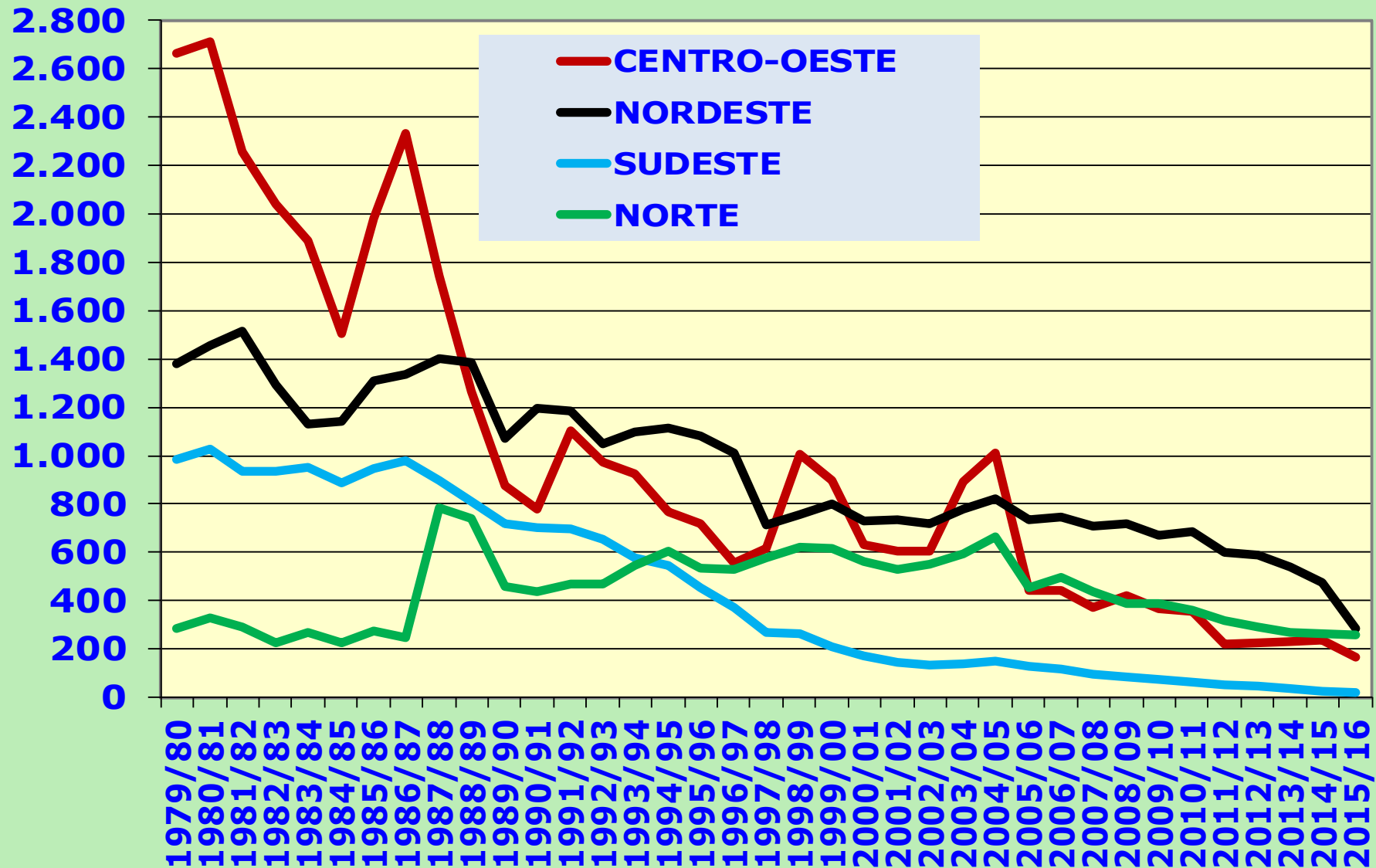


**PREÇO ACUMULA UMA ALTA DE 16,4%  
ENTRE JANEIRO E JUNHO DE 2016**

# ARROZ: ÁREA DE CULTIVO NO BRASIL EM MILHÕES DE HECTARES

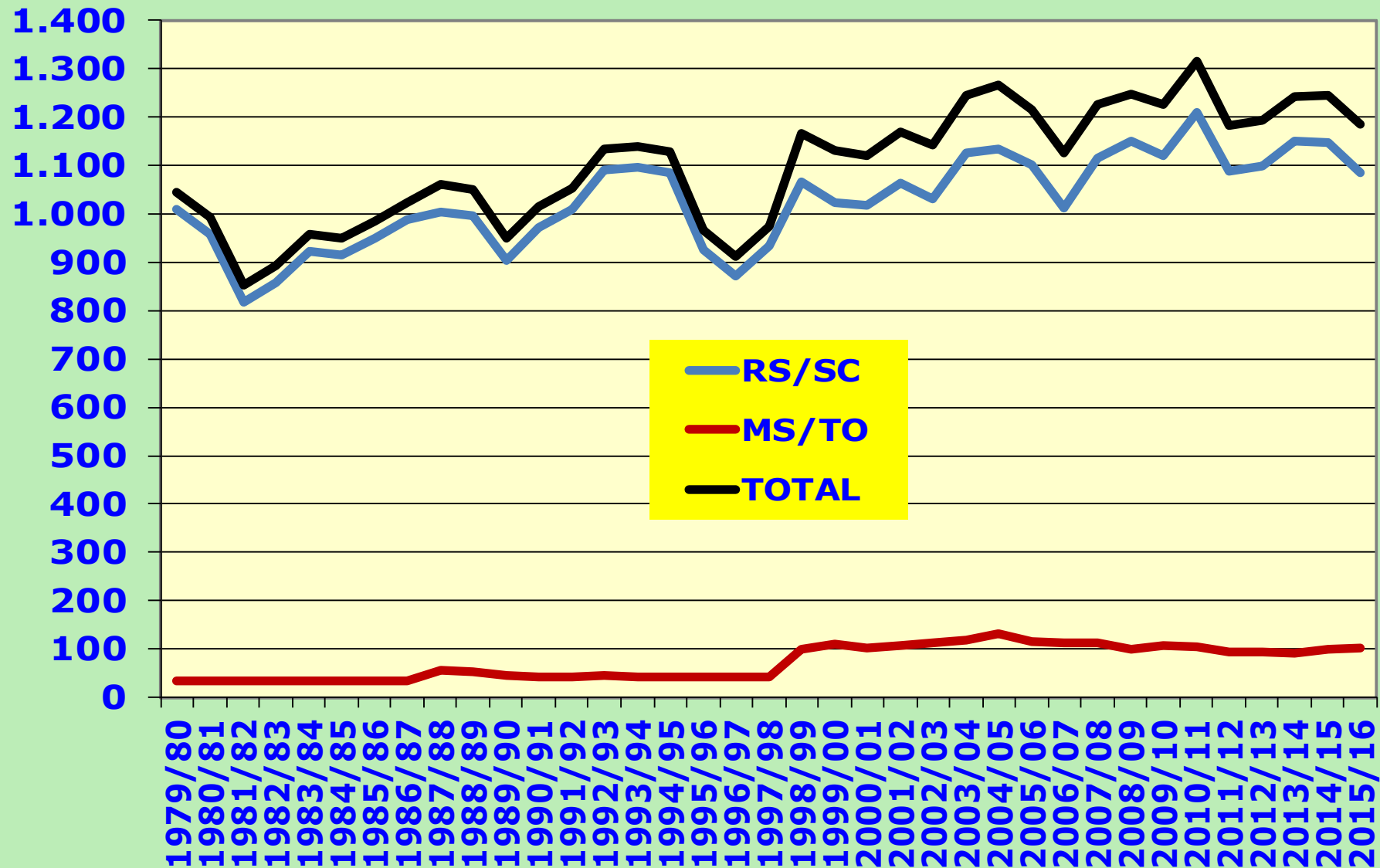


# ARROZ: EVOLUÇÃO DAS ÁREAS DE CULTIVOS POR REGIÕES - MIL HA

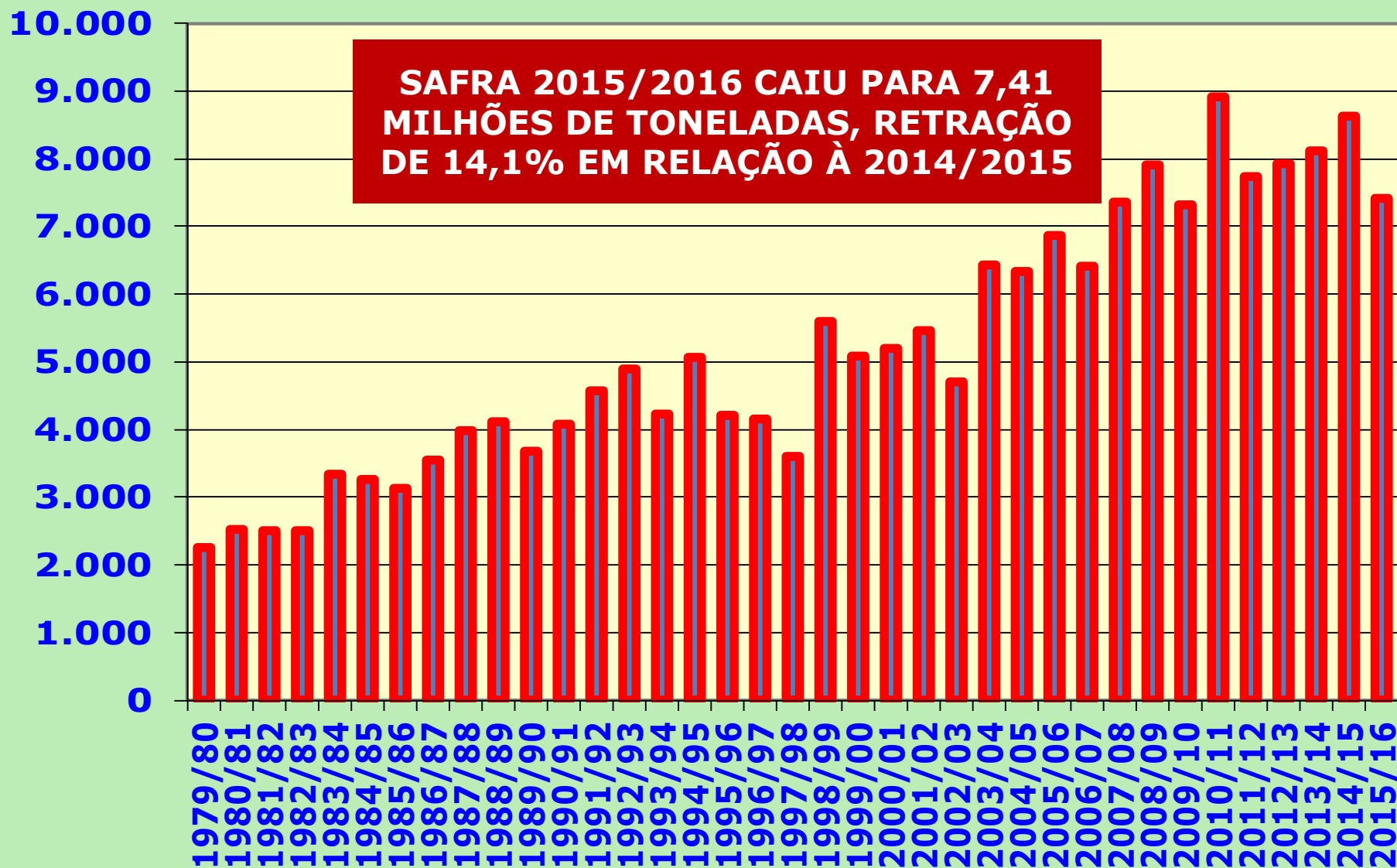




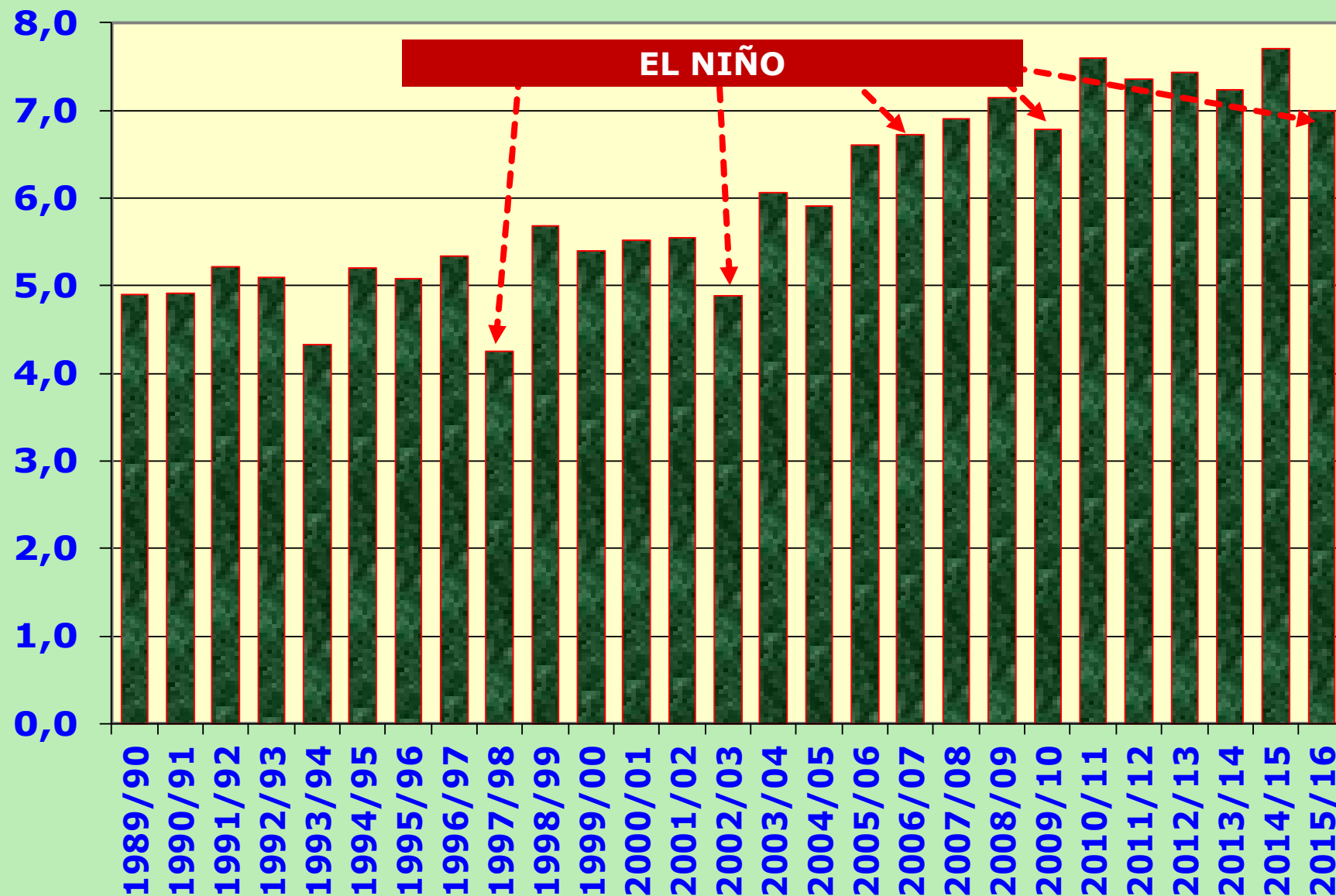
# ARROZ IRRIGADO: ÁREAS DE CULTIVO POR REGIÕES - MIL HECTARES



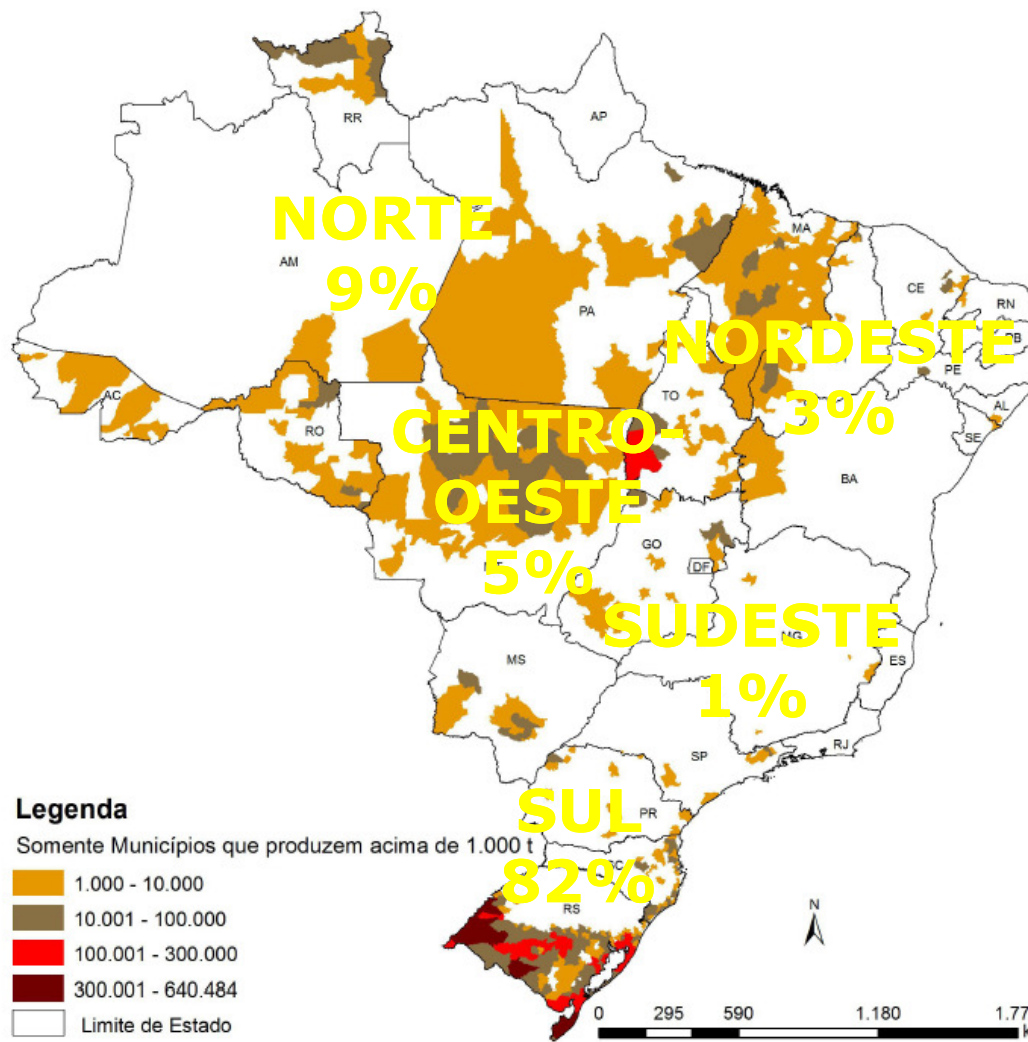
# ARROZ: PRODUÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL - MILHÕES DE TONELADAS



# ARROZ: PRODUTIVIDADE MÉDIA NO RIO GRANDE DO SUL EM T/HA



## ARROZ: PRODUÇÃO NA SAFRA 2015/2016



# ARROZ

## CALENDÁRIO DE PLANTIO E COLHEITA

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C						P	P	P		C	C
RO	P	P	P		C	C	C					
AC	P	P	P		C	C	C					
AM	P	P	P	C	C	C	C					
AP				P	P	P		C	C	C		
PA	P	P	P	P/C	P/C	P/C	P/C	C	C	C	C	P
TO	P	P	P	P/C	C	C	C	C				P
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P/C	P/C	C	C	C	C		
PI		P	P	P	P	C	C	C	C			
CE				P	P	P		C	C	C	C	
RN	C	C			P	P	P	P	C	C	C	C
PB				P	P	P		C	C	C		
PE	C	C		P	P	P		C	C	C	C	C
AL	P	P	P	C	C	C	C				C	P
SE	P	P		C	C	C						P
BA	P	P	P		C	C	C	C	C	C		
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	P/C	C	C	C	C				
MS	P	P	P/C	C	C	C	C					P
GO	P	P	P			C	C	C				
Sudeste												
MG	P	P	P			C	C	C	C			
ES	P	P	P		C	C	C	C				
RJ	P	P	P		C	C	C	C				
SP	P	P	P		C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P	P	C	C	C	C	C			P	P
SC	P	P	P	C	C	C	C	C			P	P
RS	P	P	P		C	C	C	C				P



**P = PLANTIO**

**C = COLHEITA**

**P/C = PLANTIO E COLHEITA**

## ARROZ: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL - BASE CASCA

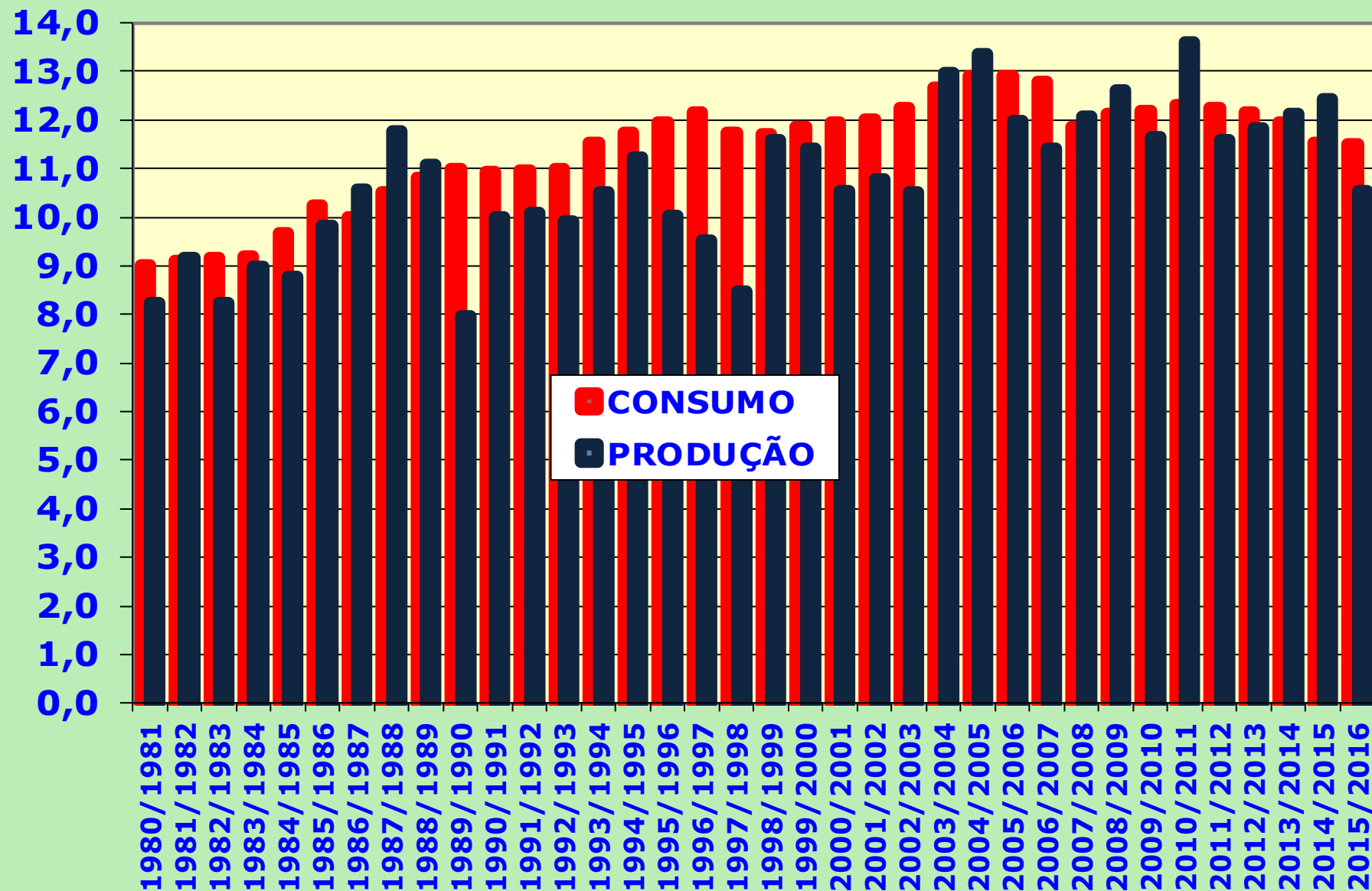
EM MIL TONELADAS

ANO SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO BASE CASCA	IMPORTAÇÃO BASE CASCA	SUPRIMENTO BASE CASCA	CONSUMO BASE CASCA	EXCEDENTE BASE CASCA	EXPORTAÇÕES BASE CASCA	ESTOQUE FINAL	ESTOQUE/ DEMANDA
1980/1981	2.059,0	8.228,0	209,0	10.496,0	9.000,0	1.496,0	73,0	1.423,0	15,8%
1981/1982	1.423,0	9.155,0	203,0	10.781,0	9.100,0	1.681,0	18,0	1.663,0	18,3%
1982/1983	1.663,0	8.224,0	465,0	10.352,0	9.150,0	1.202,0	12,0	1.190,0	13,0%
1983/1984	1.190,0	8.991,0	91,0	10.272,0	9.200,0	1.072,0	2,0	1.070,0	11,6%
1984/1985	1.070,0	8.760,0	500,0	10.330,0	9.660,0	670,0	5,0	665,0	6,9%
1985/1986	665,0	9.813,0	2.074,0	12.552,0	10.240,0	2.312,0	6,0	2.306,0	22,5%
1986/1987	2.306,0	10.578,0	235,0	13.119,0	10.000,0	3.119,0	5,0	3.114,0	31,1%
1987/1988	3.114,0	11.762,2	190,0	15.066,2	10.500,0	4.566,2	10,0	4.556,2	43,4%
1988/1989	4.556,2	11.092,0	252,5	15.900,7	10.800,0	5.100,7	10,0	5.090,7	47,1%
1989/1990	5.090,7	7.967,6	717,6	13.775,9	11.000,0	2.775,9	10,8	2.765,1	25,1%
1990/1991	2.765,1	9.997,2	1.327,9	14.090,2	10.936,4	3.153,8	2,1	3.151,7	28,8%
1991/1992	3.151,7	10.103,1	784,8	14.039,6	10.970,3	3.069,3	2,2	3.067,1	28,0%
1992/1993	3.067,1	9.903,0	1.057,1	14.027,2	10.987,5	3.039,7	6,0	3.033,7	27,6%
1993/1994	3.033,7	10.523,4	1.657,6	15.214,7	11.530,8	3.683,9	3,7	3.680,2	31,9%
1994/1995	3.680,2	11.238,0	1.102,8	16.021,0	11.751,2	4.269,8	5,9	4.263,9	36,3%
1995/1996	4.263,9	10.037,9	1.171,4	15.473,2	11.950,0	3.523,2	3,8	3.519,4	29,5%
1996/1997	3.519,4	9.524,5	1.269,0	14.312,9	12.147,0	2.165,9	4,6	2.161,3	17,8%
1997/1998	2.161,3	8.462,9	2.009,0	12.633,2	11.750,0	883,2	9,9	873,3	7,4%
1998/1999	873,3	11.582,2	1.338,0	13.793,5	11.700,0	2.093,5	37,7	2.055,8	17,6%
1999/2000	2.055,8	11.423,1	936,5	14.415,4	11.850,0	2.565,4	21,1	2.544,3	21,5%
2000/2001	2.544,3	10.536,0	951,6	14.031,9	11.950,0	2.081,9	24,4	2.057,5	17,2%
2001/2002	2.057,5	10.776,1	737,3	13.570,9	12.000,0	1.570,9	47,6	1.523,3	12,7%
2002/2003	1.523,3	10.517,1	1.601,6	13.642,0	12.250,0	1.392,0	23,5	1.368,5	11,2%
2003/2004	1.368,5	12.960,4	1.097,3	15.426,2	12.660,0	2.766,2	92,2	2.674,0	21,1%
2004/2005	2.674,0	13.355,2	728,2	16.757,4	12.900,0	3.857,4	379,7	3.477,7	27,0%
2005/2006	3.477,7	11.971,7	827,8	16.277,2	12.900,0	3.377,2	452,3	2.924,9	22,7%
2006/2007	2.924,9	11.420,8	1.069,6	15.415,3	12.800,0	2.615,3	313,1	2.302,2	18,0%
2007/2008	2.302,2	12.074,0	589,9	14.966,1	11.866,7	3.099,4	789,9	2.309,5	19,5%
2008/2009	2.309,5	12.602,5	908,0	15.820,0	12.118,3	3.701,7	894,4	2.807,3	23,2%
2009/2010	2.807,3	11.660,9	1.044,8	15.513,0	12.200,0	3.313,0	627,4	2.685,6	22,0%
2010/2011	2.685,6	13.613,1	825,4	17.124,1	12.300,0	4.824,1	2.089,6	2.734,5	22,2%
2011/2012	2.734,5	11.599,5	1.068,0	15.402,0	12.237,9	3.164,1	1.455,2	1.708,9	14,0%
2012/2013	1.708,9	11.819,7	965,5	14.494,1	12.155,5	2.338,6	1.210,7	1.127,9	9,3%
2013/2014	1.127,9	12.121,6	807,2	14.056,7	11.955,0	2.101,7	1.188,4	913,3	7,6%
2014/2015	913,3	12.436,1	503,3	13.852,7	11.540,0	2.312,7	1.362,1	950,6	8,2%
2015/2016	950,6	10.548,8	1.700,0	13.199,4	11.500,0	1.699,4	1.250,0	449,4	3,9%
% 2015/2014	-19,0%	2,6%	-37,6%	-1,5%	-3,5%	10,0%	14,6%	4,1%	7,8%
% 2016/2015	4,1%	-15,2%	237,8%	-4,7%	-0,3%	-26,5%	-8,2%	-52,7%	-52,6%

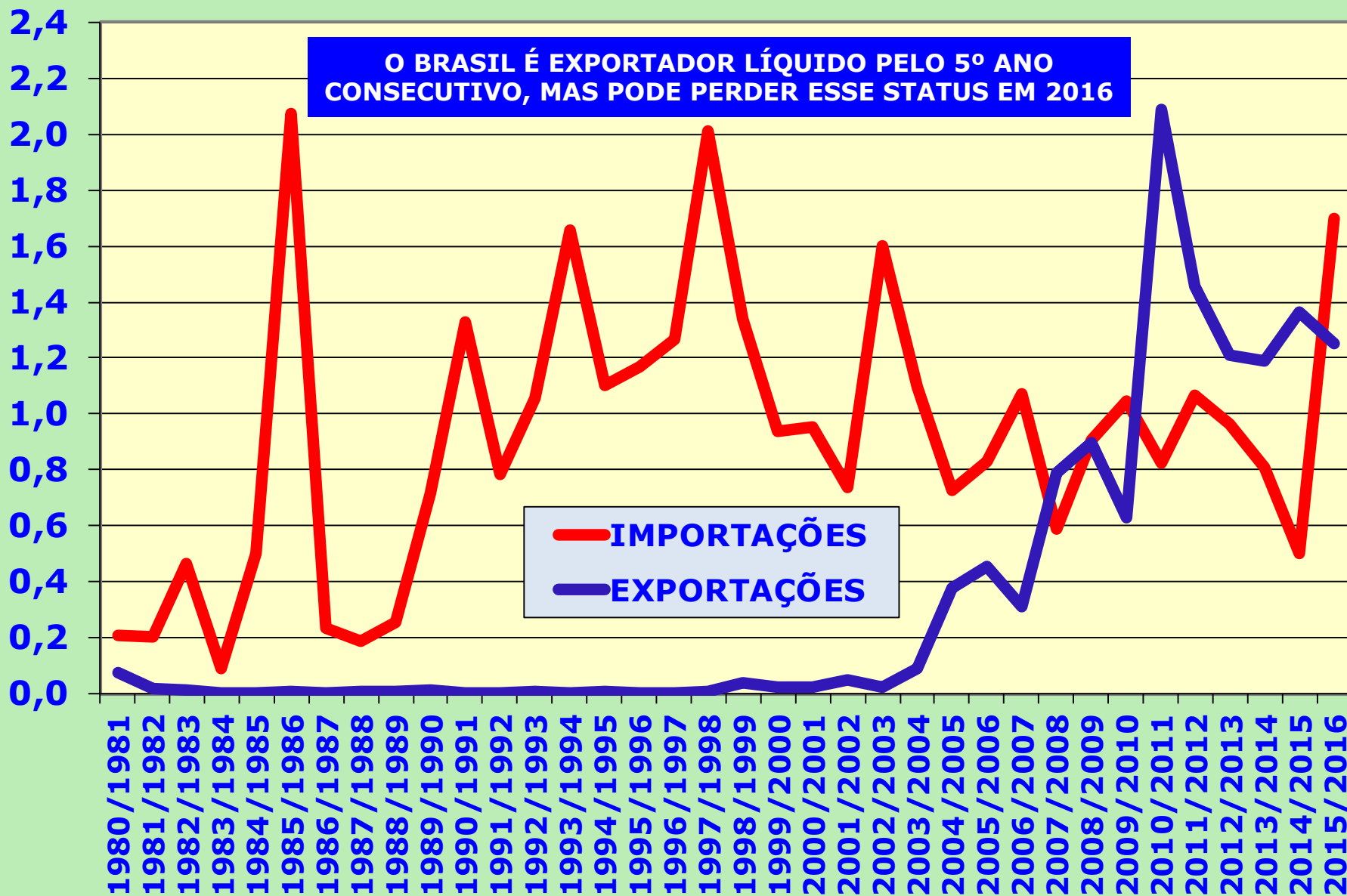
\*2015/2016: Estimativas Carlos Cogo Consultoria Agroeconômica

Fonte dos dados: CONAB, SECEX, IBGE e CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

# ARROZ: PRODUÇÃO x CONSUMO NO BRASIL EM MILHÕES DE TONELADAS



# ARROZ: IMPORTAÇÕES x EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS EM MILHÕES DE T





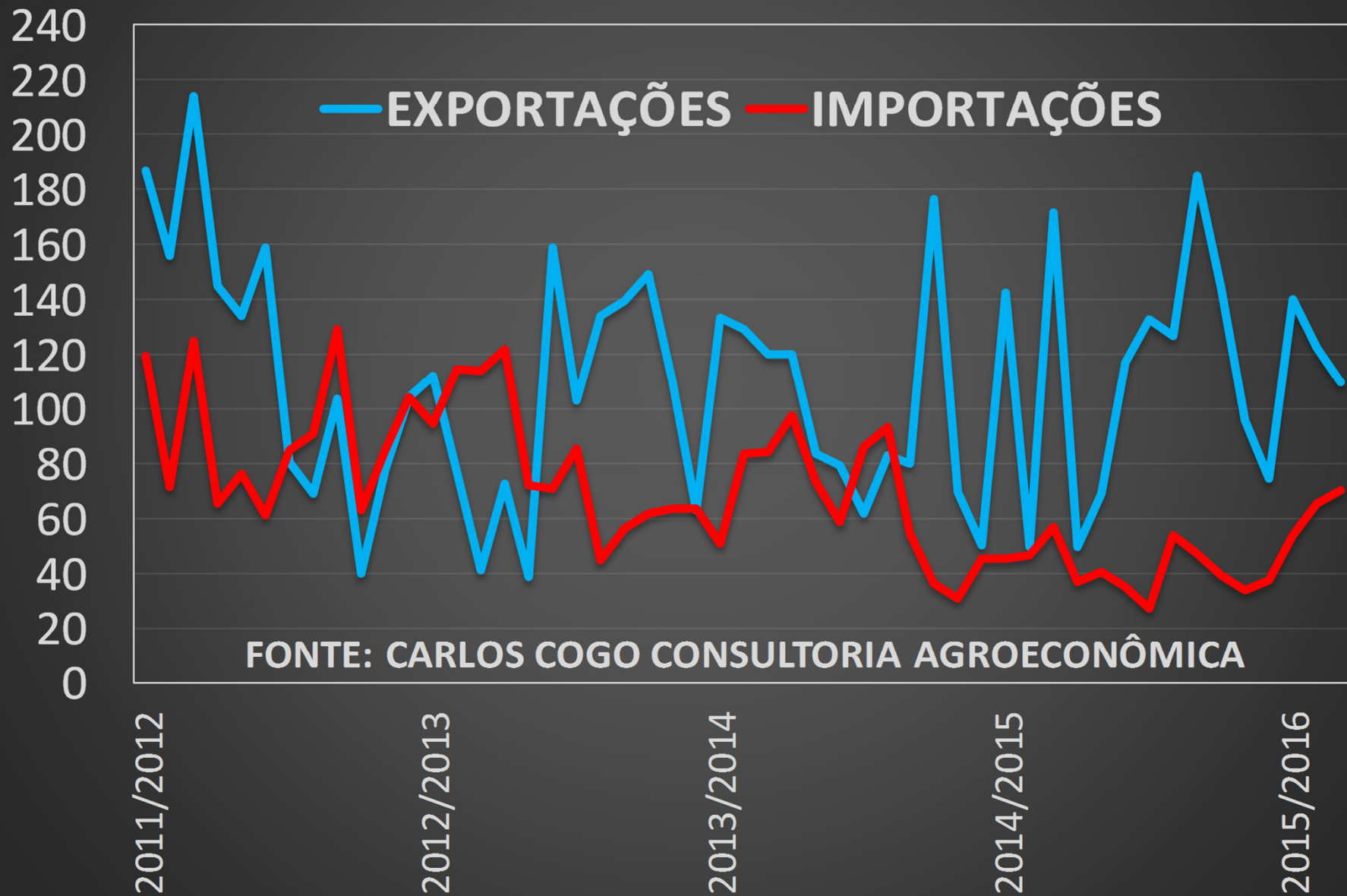
**ARROZ: EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS**  
**BASE CASCA**

ANO-SAFRA		EXPORTAÇÕES		IMPORTAÇÕES	
ANO-SAFRA	MÊS	TONELADAS	ACUMULADO NO ANO-SAFRA	TONELADAS	ACUMULADO NO ANO-SAFRA
2014/2015	MAR	142.642		45.791	
	ABR	49.715		47.004	
	MAI	171.567		56.864	
	JUN	49.773		37.291	
	JUL	68.979		40.960	
	AGO	117.342		35.136	
	SET	133.129		27.545	
	OUT	126.973		54.022	
	NOV	184.882		47.614	
	DEZ	144.525		39.203	
	JAN	96.050		34.110	
	FEV	74.701	1.360.278	37.774	503.314
	2015/2016	MAR	140.214		53.856
ABR		122.761		65.825	
MAI		110.138		70.652	
JUN					
JUL					
AGO					
SET					
OUT					
NOV					
DEZ					
JAN					
FEV			373.113		190.333
SAFRA 2014/2015 - MARÇO-MAIO		363.924		149.659	
SAFRA 2015/2016 - MARÇO-MAIO		373.113		190.333	
VARIÇÃO MAI-2016/MAI-2015		-35,8%		24,2%	
VARIÇÃO SOBRE O MÊS ANTERIOR		-10,3%		7,3%	
VARIÇÃO NO ANO-SAFRA		2,5%		27,2%	
MÉDIA MENSAL EM 2014/2015		113.357		41.943	
MÉDIA MENSAL EM 2015/2016		124.371		63.444	

Fonte dos dados: Secex/Mdic

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

# ARROZ: EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS MIL T BASE CASCA - 2011/2012 A 2015/2016



# ARROZ: EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS POR DESTINOS (BASE CASCA)

2015	
Países	Exportações (t)
CUBA	250.427
SENEGAL	156.567
VENEZUELA	119.974
SERRA LEOA	109.598
PERU	97.151
NICARÁGUA	78.790
GÂMBIA	62.514
IRAQUE	61.765
SUIÇA	60.456
BOLÍVIA	49.137
ESTADOS UNIDOS	27.210
COSTA RICA	26.396
MALI	24.616
HOLANDA	18.780
ÁFRICA DO SUL	16.323
NIGÉRIA	16.283
CABO VERDE	16.274
ARABIA SAUDITA	14.563
BENIN	14.015
ANGOLA	13.380
TRINIDAD TOBAGO	12.954
Outros	61.449
<b>Total</b>	<b>1.308.622</b>

2014	
Países	Exportações (t)
SENEGAL	165.062
CUBA	154.447
VENEZUELA	141.524
SERRA LEOA	124.395
GÂMBIA	115.047
BOLÍVIA	74.506
NICARAGUA	65.739
PERU	47.740
SUIÇA	46.362
BENIN	46.146
IRAQUE	44.118
PAÍSES BAIXOS	32.827
TURQUIA	31.500
ANGOLA	31.024
COSTA RICA	24.328
ESTADOS UNIDOS	21.240
TRINIDAD TOBAGO	12.965
ARABIA SAUDITA	12.838
PANAMÁ	11.478
CABO VERDE	9.480
CHILE	7.217
Outros	22.672
<b>Total</b>	<b>1.242.655</b>

**5 MAIORES = 56% EM 2015 E 2014**

# ARROZ: EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS POR DESTINOS (BASE CASCA) EM 2016

Países	Jan	Fev	Mar	Abril	Mai	Total
SENEGAL	38.602	0	8.415	44.183	36.392	127.592
NICARÁGUA	24.480	0	0	27.495	25.157	77.132
VENEZUELA	6.305	0	59.990	0	0	66.295
ESTADOS UNIDOS	1.400	34.726	2.418	3.350	3.018	44.912
CUBA	0	0	44.778	0	0	44.778
PERU	11.065	5.882	6.140	11.287	7.429	41.803
COSTA RICA	404	551	625	110	26.250	27.940
GÂMBIA	0	2.220	735	18.380	0	21.335
SUIÇA	74	16.550	147	110	110	16.991
BOLÍVIA	1.716	2.266	4.125	3.400	2.924	14.431
<b>Total</b>	<b>96.050</b>	<b>74.701</b>	<b>140.814</b>	<b>122.761</b>	<b>109.799</b>	<b>544.125</b>

Fonte: MDIC

**5 MAIORES EM 2016 = 360.709 T = 66% DO TOTAL**

**10 MAIORES EM 2016 = 483.209 T = 89% DO TOTAL**

**TOTAL DE DESTINOS NA PARCIAL DE 2016 = 59 PAÍSES**

# ARROZ: IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS POR ORIGENS (BASE CASCA)

2015	
País	Importações (t)
Paraguai	360.374
Argentina	65.723
Uruguai	44.419
Guiana	27.722
Itália	4.458
Chile	4.215
Vietna	1.096
EUA	1.048
Tailândia	717
França	64
Índia	62
Paquistão	45
Portugal	14
Espanha	8
Japão	6
<b>Total</b>	<b>509.971</b>

2014	
País	Importações (t)
Paraguai	425.192
Argentina	131.097
Uruguai	181.420
Tailândia	89.512
Guiana	9.332
Chile	6.559
Itália	2.726
Paquistão	975
Índia	580
Vietna	246
EUA	185
França	59
Espanha	22
Portugal	10
Japão	3
<b>Total</b>	<b>847.918</b>

**PARAGUAI: 50% EM 2014 -> 70% EM 2015**

Fonte: MDIC

# ARROZ: IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS POR ORIGENS (BASE CASCA) EM 2016

País	Jan	Fev	Mar	Abril	Mai	Total
Argentina	2.085	5.782	7.655	7.539	22.503	45.564
Chile	371	165	203	165	165	1.069
Espanha	4	6	6	6	0	22
EUA	43	5	5	0	0	53
França	1	0	2	0	0	3
Guiana	4.242	487	244	365	122	5.460
India	37	0	0	1	0	38
Itália	242	309	417	325	329	1.622
Japão	0	0	0	0	0	0
Paquistão	37	0,0	4	0	7	48
<b>Paraguai</b>	23.831	25.482	39.344	53.190	36.691	178.538
Portugal	4	0	0	0	0	4
Tailândia	0	53	19	65	0	137
Uruguai	2.975	5.133	5.883	4.132	12.097	30.220
Vietna	238	352	74	37	109	810
<b>Total</b>	<b>34.110</b>	<b>37.774</b>	<b>53.856</b>	<b>65.825</b>	<b>72.023</b>	<b>263.588</b>

Fonte: MDIC

**PARAGUAI: 68% DE JANEIRO A MAIO DE 2016**

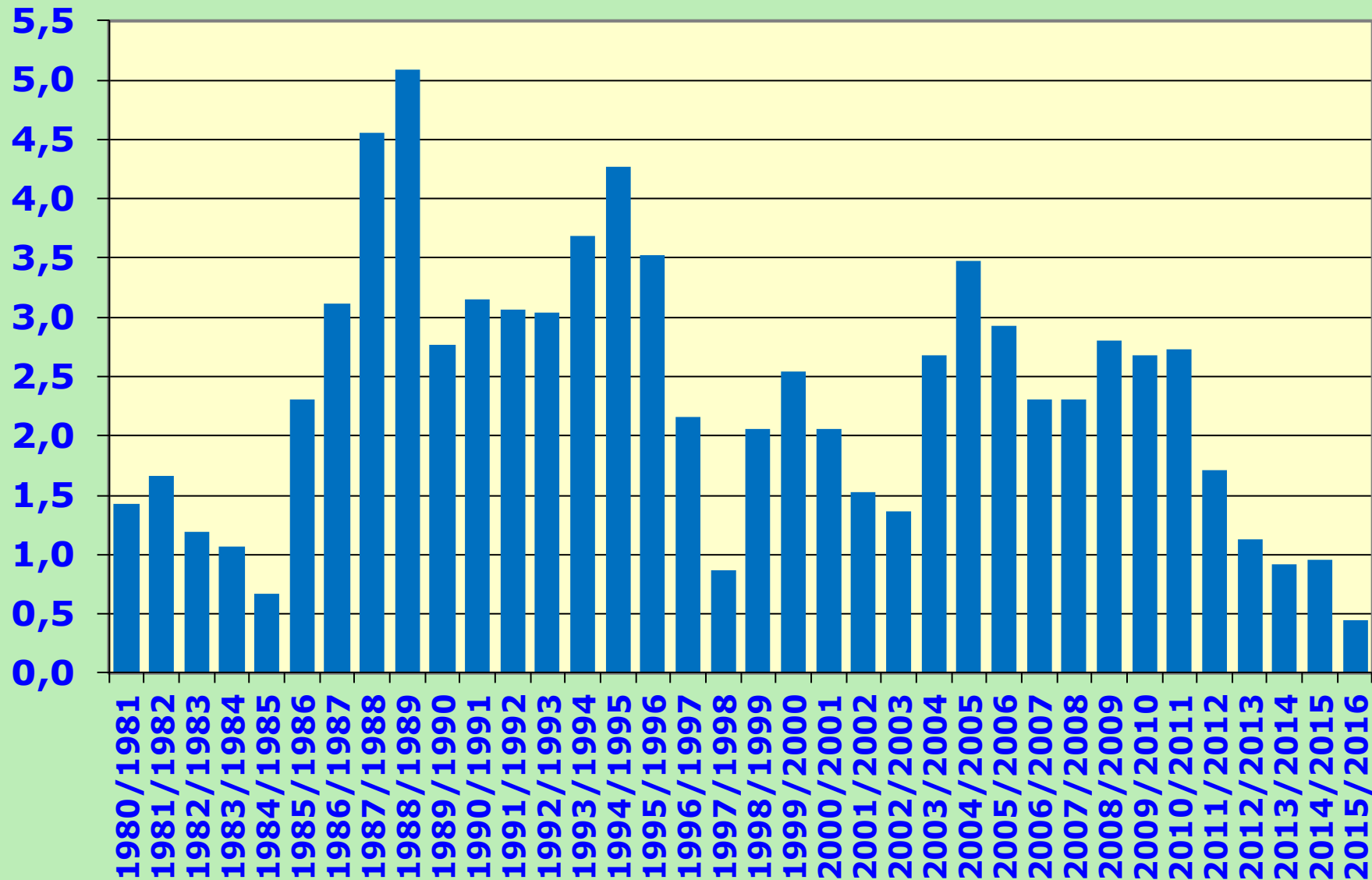
**BRASIL: ESTIMATIVA DE OFERTA E DEMANDA DE ARROZ**  
**EM MIL TONELADAS BASE CASCA**

*ESTIMATIVA CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA*

ITEM	2014/2015 (A)	2015/2016 (B)	(B) / (A)
<b>ESTOQUE INICIAL</b>	913,3	950,6	4,1%
<b>PRODUÇÃO</b>	12.436,1	10.548,8	-15,2%
<b>OFERTA TOTAL</b>	13.349,4	11.499,4	-13,9%
<b>DEMANDA</b>	11.540,0	11.500,0	-0,3%
<b>EXPORTAÇÕES</b>	1.362,1	1.250,0	-8,2%
<b>DEMANDA TOTAL</b>	12.902,1	12.750,0	-1,2%
<b>IMPORTAÇÕES</b>	503,3	1.700,0	237,8%
<b>ESTOQUE FINAL</b>	950,6	449,4	-52,7%
<b>DIAS CONSUMO</b>	30	14	-52,6%

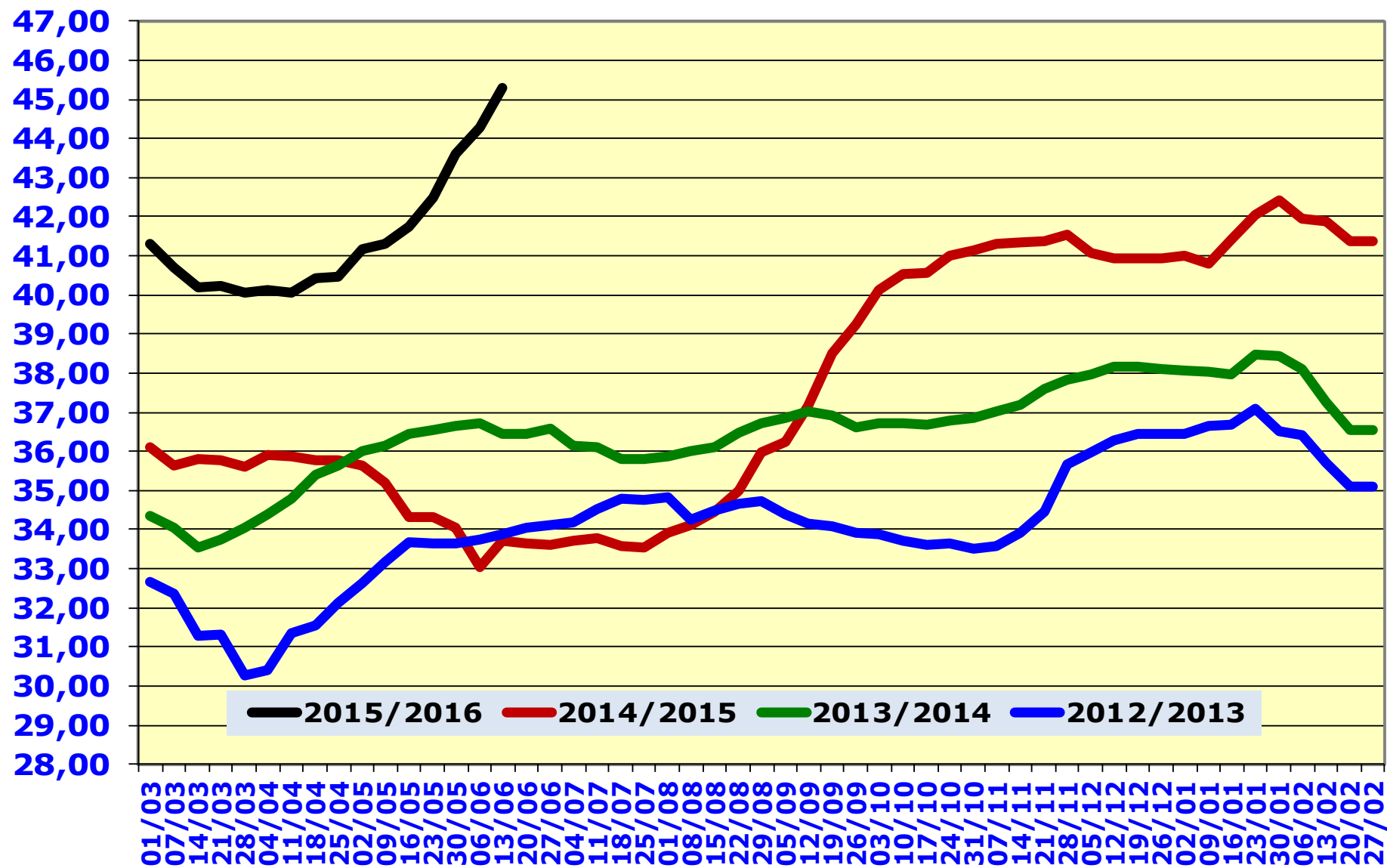
**Elaboração: Carlos Cogo Consultoria Agroeconômica**

# ARROZ: ESTOQUES DE PASSAGEM BRASIL - MILHÕES T BASE CASCA

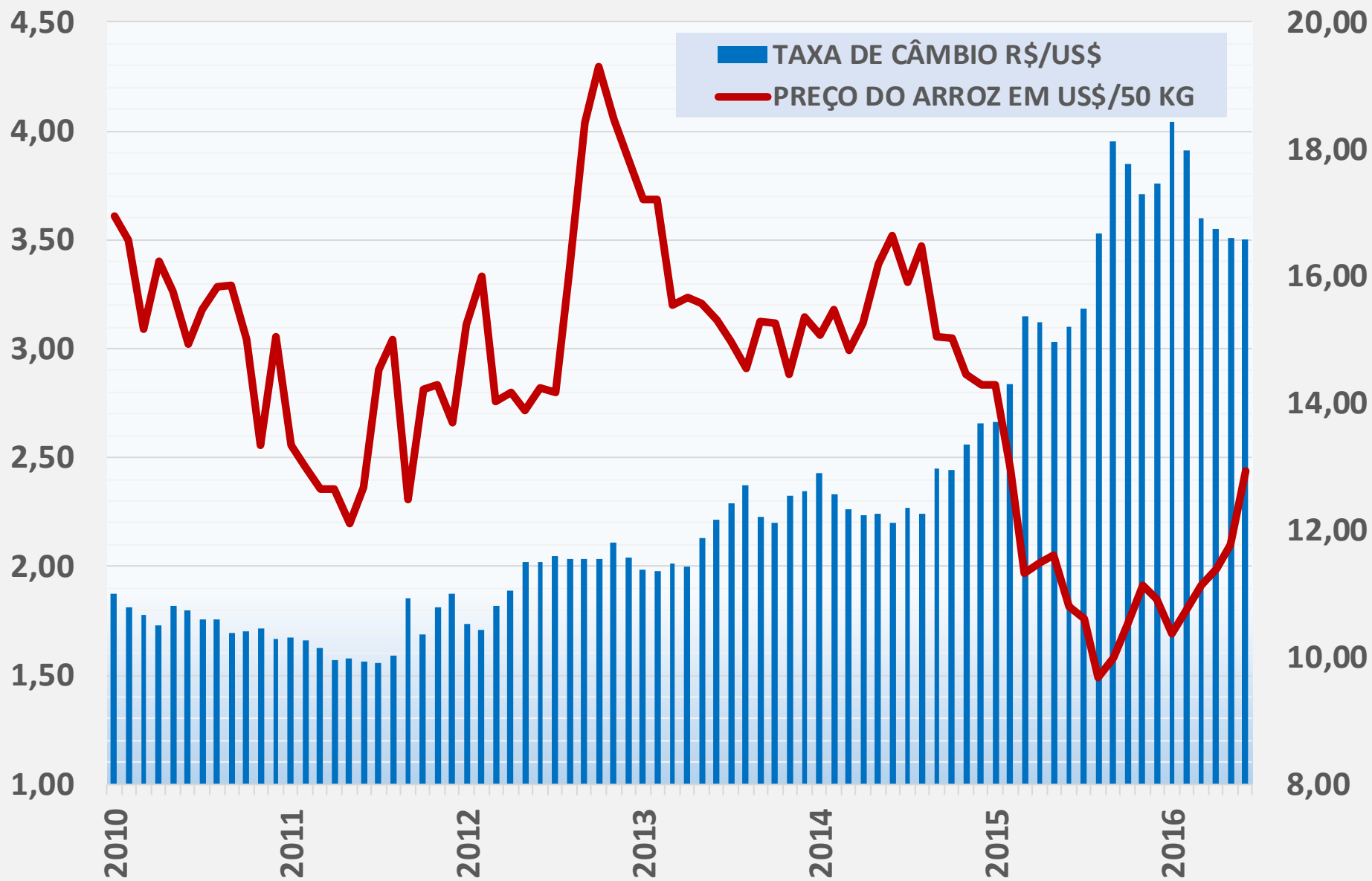




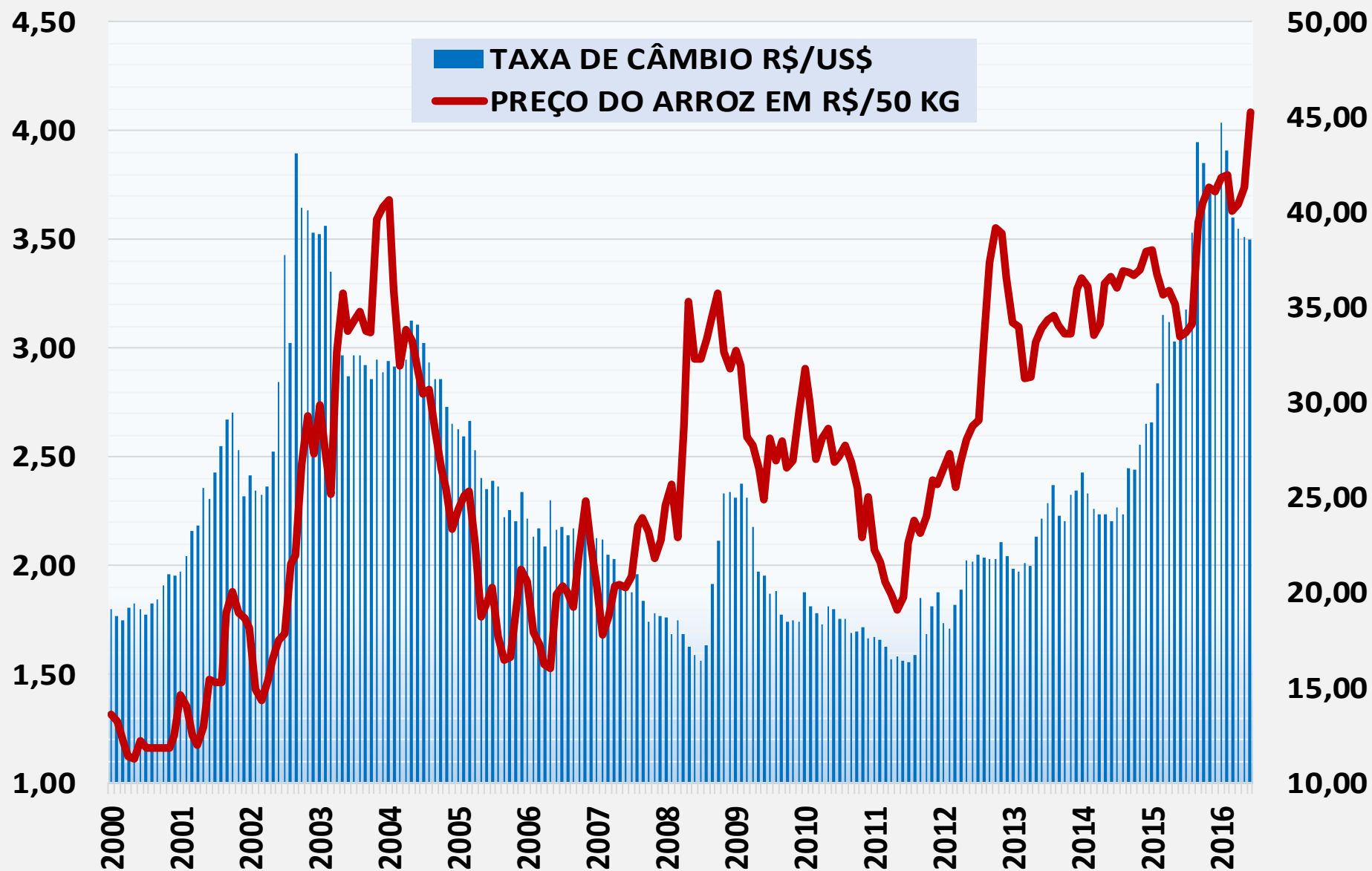
## ARROZ EM CASCA: EVOLUÇÃO SEMANAL DOS PREÇOS AO PRODUTOR DO RS - TIPO 1 - R\$/50 Kg FOB



# PREÇO DO ARROZ EM CASCA FOB PRODUTOR RS (US\$/50 KG) x TAXA DE CÂMBIO NO BRASIL (R\$/US\$)



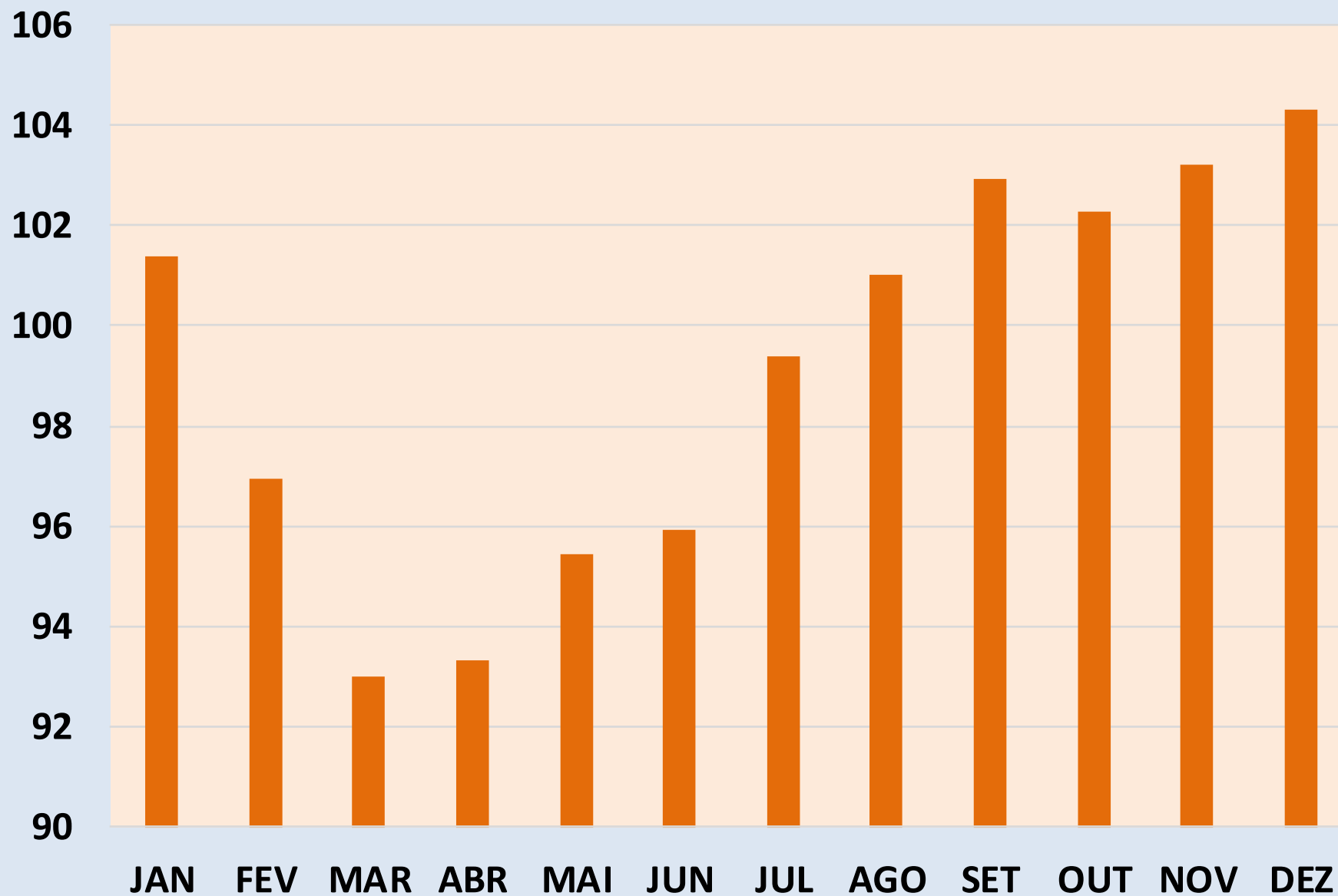
# PREÇO DO ARROZ EM CASCA FOB PRODUTOR RS (R\$/50 KG) x TAXA DE CÂMBIO NO BRASIL (R\$/US\$)



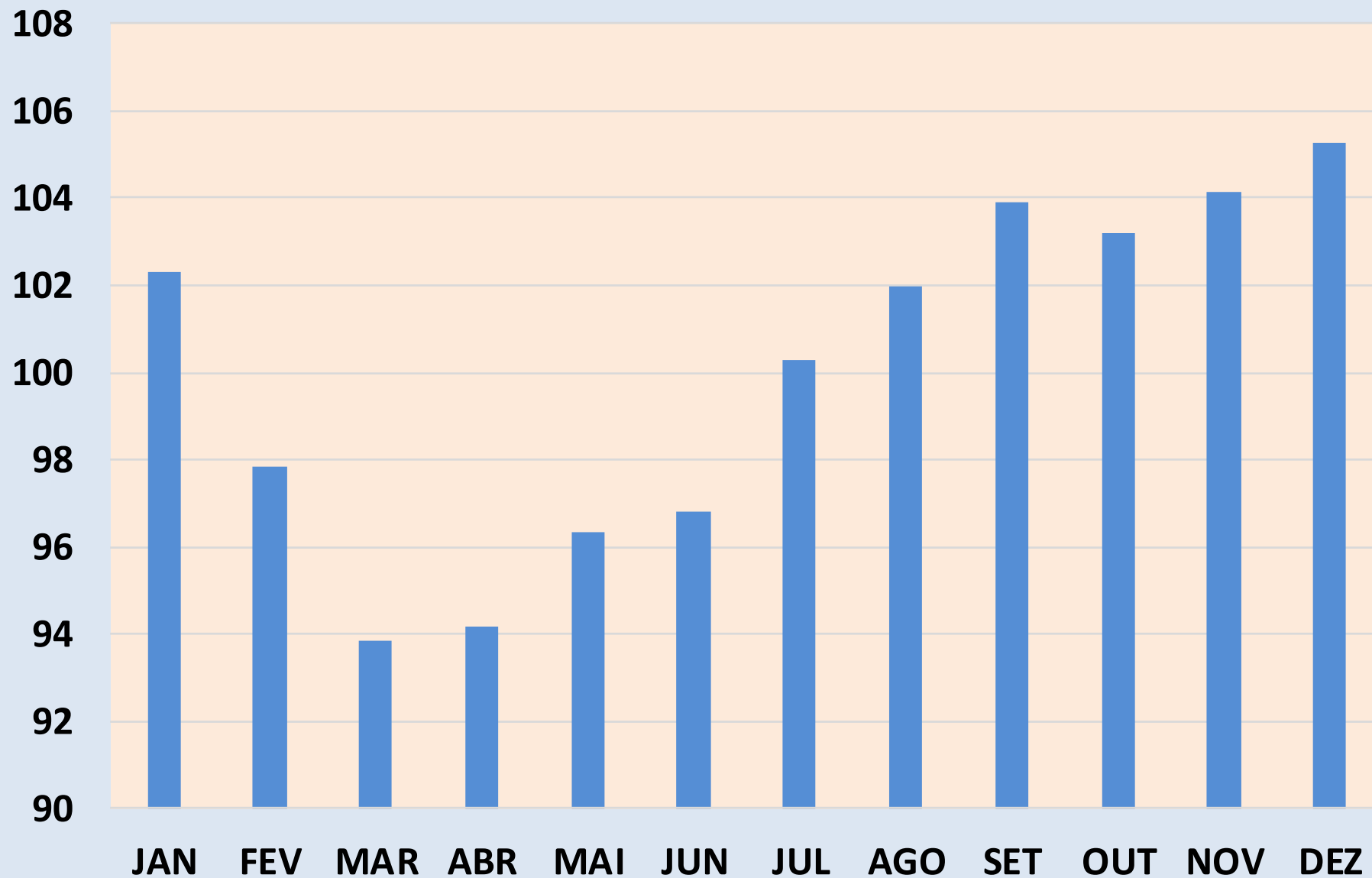
**ARROZ: PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES**  
**RIO GRANDE DO SUL - MERCADO DE LOTES**  
**PERÍODO ANALISADO: 2006 A 2015**  
**PREÇOS EM REAIS POR SACA DE 50 KG FOB**  
**VALORES DEFLACIONADOS PELO IGP-DI ABRIL/2016**  
**ANÁLISE DE SAZONALIDADE**  
**PERÍODO ANALISADO - 10 ANOS**

	<b>MÉDIAS ÍNDICES ESTACIONAIS</b>	<b>MÉDIAS DOS ÍNDICES SAZONAIS</b>
<b>JAN</b>	101,36	102,29
<b>FEV</b>	96,94	97,83
<b>MAR</b>	92,99	93,84
<b>ABR</b>	93,30	94,16
<b>MAI</b>	95,45	96,32
<b>JUN</b>	95,92	96,80
<b>JUL</b>	99,39	100,30
<b>AGO</b>	101,03	101,96
<b>SET</b>	102,94	103,89
<b>OUT</b>	102,26	103,20
<b>NOV</b>	103,20	104,14
<b>DEZ</b>	104,32	105,27
<b>MÉDIA</b>	99,09	100,00

## ARROZ EM CASCA: MÉDIAS DOS ÍNDICES ESTACIONAIS DE PREÇOS NO RIO GRANDE DO SUL - 2006 A 2015



## ARROZ EM CASCA: MÉDIAS DOS ÍNDICES SAZONAIS DOS PREÇOS NO RIO GRANDE DO SUL 2006-2015



## ARROZ: CUSTOS DE PRODUÇÃO E MARGENS - SAFRA 2016/2017

ANO-SAFRA		2014/2015		2015/2016		2016/2017	
REGIÃO DE PRODUÇÃO		SUL	CERRADO	SUL	CERRADO	SUL	CERRADO
		RS/SC	MT/GO	RS/SC	MT/GO	RS/SC	MT/GO
ITEM	UNIDADE	IRRIGADO EM SC 50 KG	T. ALTAS EM SC 60 KG	IRRIGADO EM SC 50 KG	T. ALTAS EM SC 60 KG	IRRIGADO EM SC 50 KG	T. ALTAS EM SC 60 KG
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA OS CUSTOS	R\$/USD	2,28	2,28	3,22	3,22	3,63	3,63
SEMENTES	USD/HA	58,82	100,84	51,97	89,44	54,64	78,69
FERTILIZANTES	USD/HA	265,97	297,04	190,24	292,54	210,51	209,06
DEFENSIVOS	USD/HA	172,45	197,64	208,63	201,41	219,00	161,48
OUTROS	USD/HA	826,40	75,78	725,55	62,10	697,27	57,33
<b>CUSTEIO DA LAVOURA</b>	<b>USD/HA</b>	<b>1.323,64</b>	<b>671,30</b>	<b>1.176,39</b>	<b>645,49</b>	<b>1.181,42</b>	<b>506,56</b>
OUTRAS DESPESAS - SEGUROS, FRETES, ETC.	USD/HA	376,49	153,09	330,13	137,91	323,77	118,58
<b>CUSTO VARIÁVEL - DESEMBOLSADO (A)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>1.700,13</b>	<b>824,39</b>	<b>1.506,52</b>	<b>783,40</b>	<b>1.505,19</b>	<b>625,14</b>
<b>CUSTO VARIÁVEL - DESEMBOLSADO (A)</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>3.876,30</b>	<b>1.599,12</b>	<b>4.850,99</b>	<b>1.599,12</b>	<b>5.463,84</b>	<b>1.693,17</b>
OUTROS CUSTOS FIXOS E DEPRECIAÇÕES	USD/HA	183,06	240,60	180,13	206,70	118,58	182,51
<b>CUSTO OPERACIONAL (B)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>1.883,19</b>	<b>1.064,99</b>	<b>1.686,65</b>	<b>990,10</b>	<b>1.623,77</b>	<b>807,65</b>
RENDIA DE FATORES	USD/HA	245,23	123,27	218,00	125,64	163,66	125,68
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO (C)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>2.128,42</b>	<b>1.188,26</b>	<b>1.904,65</b>	<b>1.115,74</b>	<b>1.787,43</b>	<b>933,33</b>
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>4.852,80</b>	<b>2.709,23</b>	<b>6.132,97</b>	<b>3.592,68</b>	<b>6.488,37</b>	<b>3.387,99</b>
PRODUTIVIDADE MÉDIA	SACAS/HA	153,5	59,5	151,0	60,0	156,0	60,0
PRODUTIVIDADE MÉDIA	KG/HA	7.676	3.571	7.550	3.600	7.800	3.600
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO</b>	<b>USD/SACA</b>	<b>13,86</b>	<b>19,97</b>	<b>12,61</b>	<b>18,60</b>	<b>11,46</b>	<b>15,56</b>
PREÇO MÉDIO PRODUTOR	USD/SACA	12,66	13,10	12,53	13,75	12,50	13,65
MARGEM SOBRE O CUSTO	USD/SACA	-1,20	-6,87	-0,08	-4,85	1,04	-1,91
RECEITA BRUTA (D)	USD/HA	1.943,56	779,67	1.892,03	825,00	1.950,00	819,00
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA COMERCIALIZAÇÃO	R\$/USD	3,00	3,00	3,83	3,83	3,81	3,81
RECEITA BRUTA (D)	R\$/HA	5.830,69	2.339,01	7.246,47	3.159,75	7.429,50	3.120,39
<b>RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>-184,86</b>	<b>-408,59</b>	<b>-12,62</b>	<b>-290,74</b>	<b>162,57</b>	<b>-114,33</b>
<b>RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>977,89</b>	<b>-370,23</b>	<b>1.113,50</b>	<b>-432,93</b>	<b>941,13</b>	<b>-267,60</b>
MARGEM SOBRE O CUSTO	%	20,2%	-13,7%	18,2%	-12,1%	14,5%	-7,9%
<b>MARGEM SOBRE O CUSTO</b>	<b>SACAS/HA</b>	<b>30,9</b>	<b>-8,1</b>	<b>27,4</b>	<b>-7,2</b>	<b>22,6</b>	<b>-4,7</b>
<b>RECEITA LÍQUIDA S/C. DESEMBOLSADO (D) - (A)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>243,43</b>	<b>-44,72</b>	<b>385,51</b>	<b>41,60</b>	<b>444,81</b>	<b>193,86</b>
EBITDA	R\$/HA	1.954,39	739,88	2.395,48	1.560,63	1.965,66	1.427,22
MARGEM EBITDA	%	33,5%	31,6%	33,1%	49,4%	26,5%	45,7%

**CARLOS COGO**  
CONSULTORIA EM AGRIBUSINESS



**FEIJÃO**

[WWW.CARLOSCOGO.COM.BR](http://WWW.CARLOSCOGO.COM.BR)



## **FEIJÃO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- A produção da 1ª safra 2015/2016 recuou 9,0%, com a queda de 8,8% na área de cultivo, com colheita de 1,030 milhão de toneladas.
- Na 2ª safra 2015/2016, assim como na 1ª safra, a maior parte da produção é oriunda na Região Centro-Sul, que responde por 77,7% da oferta total, destacando-se Paraná, Mato Grosso, Minas Gerais e Ceará.
- A área de feijão 2ª safra recuou 0,8% em relação à safra passada, para 1,308 milhão de hectares.
- A produção da 2ª safra 2015/2016 está estimada em 1,023 milhão de toneladas, 9,6% abaixo da colheita do ano anterior, com muitas regiões apresentando quebras quantitativas e na qualidade do produto colhido, em função de adversidades climáticas, como estiagem prolongada em áreas do Centro-Oeste e Minas Gerais, além de excesso de chuvas em páreas produtoras da Região Sul do Brasil.
- A área da 3ª safra está projetada em 666 mil hectares, praticamente no mesmo patamar do ano passado (668 mil hectares), com produção estimada em 873 mil toneladas, 2,4% acima do ano anterior, mas essa estimativa será reavaliada no próximo mês.

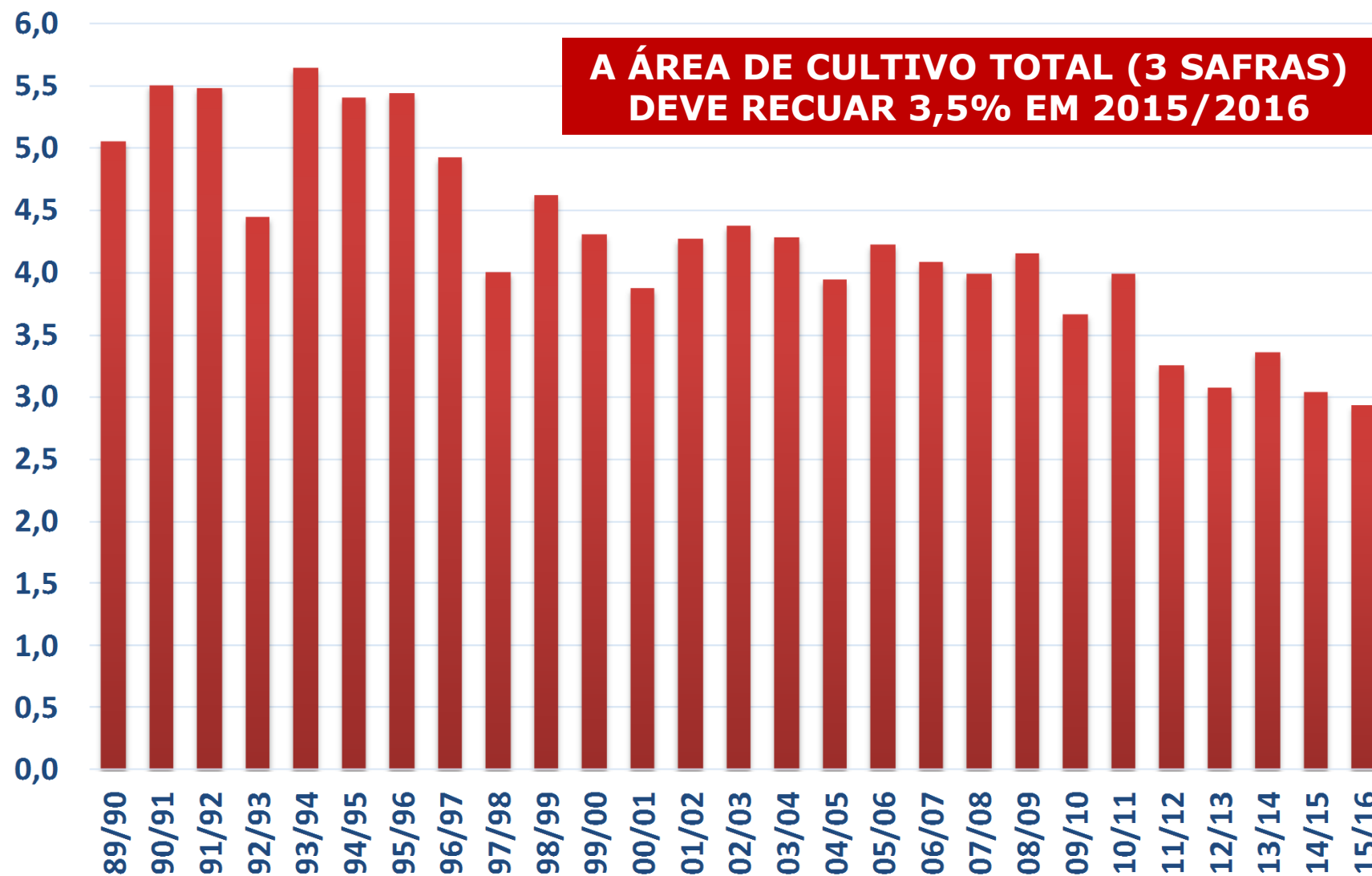
## **FEIJÃO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- Confirmadas essas projeções, a produção total de feijão nas três safras de 2015/2016 atingir 2,926 milhões de toneladas, 6,1% abaixo das 3,115 milhões de toneladas produzidas em 2014/2015, ficando abaixo do consumo interno, que está estimado em 3,050 milhões de toneladas, queda de 9% sobre as 3,350 milhões de toneladas no ano passado, em função da forte alta dos preços ao consumidor.
- No atacado em São Paulo, as referências de preços para o carioca de nota 10 estão entre R\$ 580,00 e R\$ 610,00 por saca de 60 Kg; para nota 9,0 a 9,5 entre R\$ 550,00 e R\$ 570,00 por saca de 60 Kg; e para notas 8,0 a 8,5 entre R\$ 510,00 e R\$ 540,00 por saca de 60 Kg.
- Para o feijão preto extra, as cotações estão entre R\$ 260,00 e R\$ 280,00 por saca de 60 Kg e para o comercial, entre R\$ 210,00 e R\$ 230,00 por saca de 60 Kg.
- Nesta primeira quinzena de junho, os preços do feijão carioca estão entre R\$ 430,00 a R\$ 460,00 por saca de 60 Kg do produto de melhor qualidade, em São Paulo, contra R\$ 230,00 a R\$ 240,00 por saca de 60 Kg na segunda quinzena de maio.

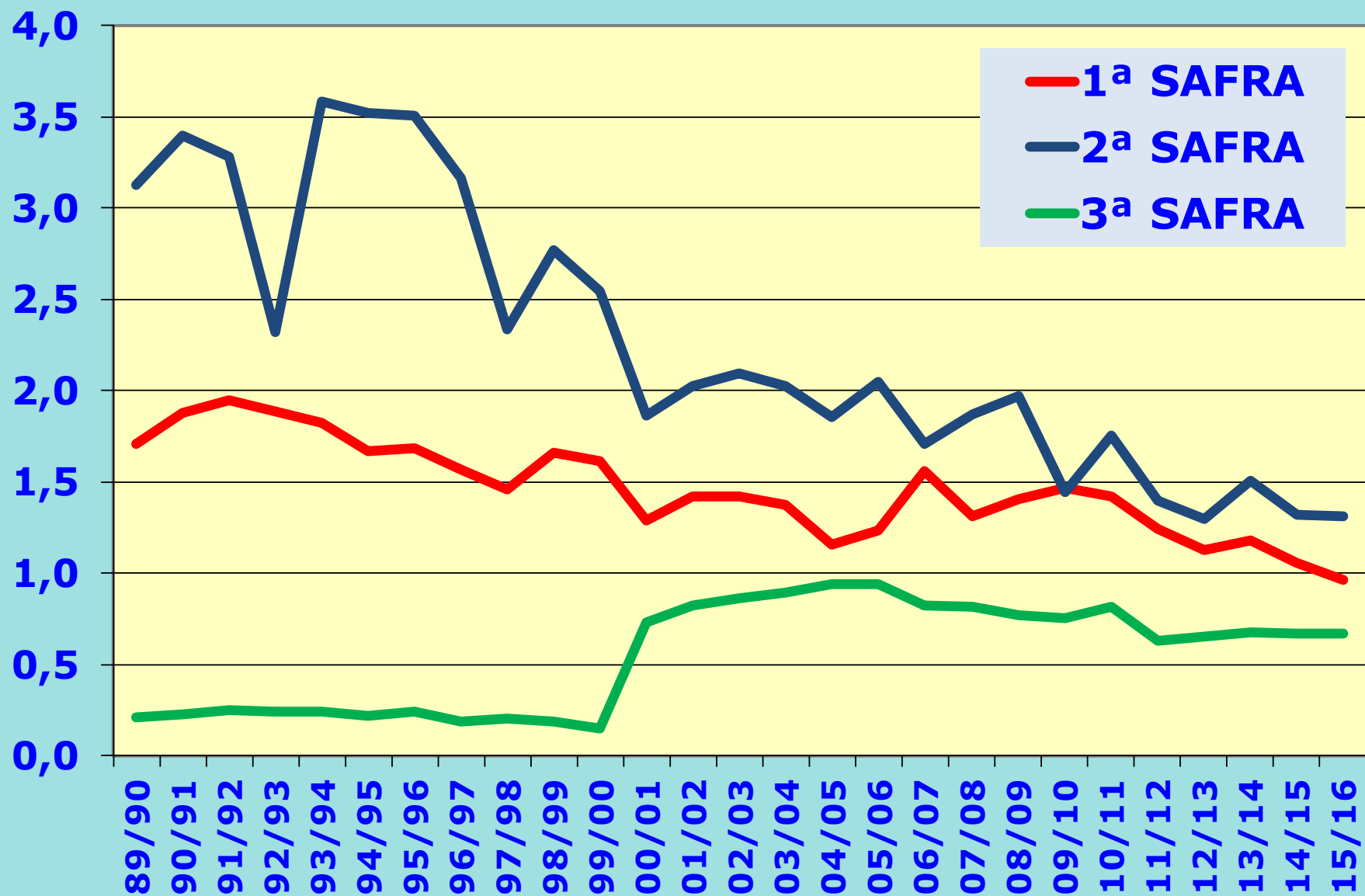
## **FEIJÃO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- Em Minas Gerais e em Goiás, os preços pagos aos produtores para as mercadorias de melhor qualidade estão entre R\$ 360,00 a R\$ 400,00 por saca de 60 Kg, contra R\$ 200,00 a R\$ 220,00 por saca de 60 Kg na segunda quinzena de maio.
- No mercado de feijão preto, nesta primeira quinzena de junho, as cotações aos produtores estão entre R\$ 165,00 a R\$ 190,00 por saca de 60 Kg, contra R\$ 145,00 a R\$ 170,00 por saca de 60 Kg na segunda quinzena de maio.
- No mercado de feijão carioca, praticamente não há ofertas nas lavouras e as empresas, em nível nacional, estão desabastecidas.
- Houve registro de geada em várias localidades da Região Sul do Brasil, agravando a situação de oferta.
- Uma oferta significativa da safra de pivô (irrigada) somente ocorrerá entre o final do mês de julho e o mês de agosto.
- Portanto, a tendência é de desaquecimento gradual dos preços somente a partir da colheita das áreas de 3ª safra do Centro-Oeste e Sudeste, entre julho e agosto.

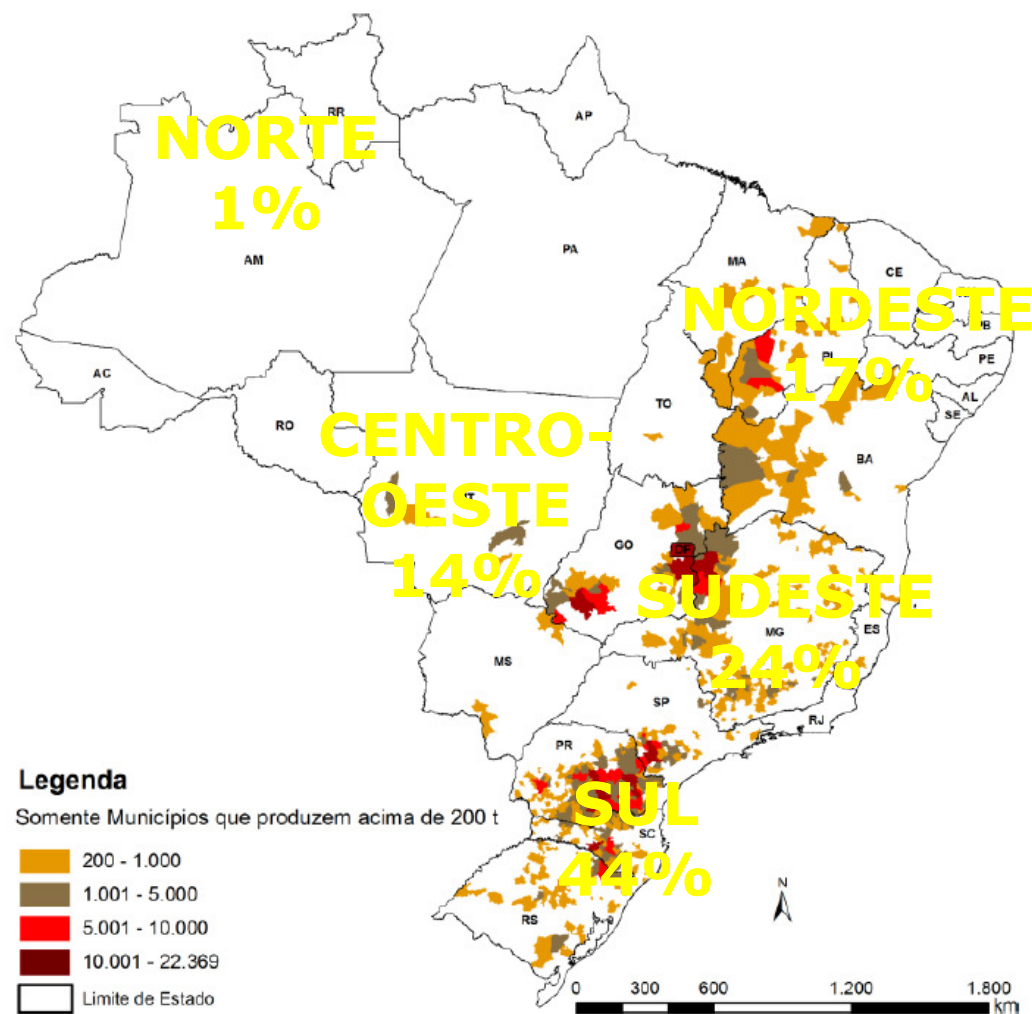
# FEIJÃO: ÁREA DE CULTIVO NO BRASIL EM MILHÕES DE HA






# FEIJÃO: ÁREA DE CULTIVO NO BRASIL EM MILHÕES DE HECTARES



## FEIJÃO 1ª SAFRA: PRODUÇÃO NA SAFRA 2015/2016



# FEIJÃO 1ª SAFRA CALENDÁRIO DE PLANTIO E COLHEITA

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Norte</b>												
TO	█	█	█	█	█	█	█	█				
<b>Nordeste</b>												
PI		█	█			█	█					
BA	█	█	█	█	█	█	█	█				
<b>Centro-Oeste</b>												
MT	█	█	█	█	█	█	█					
MS	█	█		█	█							
GO	█	█	█	█	█	█						
DF	█	█	█		█	█						
<b>Sudeste</b>												
MG	█	█	█	█	█	█						
ES		█	█	█	█	█						
RJ	█	█		█	█							
SP	█	█	█	█	█							█
<b>Sul</b>												
PR	█	█	█	█	█						█	█
SC	█	█	█	█	█	█	█					█
RS	█	█	█	█	█	█	█				█	█

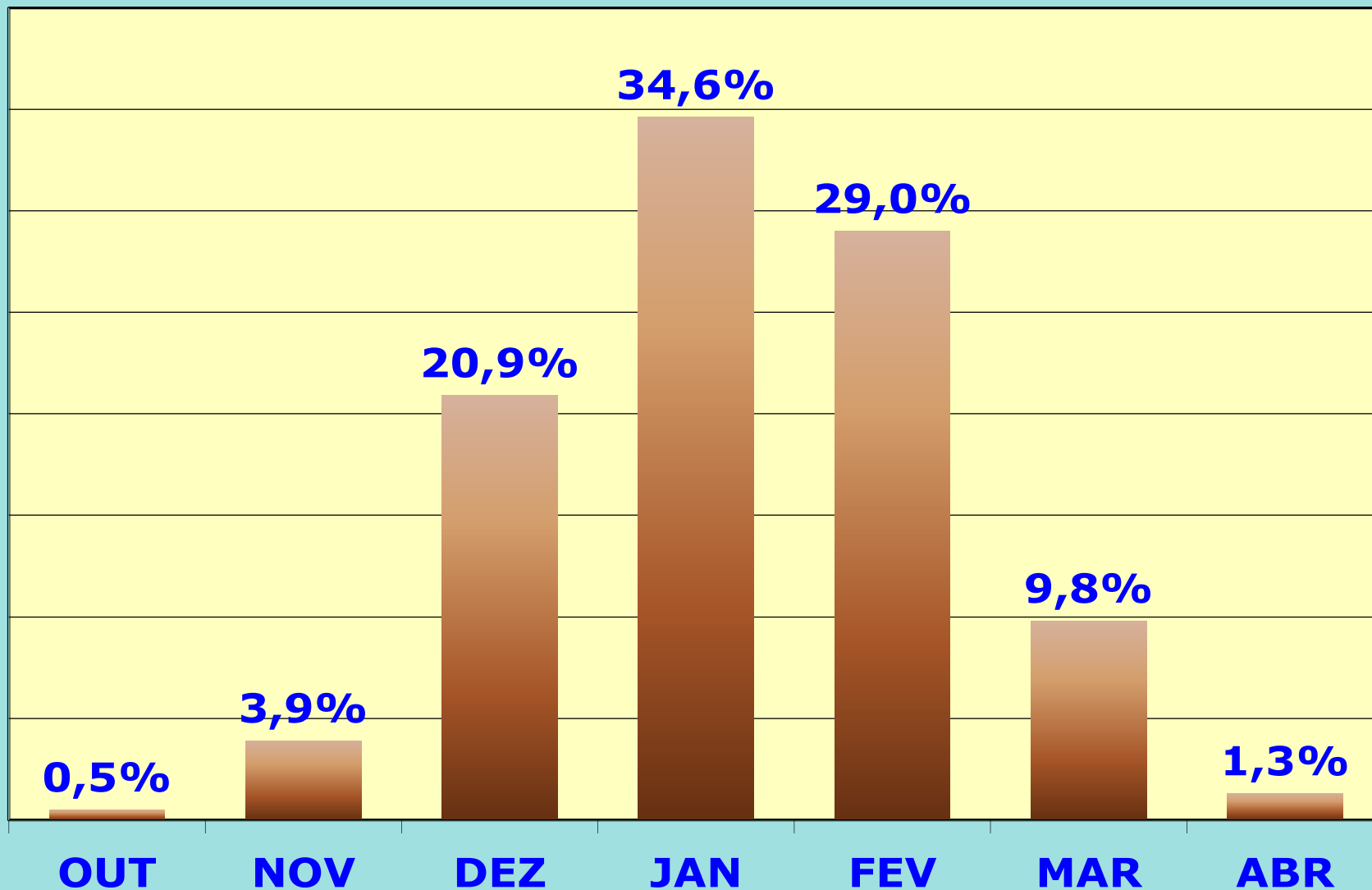


**P = PLANTIO**

**C = COLHEITA**

Legenda: █ Plantio █ Colheita

# FEIJÃO 1ª SAFRA: FLUXO DA COLHEITA NO BRASIL





## FEIJÃO 1ª SAFRA - CARIOCA ÁREA E PRODUÇÃO POR ESTADOS

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
<b>NORTE</b>	<b>1,0</b>	<b>1.200</b>	<b>1,2</b>
TO	1,0	1.200	1,2
<b>NORDESTE</b>	<b>45,9</b>	<b>580</b>	<b>26,6</b>
BA	45,9	580	26,6
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>69,9</b>	<b>2.135</b>	<b>149,2</b>
MT	6,4	1.132	7,2
MS	0,6	1.800	1,1
GO	52,0	2.400	124,8
DF	10,9	1.475	16,1
<b>SUDESTE</b>	<b>199,1</b>	<b>1.563</b>	<b>311,1</b>
MG	144,4	1.316	190,0
ES	4,7	787	3,7
SP	50,0	2.348	117,4
<b>SUL</b>	<b>94,6</b>	<b>1.801</b>	<b>170,4</b>
PR	54,7	1.614	88,3
SC	29,9	1.944	58,1
RS	10,0	2.400	24,0
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>46,9</b>	<b>593</b>	<b>27,8</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>363,6</b>	<b>1.735</b>	<b>630,7</b>
<b>BRASIL</b>	<b>410,5</b>	<b>1.604</b>	<b>658,5</b>

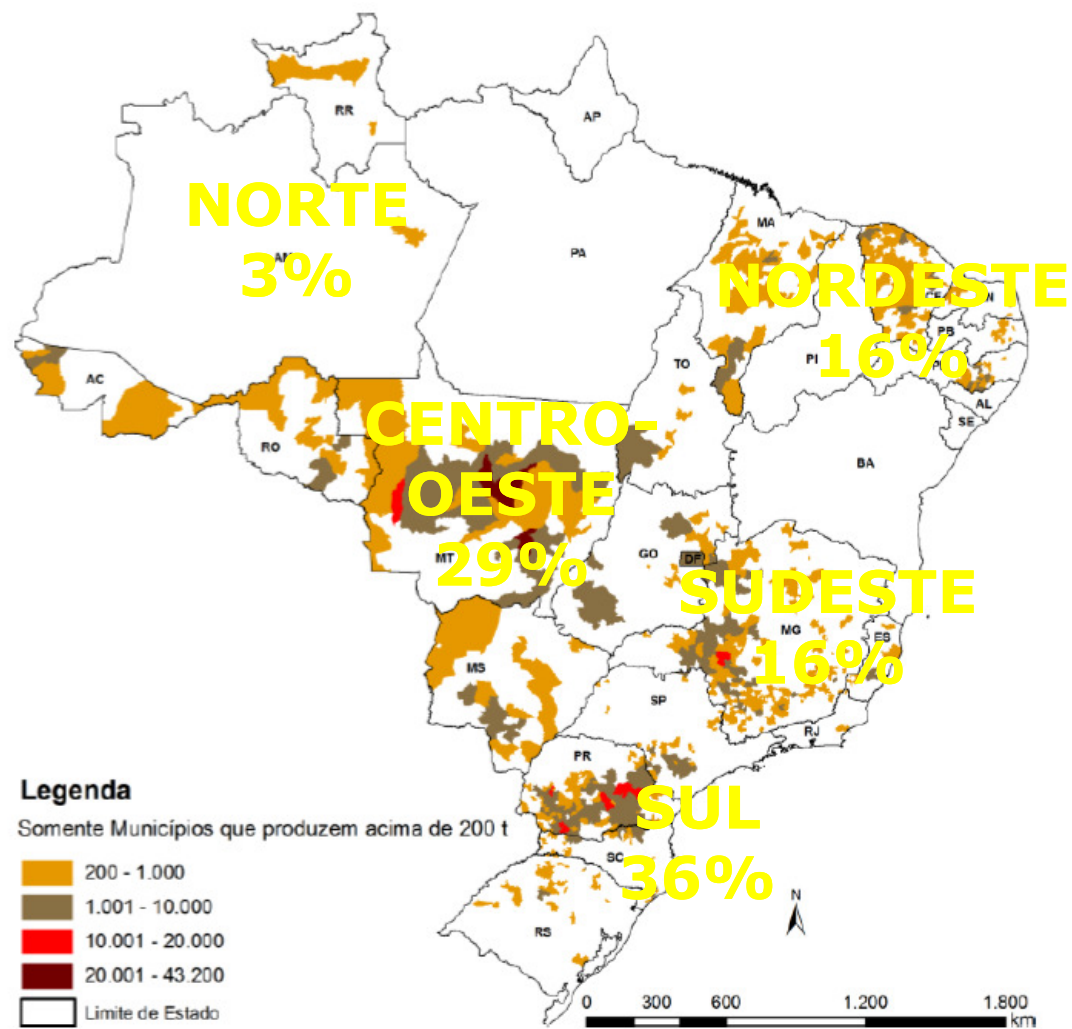
## FEIJÃO 1ª SAFRA - PRETO ÁREA E PRODUÇÃO POR ESTADOS

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>1,2</b>	<b>1.450</b>	<b>1,7</b>
DF	1,2	1.450	1,7
<b>SUDESTE</b>	<b>3,7</b>	<b>682</b>	<b>2,5</b>
MG	1,6	570	0,9
ES	1,5	650	1,0
RJ	0,6	1.063	0,6
<b>SUL</b>	<b>174,9</b>	<b>1.661</b>	<b>290,8</b>
PR	125,3	1.624	203,6
SC	16,1	1.731	27,9
RS	33,5	1.770	59,3
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>179,8</b>	<b>1.640</b>	<b>295,0</b>
<b>BRASIL</b>	<b>179,8</b>	<b>1.640</b>	<b>295,0</b>

## FEIJÃO 1ª SAFRA - CAUPI ÁREA E PRODUÇÃO POR ESTADOS

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
<b>NORTE</b>	<b>3,7</b>	<b>598</b>	<b>2,2</b>
TO	3,7	598	2,2
<b>NORDESTE</b>	<b>363,7</b>	<b>198</b>	<b>72,0</b>
MA	23,8	468	11,1
PI	211,5	139	29,4
BA	128,4	245	31,5
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>1,5</b>	<b>1.133</b>	<b>1,7</b>
MT	1,5	1.133	1,7
<b>SUDESTE</b>	<b>0,6</b>	<b>900</b>	<b>0,5</b>
MG	0,6	900	0,5
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>367,4</b>	<b>202</b>	<b>74,2</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>2,1</b>	<b>1.066</b>	<b>2,2</b>
<b>BRASIL</b>	<b>369,5</b>	<b>207</b>	<b>76,4</b>

## FEIJÃO 2ª SAFRA: PRODUÇÃO NA SAFRA 2015/2016



# FEIJÃO 2ª SAFRA CALENDÁRIO DE PLANTIO E COLHEITA

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	☀️			☀️			🌿			❄️		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Norte</b>												
RR							█	█	█		█	█
RO					█	█					█	
AC					█	█					█	
AM						█	█	█			█	█
AP							█	█	█		█	█
TO					█	█	█	█	█		█	█
<b>Nordeste</b>												
MA					█	█	█				█	
PI				█	█	█	█	█	█			
CE					█	█	█				█	
RN				█	█	█	█	█	█		█	█
PB						█	█	█	█		█	█
PE					█	█	█	█	█		█	
<b>Centro-Oeste</b>												
MT				█	█	█			█	█		█
MS					█	█	█				█	█
GO				█	█	█			█	█		█
DF				█	█				█	█		
<b>Sudeste</b>												
MG					█	█	█	█	█	█	█	█
ES					█	█	█				█	
RJ					█	█	█	█	█			
SP				█	█	█	█	█	█		█	
<b>Sul</b>												
PR				█	█	█	█	█	█			
SC				█	█	█	█	█	█			
RS				█	█	█	█	█	█			

Legenda: █ Plantio █ Colheita



**P = PLANTIO**

**C = COLHEITA**

## FEIJÃO 2ª SAFRA - CARIOCA ÁREA E PRODUÇÃO POR ESTADOS

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
<b>NORTE</b>	<b>44,2</b>	<b>858</b>	<b>37,9</b>
RR	2,7	731	2,0
RO	20,2	882	17,8
AC	7,3	619	4,5
AM	4,1	927	3,8
AP	1,3	915	1,2
TO	8,6	1.005	8,6
<b>NORDESTE</b>	<b>39,0</b>	<b>521</b>	<b>20,3</b>
MA	0,5	400	0,2
CE	7,5	437	3,3
PB	26,6	594	15,8
PE	4,4	237	1,0
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>64,9</b>	<b>1.330</b>	<b>86,3</b>
MT	24,9	1.074	26,7
MS	14,0	1.440	20,2
GO	25,2	1.500	37,8
DF	0,8	2.055	1,6
<b>SUDESTE</b>	<b>133,1</b>	<b>1.417</b>	<b>188,7</b>
MG	112,5	1.361	153,1
ES	6,3	1.120	7,1
SP	14,3	1.993	28,5
<b>SUL</b>	<b>134,5</b>	<b>1.568</b>	<b>210,8</b>
PR	130,6	1.555	203,0
SC	3,9	1.993	7,8
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>83,2</b>	<b>700</b>	<b>58,2</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>332,5</b>	<b>1.461</b>	<b>485,8</b>
<b>BRASIL</b>	<b>415,7</b>	<b>1.309</b>	<b>544,0</b>

## FEIJÃO 2ª SAFRA - PRETO ÁREA E PRODUÇÃO POR ESTADOS

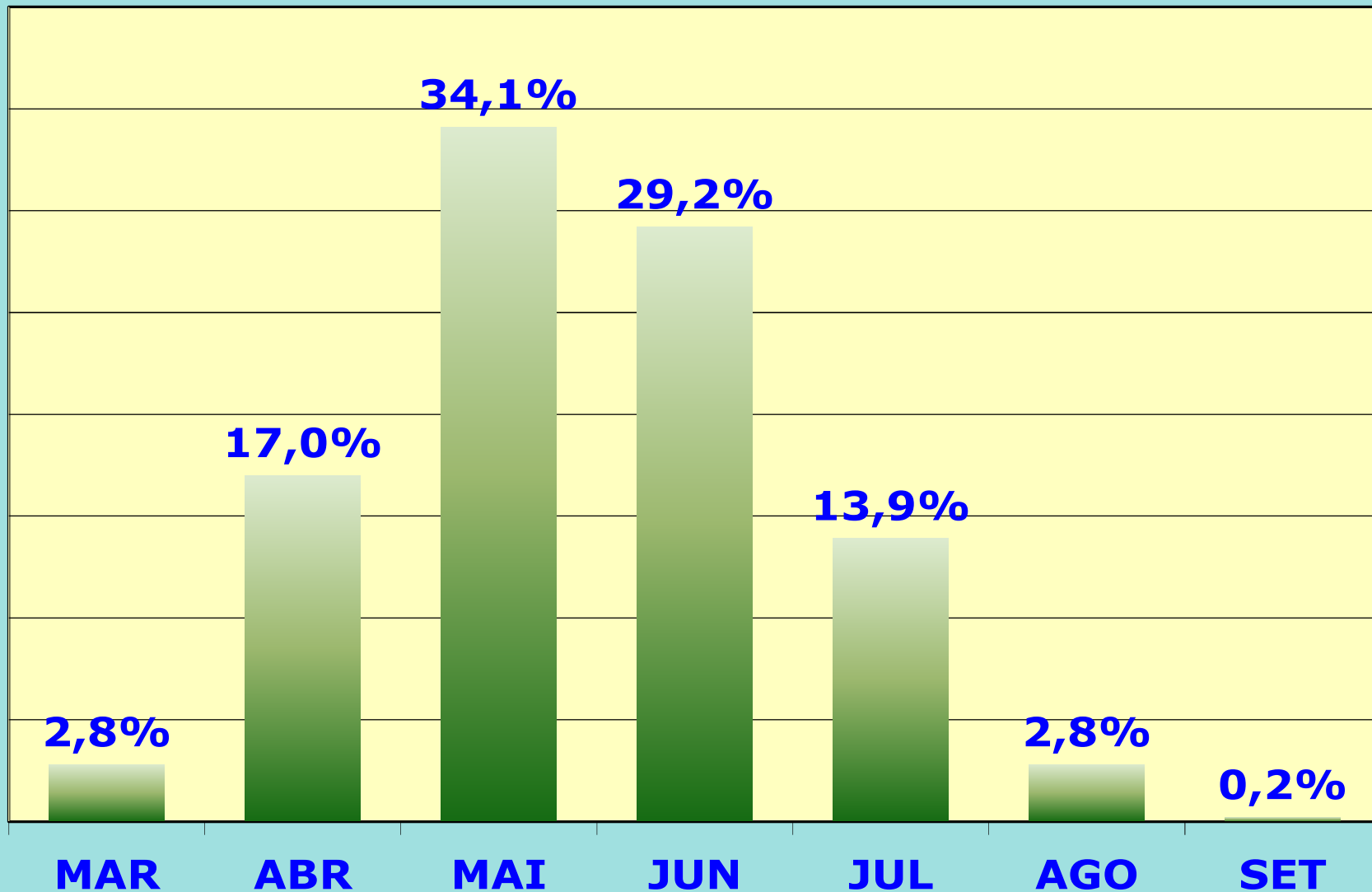
REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
<b>NORDESTE</b>	<b>1,0</b>	<b>593</b>	<b>0,6</b>
PB	1,0	593	0,6
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>0,1</b>	<b>1.910</b>	<b>0,2</b>
MT	-		-
MS	-		-
GO	-		-
DF	0,1	1.910	0,2
<b>SUDESTE</b>	<b>5,1</b>	<b>939</b>	<b>4,8</b>
MG	2,0	740	1,5
ES	2,1	1.119	2,3
RJ	1,0	958	1,0
<b>SUL</b>	<b>108,6</b>	<b>1.565</b>	<b>170,0</b>
PR	75,0	1.521	114,1
SC	13,5	1.763	23,8
RS	20,1	1.598	32,1
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>113,8</b>	<b>1.538</b>	<b>175,0</b>
<b>BRASIL</b>	<b>114,8</b>	<b>1.529</b>	<b>175,6</b>

## FEIJÃO 2ª SAFRA - CAUPI ÁREA E PRODUÇÃO POR ESTADOS

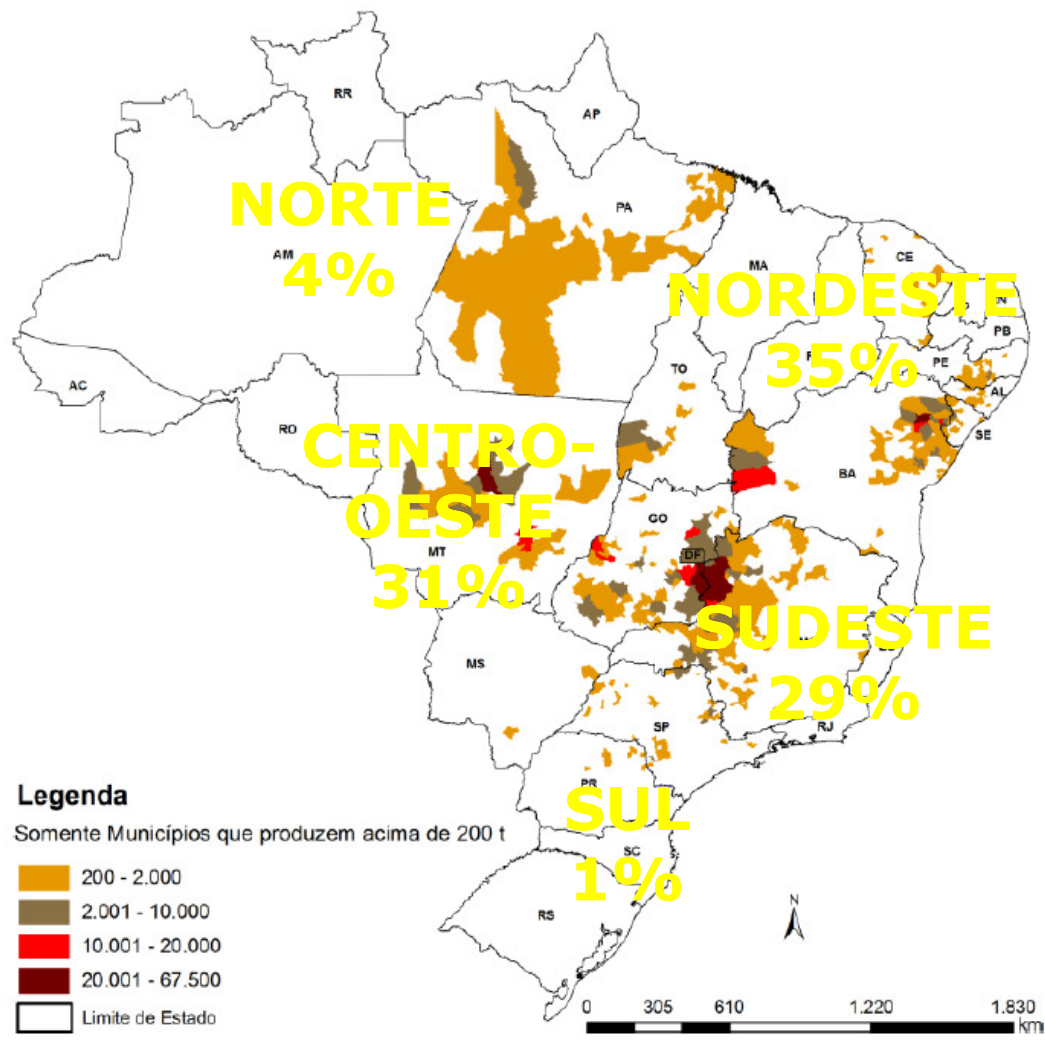
REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
<b>NORDESTE</b>	<b>632,5</b>	<b>250</b>	<b>158,4</b>
MA	47,2	540	25,5
PI	3,0	545	1,6
CE	365,4	241	88,1
RN	34,0	263	8,9
PB	62,9	262	16,5
PE	120,0	148	17,8
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>145,4</b>	<b>994</b>	<b>144,5</b>
MT	144,6	991	143,3
GO	0,8	1.500	1,2
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>632,5</b>	<b>250</b>	<b>158,4</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>145,4</b>	<b>994</b>	<b>144,5</b>
<b>BRASIL</b>	<b>777,9</b>	<b>389</b>	<b>302,9</b>







# FEIJÃO 2ª SAFRA: FLUXO DA COLHEITA NO BRASIL



## FEIJÃO 3ª SAFRA: PRODUÇÃO NA SAFRA 2015/2016



# FEIJÃO 3ª SAFRA CALENDÁRIO DE PLANTIO E COLHEITA

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Norte</b>												
PA	—						—	—	—	—	—	—
TO	—						—	—	—	—	—	—
<b>Nordeste</b>												
CE	—							—	—	—	—	—
PE	—						—	—	—	—	—	—
AL	—						—	—	—	—	—	—
SE	—						—	—	—	—	—	—
BA	—						—	—	—	—	—	—
<b>Centro-Oeste</b>												
MT							—	—	—	—	—	—
MS							—	—	—	—	—	—
GO							—	—	—	—	—	—
DF							—	—	—	—	—	—
<b>Sudeste</b>												
MG	—					—	—	—	—	—	—	—
SP	—						—	—	—	—	—	—
<b>Sul</b>												
PR					—		—	—	—	—	—	—

Legenda:  Plantio  Colheita



**P = PLANTIO**

**C = COLHEITA**

## FEIJÃO 3ª SAFRA - CARIOCA ÁREA E PRODUÇÃO POR ESTADOS

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
<b>NORTE</b>	<b>12,9</b>	<b>1.187</b>	<b>15,3</b>
PA	6,0	651	3,9
TO	6,9	1.654	11,4
<b>NORDESTE</b>	<b>291,3</b>	<b>715</b>	<b>208,2</b>
CE	-	-	-
PE	19,7	513	10,1
AL	40,0	546	21,9
<b>SE</b>	<b>28,5</b>	<b>695</b>	<b>19,8</b>
BA	203,1	770	156,4
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>118,6</b>	<b>2.741</b>	<b>325,1</b>
MT	73,0	2.606	190,2
MS	0,4	1.380	0,6
<b>GO</b>	<b>37,2</b>	<b>2.886</b>	<b>107,4</b>
DF	8,0	3.363	26,9
<b>SUDESTE</b>	<b>73,5</b>	<b>2.558</b>	<b>188,0</b>
MG	59,0	2.600	153,4
SP	14,5	2.389	34,6
<b>SUL</b>	<b>5,5</b>	<b>1.177</b>	<b>6,5</b>
PR	5,5	1.177	6,5
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>304,2</b>	<b>735</b>	<b>223,5</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>197,6</b>	<b>2.629</b>	<b>519,6</b>
<b>BRASIL</b>	<b>501,8</b>	<b>1.481</b>	<b>743,1</b>

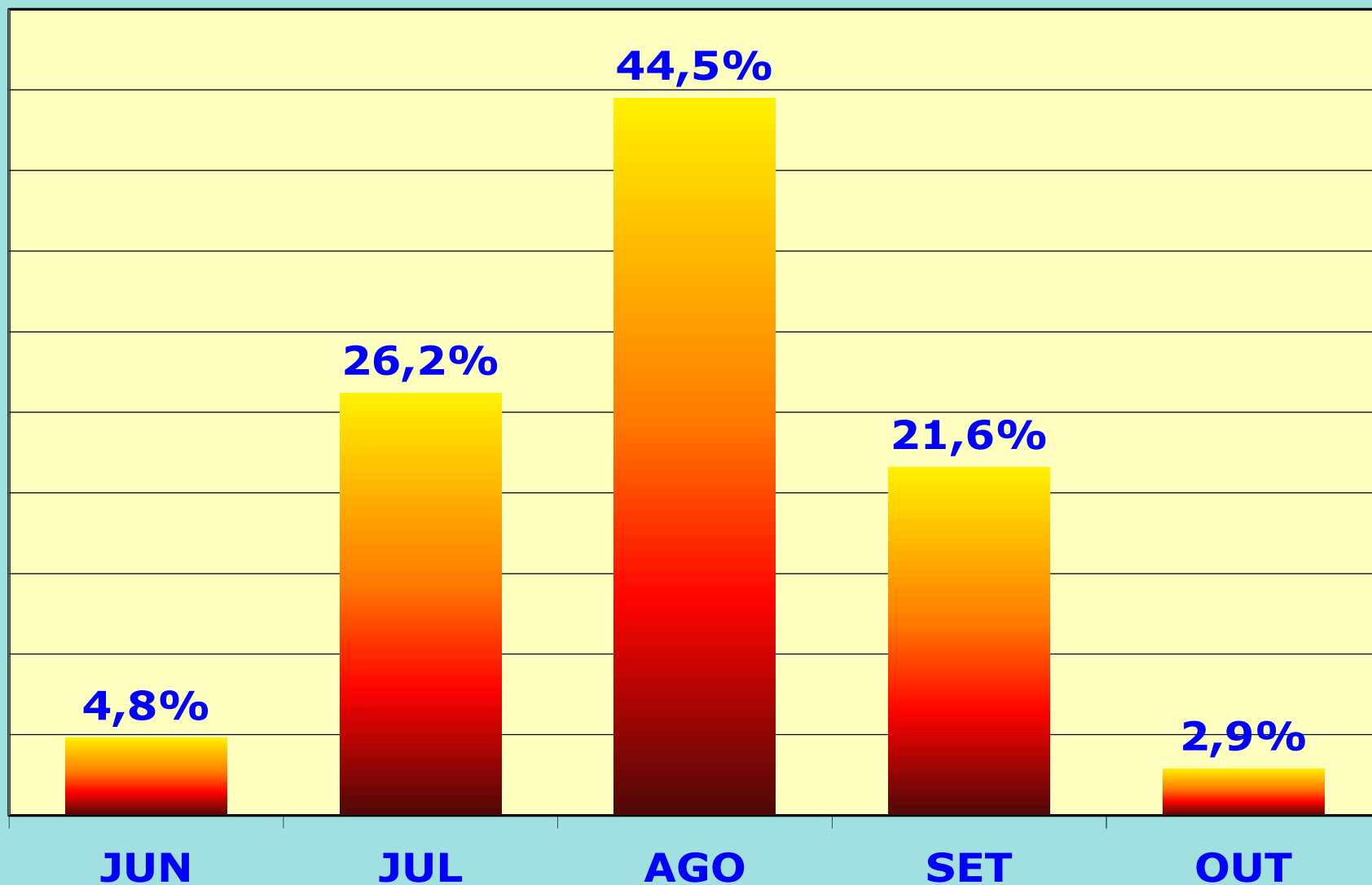
## FEIJÃO 3ª SAFRA - PRETO ÁREA E PRODUÇÃO POR ESTADOS

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
<b>NORTE</b>	-	-	-
PA	-	-	-
TO	-	-	-
<b>NORDESTE</b>	-	-	-
CE	-	-	-
PE	-	-	-
AL	-	-	-
SE	-	-	-
BA	-	-	-
<b>CENTRO-OESTE</b>	0,2	3.300	0,7
MT	-	-	-
MS	-	-	-
GO	-	-	-
DF	0,2	3.300	0,7
<b>SUDESTE</b>	-	-	-
MG	-	-	-
SP	-	-	-
<b>SUL</b>	-	-	-
PR	-	-	-
<b>NORTE/NORDESTE</b>	-	-	-
<b>CENTRO-SUL</b>	0,2	3.300	0,7
<b>BRASIL</b>	0,2	3.300	0,7

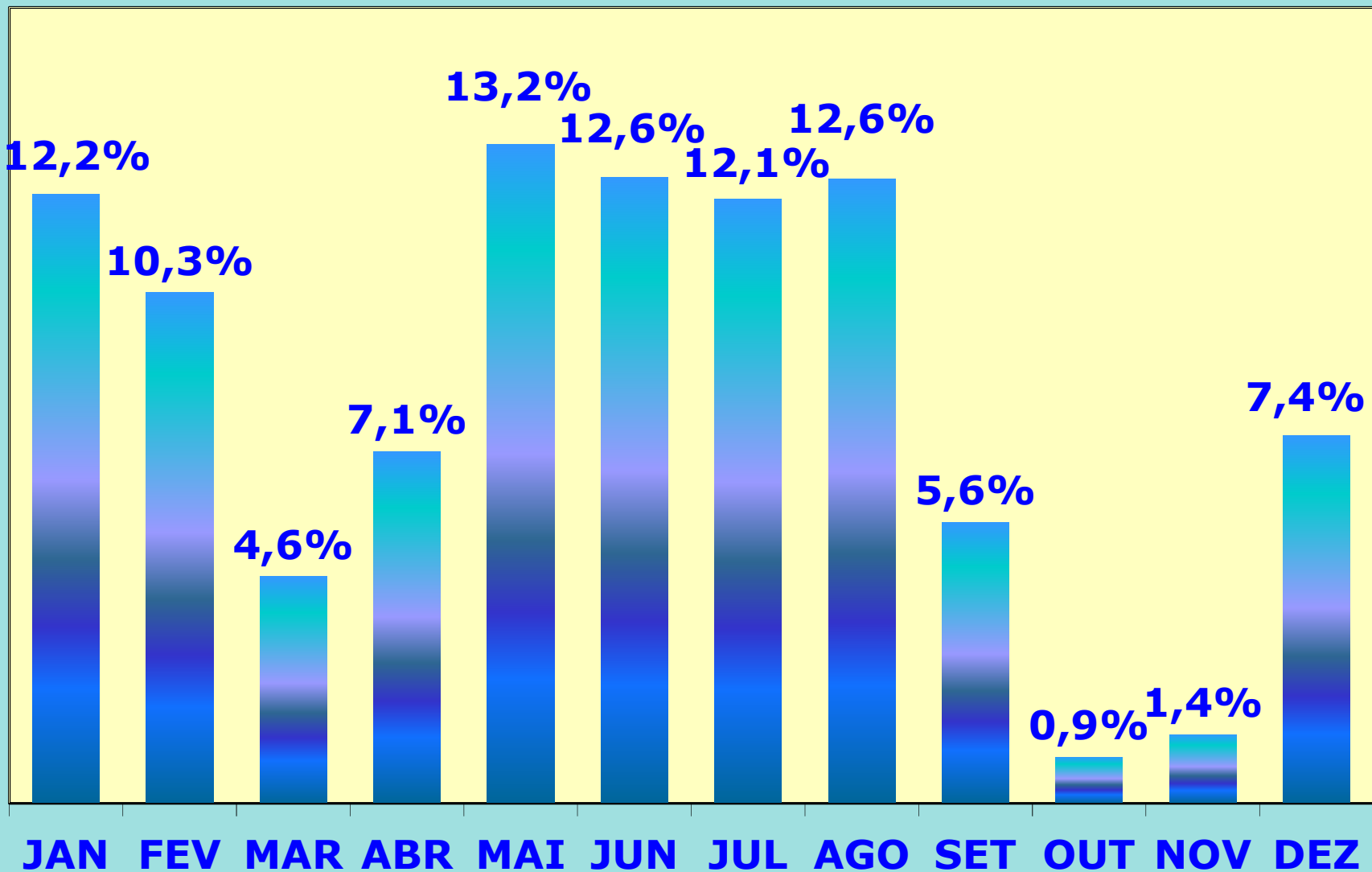
## FEIJÃO 3ª SAFRA - CAUPI ÁREA E PRODUÇÃO POR ESTADOS

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
<b>NORTE</b>	<b>18,9</b>	<b>746</b>	<b>14,1</b>
PA	18,9	746	14,1
TO	-	-	-
<b>NORDESTE</b>	<b>129,7</b>	<b>585</b>	<b>75,9</b>
CE	10,3	1.164	12,0
PE	96,3	511	49,2
AL	13,6	546	7,4
SE	-	-	-
BA	9,5	770	7,3
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>0,3</b>	<b>1.500</b>	<b>0,5</b>
MT	-	-	-
MS	-	-	-
GO	-	-	-
DF	0,3	1.500	0,5
<b>SUDESTE</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
MG	-	-	-
SP	-	-	-
SUL	-	-	-
PR	-	-	-
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>148,6</b>	<b>606</b>	<b>90,0</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>0,3</b>	<b>1.500</b>	<b>0,5</b>
<b>BRASIL</b>	<b>148,9</b>	<b>608</b>	<b>90,4</b>

# FEIJÃO 3ª SAFRA: FLUXO DA COLHEITA NO BRASIL

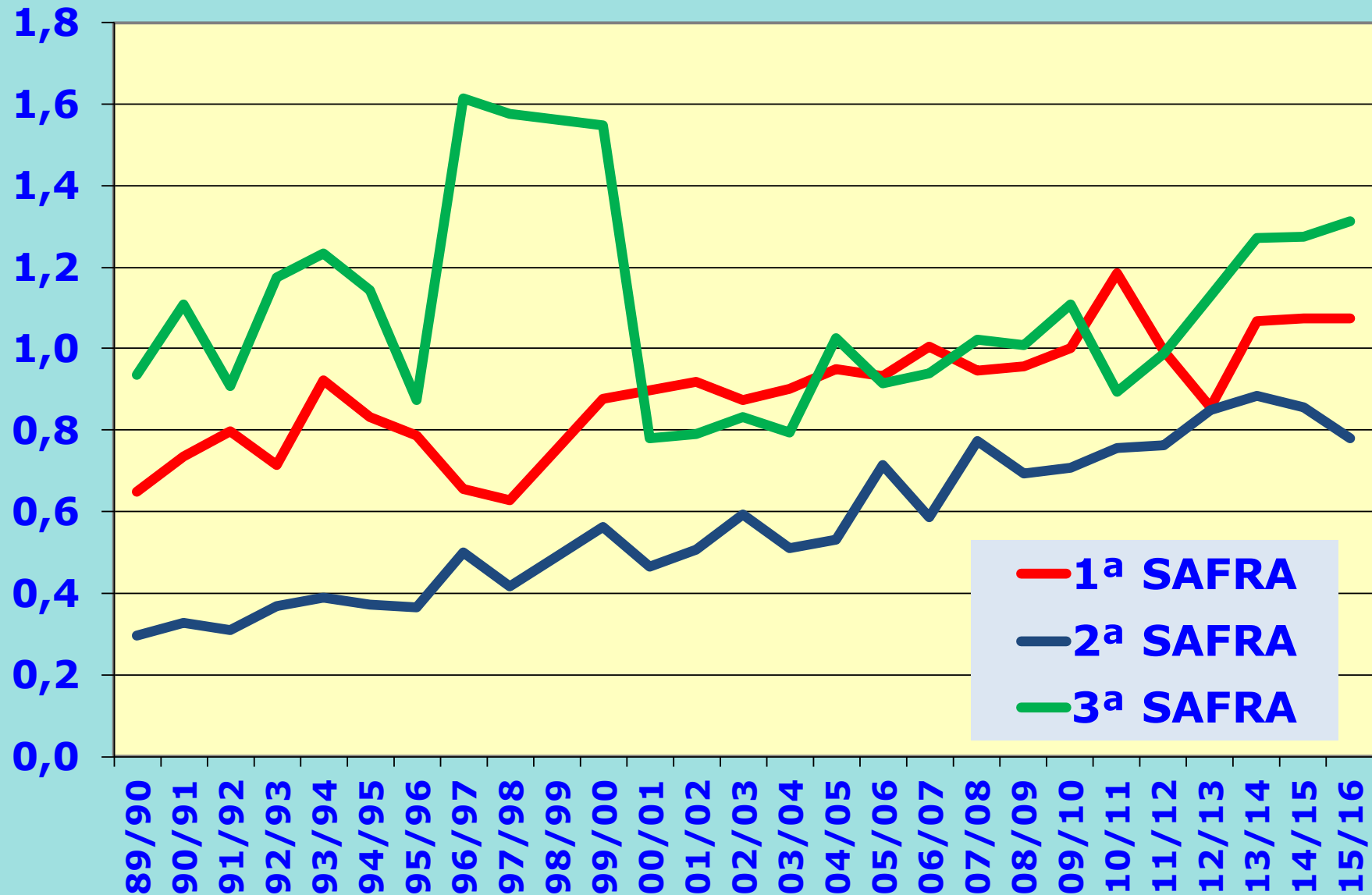


# FEIJÃO: FLUXO MENSAL DE COLHEITA DAS 3 SAFRAS NO BRASIL

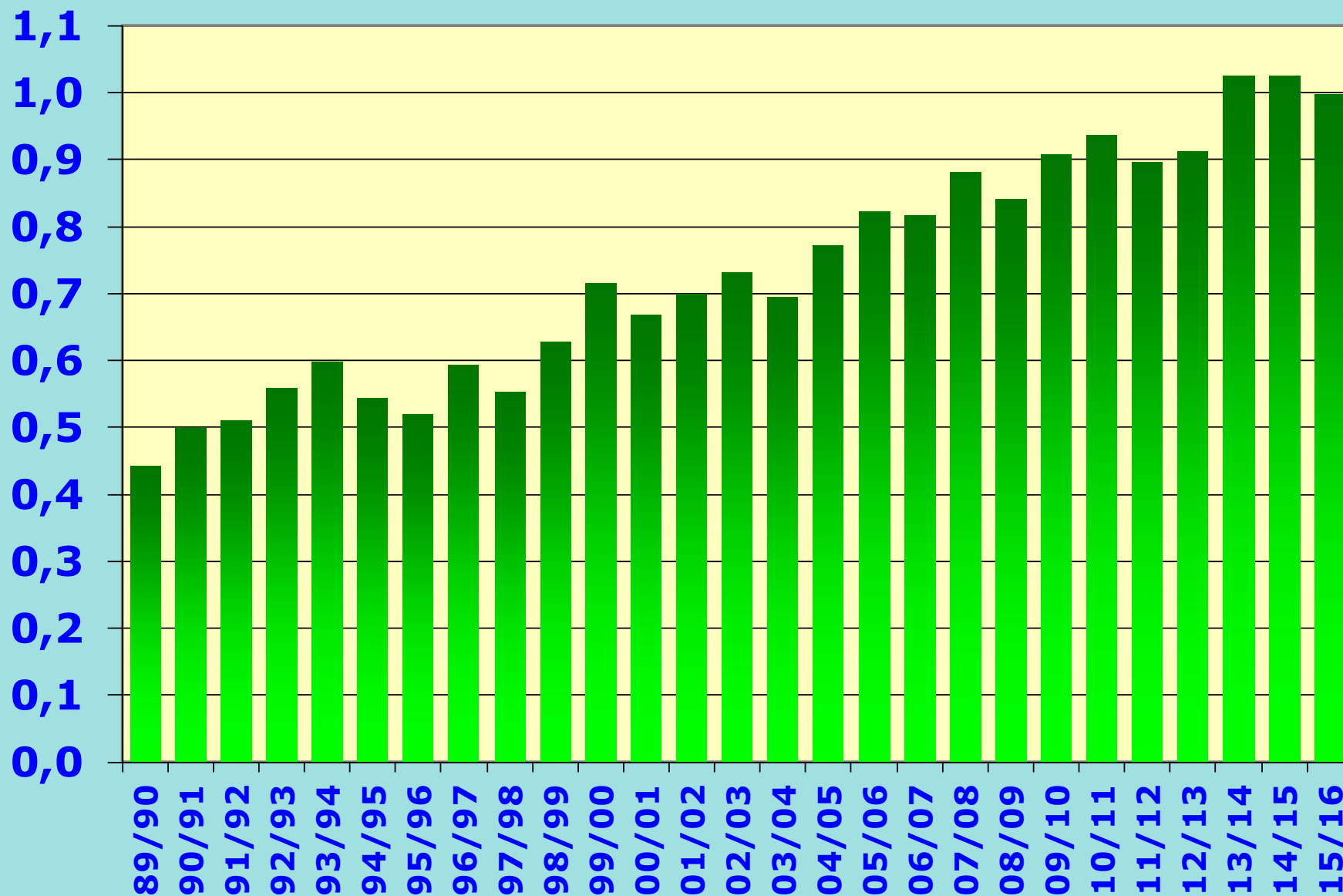




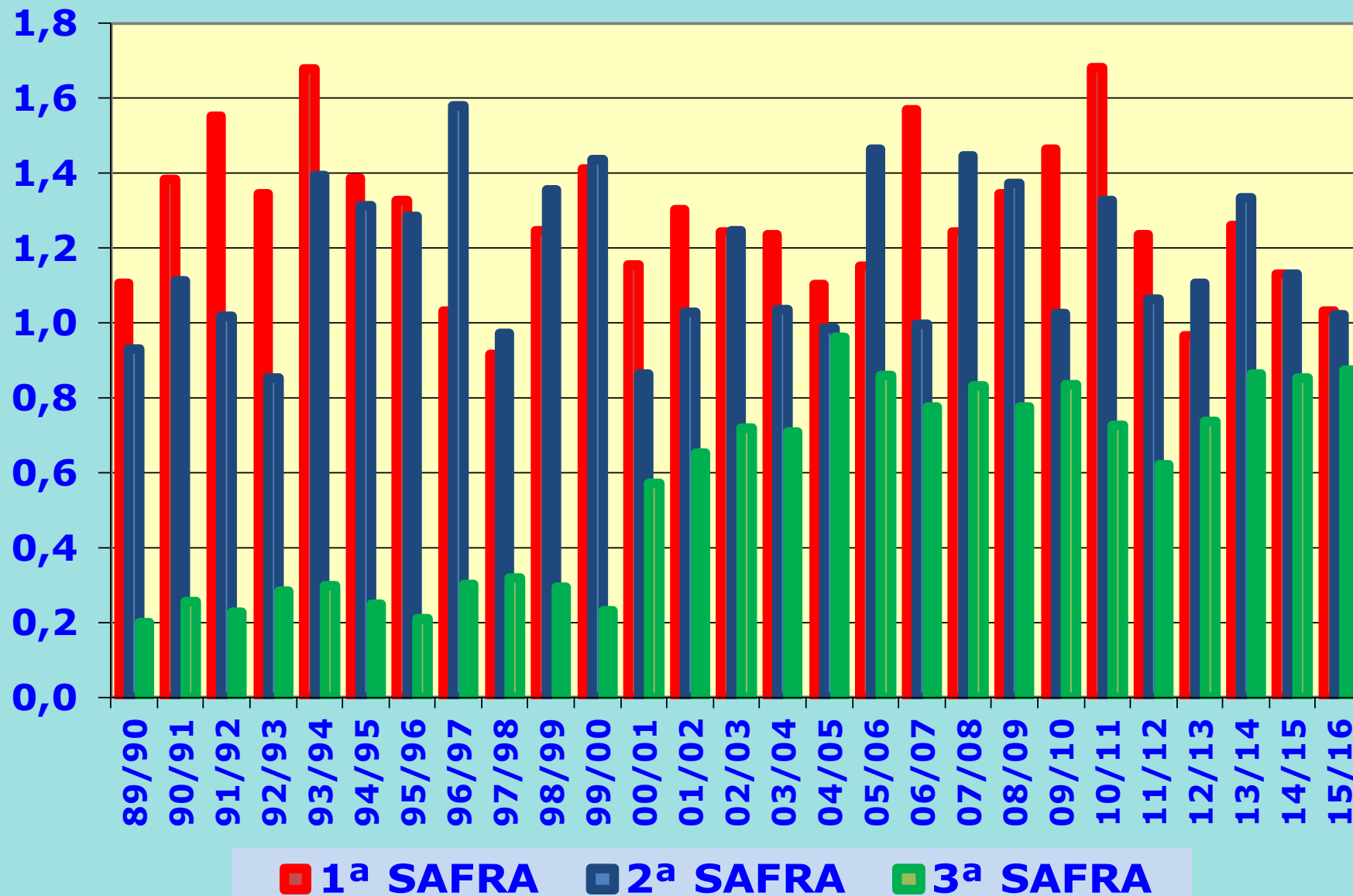
# FEIJÃO: PRODUTIVIDADE MÉDIA EM TONELADAS/HA



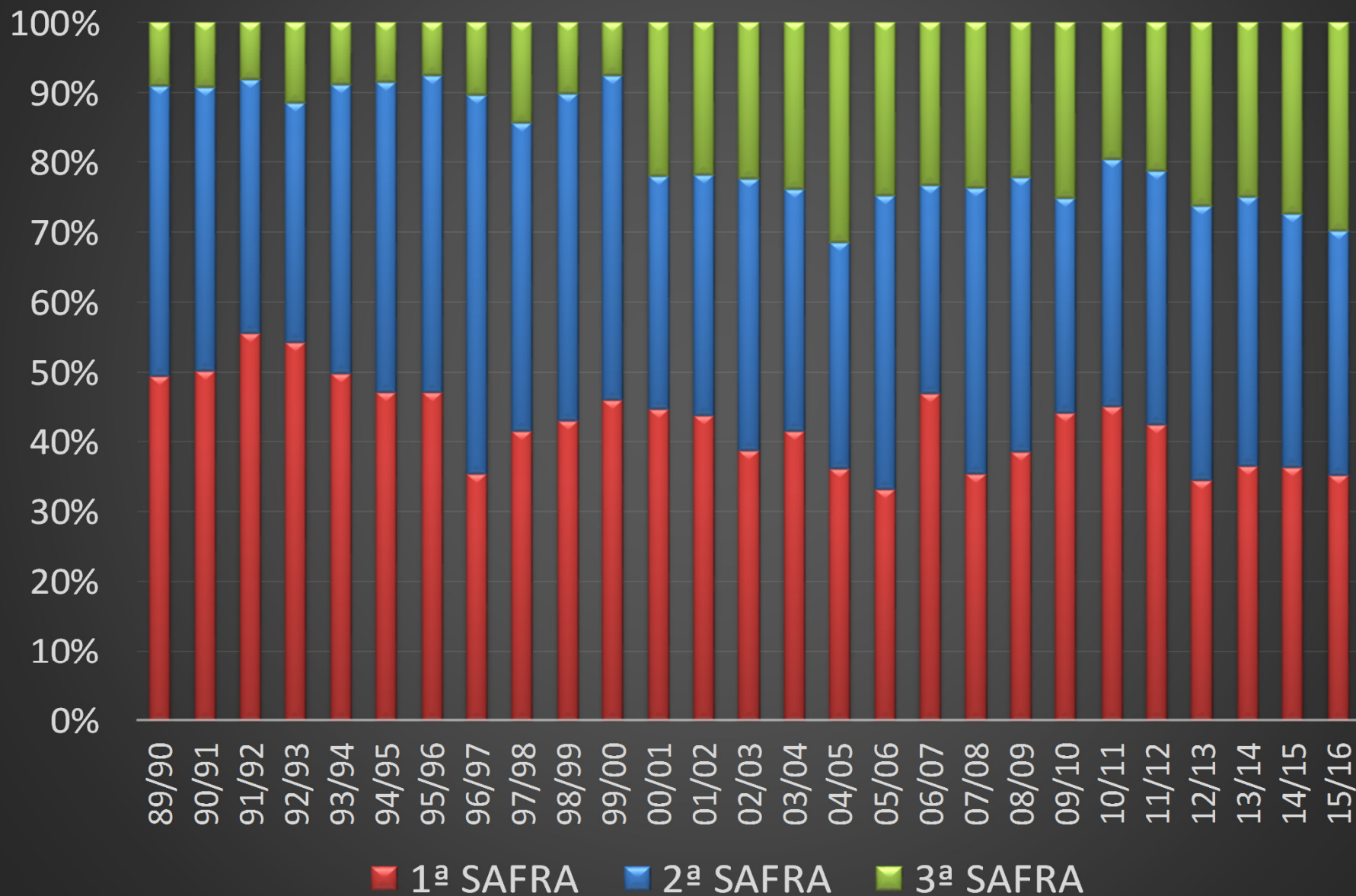
# FEIJÃO: PRODUTIVIDADE MÉDIA NO BRASIL EM T/HA



# FEIJÃO: EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO NO BRASIL - MILHÕES DE T



# FEIJÃO: DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO BRASILEIRA NAS 3 SAFRAS ANUAIS (%)



## FEIJÃO: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL

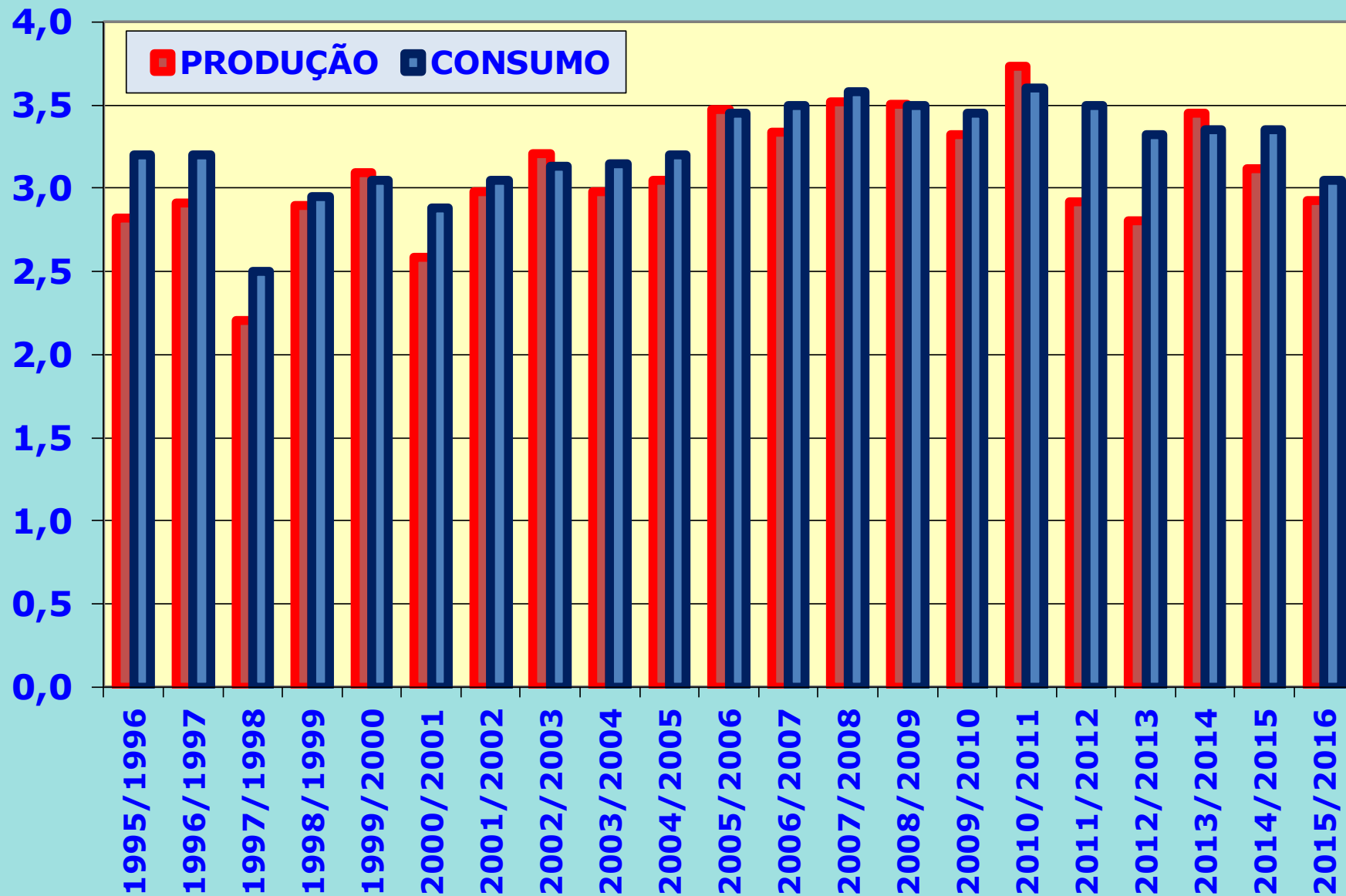
ANO-SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO TOTAL 3 SAFRAS	IMPORTAÇÕES TOTAIS	OFERTA TOTAL	CONSUMO INTERNO	EXPORTAÇÕES TOTAIS	ESTOQUES FINAIS	POPULAÇÃO BRASIL	CONSUMO PER CAPITA
	MIL T	MIL T	MIL T	MIL T	MIL T	MIL T	MIL T	HABITANTES	KG/HAB
1980/1981	296,2	2.407,0	0,0	2.703,2	2.407,0	0,0	296,2	121.381.328	19,8
1981/1982	296,2	3.097,6	0,0	3.393,8	3.097,6	0,0	296,2	124.250.840	24,9
1982/1983	296,2	1.653,9	3,7	1.953,8	1.653,9	0,0	299,9	127.140.354	13,0
1983/1984	299,9	2.616,1	60,5	2.976,5	2.616,2	0,0	360,4	130.082.524	20,1
1984/1985	360,4	2.533,8	15,3	2.909,5	2.533,8	0,0	375,6	132.999.282	19,1
1985/1986	375,6	2.244,8	95,0	2.715,4	2.244,9	0,0	470,6	135.814.249	16,5
1986/1987	470,6	2.108,0	35,0	2.613,6	2.108,0	0,0	505,5	138.585.894	15,2
1987/1988	505,5	2.752,0	10,0	3.267,5	2.600,0	0,0	667,5	141.312.997	18,4
1988/1989	667,5	2.386,4	25,0	3.078,9	2.600,0	0,0	478,9	143.997.246	18,1
1989/1990	478,9	2.234,0	70,3	2.783,2	2.370,8	0,0	412,4	146.592.579	16,2
1990/1991	412,4	2.748,0	88,6	3.249,0	2.638,1	0,0	610,9	149.094.266	17,7
1991/1992	610,9	2.797,0	57,7	3.465,6	2.795,6	0,0	670,0	151.546.843	18,4
1992/1993	670,0	2.478,0	54,9	3.202,9	2.771,0	0,0	431,9	153.985.576	18,0
1993/1994	431,9	3.369,0	156,4	3.957,3	3.200,0	0,0	757,3	156.430.949	20,5
1994/1995	757,3	2.946,0	189,5	3.892,8	3.300,0	0,0	592,8	158.874.963	20,8
1995/1996	592,8	2.821,0	81,8	3.495,6	3.200,0	0,0	295,6	161.323.169	19,8
1996/1997	295,6	2.914,8	157,4	3.363,7	3.200,0	4,1	163,7	163.779.827	19,5
1997/1998	163,7	2.206,3	211,3	2.575,1	2.500,0	6,2	75,1	166.252.088	15,0
1998/1999	75,1	2.895,7	92,9	3.061,1	2.950,0	2,6	111,1	168.753.552	17,5
1999/2000	111,1	3.098,0	78,8	3.283,2	3.050,0	4,7	233,2	169.799.000	18,0
2000/2001	233,2	2.587,1	130,3	2.948,3	2.880,0	2,3	68,3	172.385.826	16,7
2001/2002	68,3	2.983,0	82,3	3.117,4	3.050,0	16,2	67,4	174.632.960	17,5
2002/2003	67,4	3.205,0	103,3	3.372,9	3.130,0	2,8	242,9	176.871.437	17,7
2003/2004	242,9	2.978,3	78,9	3.298,1	3.150,0	2,0	148,1	181.581.024	17,3
2004/2005	148,1	3.045,5	100,7	3.292,0	3.200,0	2,3	92,0	184.184.264	17,4
2005/2006	92,0	3.471,2	70,1	3.625,3	3.450,0	8,0	175,3	186.770.562	18,5
2006/2007	175,3	3.339,7	107,1	3.589,5	3.500,0	32,7	89,5	183.989.711	19,0
2007/2008	89,5	3.520,9	209,7	3.818,1	3.580,0	2,0	238,1	189.612.814	18,9
2008/2009	238,1	3.502,7	109,9	3.817,7	3.500,0	33,0	317,7	191.480.630	18,3
2009/2010	317,7	3.322,5	181,2	3.817,0	3.450,0	4,4	367,0	190.747.855	18,1
2010/2011	367,0	3.732,8	207,1	4.286,4	3.600,0	20,5	686,4	192.379.287	18,7
2011/2012	686,4	2.918,4	312,3	3.873,8	3.500,0	43,3	373,8	193.946.886	18,0
2012/2013	373,8	2.806,3	304,4	3.449,2	3.320,0	35,3	129,2	201.032.714	16,5
2013/2014	129,2	3.453,7	135,9	3.653,8	3.350,0	65,0	303,8	202.768.562	16,5
2014/2015	303,8	3.115,3	156,7	3.453,2	3.350,0	122,6	103,2	204.450.649	16,4
2015/2016	103,2	2.925,7	250,0	3.158,9	3.050,0	120,0	108,9	206.086.254	14,8
VAR. 15/14	135,1%	-9,8%	15,3%	-5,5%	0,0%	88,6%	-66,0%	0,8%	-0,8%
VAR. 16/15	-66,0%	-6,1%	59,5%	-8,5%	-9,0%	-2,1%	5,5%	0,8%	-9,7%

Fontes: CONAB, SECEX e IBGE

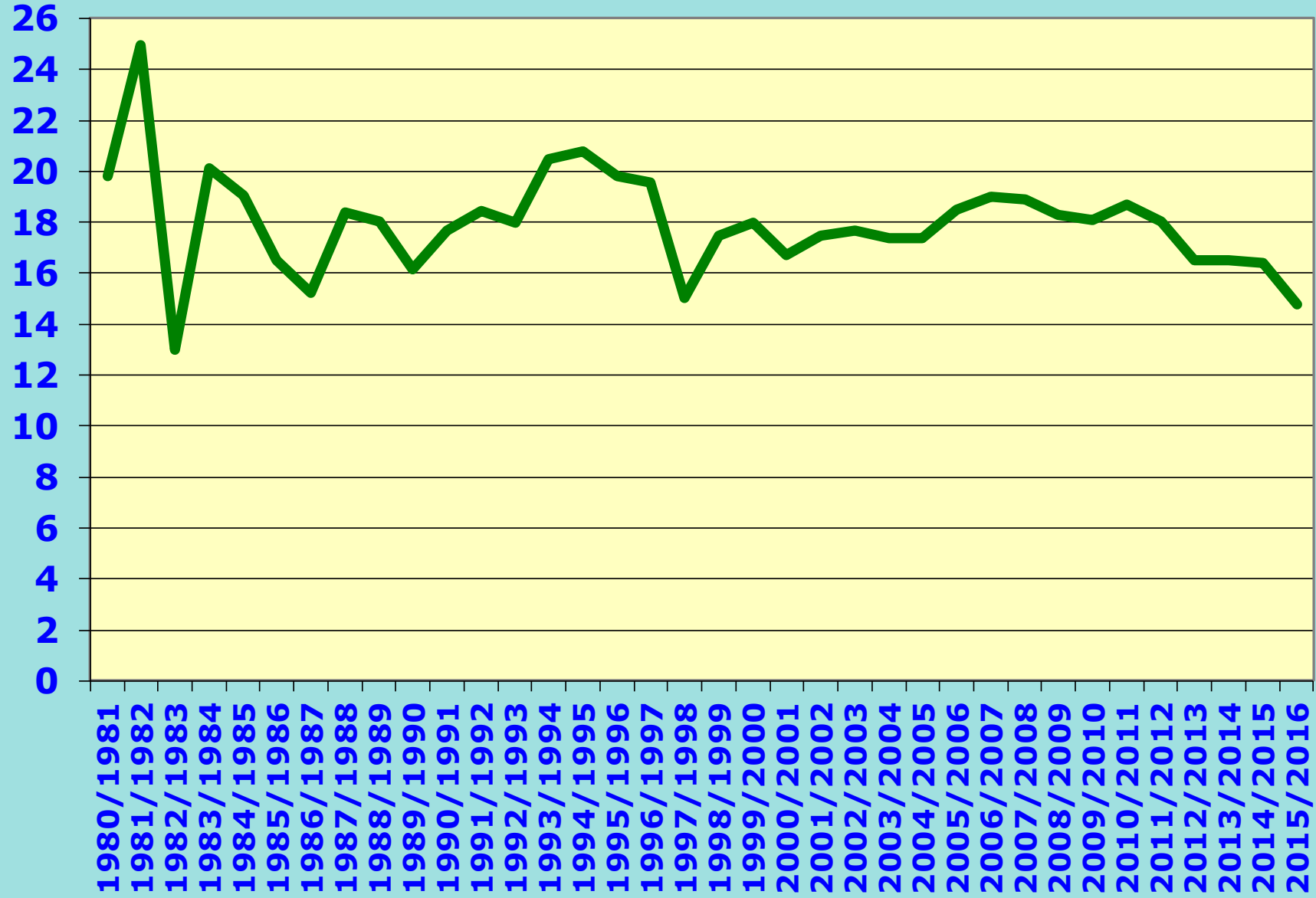
\*2015/2016 - PROJEÇÕES CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

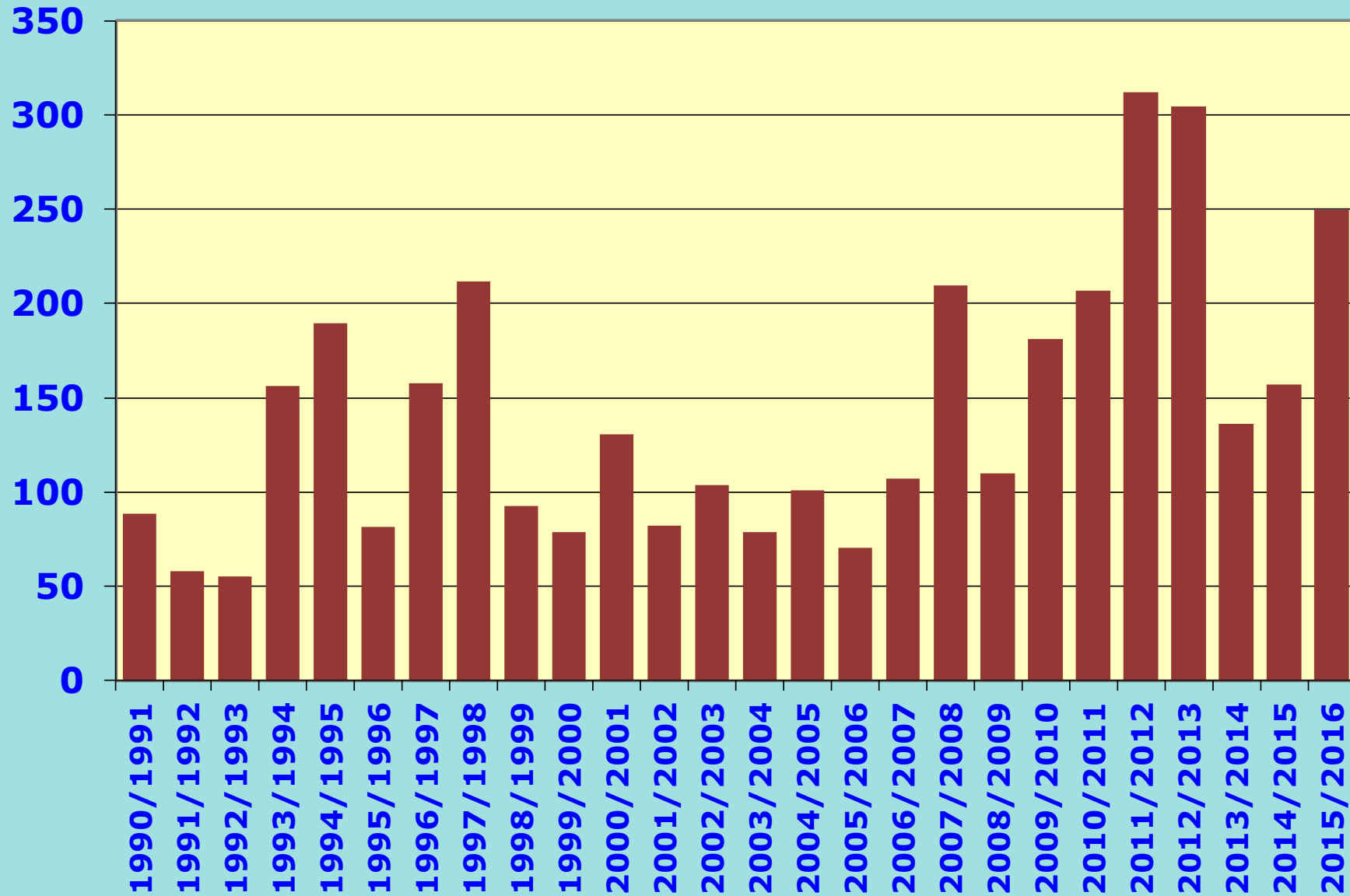
# FEIJÃO: PRODUÇÃO x DEMANDA NO BRASIL EM MILHÕES DE TONELADAS



# FEIJÃO: CONSUMO PER CAPITA NO BRASIL - KG/HABITANTE/ANO

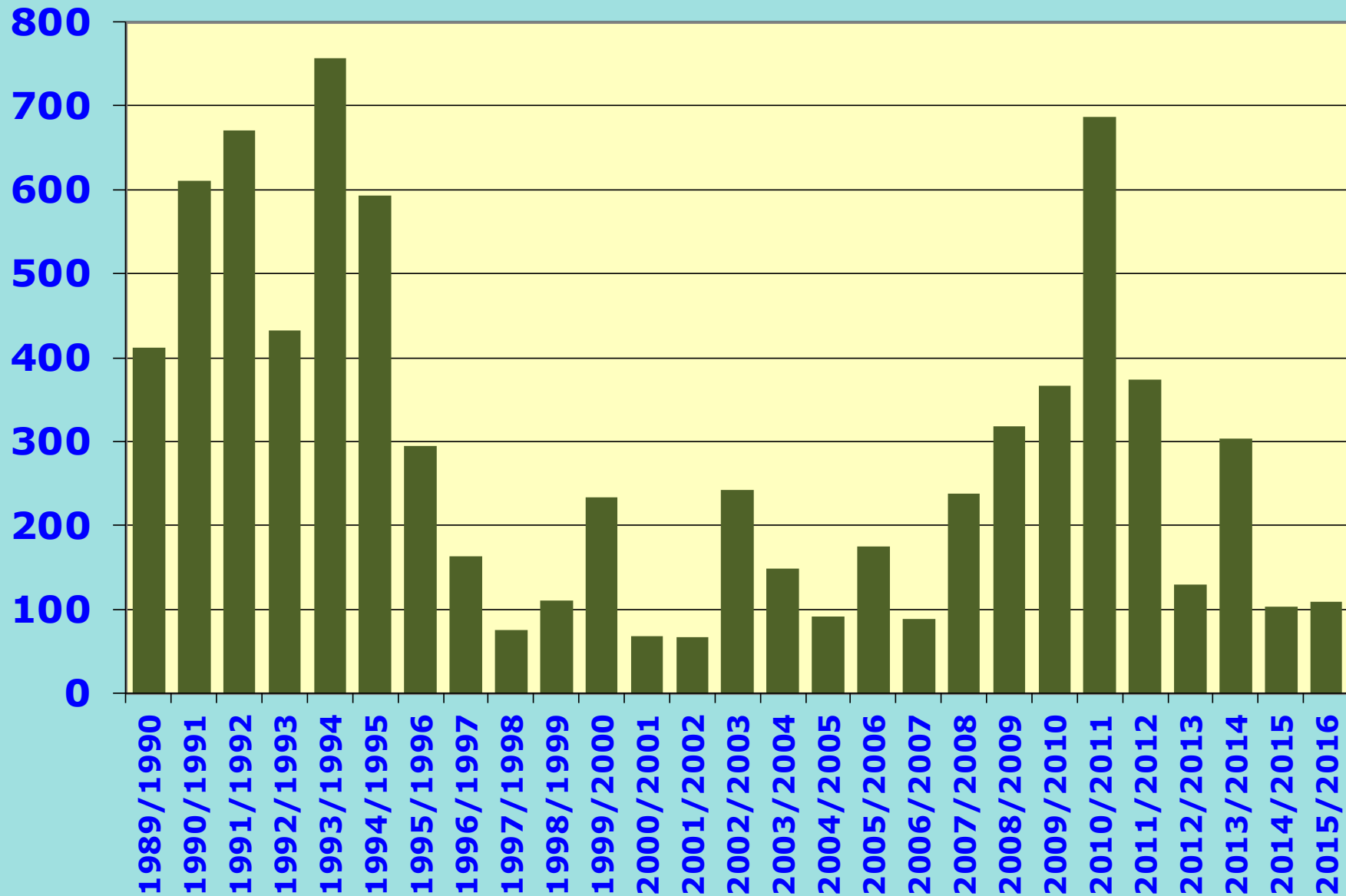


# FEIJÃO: IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS MIL TONELADAS





# FEIJÃO: ESTOQUES DE PASSAGEM NO BRASIL - MIL TONELADAS



# FEIJÃO CARIOCA: PREÇOS FOB PRODUTOR SUDESTE - R\$/SC 60 Kg



## FEIJÃO: CUSTOS DE PRODUÇÃO E MARGENS - SAFRA 2016/2017

ANO-SAFRA		2014/2015		2015/2016		2016/2017	
REGIÃO DE PRODUÇÃO		SU/SE	CERRADOS	SU/SE	CERRADOS	SU/SE	CERRADOS
SISTEMA DE CULTIVO		SEQUEIRO	IRRIGADO	SEQUEIRO	IRRIGADO	SEQUEIRO	IRRIGADO
ITEM	UNIDADE	1ª/2ª SAFRA	3ª SAFRA	1ª/2ª SAFRA	3ª SAFRA	1ª/2ª SAFRA	3ª SAFRA
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA OS CUSTOS	R\$/USD	2,28	2,28	3,22	3,22	3,63	3,63
SEMENTES	USD/HA	216,88	247,34	124,06	201,50	87,02	90,16
FERTILIZANTES	USD/HA	323,12	398,26	172,56	250,00	135,32	302,13
DEFENSIVOS	USD/HA	162,67	240,74	154,89	255,86	154,92	324,19
MECANIZAÇÃO/IRRIGAÇÃO	USD/HA	0,00	142,35	0,00	91,94	0,00	72,91
OUTROS	USD/HA	313,27	140,58	258,27	181,90	230,12	12,80
<b>CUSTEIO DA LAVOURA</b>	<b>USD/HA</b>	<b>1.015,94</b>	<b>1.169,27</b>	<b>709,77</b>	<b>981,20</b>	<b>607,38</b>	<b>802,19</b>
OUTRAS DESPESAS - SEGUROS, FRETES, ETC.	USD/HA	178,10	211,16	109,03	266,54	92,07	206,83
<b>CUSTO VARIÁVEL - DESEMBOLSADO (A)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>1.194,04</b>	<b>1.380,43</b>	<b>818,80</b>	<b>1.247,74</b>	<b>699,45</b>	<b>1.009,02</b>
<b>CUSTO VARIÁVEL - DESEMBOLSADO (A)</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>2.722,41</b>	<b>3.147,38</b>	<b>2.636,54</b>	<b>4.017,72</b>	<b>2.539,00</b>	<b>3.662,74</b>
OUTROS CUSTOS FIXOS E DEPRECIações	USD/HA	150,06	161,93	209,40	140,22	159,57	106,28
<b>CUSTO OPERACIONAL (B)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>1.344,10</b>	<b>1.542,36</b>	<b>1.028,20</b>	<b>1.387,96</b>	<b>859,02</b>	<b>1.115,30</b>
RENTA DE FATORES	USD/HA	135,43	132,00	220,30	125,57	220,49	108,20
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO (C)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>1.479,53</b>	<b>1.674,36</b>	<b>1.248,50</b>	<b>1.513,53</b>	<b>1.079,51</b>	<b>1.223,50</b>
PRODUTIVIDADE MÉDIA	SACAS/HA	28,8	45,6	25,8	43,0	29,2	45,0
PRODUTIVIDADE MÉDIA	KG/HA	1.728	2.736	1.548	2.578	1.750	2.700
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO</b>	<b>USD/60 KG</b>	<b>51,37</b>	<b>36,72</b>	<b>48,39</b>	<b>35,23</b>	<b>37,01</b>	<b>27,19</b>
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>3.373,33</b>	<b>3.817,54</b>	<b>4.020,17</b>	<b>4.873,57</b>	<b>3.918,62</b>	<b>4.441,31</b>
PREÇO MÉDIO PRODUTOR	USD/60 KG	41,66	41,66	57,44	57,44	41,99	41,99
MARGEM SOBRE O CUSTO	USD/60 KG	-9,71	4,94	9,05	22,21	4,98	14,80
<b>RECEITA BRUTA (D)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>1.199,81</b>	<b>1.899,70</b>	<b>1.481,95</b>	<b>2.467,69</b>	<b>1.224,71</b>	<b>1.889,55</b>
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA COMERCIALIZAÇÃO	R\$/USD	3,00	3,00	3,83	3,83	3,81	3,81
<b>RECEITA BRUTA (D)</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>3.599,42</b>	<b>5.699,09</b>	<b>5.675,88</b>	<b>9.451,24</b>	<b>4.666,14</b>	<b>7.199,19</b>
<b>RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>-279,72</b>	<b>225,34</b>	<b>233,45</b>	<b>954,16</b>	<b>145,20</b>	<b>666,05</b>
<b>RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>226,10</b>	<b>1.881,55</b>	<b>1.655,71</b>	<b>4.577,67</b>	<b>747,52</b>	<b>2.757,88</b>
MARGEM SOBRE O CUSTO	%	6,7%	49,3%	41,2%	93,9%	19,1%	62,1%
<b>MARGEM SOBRE O CUSTO</b>	<b>SACAS/HA</b>	<b>1,9</b>	<b>22,5</b>	<b>10,6</b>	<b>40,4</b>	<b>5,6</b>	<b>27,9</b>
<b>RECEITA LÍQUIDA S/C. DESEMBOLSADO (D) - (A)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>5,77</b>	<b>519,27</b>	<b>663,15</b>	<b>1.219,95</b>	<b>525,26</b>	<b>880,53</b>
EBITDA	R\$/HA	877,01	2.551,71	3.039,34	5.433,52	2.127,14	3.536,44
MARGEM EBITDA	%	24,4%	44,8%	53,5%	57,5%	45,6%	49,1%

**CARLOS COGO**  
CONSULTORIA EM AGRIBUSINESS



[WWW.CARLOSCOGO.COM.BR](http://WWW.CARLOSCOGO.COM.BR)

## **ALGODÃO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- A safra brasileira de algodão 2015/2016 está estimada em 1,411 milhão de toneladas, 9,7% menor que a da safra anterior (2014/2015).
- A área de cultivo recuou 1,8% no Brasil em 2015/2016, pressionada pelos estados do Nordeste.
- Em Mato Grosso, maior produtor nacional, a área semeada cresceu 6,2% na safra 2015/2016 e a produção deverá ser 0,8% maior que na temporada anterior, de 929 mil toneladas.
- Para a Bahia, segundo maior estado produtor, houve forte redução na área semeada nesta safra, de 13,8% frente à temporada 2014/2015.
- A produção da Bahia está estimada em 306 mil toneladas, expressiva retração de 29,5% sobre a safra anterior.
- Os preços do algodão estão firmes no mercado físico brasileiro.
- O ritmo de negócios envolvendo o algodão está mais lento no mercado spot, mas a cotação da pluma se mantém firme.
- A baixa disponibilidade neste final de safra 2014/2015 e a posição firme de vendedores têm sustentado os valores internos.

## **ALGODÃO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- Os cotonicultores estão atentos ao desenvolvimento da temporada 2015/2016 e alguns, especialmente na Bahia, já iniciaram a colheita.
- Os compradores estão retraídos, especialmente indústrias, após as aquisições realizadas ao longo de maio.
- As fiações domésticas demonstram baixo interesse em negociar lotes da safra 2014/2015, afirmando já estarem com contratos a serem recebidos nas próximas semanas.
- Nesse cenário, nos últimos sete dias, o Indicador CEPEA/ESALQ com pagamento em 8 dias, referente à pluma 41-4, posta em São Paulo, teve ligeira alta de 0,3%, para R\$ 2,6954 por libra-peso.
- Em maio/2016, o Indicador acumulou pequeno aumento de 0,8%.
- A média mensal do Indicador CEPEA/ESALQ de maio, de R\$ 2,6899 por libra-peso, é o maior desde maio/2011, em termos nominais.
- Em termos reais, é a maior média desde julho/2011 e muito próxima da de fevereiro/2014, de R\$ 2,6888 por libra-peso (valores atualizados pelo IGP-DI de maio/2016).

## **ALGODÃO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- As tradings, por sua vez, observando as altas na Bolsa de Nova York (ICE Futures) e do Índice Cotlook A firmaram bons volumes em contratos para exportação ou flex (com opção para mercado interno) neste início de junho, especialmente para embarque no segundo semestre de 2017.
- Neste início de junho, o preço médio de exportação para embarque entre julho e dezembro de 2017 (safra 2016/2017) está em 67,72 centavos de dólar por libra-peso, 2,3% superior à de maio/2016.
- Na Bolsa de Nova York, mesmo com alguns dias de queda ao longo dos últimos sete dias, as altas prevaleceram.
- O impulso veio da chuva que atingiu a região do Texas (principal produtor dos Estados Unidos) e da falta de precipitação em algumas regiões produtoras do Brasil.
- Além disso, o enfraquecimento do dólar fez com que a pluma norte-americana se tornasse mais atraente para compradores estrangeiros.
- Nos últimos sete dias, o vencimento Julho/2016 subiu 2,5%, para 65,55 centavos de dólar por libra-peso.

## **ALGODÃO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- Com a cotação brasileira em patamares elevados, algumas indústrias domésticas passaram a importar um volume maior de algodão.
- As importações de pluma somaram 2,362 mil toneladas em maio/2016, expressivo aumento de 183,5% se comparado ao mês anterior (833 toneladas) e 14 vezes mais que em maio/2015 (161,6 toneladas).
- O preço médio de importação foi de 61,47 centavos de dólar por libra-peso – o menor valor desde setembro/2009 –, 31% abaixo do de abril (89,12 centavos de dólar por libra-peso).
- Em maio/2016, as exportações brasileiras de pluma recuaram pelo quinto mês consecutivo.
- As 27,4 mil toneladas embarcadas em maio estiveram 33% menores que as de abril e 50% abaixo das de maio/2015.
- O preço médio de exportação em maio foi de 65,04 centavos de dólar por libra-peso, apenas 0,8% superior ao do mês anterior.
- A paridade de exportação na condição FAS (Free Alongside Ship) Porto de Paranaguá (PR) é de R\$ 2,2343 por libra-peso, com base no Índice Cotlook A, referente à pluma posta no Extremo Oriente.



## **ALGODÃO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- Segundo o Relatório de Junho/2016 do Comitê Internacional do Algodão (Icac), a tendência é de estabilidade para o consumo mundial na safra 2016/2017, em 23,73 milhões de toneladas, depois da retração de 3% estimada na temporada 2015/2016, devido ao baixo preço do poliéster e ao fraco crescimento da economia global.
- A China é a maior consumidora, apesar das retrações nos últimos anos, devendo absorver 6,7 milhões de toneladas na safra 2016/2017.
- Para a Índia, o crescimento poderá ser de 4%, para o Vietnã, de 16% e para Bangladesh, de 10%.
- A comercialização mundial 2016/2017 deverá atingir 7,499 milhões de toneladas, 1,2% acima da safra anterior.
- Com os leilões de venda do governo chinês, a importação daquele país poderá recuar 12% em 2016/2017.
- Para os demais países, espera-se aumento de 3% nas importações, puxadas pelo Vietnã e Bangladesh.
- Nas exportações, o destaque é para os Estados Unidos, com aumento de 11% nas vendas.

## **ALGODÃO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- Quanto ao estoque mundial 2016/2017, o Comitê estima volume de 19,7 milhões de toneladas, 3,9% menor que na safra 2015/2016, com redução acumulada de 19,3% desde 2014/2015.
- Já para os demais países, estima-se aumento de 3%, para 8,8 milhões de toneladas em 2016/2017.
- Com o aumento na área semeada e no rendimento médio na temporada 2016/2017, o Icac indica recuperação de 6,0% na produção mundial, atingindo 23,01 milhões de toneladas, mas ainda 11,8% inferior às 26,1 milhões de toneladas colhidas na temporada 2014/2015.
- Na Índia, a produção poderá ter aumento de 10%, enquanto na China, deve haver uma retração de 10%.
- Nos Estados Unidos, conforme o relatório mensal de oferta e demanda de Junho/2016, divulgado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), foi elevada a projeção para os estoques finais de algodão no país ao final da safra 2016/2017, para 1,045 milhão de toneladas, volume 2,1% superior à estimativa do mês passado.

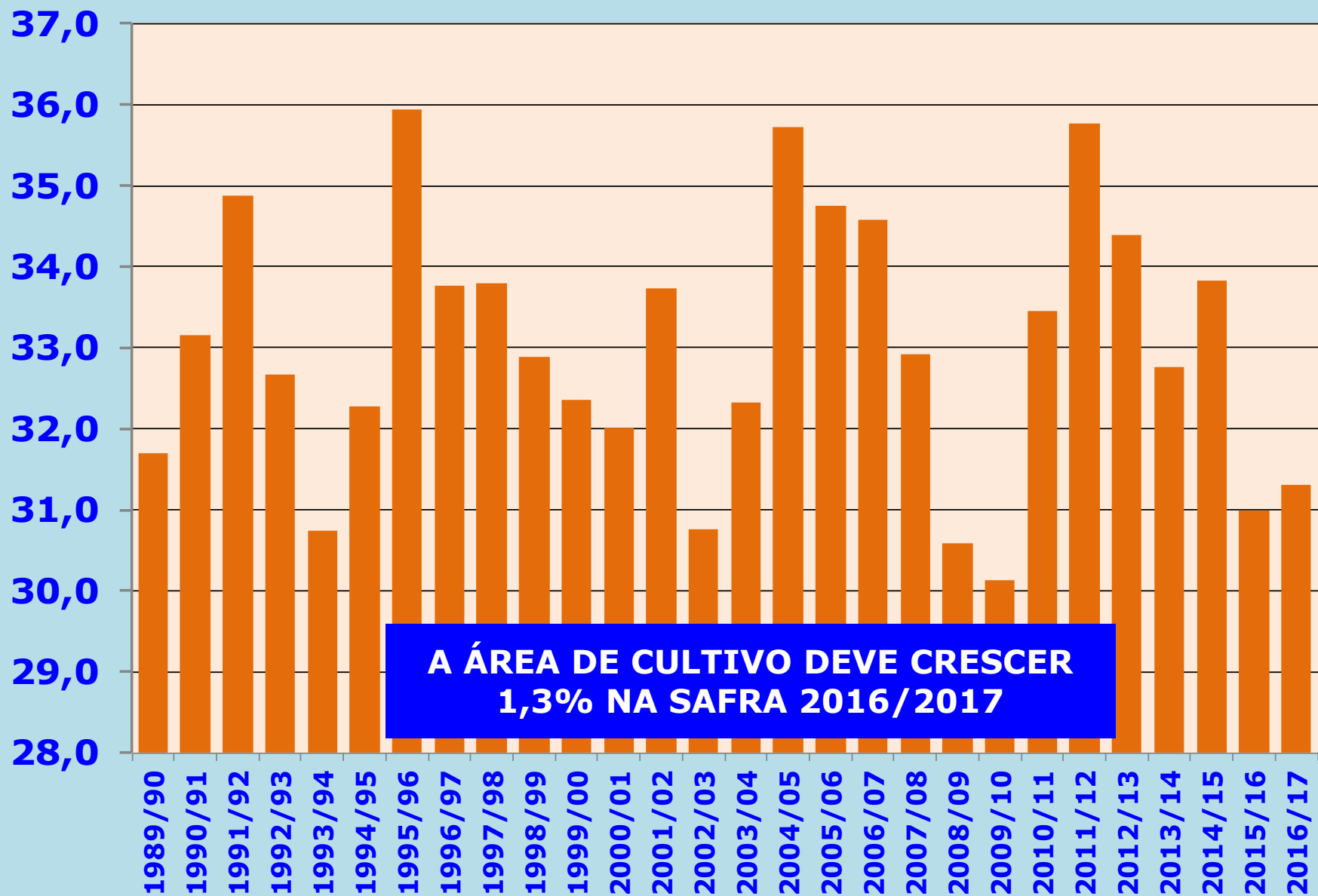
**ALGODÃO EM PLUMA: OFERTA E DEMANDA MUNDIAL**  
**EM MILHÕES DE TONELADAS**

<b>ANO SAFRA</b>	<b>PRODUÇÃO MUNDIAL</b>	<b>CONSUMO MUNDIAL</b>	<b>EXPORTAÇÕES TOTAIS</b>	<b>ESTOQUES FINAIS</b>	<b>ESTOQUES/ CONSUMO</b>
1993/1994	16,770	18,593	5,830	5,825	31,3%
1994/1995	18,690	18,451	6,180	6,498	35,2%
1995/1996	20,260	18,722	6,040	7,960	42,5%
1996/1997	19,506	19,165	5,850	8,680	45,3%
1997/1998	19,980	19,010	5,820	9,600	50,5%
1998/1999	18,570	18,440	5,150	10,470	56,8%
1999/2000	19,050	19,820	5,950	9,930	50,1%
2000/2001	19,440	18,840	5,750	9,720	51,6%
2001/2002	21,490	20,280	6,150	10,500	51,8%
2002/2003	19,290	21,130	6,580	8,613	40,8%
2003/2004	21,130	21,660	7,240	8,830	40,8%
2004/2005	26,468	23,492	7,623	13,188	56,1%
2005/2006	25,359	25,425	9,785	13,464	53,0%
2006/2007	26,522	26,954	8,160	13,557	50,3%
2007/2008	26,050	26,485	8,503	13,260	50,1%
2008/2009	23,365	23,987	6,619	13,391	55,8%
2009/2010	22,258	25,813	7,750	10,914	42,3%
2010/2011	25,602	25,208	7,666	11,035	43,8%
2011/2012	27,743	22,666	10,029	16,202	71,5%
2012/2013	26,971	23,598	10,131	19,974	84,6%
2013/2014	26,216	23,933	8,886	22,442	93,8%
2014/2015	26,100	24,015	7,702	24,422	101,7%
2015/2016	21,700	23,600	7,410	20,500	86,9%
2016/2017	23,010	23,730	7,499	19,700	83,0%
<b>16-17/15-16 (%)</b>	<b>6,0%</b>	<b>0,6%</b>	<b>1,2%</b>	<b>-3,9%</b>	<b>-4,4%</b>

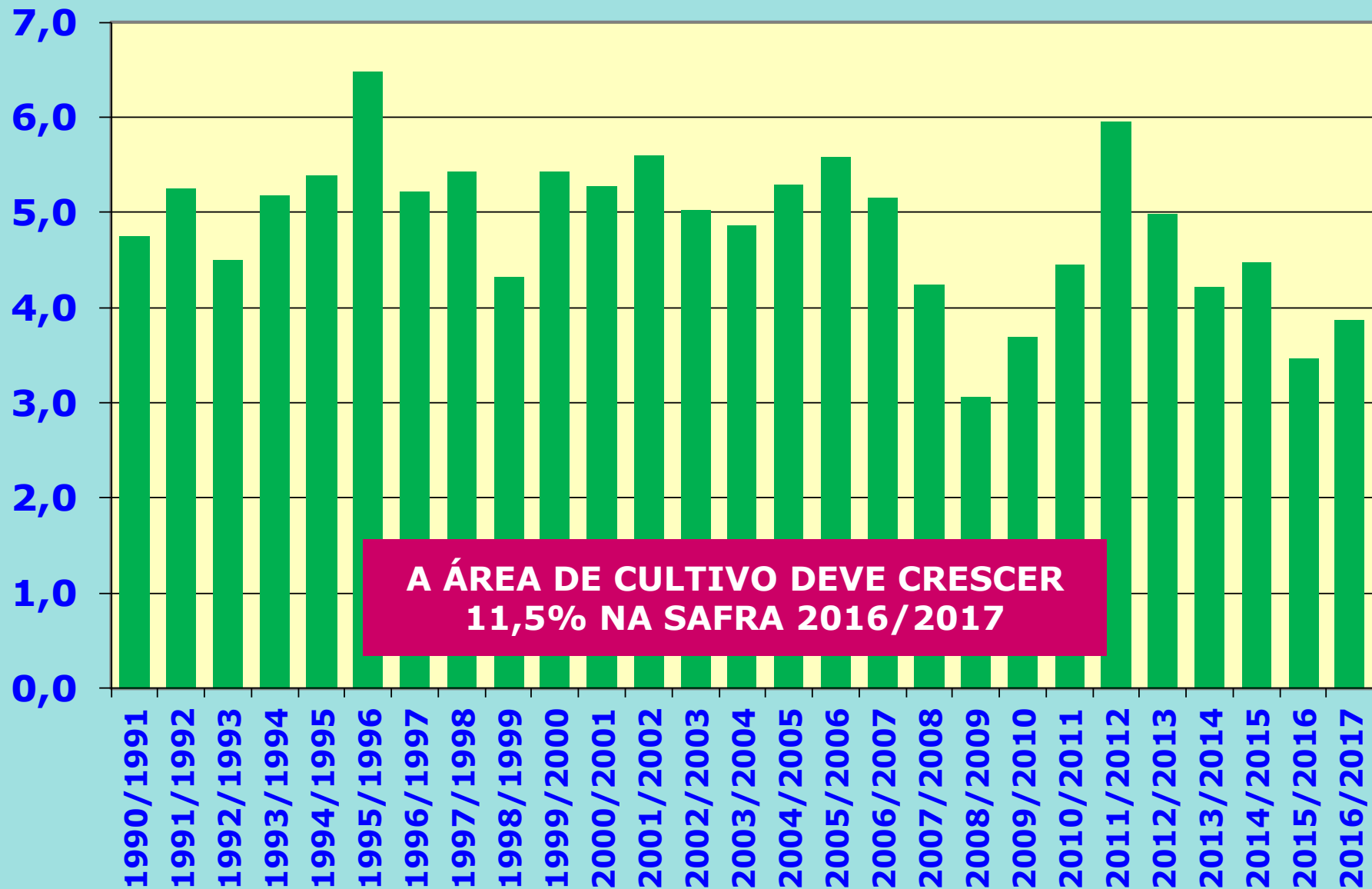
Fontes: USDA JUNHO/2016 e ICAC JUNHO/2016

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

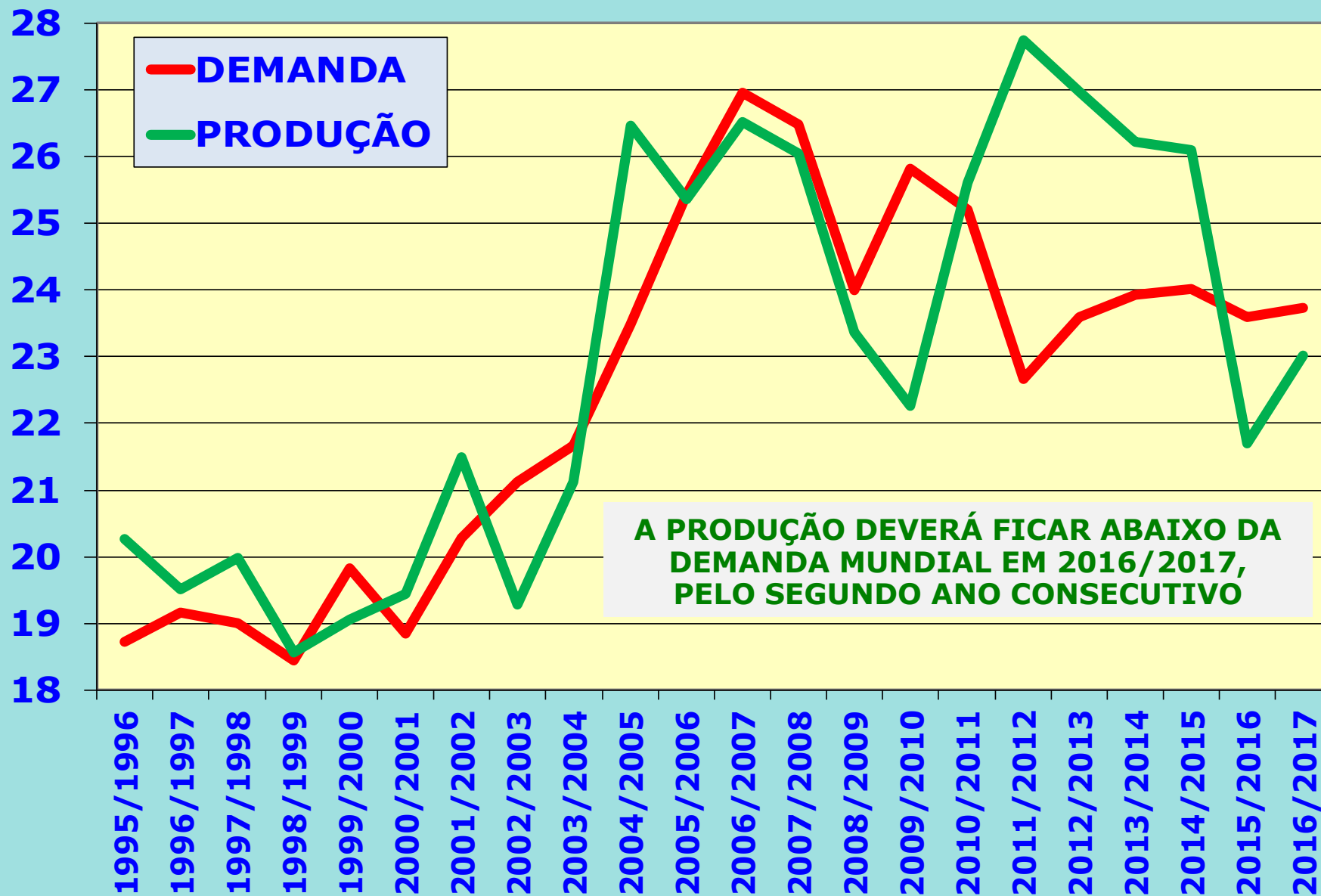
# ALGODÃO: ÁREA DE CULTIVO MUNDIAL MILHÕES DE HECTARES



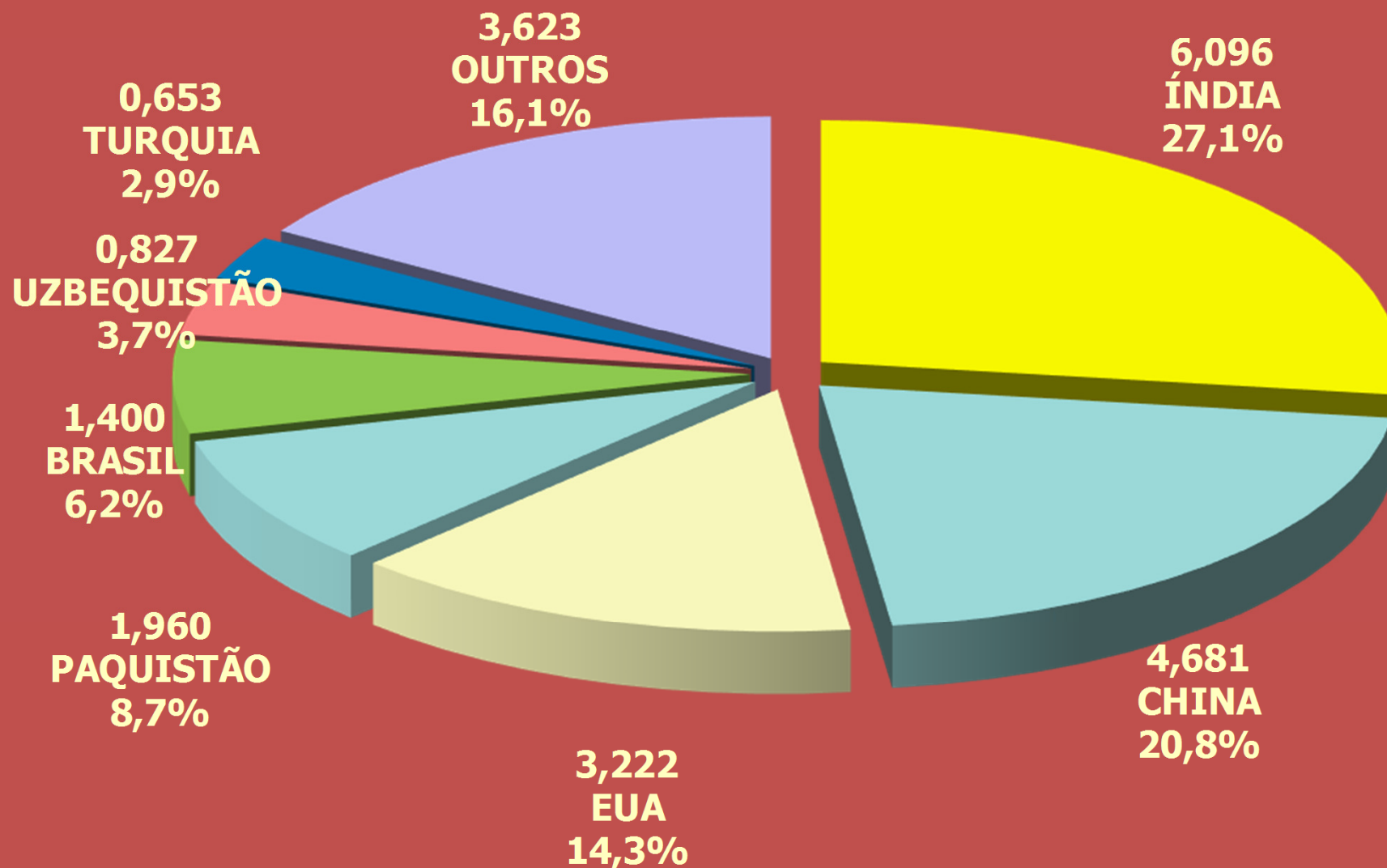
# EUA: ÁREA DE CULTIVO DE ALGODÃO MILHÕES DE HECTARES



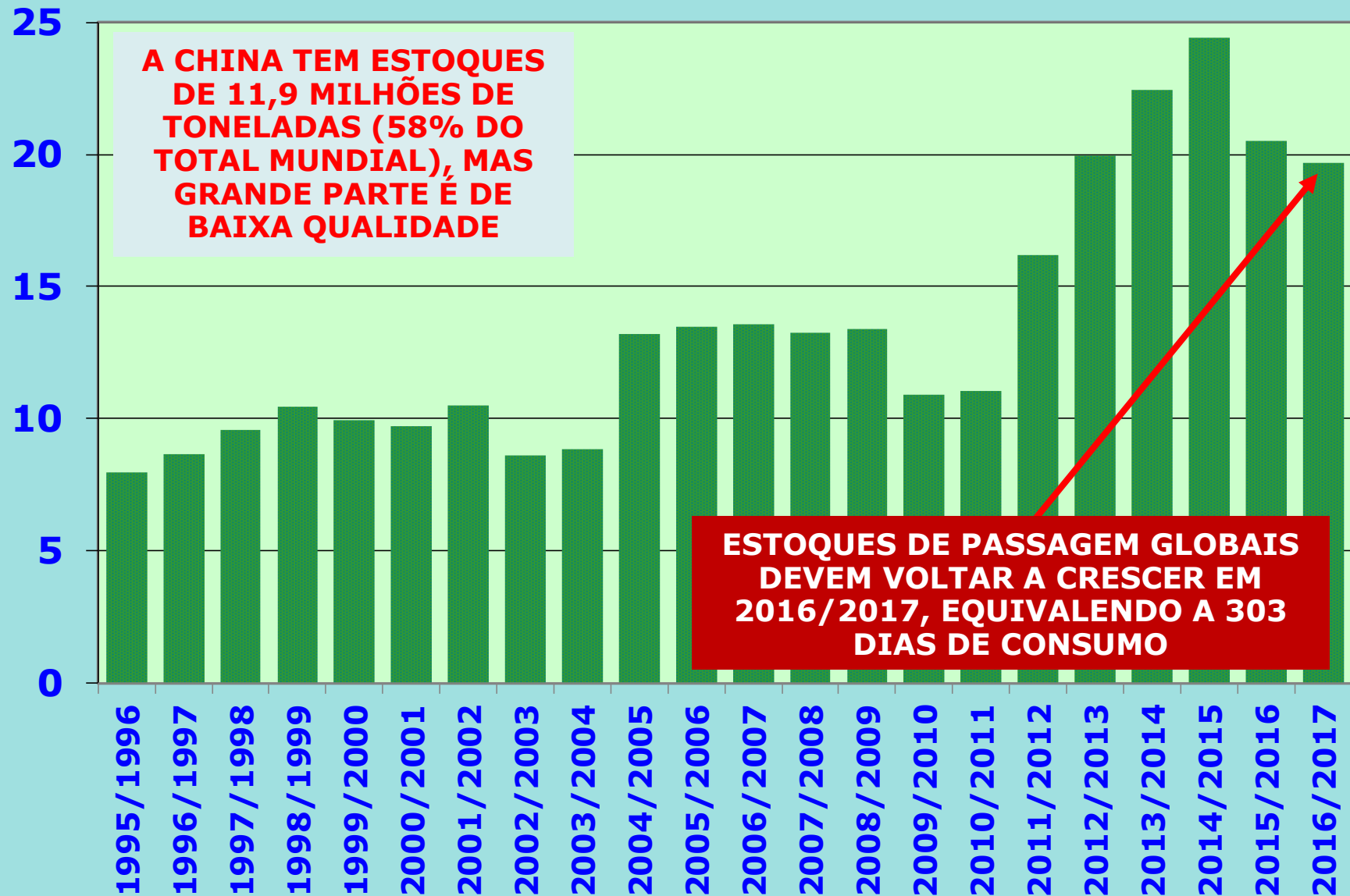
# ALGODÃO: PRODUÇÃO E DEMANDA MUNDIAL DE PLUMA - MILHÕES T



# ALGODÃO: DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO MUNDIAL NA SAFRA 2016/2017 - MILHÕES T E % DO TOTAL

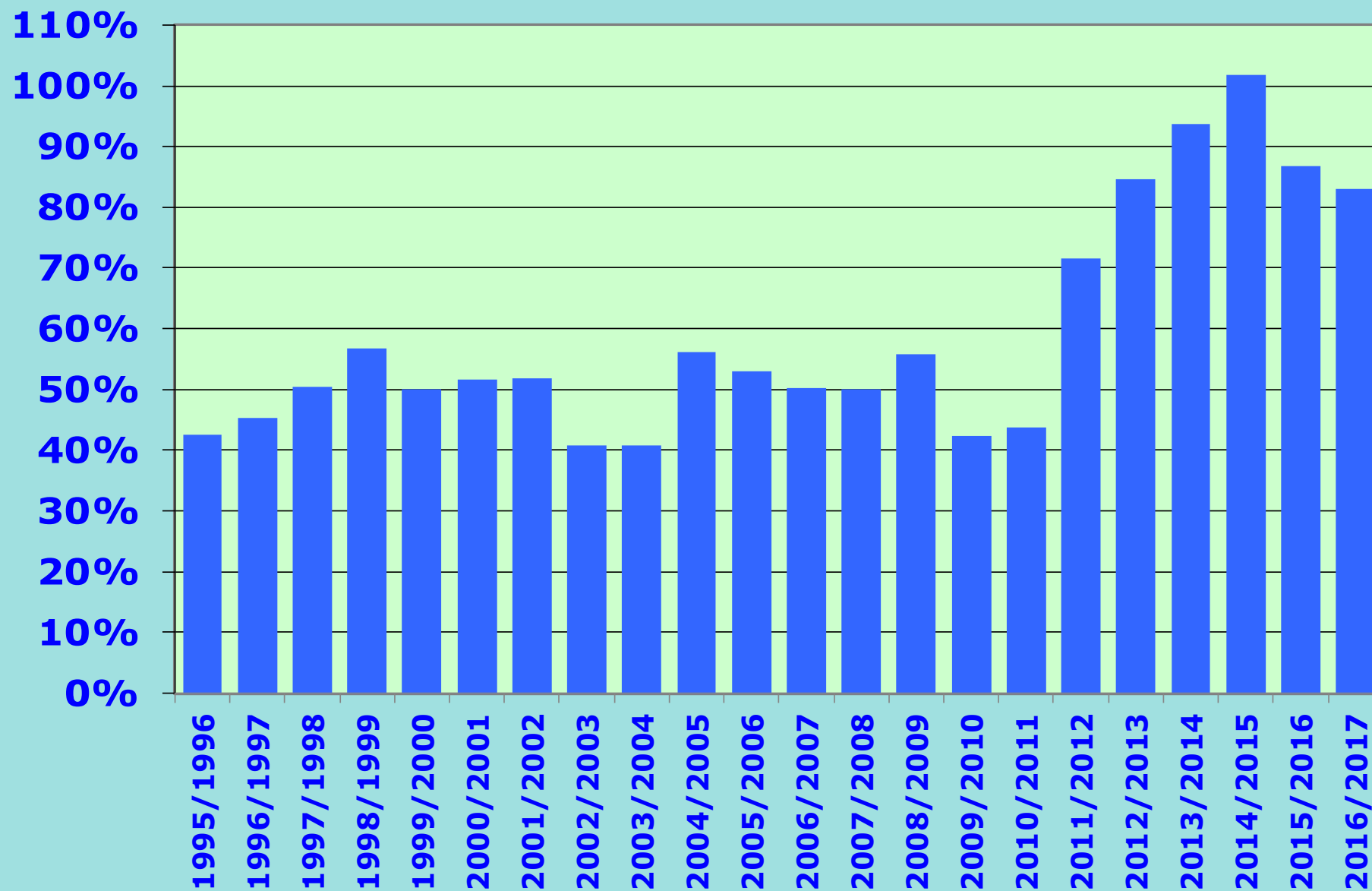


# ALGODÃO: ESTOQUES FINAIS MUNDIAIS EM MILHÕES T

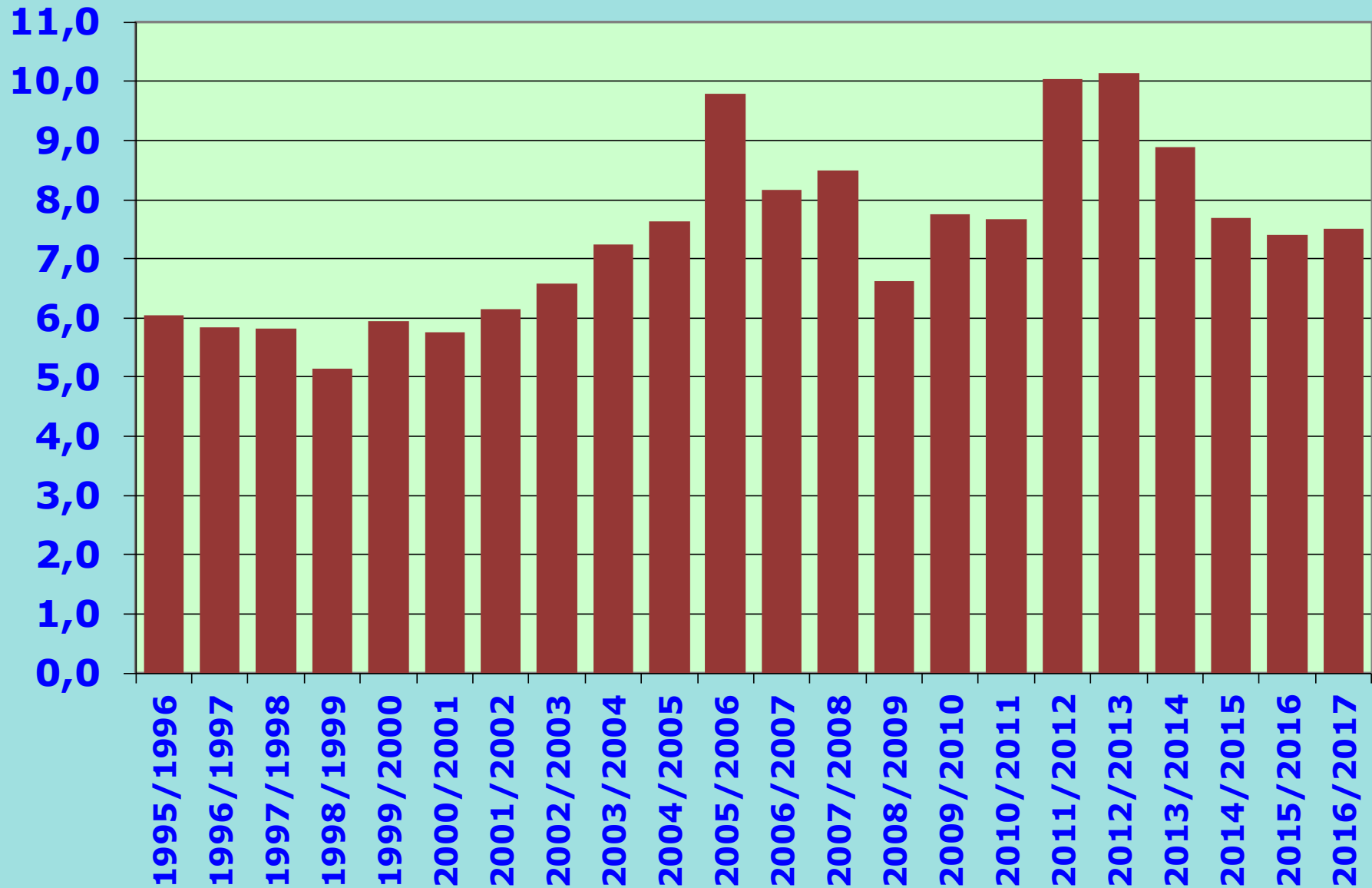




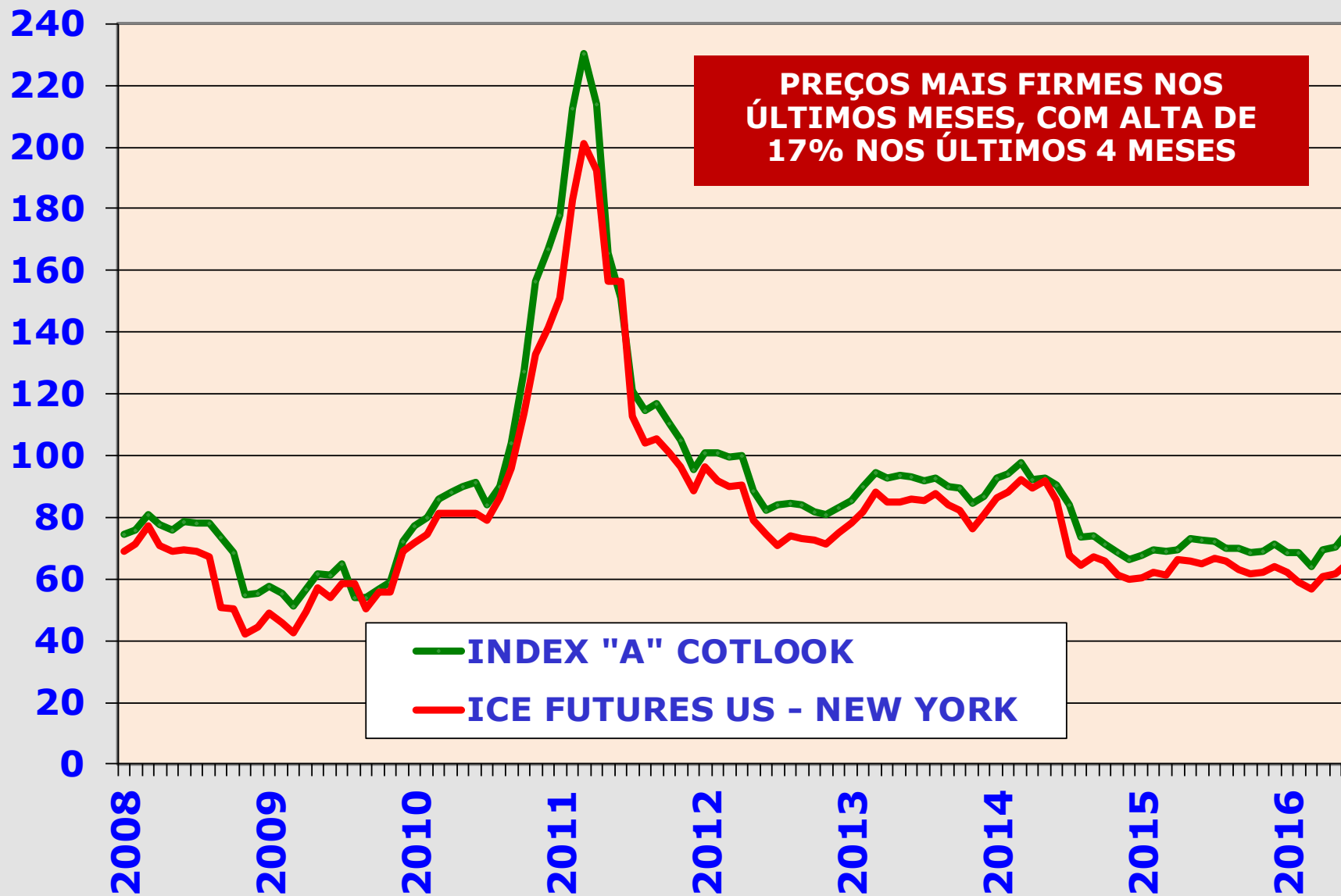
# ALGODÃO: RELAÇÃO ESTOQUES/CONSUMO MUNDIAL



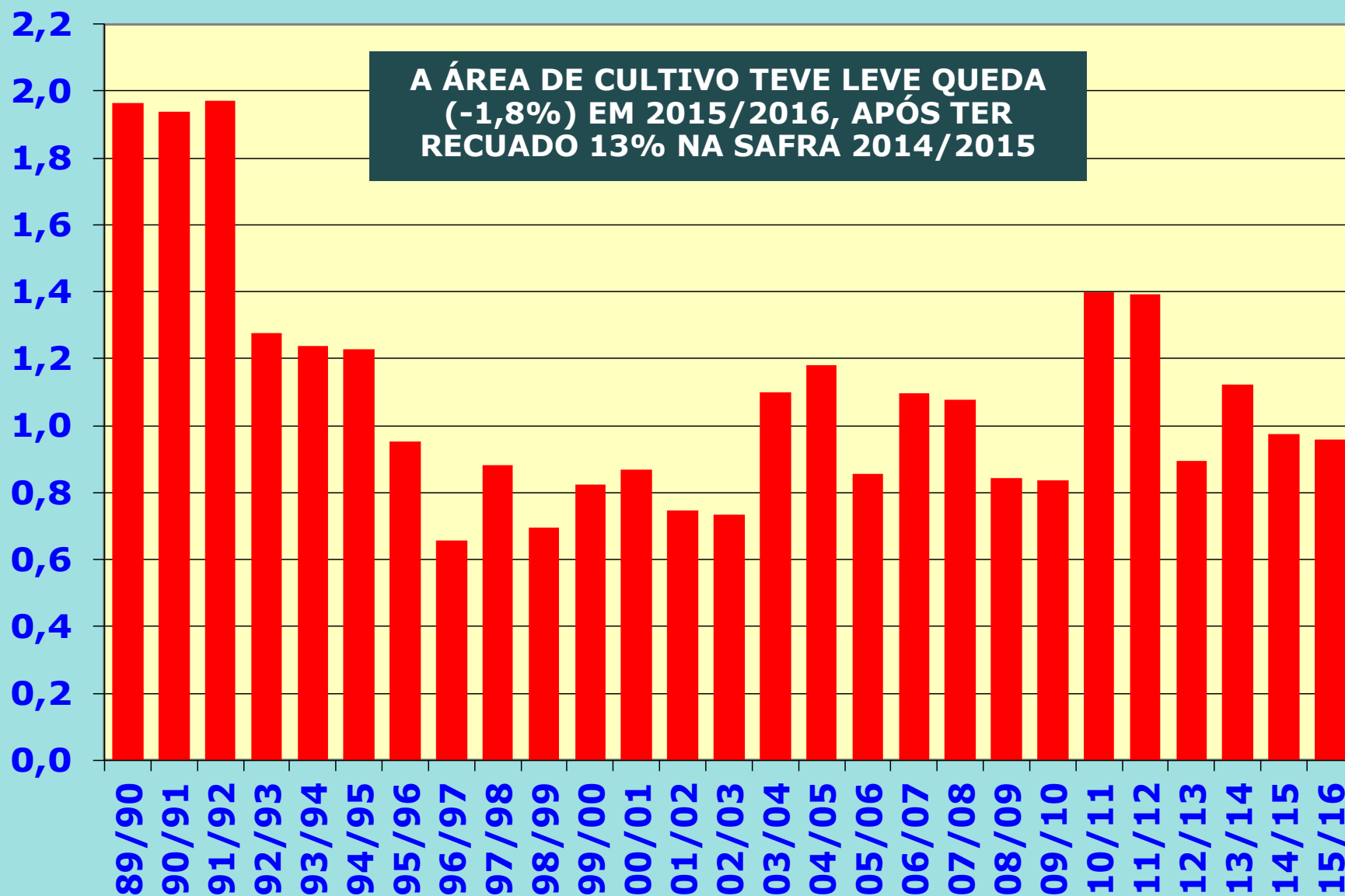
# ALGODÃO: COMÉRCIO MUNDIAL DE PLUMA EM MILHÕES DE TONELADAS



# ALGODÃO: EVOLUÇÃO DAS COTAÇÕES INDEX "A" COTLOOK x ICE FUTURES US (NEW YORK) ¢/LIBRA-PESO







# ALGODÃO: ÁREA DE CULTIVO NO BRASIL MILHÕES DE HECTARES



# ALGODÃO

## CALENDÁRIO DE PLANTIO E COLHEITA

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Norte</b>												
TO			█	█	█					█	█	
<b>Nordeste</b>												
MA			█	█	█					█	█	█
PI			█	█	█					█	█	█
CE				█	█	█				█	█	
RN	█			█	█	█				█	█	█
PB	█				█	█	█	█		█	█	█
PE	█	█			█	█	█	█	█		█	█
AL	█						█	█	█			█
BA		█	█	█	█				█	█	█	█
<b>Centro-Oeste</b>												
MT			█	█						█	█	█
MS		█	█	█					█	█	█	█
GO		█	█	█						█	█	
<b>Sudeste</b>												
MG		█	█	█					█	█	█	█
SP	█	█	█				█	█	█		█	
<b>Sul</b>												
PR	█	█	█					█	█			



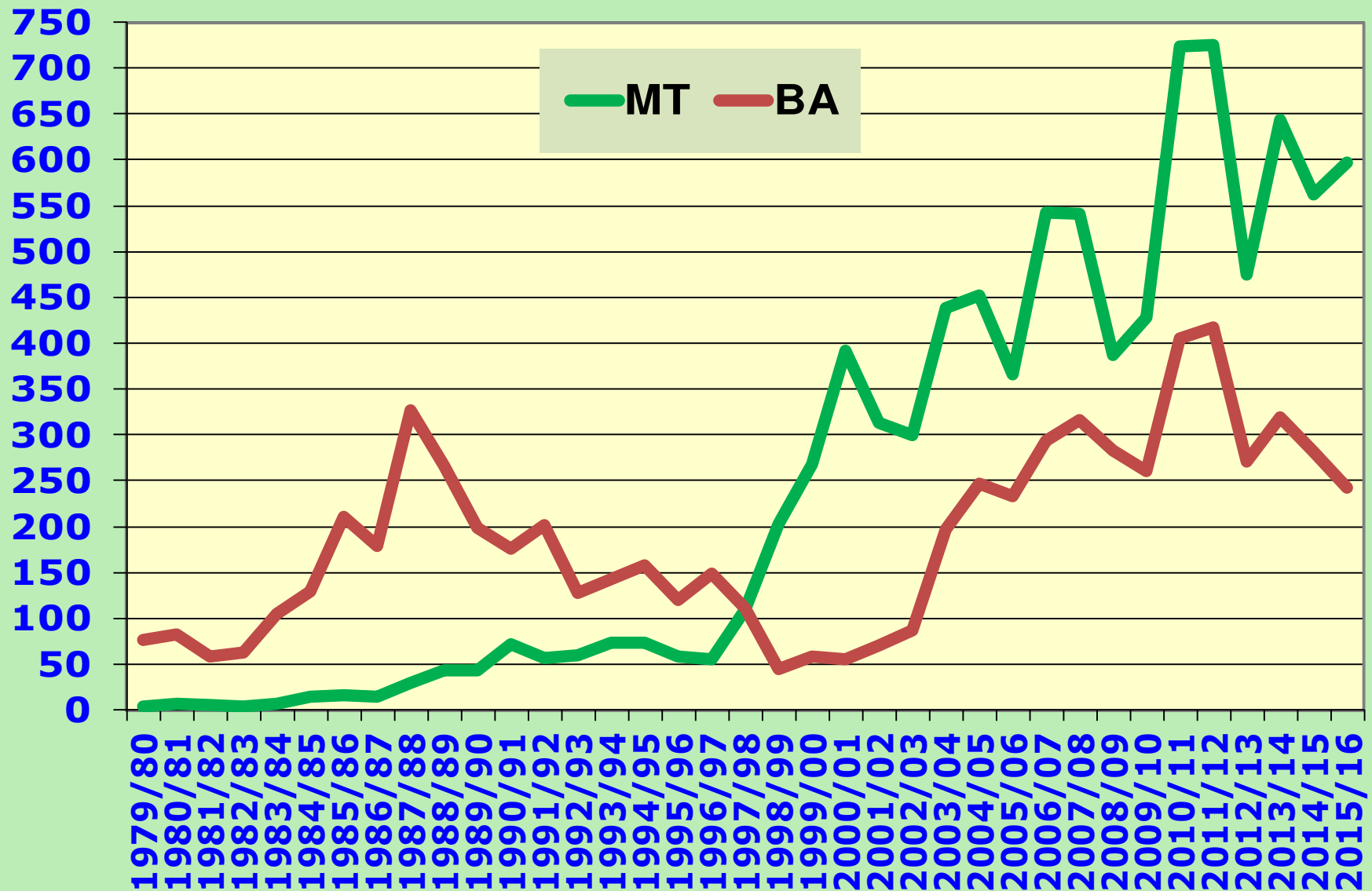
**P = PLANTIO**

**C = COLHEITA**

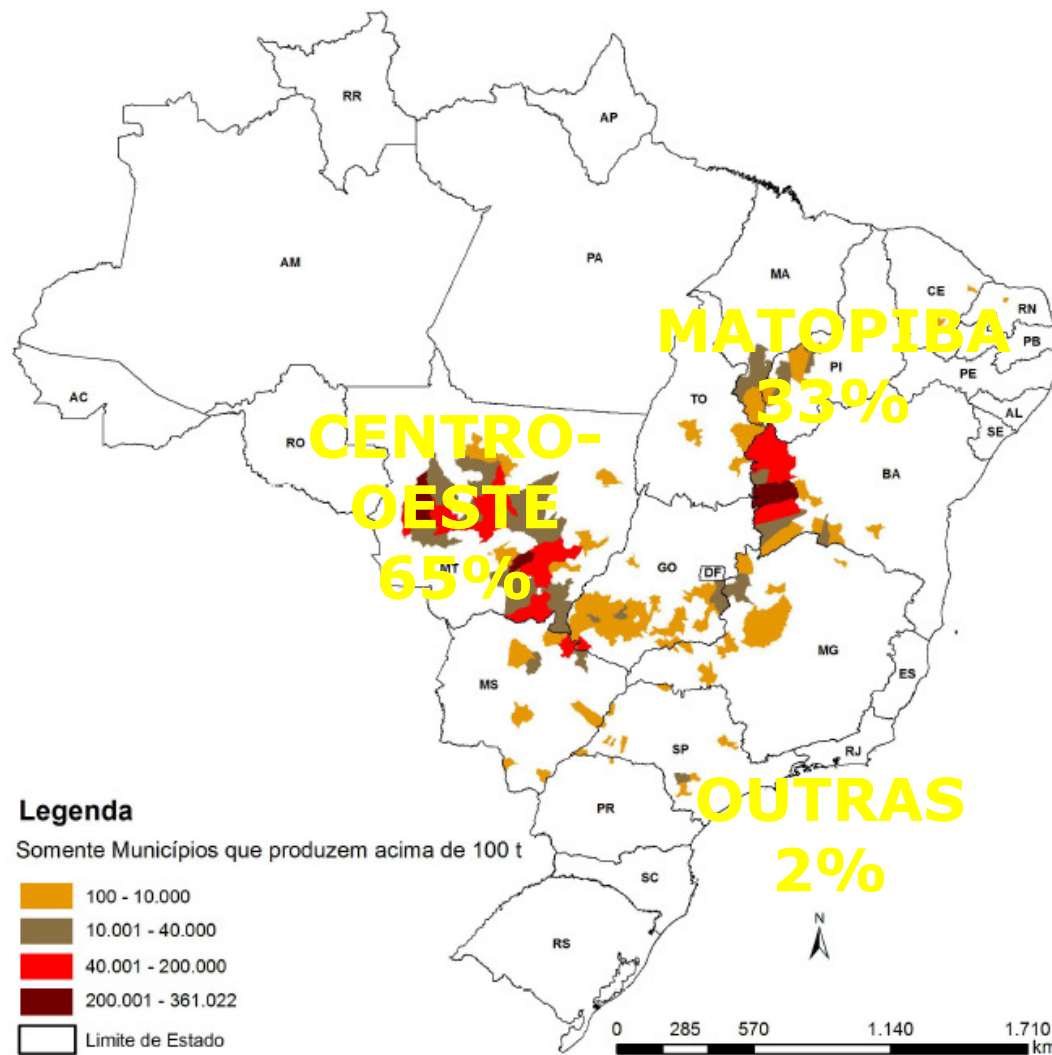
**P/C = PLANTIO E COLHEITA**

Legenda: █ Plantio █ Colheita

# ALGODÃO: ÁREA DE CULTIVO NO MATO GROSSO E BAHIA - MIL HA



## ALGODÃO: PRODUÇÃO NA SAFRA 2015/2016



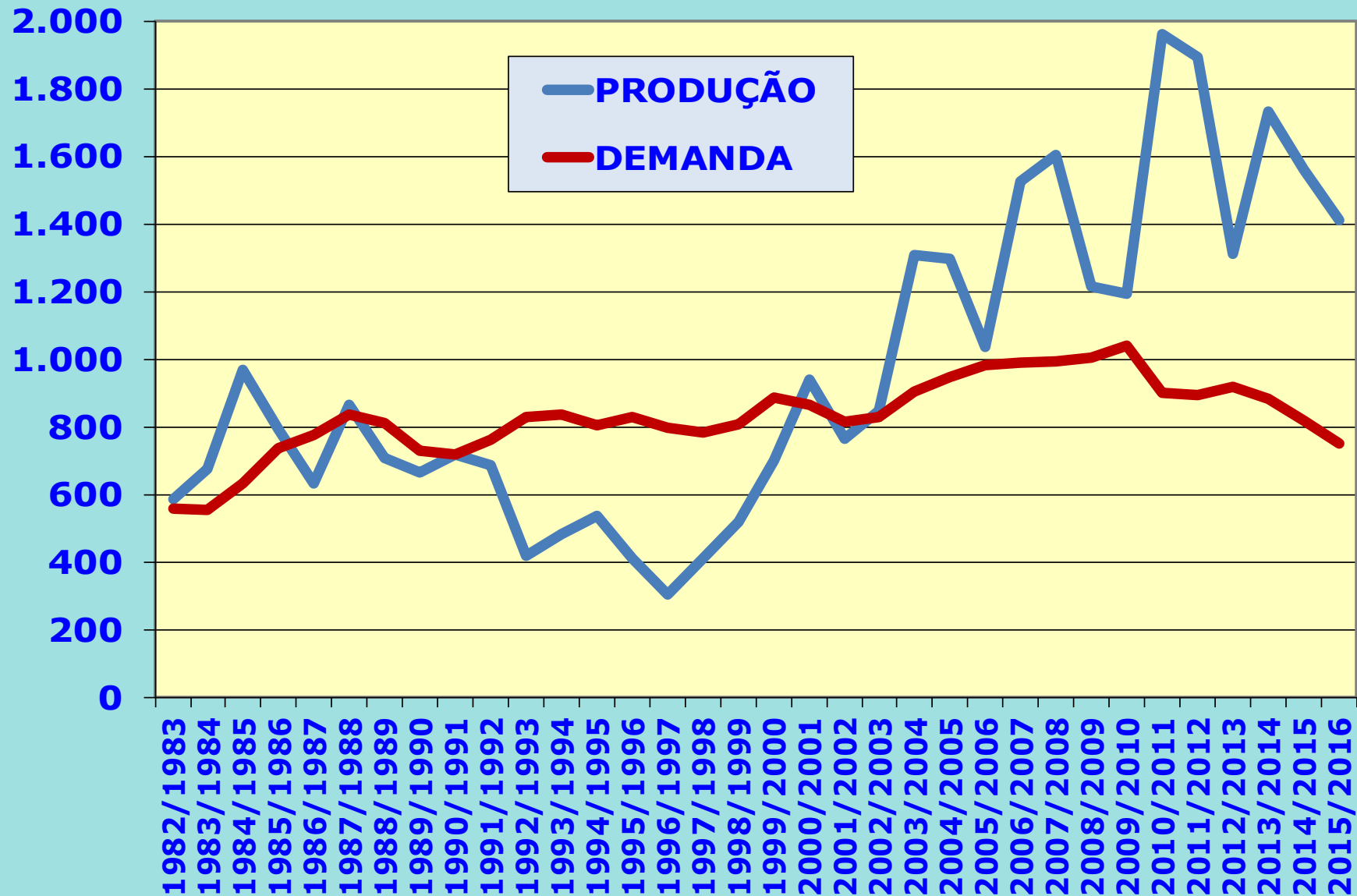
## ALGODÃO EM PLUMA: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL

EM MIL TONELADAS BASE PLUMA

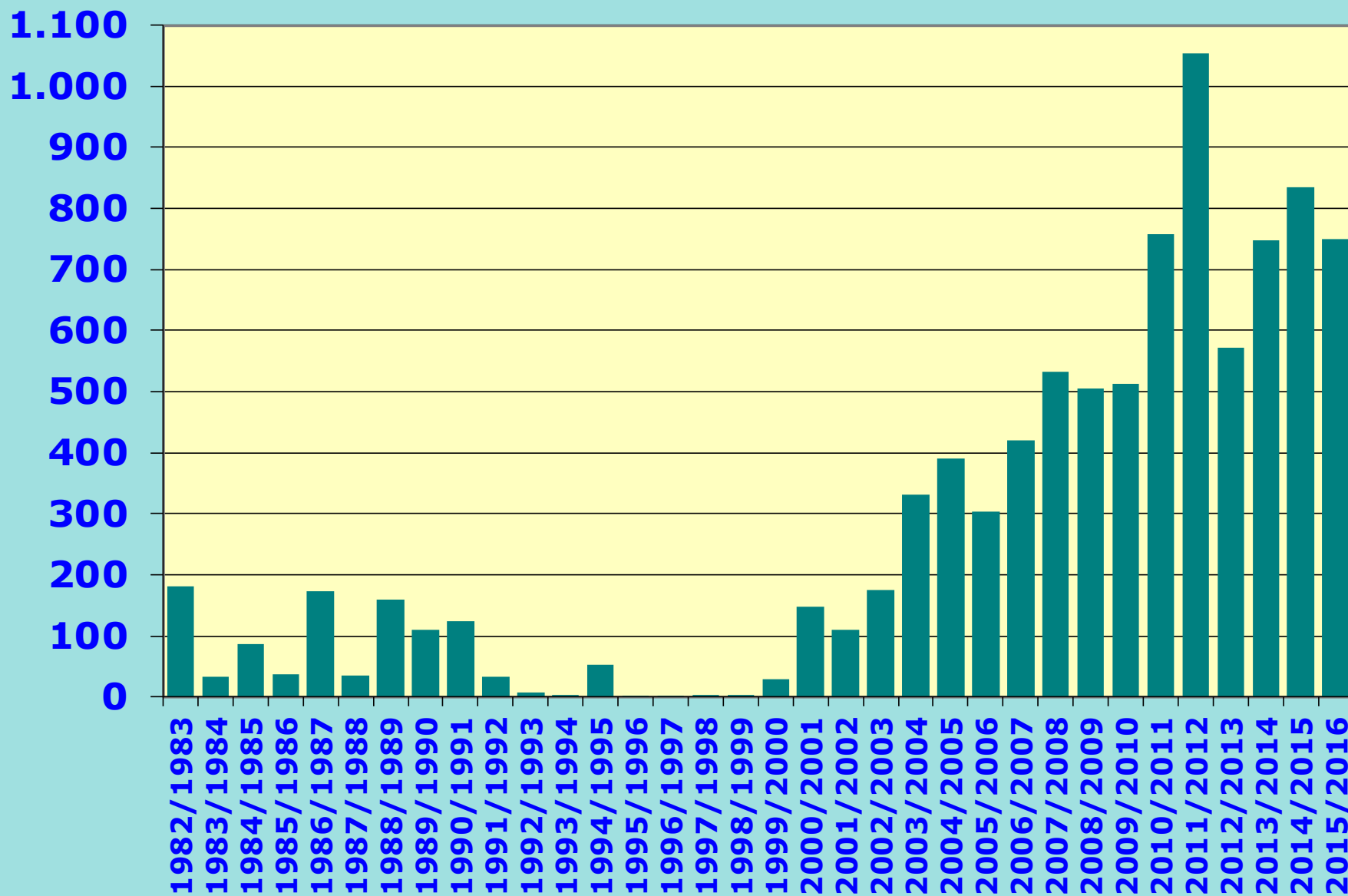
ANO SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO PLUMA	IMPORTAÇÃO PLUMA	SUPRIMENTO TOTAL	CONSUMO TOTAL	EXPORTAÇÃO PLUMA	ESTOQUE PASSAGEM
1982/1983	460,7	586,3	2,4	1.049,4	556,7	180,2	312,5
1983/1984	312,5	674,5	7,8	994,8	555,2	32,3	407,3
1984/1985	407,3	968,8	20,5	1.396,6	631,4	86,6	678,6
1985/1986	678,6	793,4	67,4	1.539,4	736,6	36,6	766,2
1986/1987	766,2	633,4	30,0	1.429,6	774,7	174,0	480,9
1987/1988	480,9	863,6	81,0	1.425,5	838,0	35,0	552,5
1988/1989	552,5	709,3	132,1	1.393,9	810,0	160,0	423,9
1989/1990	423,9	665,7	86,1	1.175,7	730,0	110,6	335,1
1990/1991	335,1	717,0	105,9	1.158,0	718,1	124,3	315,6
1991/1992	315,6	687,1	167,8	1.170,5	761,6	33,8	375,1
1992/1993	375,1	420,2	501,2	1.296,5	829,6	7,4	459,5
1993/1994	459,5	483,1	367,3	1.309,9	836,6	4,3	469,0
1994/1995	469,0	537,0	284,3	1.290,3	803,7	52,5	434,1
1995/1996	434,1	410,1	472,0	1.316,2	829,1	1,6	485,5
1996/1997	485,5	305,7	438,5	1.229,7	798,7	0,3	430,7
1997/1998	430,7	411,0	334,4	1.176,1	782,9	3,1	390,1
1998/1999	390,1	520,1	280,3	1.190,5	806,5	3,9	380,1
1999/2000	380,1	700,3	299,9	1.380,3	885,0	28,5	466,8
2000/2001	466,8	938,8	81,3	1.486,9	865,0	147,3	474,6
2001/2002	474,6	766,2	67,6	1.308,4	815,0	109,6	383,8
2002/2003	383,8	847,5	118,9	1.350,2	830,0	175,4	344,8
2003/2004	344,8	1.309,4	105,2	1.759,4	903,4	331,0	525,0
2004/2005	525,0	1.298,7	37,6	1.861,3	945,9	391,0	524,4
2005/2006	524,4	1.037,8	81,6	1.643,8	983,4	304,5	355,9
2006/2007	355,9	1.524,0	96,8	1.976,7	990,0	419,4	567,3
2007/2008	567,3	1.602,2	33,7	2.203,2	995,3	532,9	675,0
2008/2009	675,0	1.213,7	14,5	1.903,2	1.004,1	504,9	394,2
2009/2010	394,2	1.194,1	39,2	1.627,5	1.039,0	512,5	76,0
2010/2011	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
2011/2012	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
2012/2013	470,5	1.310,2	17,4	1.798,1	920,2	572,8	305,1
2013/2014	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
2014/2015	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
2015/2016	349,1	1.411,1	20,0	1.780,2	750,0	750,0	280,2
VAR. 2015/2014	43,7%	-9,9%	-93,3%	-3,2%	-7,2%	11,4%	-20,4%
VAR. 2016/2015	-20,4%	-9,7%	852,4%	-11,1%	-8,5%	-10,1%	-19,7%



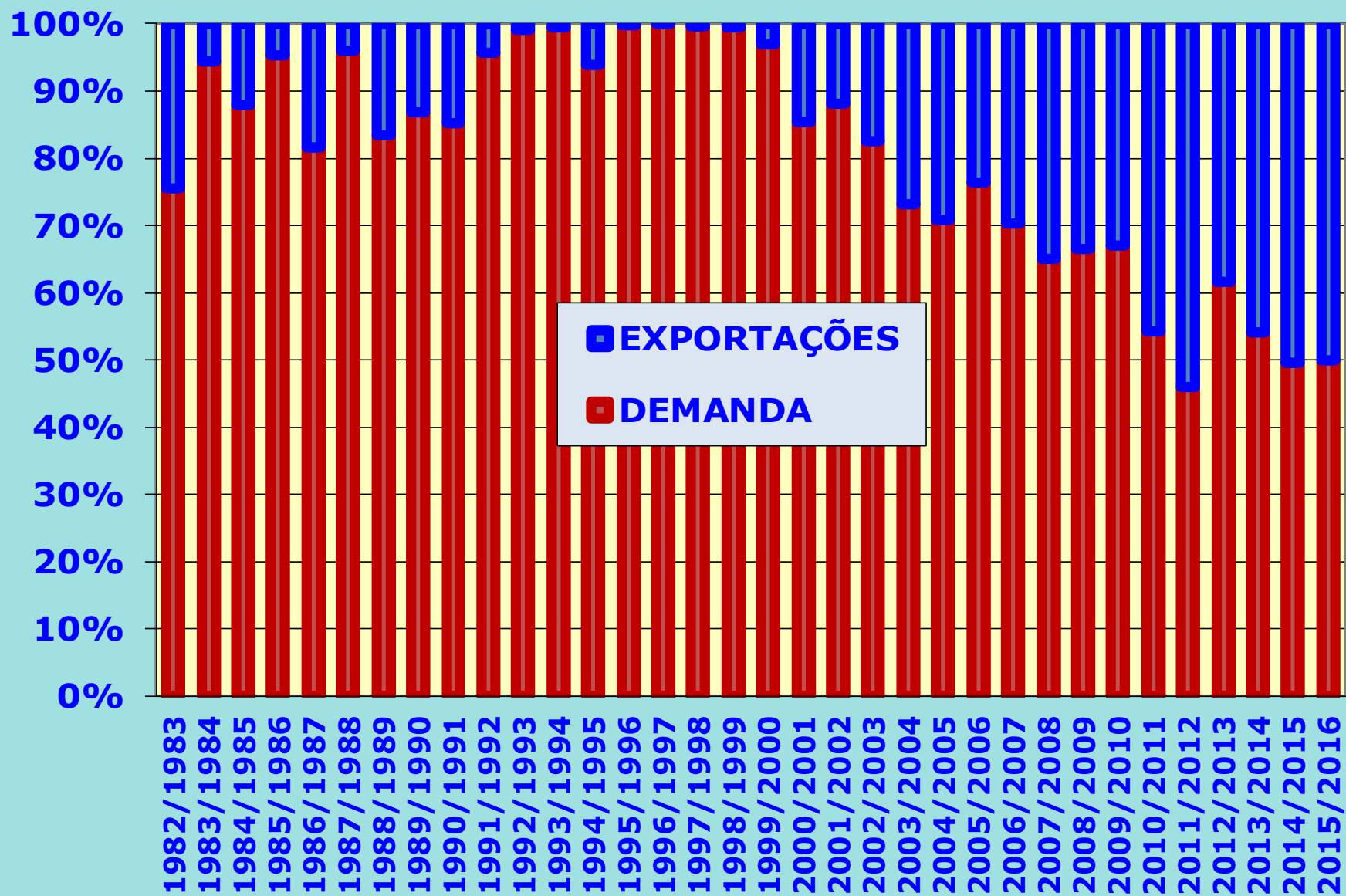
# ALGODÃO: PRODUÇÃO x DEMANDA BRASIL EM MIL T BASE PLUMA



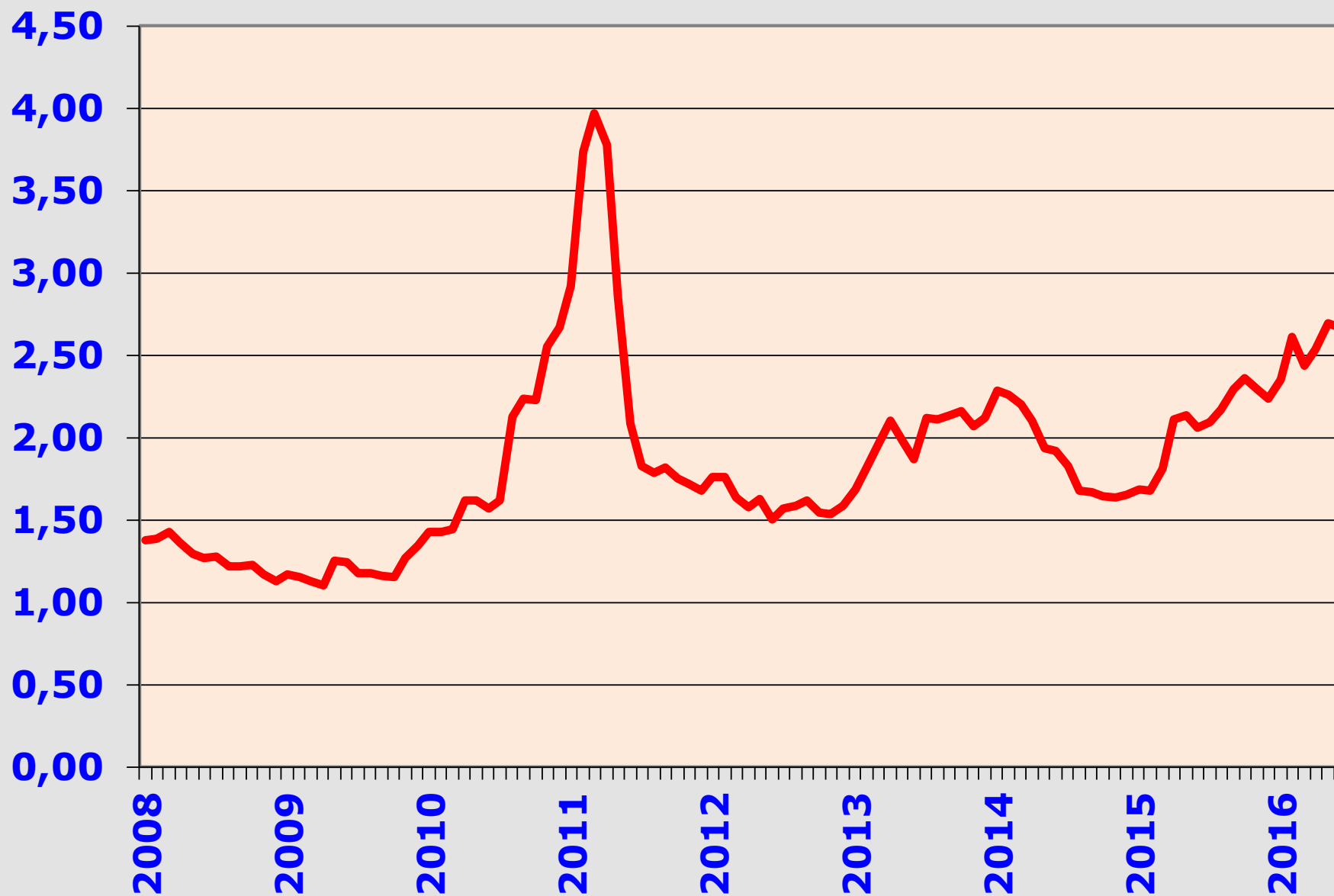
# ALGODÃO: EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS EM MIL T PLUMA



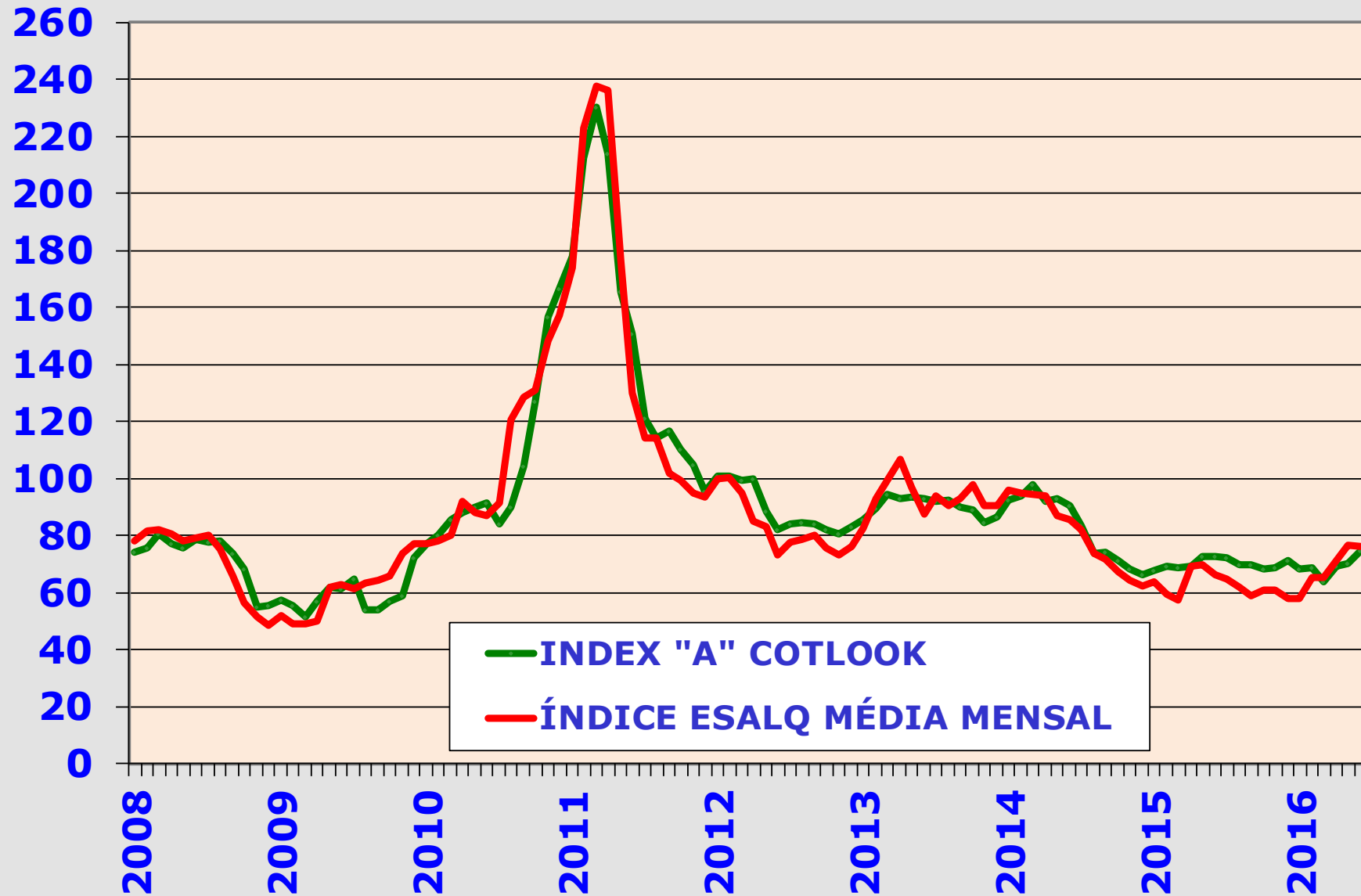
## ALGODÃO: DEMANDA INTERNA x EXPORTAÇÕES NO BRASIL (%)



## ALGODÃO: EVOLUÇÃO DO INDICADOR ESALQ MÉDIA MENSAL - R\$/LIBRA-PESO



# ALGODÃO: EVOLUÇÃO DAS COTAÇÕES INDEX "A" COTLOOK x ÍNDICE ESALQ MÉDIA MENSAL ¢/LIBRA-PESO



## ALGODÃO: CUSTOS DE PRODUÇÃO E MARGENS - SAFRA 2016/2017

ANO-SAFRA		2014/2015		2015/2016		2016/2017	
REGIÃO DE PRODUÇÃO		MT/MS/GO	OESTE BA	MT/MS/GO	OESTE BA	MT/MS/GO	OESTE BA
ITEM	UNIDADE	2ª SAFRA	1ª SAFRA	2ª SAFRA	1ª SAFRA	2ª SAFRA	1ª SAFRA
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA OS CUSTOS	R\$/USD	2,28	2,28	3,22	3,22	3,63	3,63
SEMENTES	USD/HA	176,62	188,50	121,12	108,07	220,10	156,73
FERTILIZANTES	USD/HA	521,05	500,70	430,43	592,34	426,01	334,17
DEFENSIVOS	USD/HA	1.013,15	1.120,48	934,70	1.035,90	913,41	715,24
OUTROS	USD/HA	172,51	392,98	182,64	155,96	96,98	218,42
<b>CUSTEIO DA LAVOURA</b>	<b>USD/HA</b>	<b>1.883,33</b>	<b>2.202,66</b>	<b>1.668,89</b>	<b>1.892,27</b>	<b>1.656,50</b>	<b>1.424,56</b>
OUTRAS DESPESAS - SEGUROS, FRETES, ETC.	USD/HA	807,89	571,60	367,83	422,87	562,05	451,08
<b>CUSTO VARIÁVEL - DESEMBOLSADO (A)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>2.691,22</b>	<b>2.774,26</b>	<b>2.036,72</b>	<b>2.315,14</b>	<b>2.218,55</b>	<b>1.875,64</b>
<b>CUSTO VARIÁVEL - DESEMBOLSADO (A)</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>6.135,98</b>	<b>6.325,31</b>	<b>6.558,24</b>	<b>7.454,75</b>	<b>8.053,34</b>	<b>6.808,57</b>
OUTROS CUSTOS FIXOS E DEPRECIAÇÕES	USD/HA	87,28	266,76	182,60	147,13	67,61	160,24
<b>CUSTO OPERACIONAL (B)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>2.778,50</b>	<b>3.041,02</b>	<b>2.219,32</b>	<b>2.462,27</b>	<b>2.286,16</b>	<b>2.035,88</b>
RENDIA DE FATORES	USD/HA	89,04	237,98	159,26	146,74	59,98	283,36
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO (C)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>2.867,54</b>	<b>3.279,00</b>	<b>2.378,58</b>	<b>2.609,01</b>	<b>2.346,14</b>	<b>2.319,24</b>
PRODUTIVIDADE MÉDIA - ARROBAS PLUMA/HA		102,7	105,6	103,3	82,7	103,3	103,3
PRODUTIVIDADE MÉDIA - KG PLUMA/HA		1.540	1.584	1.550	1.240	1.550	1.550
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO</b>	<b>USD/ARROBA</b>	<b>27,93</b>	<b>31,05</b>	<b>23,02</b>	<b>31,56</b>	<b>22,70</b>	<b>22,44</b>
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO</b>	<b>USD/LIBRA-PESO</b>	<b>0,84</b>	<b>0,94</b>	<b>0,70</b>	<b>0,95</b>	<b>0,69</b>	<b>0,68</b>
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>6.537,99</b>	<b>7.476,12</b>	<b>7.659,03</b>	<b>8.401,01</b>	<b>8.516,49</b>	<b>8.418,84</b>
PREÇO MÉDIO PRODUTOR	USD/ARROBA	24,87	24,87	22,95	22,95	22,72	22,72
PREÇO MÉDIO PRODUTOR	USD/LIBRA-PESO	0,75	0,75	0,69	0,69	0,69	0,69
MARGEM SOBRE O CUSTO TOTAL	USD/ARROBA	-3,06	-6,18	-0,07	-8,61	0,01	0,27
ÍNDICE COTLOOK A - EUROPA	USD/LIBRA-PESO	0,72	0,72	0,70	0,70	0,70	0,70
RECEITA BRUTA (D)	USD/HA	2.552,93	2.625,87	2.371,19	1.896,95	2.347,24	2.347,24
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA COMERCIALIZAÇÃO	R\$/USD	3,00	3,00	3,83	3,83	3,81	3,81
RECEITA BRUTA (D)	R\$/HA	7.658,80	7.877,62	9.081,67	7.265,33	8.942,99	8.942,99
<b>RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>-314,61</b>	<b>-653,13</b>	<b>-7,39</b>	<b>-712,06</b>	<b>1,10</b>	<b>28,00</b>
<b>RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>1.120,81</b>	<b>401,50</b>	<b>1.422,64</b>	<b>-1.135,68</b>	<b>426,50</b>	<b>524,15</b>
MARGEM SOBRE O CUSTO TOTAL	%	17,1%	5,4%	18,6%	-13,5%	5,0%	6,2%
<b>MARGEM SOBRE O CUSTO TOTAL</b>	<b>ARROBAS/HA</b>	<b>17,6</b>	<b>5,7</b>	<b>19,2</b>	<b>-11,2</b>	<b>5,2</b>	<b>6,4</b>
<b>RECEITA LÍQUIDA S/C. DESEMBOLSADO (D) - (A)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>-138,29</b>	<b>-148,39</b>	<b>334,47</b>	<b>-418,19</b>	<b>128,69</b>	<b>471,60</b>
EBITDA	R\$/HA	1.522,82	1.552,31	2.523,43	-189,42	889,65	2.134,41
MARGEM EBITDA	%	19,9%	19,7%	27,8%	-2,6%	9,9%	23,9%

OBS.: PARA A 2ª SAFRA, CONSIDERAR RENTABILIDADE A PARTIR DA RECEITA LÍQUIDA S/C. DESEMBOLSADO EM R\$/HA (D) - (A)

**[www.carloscogo.com.br](http://www.carloscogo.com.br)**

**[consultoria@carloscogo.com.br](mailto:consultoria@carloscogo.com.br)**

**Fone: +55 51 32481117**

**Cel: +55 51 99867666**



Carlos Cogo Consultoria Agroeconômica



**[@carloscogo](https://twitter.com/carloscogo)**